



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Evandro Jair Duarte

Efeito estético na biblioterapia: vivências na Oficina Literária Boca de Leão

Florianópolis (SC)
2023

Evandro Jair Duarte

Efeito estético na biblioterapia: vivências na Oficina Literária Boca de Leão

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação, na área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento, no eixo Profissionais da Informação, competência em informação e publicação científica.

Orientadora: Professora Marli Dias de Souza Pinto, Dr.^a

Florianópolis (SC)
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Duarte, Evandro Jair

Efeito estético na biblioterapia : vivências na Oficina Literária Boca de Leão / Evandro Jair Duarte ; orientador, Marli Dias de Souza Pinto, 2023.

227 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Teoria do efeito estético. 3. Biblioteca pública - Santa Catarina. 4. Biblioterapia. 5. Mediação da leitura. I. Pinto, Marli Dias de Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

Evandro Jair Duarte

Efeito estético na biblioterapia: vivências na Oficina Literária Boca de Leão

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 21 de julho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Eliana Bahia Jacintho, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Edgar Bisset Alvarez, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Fernanda de Sales, Dr.^a
Universidade do Estado de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.^a Marli Dias de Souza Pinto, Dr.^a
Orientadora

Florianópolis (SC), 2023.

Dedico este trabalho para Clarice Fortkamp Caldin e Marli Dias Pinto, as minhas orientadoras.

AGRADECIMENTOS

Chega neste momento e se torna difícil lembrar tantas pessoas que estão intrínsecas a todo esforço realizado até aqui.

Agradeço à Clarice Fortkamp Caldin, por me inspirar e trilhar o caminho da Biblioterapia e me conduzir até a qualificação desta tese.

Sou grato à Marli Dias de Souza Pinto, que em sua incansável tentativa de me ajudar, conseguiu me fazer chegar até aqui. Mulher de inspiração e muito amor.

Como não agradecer aos colegas de Programa de Pós-Graduação, talvez eu seja um dos últimos a defender a tese, os demais já são doutores e seguem outros rumos na profissão. Obrigado pelo tempo que passamos juntos.

Os professores marcaram essa minha jornada e eu sou grato pela forma como conduziram cada aula e nos instigavam a sempre buscar formas diferentes e arrojadas de mapear a informação necessária para cada pesquisa em específico.

Agradeço ao professor Edgar Bisset Alvarez, por ser um homem disposto a ouvir e entender os casos particulares e as dificuldades que a vida nos apresenta de modo tão abrupto.

Agradeço a todos do Departamento de Ciência da Informação, que em minhas dúvidas e na busca por alguma informação dentro da universidade me ajudaram de alguma forma.

Agradeço à minha família por entender as minhas inúmeras ausências em virtude desse processo de doutoramento.

Registro um agradecimento muito especial para os alunos da Oficina Literária Boca de Leão, que se dedicaram a cada encontro e trouxeram o seu máximo para que este texto fosse escrito. Obrigado participantes das Vivências em Biblioterapia.

Cleonisse Inês Schmidt, agradeço a oportunidade de me deixar realizar a Oficina Literária Boca de Leão e contribuir com a Carta de Anuência para execução da pesquisa.

Agradeço aos amigos que sempre me apoiaram muito.

Obrigado Heloisa Costa, sem você não seria a mesma coisa. Agradeço novamente à Marli Dias de Souza Pinto por ter me apresentado para você. Gratidão a vocês duas.

Grato sou a Deus, pois eu pedi muita sabedoria e condução nesse trilhar da educação e do aprender a aprender. Nele eu me refugiava e chorava ao longo dos anos desta pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina por ter entre seus cursos o de Biblioteconomia e inserido o Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação nesta instituição importante para a ciência no Brasil.

RESUMO

Esta pesquisa estuda o diálogo possível entre a área da Ciência da Informação (Biblioterapia) e a área Literatura (Teoria do Efeito Estético). Trata da Teoria do Efeito Estético com base em Wolfgang Iser, em que, a partir da recepção de textos literários, o leitor participa de um jogo no qual o texto é o campo e os jogadores são o leitor e o autor. Nesse jogo, os espaços vazios, segundo Iser, permitem ao leitor interagir com o texto por meio de um movimento de preenchimento. Apresenta a Biblioterapia como um cuidado com o Ser, e a leitura dirigida com posterior discussão em grupo como favorável à interação interpessoal e à expressão de sentimentos como receios, angústias, anseios e emoções como raiva, medo, tristeza e alegria. Defende que o ser humano é beneficiado pela função terapêutica da leitura quando comunica e expõe seus problemas de ordem emocional ou física. Descreve os componentes biblioterapêuticos: catarse (apaziguamento das emoções); identificação (assimilação de atributos das personagens), que pode ocorrer por projeção (detecção de desvios que o leitor possui e despeja nas personagens) ou por introjeção (percepção de virtudes das personagens que o leitor encontra e assimila para si); introspecção (reflexão sobre as emoções em processo de percepção interior) e humor (riso provocado por textos humorísticos). Esta tese utiliza como forma de abordagem a pesquisa qualitativa e de cunho fenomenológico, com técnicas de pesquisa bibliográfica, documental, descritiva, exploratória, apresentando-se como um estudo de caso. Tem como seu objetivo geral a possibilidade de descrever a ocorrência do efeito estético em Vivências em Biblioterapia nas atividades permanentes da Oficina Literária Boca de Leão desenvolvidas na Biblioteca Pública de Santa Catarina. E como seus objetivos específicos: identificar o perfil leitor dos participantes das vivências em biblioterapia; descrever os relatos de observação das vivências em biblioterapia; transcrever o efeito estético da recepção dos textos literários usados nas vivências em biblioterapia. O local de aplicação da investigação foi a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, juntamente com os participantes inscritos na Oficina Literária Boca de Leão, em três encontros para Vivências em Biblioterapia com seis participantes. Os textos utilizados foram poesias e crônicas que versavam sobre amor, ódio e gratidão. Nessas oportunidades, o pesquisador gravou as vivências e utilizou da observação participante e do uso de questionários para a coleta de dados. Foi escolhida a Análise de Conteúdo de Bardin para a categorização e posterior análise e interpretação dos dados. Esta tese ainda conta com a descrição fenomenológica como recurso para registro e coleta de dados. Como resultados o objetivo geral foi alcançado com a descrição da ocorrência do efeito estético na recepção das obras literária pelos leitores ouvintes, com três encontros temáticos. Assim, quando do momento catártico com demonstrações de alegria, contentamento, felicidade, entre outras emoções, o efeito catártico ocorreu com essas representações. De igual modo, ocorreu também com sentimentos negativos como o ódio, a raiva, a ira, entre outros. A identificação dos leitores decorreu ora com as personagens ora com as características delas ora com as atitudes ali representadas ora com determinados trechos da obra. Como exemplo disso, ao serem conduzidos pela conversa sobre o ódio, uma participante vislumbrou em uma frase que há possibilidade deste sentimento se transformar em alegria. Alguns questionamentos surgiram entre os participantes como: o amor tem um fim? O amor acaba ou se transforma? Há algo de bom em sentirmos raiva? Todas essas perguntas representam o efeito estético durante o processo de introspecção para a interiorização do que ouviram e no posterior diálogo conseguem realizar a troca de experiência. Como forma de finalização foi discutido sobre o ato de gratidão, como isso influencia na convivência social e os benefícios para o bem-estar físico e mental.

Palavras-chave: teoria do efeito estético; biblioterapia; biblioteca pública – Santa Catarina; leitura literária; mediação da leitura.

ABSTRACT

This research studies the possible dialogue between the area of Information Science (Bibliotherapy) and the area of Literature (Theory of Aesthetic Effect). It deals with the Theory of Aesthetic Effect based on Wolfgang Iser, in which, from the reception of literary texts, the reader participates in a game in which the text is the field and the players are the reader and the author. In this game, the empty spaces, according to Iser, allow the reader to interact with the text through a filling movement. It presents Bibliotherapy as a care with the Being, and the directed reading with subsequent group discussion as favorable to interpersonal interaction and the expression of feelings such as fears, anguish, anxieties and emotions such as anger, fear, sadness and joy. It argues that the human being is benefited by the therapeutic function of reading when he communicates and exposes his emotional or physical problems. It describes the bibliotherapeutic components: catharsis (appeasement of emotions); identification (assimilation of attributes of the characters), which can occur by projection (detection of deviations that the reader has and pours into the characters) or by introjection (perception of virtues of the characters that the reader finds and assimilates for himself); introspection (reflection on emotions in the process of inner perception) and humor (laughter provoked by humorous texts). This thesis uses as a form of approach qualitative and phenomenological research, with bibliographical, documental, descriptive, exploratory research techniques, presenting itself as a case study. Its general objective is to describe the occurrence of the aesthetic effect in Bibliotherapy Experiences in the permanent activities of the Boca de Leão Literary Workshop developed at the Public Library of Santa Catarina. And as its specific objectives: to identify the reading profile of the participants of the experiences in bibliotherapy; to describe the reports of observation of the experiences in bibliotherapy; to transcribe the aesthetic effect of the reception of literary texts used in bibliotherapy experiences. The place of application of the research was the Public Library of the State of Santa Catarina, together with the participants enrolled in the Literary Workshop Boca de Leão, in three meetings for Experiences in Bibliotherapy with six participants. The texts used were poetry and chronicles that dealt with love, hate and gratitude. In these opportunities, the researcher recorded the experiences and used participant observation and the use of questionnaires for data collection. Bardin's Content Analysis was chosen for categorization and subsequent analysis and interpretation of the data. This thesis also relies on phenomenological description as a resource for recording and data collection. As results, the general objective was achieved with the description of the occurrence of the aesthetic effect in the reception of literary works by the listening readers, with three thematic meetings. Thus, when the cathartic moment with demonstrations of joy, contentment, happiness, among other emotions, the cathartic effect occurred with these representations. Likewise, it also occurred with negative feelings such as hatred, anger, anger, among others. The identification of the readers took place, sometimes with the characters, sometimes with their characteristics, sometimes with the attitudes represented there, sometimes with certain parts of the work. As an example of this, when being led by the conversation about hatred, a participant glimpsed in a sentence that there is a possibility of this feeling turning into joy. Some questions arose among the participants such as: does love have an end? Does love end or change? Is there anything good about feeling angry? All these questions represent the aesthetic effect during the process of introspection for the internalization of what they heard and in the subsequent dialogue to be able to carry out the exchange of experience. As a way of finalization, it was discussed about the act of gratitude, how it influences social coexistence and the benefits for physical and mental well-being.

Keywords: aesthetic effect theory; bibliotherapy; public library – Santa Catarina; literary reading; reading mediation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura da tese.....	23
Figura 2 – Conceito de Biblioterapia.....	74
Figura 3 – Maurice Merleau-Ponty (esquerda) e Wolfgang Iser (direita).....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Biblioterapia no Brasil – divisão	70
Quadro 2 – Biblioterapia no Brasil – local de aplicação	71
Quadro 3 – Biblioterapia no Brasil – aplicadores	72
Quadro 4 – Biblioterapia no Brasil – público-alvo	73
Quadro 5 – Biblioterapia no Brasil – técnicas	73

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1.2 PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo Geral	16
1.2.2 Objetivos Específicos	16
1.3 JUSTIFICATIVA	16
1.4 ESTRUTURAÇÃO DA TESE	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
2.1 CIÊNCIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	26
2.2 BIBLIOTERAPIA	40
2.2.1 Biblioterapia: aspectos conceituais	43
2.2.2 Biblioterapia: aspectos históricos	49
2.2.3 Biblioterapia no Brasil	67
2.3 TEORIA DO EFEITO ESTÉTICO	82
3 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL	88
3.1 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO DA LEITURA	88
3.2 LEITURA LITERÁRIA	99
3.3 BIBLIOTECA PÚBLICA E O BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR	104
2.7 FENOMENOLOGIA	111
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	118
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	122
3.2 CAMPO DE PESQUISA	128
3.2.1 A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina	128
<i>3.2.1.1 Oficina Literária Boca do Leão (OLBL)</i>	<i>130</i>
<i>3.2.1.2 Os participantes das Vivências em Biblioterapia</i>	<i>133</i>
3.3 COLETA DE DADOS	134
3.3.1 As Vivências em Biblioterapia	135
3.3.2 O diário de campo do pesquisador	136
3.3.3 A gravação das Vivências em Biblioterapia	137
3.3.4 Observação participante das Vivências em Biblioterapia	137
3.3.5 Cuidados éticos da pesquisa	138
3.4 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	140
4 RESULTADOS: AS VIVÊNCIAS EM BIBLIOTERAPIA E A DESCRIÇÃO DOS	

ENCONTROS	144
4.1 PERFIL DOS INTERAGENTES DAS VIVÊNCIAS EM BIBLIOTERAPIA	144
4.1.1 Perfil de Elizabeth Bennet	145
4.1.2 Perfil de Graciliano Ramos	146
4.1.3 Perfil de Saci Pererê	146
4.1.4 Perfil de Hermione Granger	147
4.1.5 Perfil de Cinderella	148
4.1.6 Perfil de Ana Terra	148
4.2 VIVÊNCIA DE BIBLIOTERAPIA: FALANDO DE AMOR	151
4.2.1 O efeito estético manifestado pela poesia de amor	152
4.2.2 O efeito estético manifestado pela crônica de amor	159
4.3 VIVÊNCIA DE BIBLIOTERAPIA: FALANDO DE ÓDIO	165
4.3.1 O efeito estético manifestado pela poesia de ódio	166
4.3.2 O efeito estético manifestado pela crônica de ódio	173
4.4 VIVÊNCIA DE BIBLIOTERAPIA: FALANDO DE GRATIDÃO	177
4.4.1 O efeito estético manifestado pela poesia de gratidão	179
4.4.2 O efeito estético manifestado pela crônica de gratidão	185
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS	205
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	219
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DE PARTICIPANTE	221
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO LEITOR	222
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA	223
APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA (BPSC)	225
APÊNDICE F – RESULTADO DO COMITÊ DE ÉTICA	226

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há alguns anos eu iniciei a minha jornada na aventura da pesquisa científica sobre a Teoria do Efeito Estético e a Biblioterapia. Eu não estava sozinho. Pude contar com contribuição da minha orientadora na época, Dr.^a Clarice Fortkamp Caldin. Ela foi a minha inspiração que apontou as coordenadas fundamentais para que a viagem que tínhamos pela frente obtivesse pleno êxito.

Passamos a ler muitos textos sobre as abordagens teóricas da Ciência da Informação e Literatura. Buscamos ler acerca do Bibliotecário de suas práticas em Mediação da Informação e Leitura, ações culturais em Bibliotecas Públicas e a aplicação de Biblioterapia junto aos interagentes das unidades de informação, no caso específico, as bibliotecas.

O intuito foi o de apresentar ao leitor o resultado da jornada pelas águas da teoria, da correnteza da história e dos agitados conceitos encontrados em cada porto. Quando mergulhamos nas águas abundantes da literatura, nós acabamos por nos entregar às correntezas que os textos nos levavam e por meio das palavras contidas nos deparamos com outros viajantes, que neste caso chamaremos de personagens. Essas personagens passaram por situações diversas de aventuras, amores, dissabores, resiliências, entre outras. As sensações das vivências das personagens nos foram apresentadas nas descrições em textos literários que nos carregam para lugares e espaços ambientados nas narrativas.

Nós somos os leitores das histórias registradas e por meio do ato da leitura é que temos a oportunidade de ficar na superfície das águas das histórias ou irmos até o mais profundo que conseguirmos e sentirmos emoções, como, por exemplo: o amor, o ódio, a raiva, o alívio, a felicidade, a compaixão, o medo, a aceitação, a inveja e a gratidão.

O mergulho nos textos literários, a partir das palavras do autor, nos faz querer conhecer mais da imensidão deste oceano de possibilidades. O que pode acontecer é que, em determinados momentos, temos a sensação de estarmos nos sufocando e necessitamos entender que precisamos ir à tona para respirar. Em alguns momentos é necessário nos distanciarmos dessas águas perigosas e buscar paragens mais tranquilas.

Toda pessoa que se aventura precisa de momentos de descanso para se preparar e partir para nova viagem e vivenciar as surpresas que estão por vir. Na abundância do mar de histórias temos sempre as paradas necessárias em portos e terras, que são momentos oportunos para contar a outros sobre as aventuras experienciadas. Paragens utilizadas para conversas em torno de uma mesa abastecida com bebidas e comidas ou em roda de fogueira para nos aquecer enquanto comemos e bebemos.

Podemos dizer que ler é uma grande viagem a mundos de oportunidades para vivermos de maneira segura aos nossos corpos físicos diante de personagens que vivem as experiências de humor, horror, terror, amor, suspense, aventuras, entre outras viagens que o texto pode promover.

Como em todas as viagens, ler pode ser uma jornada agradável ou não! O ato da prática da leitura é uma ação em que o corpo trabalha e sente sensações. Corpo este que, como um todo, precisa ser levantado para ir até o local onde o livro está para escolher a obra de cabeceira, uma biblioteca pública ou particular, um canto da sala, uma varanda, entre outros. Neste lugar, a pessoa leitora poderá tocar, cheirar, ver, folhear e, por fim, escolher o texto literário, o qual a levará para seu lugar preferido de leitura e iniciar a grande viagem.

Os espaços de leitura podem ocorrer quando estamos sentados em um sofá, uma poltrona, uma cadeira, uma cama etc. No entanto, alguns leitores conseguem ler em ambientes em que haja sons, como em um banco de praça, embaixo de uma árvore, na praia, entre outros locais.

Na prática da leitura, o leitor fica diante do livro e com o auxílio do sentido da visão, ele lê os títulos e os textos completos das obras; pelo tato, a mão manuseia em busca do assunto, o qual deseja escolher para o destino de sua próxima aventura. Muitos preferem escolher um local silencioso para que ruídos em sua audição não atrapalhem no ato da leitura.

No exercício da leitura, o paladar também é ativado ao consumir petiscos ou bebidas frias ou quentes enquanto leem. Se o leitor consumir alimentos originários na ambientação da obra literária, ele expande o universo da leitura e a memória dessa experiência se torna mais forte.

O olfato é um sentido humano que pode transformar a experiência em uma lembrança olfativa com o uso de incenso, velas, difusores e chás aromáticos. O próprio papel do livro e a tinta utilizada na impressão promovem um cheiro particular de livro e para alguns leitores é um cheiro inebriante.

Eu tenho uma experiência pessoal vivida nos meus 10 anos de idade, quando fui à Biblioteca Pública de São Sebastião, litoral de São Paulo e peguei emprestado o livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry. O cheiro da fita mágica utilizada para colar a etiqueta na lombada ficou impregnado em minhas narinas e todas as vezes que sinto o cheiro da fita mágica eu fecho os olhos e sou transportado — pela imaginação — para o espaço da literatura infantil desta citada biblioteca.

O cheiro pode nos conduzir a uma viagem da leitura de textos literários, o indivíduo segura firme o leme do barco e conduz seu tripulante para a viagem que se inicia e no virar de

páginas os mares da literatura são desbravados, o leitor vê as palavras que mexem com os demais sentidos, lembrando de cheiros e gostos do que já experienciado por quem lê o texto e é provocado por ele.

Nesta viagem, encontramos nas personagens a vivência de situações diversas da vida humana, tanto de suas agruras, quanto de suas alegrias. Ler essas histórias nos permite refletir sobre as experiências descritas nos textos literários e nos abre a oportunidade para a interpretação da trajetória narrada e a leitura de mundos diversos.

Cada texto nos permite ter visões e perspectivas diferente a cada leitura e promove diversos sentimentos, podendo levar o leitor a perceber que seu coração ficou mais apertado e angustiado, ou se ele ficou com um pouco mais de “quentinho no coração”, ao ler uma passagem de amor, por exemplo.

Para mediar experiências como essas, temos a Biblioterapia, que é a utilização de textos literários dirigidos a uma pessoa ou grupo, para o posterior diálogo acerca de temas que se relacionam com a vida humana e suas problemáticas cotidianas. Nesse sentido, é preciso seguir a orientação de Ranganathan (2009) sobre as cinco leis da Biblioteconomia, quais sejam: 1ª lei – os livros são para usar; a 2ª lei – os livros são para todos; 3ª lei – para cada leitor seu livro; 4ª lei – poupe o tempo do leitor; e 5ª lei – a biblioteca é um organismo em crescimento.

Ao se olhar para as primeiras três leis estabelecidas por Ranganathan (2009), o mediador de textos literários precisa seguir considerando: a utilização de livros que possam encontrar seus leitores, que empregam a leitura para se abrirem a uma conversa; lembrar que os livros são para todos os públicos e assim, abrir oportunidades de realizar o encontro dos mais diversos públicos, com textos provocadores que ensejem reflexão e possibilidades de mudança de atitude ou de conduta; desse modo, a cada encontro um tema com livros direcionados a diálogos específicos; o que vai ao encontro da 3ª lei, na qual cada leitor encontrará seu livro, pois os participantes podem ter em mãos textos literários que se aproximam de suas necessidades de reflexão e diálogo sobre o que as personagens viveram e podem se identificar com os aspectos da história, bem como pode ativar gatilhos maléficos nos leitores.

Ser mediador de textos literários é conduzir o encontro do leitor com o autor e com texto de modo a não desperdiçar o tempo de ninguém. Trazer para junto daqueles que desejam leituras de acordo com o que almejam para o momento é mediar tempo e encontro e poupar o leitor em busca do que o agrada.

Nas longas viagens por textos literários — as águas de Clarice Fortkamp Caldin em seu livro “Biblioterapia: um cuidado com o ser” —, percebemos que o potencial terapêutico da leitura também está na capacidade de a literatura “[...] provocar emoções, instigar a imaginação

e apresentar o mundo real sob o manto da poesia [...]” (CALDIN, 2010, p. 91). Uma das funções terapêuticas da leitura está na pacificação das emoções mediada pela catarse por meio do efeito de placidez, sedação e “cura”¹. A esse respeito, Caldin (2010) declara que se o leitor se envolver com a história e essa produzir sobre ele a catarse, a identificação ou a introspecção², ela conseguiu cumprir o propósito terapêutico.

A Teoria do Efeito Estético versa sobre a interação autor-texto-leitor e a Biblioterapia acerca do potencial terapêutico do texto de ficção, que na prática vivencial promove a experiência da leitura e do diálogo em torno de temas ou assuntos, que contribuam para os leitores refletirem sobre a vida e a cada possibilidade de mudança interna (emoção, comportamento, pensamento, dentre outras).

Temos na Biblioterapia a oportunidade de trabalharmos com a leitura de textos literários e mostrar às pessoas que muito do que elas vivem é vivido por outras pessoas.

A biblioteca como organismo vivo e em constante crescimento precisa urgentemente ouvir os que frequentam e interagem neste espaço social. Ter uma caixa para indicações de obras literárias que se aproximem das necessidades literárias dos interagentes é uma ação importante e eficaz para a aproximação da comunidade com a biblioteca.

Neste cenário de aproximação biblioteca–comunidade, a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC) oferece uma atividade aos participantes denominada de Oficina Literária Boca de Leão que, basicamente, busca desenvolver o processo de escrita para a liberação da criatividade textual, conhecer gêneros literários, estudar clássicos da literatura nacional e estrangeira, dentre outras atividades.

Na BPSC, o bibliotecário, autor desta tese, é o profissional responsável por mediar a leitura de textos literários e por provocar entre os mediados o entretenimento, o riso, a emoção, os sentimentos — em primeira instância; para, em sequência, promover a reflexão acerca da experiência vivida, podendo ocorrer o momento em que a demonstração de afeto ocorra em busca do apaziguamento das emoções, e a provocação para a interpretação livre.

1.2 PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Conforme o exposto até o momento, o presente estudo busca responder a seguinte indagação: Como ocorre o efeito estético nas vivências em Biblioterapia da Oficina Literária

¹ A cura aqui não tem relação com a eliminação da doença (CALDIN, 2010).

² Catarse, identificação ou introspecção não precisam ocorrer de modo concomitante ou sucedâneo.

Boca de Leão desenvolvida na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina?

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a ocorrência do efeito estético nas vivências em biblioterapia nas atividades permanentes da Oficina Literária Boca de Leão desenvolvida na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar o perfil leitor dos participantes das vivências em biblioterapia;
- b) Transcrever o efeito estético da recepção dos textos literários usados nas vivências em biblioterapia;
- c) Descrever os relatos de observação das vivências em biblioterapia.

1.3 JUSTIFICATIVA

A justificativa pessoal de escolha do tema para esta tese está marcada por minha atuação profissional, pois eu estou no cargo de Bibliotecário e atuando na BPSC, instituição esta na qual tive a oportunidade de desenvolver atividades em todos os setores da biblioteca.

Desenvolvi ações de organização de eventos, atividades culturais, datas festivas e comemorativas, exposições, saraus, oficinas, palestras, visitas guiadas, trocas de livros, doações com projetos intitulados “pegue e leve.” Todas essas ações foram desenvolvidas nas dependências da biblioteca e algumas em praças do centro da cidade de Florianópolis (SC) (SC).

Trabalhei no atendimento ao público na recepção, no empréstimo e devolução do acervo, na reprografia, no atendimento nos setores: Obras Gerais; Literatura, Periódicos e Braille; Santa Catarina e Obras Raras. Realizei atividades no Processamento Técnico e na Administração da BPSC.

De todas as ações desenvolvidas, as que mais me chamaram a atenção foram as que envolviam pessoas e atividades lúdicas, oficinas, mediação da leitura e literatura. Percebi que em todos os espaços da BPSC nós, profissionais servidores públicos e terceirizados, lidamos com a Mediação da Informação e, porque não dizer, da Leitura?

Posso afirmar que, na prática, a Mediação da Leitura de textos literários, os quais contém

palavras que produzem ficção na literatura, acontecem nos setores de Literatura, Periódicos e Braille mediante oferta, orientação e sugestões de obras ficcionais³ ao público catarinense. De igual modo, no Setor Infantil e Juvenil há este mesmo caráter, de disponibilizar, orientar e sugerir obras bibliográficas carregadas do ficcional às crianças e aos adolescentes.

Lotado no Setor de Obras Raras vivenciei o processo de recebimento, seleção, organização, classificação, catalogação e disseminação do acervo raro, que mesmo contendo obras literárias não poderiam ser emprestados ao grande público, somente aos pesquisadores, mediante solicitação de pesquisa.

Dessa trajetória e com a experiência adquirida, pude trabalhar com a escrita literária desenvolvendo a escrita criativa, a partir do uso de técnicas aprendidas em cursos de capacitação em outras instituições e por meio das leituras realizadas sobre a temática, as quais contribuíram para o meu aprofundamento no universo literário ficcional.

No ano de 2015 defendi minha dissertação de mestrado (DUARTE, 2015), que envolvia a Mediação da Informação, na qual pesquisei sobre a Competência em Informação. Nesse momento, iniciava o processo de análise do reconhecimento da necessidade de informação, os caminhos para a busca, acesso, uso e formulação de nova informação.

Esse fluxo demonstrava que a pessoa interagente na biblioteca em busca de informação necessitava ter o desenvolvimento de competências para analisar, refletir, interpretar e se apropriar da informação para resolver problemas diversos que demandavam naquele espaço.

O que percebi durante todos esses anos? Que era preciso trabalhar na base, com a leitura e contribuir para a formação de leitores capazes de analisar e interpretar textos diversos. Dessa motivação é que surgiu o interesse em me aproximar das práticas voltadas a leitores dentro da Biblioteca Pública. Percebi, também, que eu sempre conseguia inserir um momento de Biblioterapia, sem dizer que aquela ação era uma vivência desta natureza.

Com a admissão para cursar o doutorado, propus o estudo da Teoria do Efeito Estético e Biblioterapia ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC), na área de concentração Gestão da Informação, na Linha de Pesquisa: Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento com o Eixo: Profissionais da informação, competência em informação e publicação científica.

Por que Mediação da leitura? Por ser a linha de pesquisa que venho desenvolvendo ao longo de minha carreira acadêmica e por ter familiaridade no processo de minha formação profissional com atividades desta natureza. Por ser um leitor e gostar do universo da leitura. Por

³ Para Costa Lima (1969, p. 13), “[...] a literatura é criação ficcional em palavras [...]”.

querer aprender mais sobre a temática da leitura e seu alcance social.

Por que Biblioterapia? Por ser uma temática que tem forte ligação com o meu fazer profissional e ter me atraído para a prática da função social do bibliotecário⁴. Isso sem contar que a Biblioterapia é necessária e urgente em todos os espaços sociais e educacionais, pois visam o bem-estar pessoal e individual dos participantes e contribuem para amenizar os efeitos do estresse humano.

Outro motivo se refere à minha participação em cursos e oficinas de formação em Biblioterapia em Florianópolis (SC) para conhecer mais sobre as técnicas desenvolvidas por profissionais dedicados a esta prática. Esses estudos me moviam a praticar o que estava aprendendo. Foi quando em 2018, enquanto doutorando, eu realizei meu estágio docência por meio do convite das professoras do departamento de Biblioteconomia para ministrar, junto a elas, a disciplina optativa de Biblioterapia, realizada no primeiro semestre do ano em questão.

As aulas ministradas aos alunos inscritos foram expositivas e dialogadas. Eles receberam as informações sobre teoria, conceitos e metodologias e elaboraram um projeto de atividade para a prática da Biblioterapia. Em equipes, os alunos escolheram os ambientes nos quais desejavam executar o plano de ação. Todos os processos foram supervisionados pelos professores da disciplina, com suporte para a parte teórica, conceitual e metodológica adequada a cada projeto.

Os alunos desenvolveram os projetos e elaboraram os relatórios com os resultados das Vivências em Biblioterapia. Os ambientes escolhidos foram a turma de Biblioterapia da universidade, uma casa de repouso para idosos, uma casa de passagem para crianças, um posto de saúde com pessoas ostomizadas e uma escola pública municipal.

A prática do estágio docência e minha participação nas Vivências em Biblioterapia desenvolvidas pelos alunos contribuíram para meu aperfeiçoamento com a prática. Vivenciei com eles o estudo, o aprendizado, o planejamento, a execução e a socialização dos projetos da Biblioterapia. Experiência que enriquece ao partir da teoria para a prática do que se estuda.

Da minha passagem pela disciplina de estágio docência surgiu o convite de uma professora da UFSC para eu realizar um momento de Vivência de Biblioterapia no Núcleo da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina (NETI/UFSC) nos dois semestres de 2018 e no primeiro semestre de 2019.

Outro motivo que corroborou trabalhar a Biblioterapia na tese é que durante a 10ª

⁴ As autoras caracterizam a função social do bibliotecário como sendo ele o promotor de ações para o acesso e disseminação da informação em prol da inclusão social e da democratização do acesso (SOUZA; PINHO, 2019).

Semana Municipal do Livro Infantil realizada em abril de 2019 pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC) (SC), foram realizadas diversas atividades artísticas e culturais em parceria com inúmeras instituições, artistas e profissionais. Eu e a Aplicadora de Biblioterapia Carla Sousa⁵ oferecemos uma Vivência de Biblioterapia na BPSC⁶.

Outra prática ocorreu no mês de maio de 2019, quando recebemos na BPSC a visita de uma escola da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Florianópolis (SC) (SC) para uma Vivência de Biblioterapia, e que se tratou de uma reverberação da 10ª Semana Municipal do Livro Infantil.

Quanto à justificativa social e técnica para escolha do tema, entendo que esta prática visa contribuir para o bem-estar dos participantes da Biblioterapia por meio do potencial terapêutico da leitura de textos literários e a possibilidade de minimizar as tensões emocionais e físicas (mesmo que momentâneas) com o benefício da catarse representada pelo riso e pela afetividade no grupo. Além de aguçar mais o meu espírito investigativo em conhecer mais sobre essa potência que é a literatura como objeto de estudo.

Considero que a Teoria do Efeito Estético tem muito a contribuir para o desenvolvimento dos estudos acerca da temática da Biblioterapia, tendo em vista que o efeito da literatura sobre o leitor é o marco principal desta teoria. A seguir, menciono os motivos pelos quais a tese foi desenvolvida com a perspectiva de contribuir com a sociedade.

As bibliotecas precisam ter em seus espaços serviços de informação com vistas ao diálogo entre o público interagente das ações desenvolvidas e utilizar de abordagens temáticas com os problemas sociais, pelos quais as pessoas estejam passando ou vivendo. Desse modo, a palavra poderá dar condições para cada indivíduo se movimentar, se libertar e se refazer.

Os bibliotecários precisam mudar suas estratégias e trazer para as unidades de informação novos serviços, entre eles, os que se envolvam com a mediação da leitura, com o propósito de se ter uma conversa por meio de um fio condutor que é a literatura. Da mesma forma, utilizar o texto literário e fazer das bibliotecas espaços de apreciação da arte, da expressão artística em forma de letras, palavras, frases e textos que mostram um pouco da vida, da realidade e do mundo de cada personagem.

Com o objetivo de contribuir para a mudança nas práticas utilizadas com a leitura literária em espaços públicos e por intermédio deste trabalho, voltado à promoção de Vivências em Biblioterapia na Biblioteca Pública de Santa Catarina, é que planto a semente para a criação

⁵ Doses de Biblioterapia - <https://dosesdebiblioterapia.com/>

⁶ Vivência de Biblioterapia na BPSC <https://www.nsctotal.com.br/columistas/edsoul/biblioteca-publica-de-santa-catarina-comemora-semana-municipal-do-livro-infantil>

de serviços em unidades de informação, envolvendo a Biblioterapia dentro e fora das paredes das bibliotecas.

Parto do princípio de que o espaço biblioteca e seus lugares devam ser animados, no sentido de ter serviços e produtos oferecidos em caráter permanente, de acordo com a necessidade da comunidade. A permanência de uma ação pode alcançar diversas pessoas, tendo em vista que elas demoram para se abrir e falar sobre suas vivências e sentimentos. A fala e o compartilhamento de experiências podem ser trabalhados em Bibliotecas Públicas por meio da Biblioterapia.

Como originalidade desta tese, considero urgente e fundamental a prestação de serviços que envolvam a socialização e o compartilhamento de experiências pessoais para a comunidade do entorno das Bibliotecas Públicas. Que estes ambientes sejam espaços de encontros – encontro de pessoas – encontro com o texto – encontro de negócios – encontro de amor – encontro de lazer – encontro de pesquisa – encontro com a arte. A arte pode nos salvar! Salvar de nós mesmos! Como bem diz Oswald Montenegro em sua canção intitulada Metade: “Que a arte me aponte uma resposta mesmo que ela mesma não saiba [...]” (MONTENEGRO, 1997, [não paginado]). Assim como a arte e a coragem em romper com o tradicionalismo ou com paradigmas. Somos constantemente guiados por regras e padrões, e na quebra destes somos julgados e estereotipados. Todavia, a radicalidade nos liberta ou nos aprisiona.

O homem nos enclausura quando, endurecido, deixa de aspirar a essa radicalidade quando endurecemos o significado da linguagem e assim, inventamos os doentes mentais (COSTA LIMA, 1969). Na radicalidade reside a possibilidade de romper com barreiras, sejam elas conceituais e metodológicas e a linguagem nos devolve essa capacidade e nos humaniza.

Na linguagem ficcional está a contribuição encontrada para nos fazer refletir sobre nossos endurecimentos e nossas nomeações daquilo que é contrário ou fora dos padrões estabelecidos socialmente. Dessa maneira, é por meio das artes que somos humanizados, elas nos aproximam do outro e seus problemas, nos possibilitam a termos empatia pela dor do outro, nos faz pensar sobre o que este outro está passando e tentar de alguma forma ajudar a resolver seu problema ou respeitá-los em suas posições e seus modos de vidas diferentes dos nossos. Assim como na dúvida nós buscamos por respostas, o convívio com o outro e sua multiplicidade de características nos faz procurar por conhecer e entender cada uma delas, aceitando-as ou não.

Sobre essa potência da linguagem ficcional e a sua contribuição para o desenvolvimento do homem em suas múltiplas possibilidades, sejam elas intelectuais, afetivas, relações sociais, outras, encontramos em Candido (2011) a informação de que somos seres necessitados por

adentrar o universo fabulado e por isso é fundamental a ocorrência de defesa para o cumprimento do atendimento dessa necessidade universal, a qual se relaciona à afirmação que todo ser humano precisa estar imerso no universo da ficção e poesia. Assim sendo, Candido (2011) se torna uma pessoa que defende o direito à literatura para todas as pessoas, pois entende que a literatura humaniza o próprio homem. Para ele, humanizar é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 182).

Pelo exercício da leitura e da reflexão do conteúdo textual, o homem entra em um processo de introspecção para análise do que foi lido e chega a um entendimento da mensagem recebida. Quando o resultado das ponderações é socializado, outros podem participar do processo de internalização da informação para construir coletivamente um conhecimento com base na leitura inicial, daquele que socializou. Assim, é pela literatura que o homem pode ampliar saberes e compartilhá-los com outros. No ato da leitura pode ocorrer a identificação e nela o leitor se tornar empático diante dos problemas ou das mazelas do outro. Da catarse, ele pode entender suas emoções e humores que passam pelo corpo e produzem nele sensações agradáveis e desagradáveis. Nesse exercício de compreender melhor o mundo e toda a complexidade existente nele é que nos humanizamos.

Desenvolver projetos que trabalham com a literatura é a possibilidade de ofertar serviços de prática da observação, percepção, reflexão acerca da natureza, da sociedade e do nosso semelhante, este outro que conosco habita. A literatura desenvolve no homem a sua humanidade (CANDIDO, 2011).

A arte de viver e conviver é permeada pela arte do respeito à individualidade e direito de ser como é e se deseja ser. Conquanto que se busque o meio termo para o bem-viver. Do desequilíbrio buscamos o equilíbrio e assim, convivemos e vivemos.

Uma outra justificativa para o desenvolvimento e a posterior divulgação desta pesquisa está nos diversos benefícios que a Biblioterapia pode ofertar para as pessoas participantes das vivências, como exemplos: fortalecer laços afetivos; fazer novas amizades; desenvolver empatia nas pessoas; estimular a imaginação; possibilitar a criatividade; ajudar a perceber que há uma solução para cada problema; contribuir com a cognição; aliviar as tensões nervosas do dia a dia (RATTON, 1975). A lista é grande, deixo apenas essas.

Tenho a convicção de que tanto as Vivências em Biblioterapia para a coleta de dados desta pesquisa, quanto os resultados da pesquisa em si, podem contribuir com a sociedade, com informação acerca das possibilidades de serviços oferecidos por uma Biblioteca Pública voltados para a arte, a leitura de textos literários, a fala, o diálogo, a vivência no coletivo e a oportunidade constante de nos humanizarmos.

A seguir, faço uma justificativa acerca do porquê realizar esta pesquisa com vistas a contribuir com a ciência. Por que esta temática? Na área da Ciência da Informação, a leitura, sendo para informação, formação ou lazer, é trabalhada e pesquisada por Grupos de Estudos voltados para a Mediação da Informação. Desse modo, muitos profissionais da informação investigam e publicam trabalhos realizados em ambientes informacionais diversificados e, em sua maioria, a mediação está voltada para a pesquisa e a busca por necessidades de informação para a resolução de problemas.

Uma variedade de relatos de experiências é compartilhada em escritas científicas submetidas e publicadas em periódicos tratando, também, da Mediação da Leitura. Porém, quando descrevem estas ações são programas ou projetos em torno da promoção e incentivo à leitura, contação de histórias, entre outros.

Nas bases de dados da BRAPCI e Portal de Periódicos CAPES é possível encontrar diversos trabalhos que versam sobre mediação envolvendo a leitura literária. As buscas realizadas em bases de dados demonstram um número considerável de trabalhos publicados sobre a temática, mas ainda é uma quantidade pequena de produção científica para este objeto na área da Ciência da Informação.

Quando recuperamos trabalhos nas bases de dados da BRAPCI e da CAPES, a maioria se volta para o público em ambientes de Saúde e Educacional (escolas de ensino fundamental) em ações de curto prazo de duração e com experiências com pouco contato com os participantes. Nosso interesse é de que as Bibliotecas Públicas Estaduais e Municipais passem a registrar mais suas ações de promoção e incentivo à leitura e, principalmente, de Vivências em Biblioterapia em seus espaços como ações permanentes, dentro de uma agenda de constante execução para o público em geral.

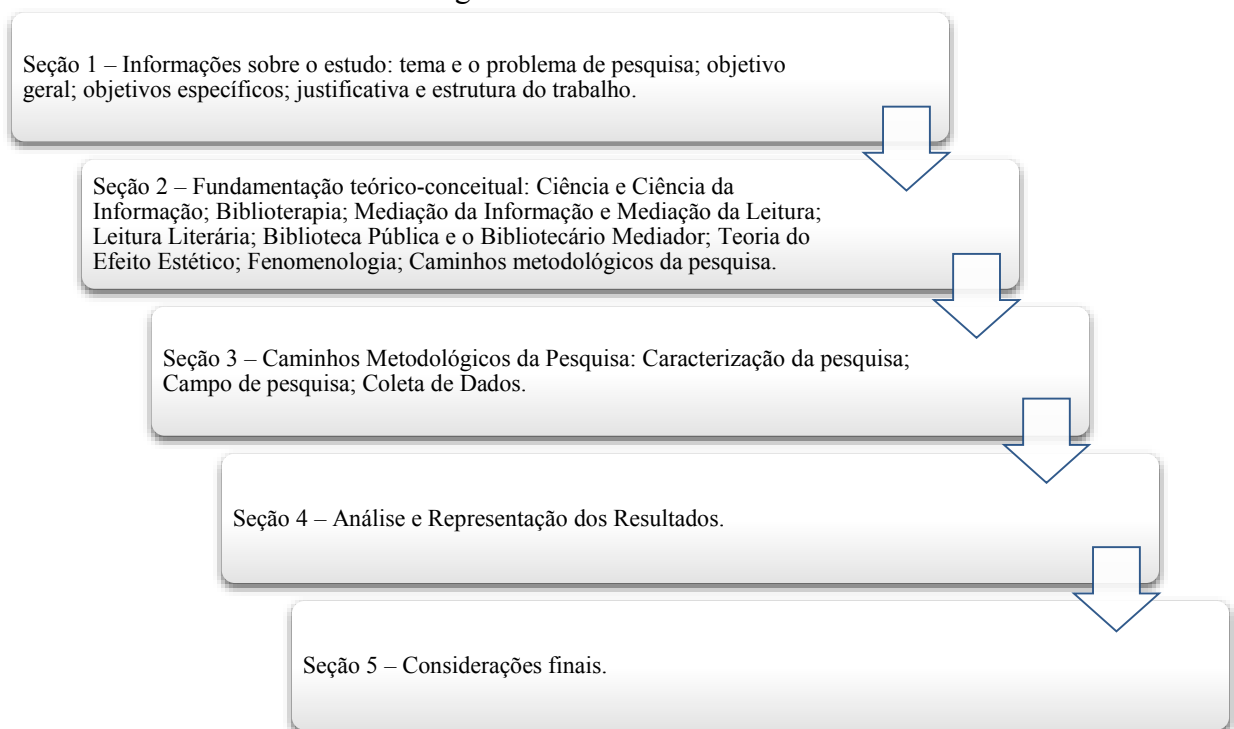
Para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), o desenvolvimento desta pesquisa é importante em virtude de ser campo de atuação dos bibliotecários em diversas unidades de informação, com o intuito de promover o bem-estar dos indivíduos e para a promoção do ato de ler para pensar, refletir, criticar e dialogar sobre perspectivas acerca da leitura do texto. A Biblioterapia tem correlação com a Competência em Informação, pois ela contribui com a formação do leitor para ler e entender como o texto está

organizado e o que está nas entrelinhas. Trata-se de um trabalho de mediação para a cidadania. O PGCIN tem como área de concentração Gestão da Informação e a linha de pesquisa Organização, Representação e **Mediação da Informação** e do Conhecimento, no eixo **Profissionais da Informação, competência em informação** e comunicação científica. A Biblioterapia contribui para a linha de pesquisa e para o eixo anteriormente citados e grafados. Além disso, é um tema que já foi disciplina no Departamento de Ciência da Informação e tem relevância nacional na referida área, pois a UFSC já foi referência no país, como uma instituição que oferece a disciplina optativa em Biblioterapia para a comunidade discente. Esta tese tem condições de abrir discussões sobre a disponibilidade dessa disciplina em outras universidades do Brasil.

1.4 ESTRUTURAÇÃO DA TESE

Nesta subseção apresenta-se a estrutura da tese e o como constam as apresentações de abordagens iniciais, fundamentos teóricos e conceituais, os caminhos metodológicos da pesquisa, a análise e a apresentação dos resultados e o fechamento do texto com as considerações finais, anexos e apêndices

Figura 1 – Estrutura da tese



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Na Seção 1 está a apresentação do tema de tese, qual o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos, a justificativa pessoal, social e científica do estudo e estrutura do trabalho. Na Seção 2 consta a fundamentação teórica e conceitual da investigação. Discutir ciência e adentrar na ciência da informação foi importante para mostrar o escopo do estudo e como as teorias trabalham com a informação. A Biblioterapia que é tema central da tese. Mediação da informação e da leitura sinalizam o eixo em que esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação. Dissertar sobre a leitura literária foi necessário para incentivar mais trabalhos sobre a Biblioterapia e o potencial da literatura para os seres humanos. Há nesta seção um espaço dedicado à discussão sobre a Biblioteca Pública e o bibliotecário mediador inserido nela. A Teoria do Efeito Estético para embasar o ato de leitura. A Fenomenologia como abordagem filosófica que traz o conhecimento não só no consciente humano, como também passando pelo corpo e o objeto deixa aparecer a essência, aquilo que se busca sobre ele. Há também a descrição completa dos caminhos metodológicos da pesquisa. Na Seção 3 se apresentam os caminhos metodológicos do estudo, com oferecimento da caracterização e campo da investigação científica. Nela também está a forma de coleta de dados. Na Seção 4 estão as análises e as representações dos resultados. A Seção 5 é dedicada às considerações finais.

Nas duas seções que seguem constam duas subdivisões: 1) contendo a descrição dos assuntos da fundamentação teórica da tese, e; 2) abarcando os conceitos que contribuíram para fundamentar a tese.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Embarcamos em mais uma viagem na busca por conhecer novas terras. Que esses novos solos sejam férteis para dar conta de tanta semente a ser plantada. Encontramos uma floresta inteira a ser conhecida e que os frutos de algumas das árvores possam nos ajudar a encontrar alimento para tanta fome de conhecimento. Vamos investigar.

2.1 CIÊNCIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Consideramos complexo estabelecer o que é ou não é ciência e buscamos nos textos científicos algumas contribuições para desvendar-nos e apontar um caminho do que seria ciência. Descobrimos que a ciência contribui para o descobrimento de meios que buscam mostrar, entender, explicar, evidenciar, deixar surgir os mistérios da vida humana, dos pensamentos, dos processos e dos métodos aplicados para que o objeto examinado seja explorado à exaustão e, assim, tentar trazer respostas para a melhoria da vida e suas relações em comunidade. Vejamos o que encontramos como respostas nesta viagem em busca por informação para este questionamento.

Minayo (2012, p. 17) menciona que, “Em geral, várias teorias competem entre si para explicar ou para ajudar o pesquisador a compreender determinada questão.” Todavia, novas teorias surgem à medida que novos problemas também surgem e as teorias existentes não conseguem responder aos questionamentos de pesquisas. Sendo assim, a ciência precisa renovar as teorias, interpretações e explicações filosóficas sobre o conhecimento humano.

Hessen (2012, p. 19) alerta para o exame exato do objeto para posterior teorização: “Qualquer explicação ou interpretação deve ser precedida de uma observação e de uma descrição exatas do objeto.” Na ciência, o objetivismo e o subjetivismo são meios utilizados pelos cientistas para analisar e utilizar métodos com o intuito de examinar o objeto de estudo. Mas, o subjetivismo é constantemente questionado.

Apesar de afirmar que as opiniões e posicionamentos pessoais não têm lugar na ciência, Chalmers (1993) declara que não existe uma única categoria para determiná-la. É complexo estabelecer critérios que determinem se sua área do conhecimento é ou não científica. Assim sendo, sua negativa poderia ser questionada. Chalmers (1993) observa em “O que é ciência afinal?”, o seguinte:

Conhecimento científico é conhecimento provado. As teorias científicas são derivadas de maneira rigorosa da obtenção dos dados da experiência adquiridos por observação e experimento. A ciência é baseada no que podemos ver, ouvir, tocar etc. **Opiniões ou preferências pessoais e suposições especulativas não têm lugar na ciência.** A ciência é objetiva. O conhecimento científico é conhecimento confiável porque é conhecimento provado objetivamente. (CHALMERS, 1993, p. 23, grifo nosso).

É necessário certo nível de rigor metodológico para seguir procedimentos e utilizar técnicas que objetivam ao levantamento do que foi realizado e à coleta de dados das mais diversas formas de recursos, segundo nos orienta Chalmers (1993). No entanto, afirmar que a ciência é objetiva seria um meio de não considerar a subjetividade nas pesquisas.

Chalmers (1993, p. 23) afirmou que “As teorias científicas são derivadas de maneira rigorosa da obtenção dos dados da experiência adquiridos por observação e experimento.” Ao consideramos o rigor do método fenomenológico para a obtenção dos dados, podemos contrariar essa afirmativa de Chalmers, tendo em vista que a fenomenologia permite a observação e a descrição de diversas vivências, inclusive de experimentos.

Acerca do excerto de Chalmer (1993), a própria fenomenologia ilustra como resolver este problema, por meio da *epoché*, ou seja, pela suspensão temporária das crenças, dos juízos, das ideologias do pesquisador, considerando a descrição do que surge do fenômeno ocorrido em pesquisa subjetiva.

Outro aspecto importante a ser abordado é o fato de a ciência ter a necessidade de comprovação e provação das teorias e das verdades defendidas. Sejam navegadores que na ciência consideramos a possibilidade de não explicar nada e, sim, trazer à superfície o que está escondido por detrás das teorias e conceitos estabelecidos, utilizando o método fenomenológico.

Conhecendo novas terras e novos habitantes, foi importante nos informar com pessoas idôneas e conhecedoras do que precisávamos buscar enquanto informação para nossa necessidade informacional. Assim, a autoridade e a confiabilidade dos informantes são fundamentais para a comunidade científica, em que os estudos visam à demonstração dos resultados de pesquisas por meio da descrição, comprovação e alcance de objetivos para responder a um problema que demande por informação em resposta a algo social e científico.

Das conversas com os grupos de pessoas das novas terras podemos considerar que a informação ainda não registrada, estruturada, analisada, tratada, comparada e divulgada é o início para trabalho subjetivo e este pode embasar muitos outros trabalhos objetivos. Observamos que há ciência e ciência e dizer que só trabalhos objetivistas são científicos pode parecer controverso ao que é ciência e sua abrangência teórica.

Pensem bem, ao atracarmos em novas terras, a informação está lá e nosso trabalho é mapeá-la. Dos trabalhos científicos subjetivistas utilizamos os seguintes recursos: observação, entrevista, formulários, registros em diários de campo, gravações, entre outras técnicas para a coleta de dados. É necessário que o pesquisador entre em contato com o ambiente estudado e tenha contato maior e profundo com os participantes da investigação (BRAGA, 2007).

Conseguir encontrar a informação confiável e precisa para as respostas científicas não é um trabalho simples em terras ainda não conhecidas. Assim, afirmamos que do uso da técnica de coleta de dados por meio da observação, aquele que vai observar precisa estar atento e “[...] deve ter órgãos sensitivos normais e inalterados e deve registrar fielmente o que puder ver, ouvir, etc. em relação ao que está observando, e deve fazê-lo sem preconceitos.” (CHALMERS, 1993, p. 24).

Um dos fatores que dificultam a coleta de dados é reunir pessoas dispostas a falar e que estas tenham autoridade e conhecimento fundamentado para responder as questões científicas da qual a busca por novas informações estão procurando. Quando a oportunidade surge, o pesquisador precisa aproveitar das condições para coletar dados que surgem da experiência de um fenômeno a que o objeto está sujeito e registrar a vivência como ela ocorre e decorre.

A subjetividade e a forma como as pessoas veem o mundo ou parte dele e contribuem para levantar verdades múltiplas originadas diretamente das experiências e das vivências dos participantes de um evento. Os sentidos são os captadores das informações que o observador pode registrar para posterior análise. Essas proposições de observação constituem base para leis e teorias que geram conhecimento científico. Desse modo, cada observador irá estabelecer o que inferir por meio dos seus próprios sentidos diretamente no ato de observar um fenômeno (CHALMERS, 1993).

Em ciência, todo cuidado é necessário. As conclusões necessitam ser embasadas em teorias, conceitos e dados coletados. Das observações, a generalização poderá ser justificada quando da diversidade de tratamento e análise realizados durante o processo investigativo. A ciência começa com a observação, esta última servindo de base para a construção do conhecimento científico, que usa de proposições das observações por indução para obtenção do conhecimento (CHALMERS, 1993).

Ciência é construção e reunião de saberes desenvolvidos por técnicas e métodos. Não há uma única forma de se fazer ciência. Assim sendo, optar por apenas uma forma de olhar o objeto de estudo e trabalhar cientificamente em cima dele e afirmar que isto é ciência.

Defendemos a subjetividade e a fenomenologia como percurso científico com base em análise de conteúdo, observações e experiências. Nesta linha de raciocínio, “O que um

observador vê, isto é, a experiência visual que um observador tem ao ver um objeto, depende **em parte** de sua experiência passada, de seu conhecimento e de suas expectativas.” (CHALMERS, 1993, p. 49, grifo nosso).

Percebemos na declaração de Chalmers (1993), o cuidado ao afirmar que, “em parte”, o conhecimento anterior do observador ao vivenciar uma experiência com o objeto e seu fenômeno, aquilo que ele viveu e conheceu poderá ou não contribuir para a análise e o resultado. A afirmativa “em parte” como forma de dependência da inferência sobre o objeto visado abre para a discussão de que nem sempre o pesquisador ao trabalhar com dados de observação precisará se utilizar da inferência do observado. Poderá optar por uma “suspensão” de crenças e valores para analisar o fenômeno em si, sem explicações, sem teorizar, sem conceituar, deixando apenas o que foi visto ou vivenciado surgir e mostrar o que é e o como foi visto ou vivido. Daí o início do exercício de olhar para a fenomenologia e o uso subjetivo dos sentidos de quem vive, escuta, fala, ou vê algo situacional e vivencial para registrar dados e gerar ciência.

Chalmers (1993, p. 211) destaca que:

Cada área do conhecimento pode ser analisada por aquilo que é. Ou seja, podemos investigar quais são seus objetivos — que podem ser diferentes daquilo que geralmente se consideram ser seus objetivos — ou representados como tais, e podemos investigar os meios usados para conseguir estes objetivos e o grau de sucesso conseguido.

Consideramos que em todas as áreas do conhecimento há inclinações, seja para trabalhos quantitativos, seja para qualitativos; em alguns casos ocorre a mescla destas duas vertentes de abordagens. Dados objetivos e subjetivos são fundamentais para entender os fenômenos em ciência. Esses incrementos fortalecem a ciência e enriquecem o objeto com mais informações e dados sobre o tema ou assunto questionado e minuciosamente delineado em pesquisas.

Essa viagem nos custou um longo período de diálogo, anotações, análises e comparações para reunirmos a informação que possam nos ajudar a chegar ao fim da nossa jornada. Mas havia a necessidade de mais conhecimento ser agregado ao que tínhamos coletado até o momento e, assim, partimos para outras terras e ancoramos em outras margens, que agora a busca era para explicar a Teoria do Conhecimento.

Em terra firme, iniciamos nossa pesquisa para a explicação dessa teoria, que é uma disciplina filosófica que recebe a proposição do método fenomenológico a serviço dela. Encontramos um habitante especialista nesse assunto e logo o procuramos para dialogar. Trazemos para este relato o que ele nos disse.

Os estudos de Hessen (2012) embasados em Aristóteles demonstram o entendimento de que o espírito humano culmina por se concentrar no conhecimento científico, visando o objeto e o ser — tendo aporte na filosofia e a visão de mundo dos seres pensantes e partícipes deste mundo.

Hessen (2012, p. 9, grifo do autor) afirma: “Em conclusão, portanto, podemos dizer que *a filosofia é a tentativa do espírito humano de atingir uma visão de mundo, mediante a autorreflexão (sic) sobre suas funções valorativas teóricas e práticas.*” Vislumbramos nessa afirmativa, alguns indícios da ciência como tentativa de explicação de fenômenos por meio de objetos de estudos em que a visão de mundo, daqueles que percebem com todos os sentidos humanos em alerta, contribui para teorias e práticas em prol da sociedade.

Da análise declarada por Hessen (2012), enxergamos a interação, o diálogo, o compartilhamento de pensamentos, ideias, conhecimentos, informações e de experiências como forma de contribuir para mostrar perspectivas de se olhar o mesmo objeto e considerar outras inferências, de outros olhares e outros investigadores, observadores, pesquisadores, viventes e interagentes do mundo e da vida pessoal, profissional e científica.

Hessen (2012) nos trouxe contribuições para embasarmos esta pesquisa quando da declaração da autorreflexão, em que foi possível avistar a ciência em abertura para a subjetividade, que nesta tese se voltará para teorias da Ciência da Informação com a mediação da informação e da leitura de textos literários, e para as práticas profissionais, em específico, voltadas para a mediação de Vivência em Biblioterapia.

As viagens de pesquisa e exploração dos espaços, das culturas, formas de pensar e de viver em sociedade, entre outros aspectos possíveis de se fazer ciência é que nos deparamos com pessoas com domínio de assuntos que nos interessa e em uma de nossas paragens, adentramos por longos caminhos até encontrarmos riquezas informacionais como as palavras da pesquisadora Minayo (2012, p. 16, grifo da autora), que nos informa o seguinte:

Entendemos por *pesquisa* a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.* As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos.

Fazer ciência envolve pesquisa como atividade basilar para articular teorias e práticas, além da busca por práticas científicas para as soluções de problemas para a vida e seus

problemas em sociedade. Do vivenciado surge a pergunta de pesquisa e desta se inicia a jornada por respostas. A vida prática pode gerar problemas intelectuais e científicos. Encontramos na declaração de Minayo (2012) amparo para a subjetividade enquanto abordagem para se fazer ciência. Essa pesquisadora continua sua contribuição quando explica que a ciência precisa de teorias para embasar seus estudos e obter resultados.

As teorias têm na sua construção a tentativa de explicar ou compreender um fenômeno ou processos, ou um conjunto deles. “Este conjunto constitui o domínio empírico da teoria (ou seja, a dinâmica da prática que ela explica ou interpreta). A teoria propriamente dita sempre será um conjunto de proposições, um discurso abstrato sobre a realidade” (MINAYO, 2012, p. 17).

A teoria do conhecimento como interpretação e explicação filosófica do conhecimento humano é utilizada para representar a realidade, com a observância no problema pautado pelo cientista, assim como na observação e análise de dados coletados pelo pesquisador (HESSEN, 2012; MINAYO, 2012).

A esse respeito, importa lembrar que:

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e com a realidade. (MINAYO, 2012, p. 17).

Cada pesquisa desenvolvida utiliza teorias para tentar explicar o objeto estudado, que é uma parte do todo, pois carrega dados de uma amostra, de uma perspectiva, de uma análise, um recorte para então realizar as conexões e interconexões possíveis. Diante dessa afirmativa, a abordagem qualitativa quando embasada pela teoria da filosofia, utilizando-se do método da fenomenologia é que se tem as condições para trazer à tona informações sobre o objeto sob a óptica dos viventes do fenômeno, diretamente deles. Desta feita, um fenômeno é vivenciado e os significados que surgem dos participantes em suas falas são observados, decodificados, registrados, analisados e relacionados pelo observador ou pesquisador para tentar representar uma parte da realidade social, em um trabalho de conexões com outras teorias.

Hessen (2012) evidencia que aquilo que chamamos de conhecimento é um fenômeno peculiar de consciências chamado de subjetividade; explica sobre este assunto como um enfrentamento na relação entre a dualidade: consciência e objeto, de igual modo como ocorre entre a relação sujeito e objeto, gerando assim o conhecimento. Na relação recíproca

(correlação) e dualista entre sujeito–objeto, eles estão sempre separados um do outro e são representantes da essência do conhecimento. Nessa correlação, um está para o outro e, são o que são, em uma medida em que o são um para o outro. “Ser sujeito é algo completamente diverso de ser objeto. A função do sujeito é apreender o objeto; a função do objeto é ser apreensível e ser apreendido pelo sujeito.” (HESSEN, 2012, p. 20).

Da relação ou correlação entre sujeito e objeto, percebemos que a análise partindo do sujeito, possibilita que ele seja alterado em sua função cognoscitiva pelo objeto; este permanece transcendente àquele. O sujeito passa a perceber uma figura que determina nele a representação do objeto, obtendo assim uma imagem deste objeto. Quando a análise é inversa, partindo do objeto, sendo o sujeito determinado pelo objeto, com o conhecimento significando um alastramento do objeto no sujeito, a imagem do objeto estaria determinando o sujeito, sendo esta imagem o meio pelo qual a consciência apreendeu o objeto (HESSEN, 2012). Visto dessa forma, afirmamos que “É por isso que o conhecimento pode ser definido como uma *determinação do sujeito pelo objeto*.” (HESSEN, 2012, p. 21, grifo do autor).

A determinação do sujeito pelo objeto, por meio de sua imagem, carrega muitas características da fenomenologia, que não é uma teoria e sim um método. Ela não tem objetivo de resolver o problema do conhecimento ao ser levado a cabo a descrição do fenômeno. Ela tem a capacidade de trazer à luz o que é fatural na concepção natural (HESSEN, 2012).

Por meio do método fenomenológico, antecipado nesta seção da presente tese, destacamos o que Hessen (2012) menciona: que a descrição do fenômeno do conhecimento é oferecida para se buscar uma explicação ou interpretação filosófica (teoria do conhecimento), tendo em vista que a fenomenologia não tem este objetivo, o de explicar. Pela descrição fenomenológica a significação do objeto surge como um conhecimento inicial ou preparatório, sem resolver problemas do conhecimento. Este tipo de descrição leva os pesquisadores a conhecerem os problemas apresentados no fenômeno. A teoria do conhecimento tem a finalidade de buscar respostas, explicações e interpretações para os fenômenos (HESSEN, 2012).

Na teoria do conhecimento, o sujeito é afetado e modificado pelo objeto, em uma função cognoscitiva. Este usa da subjetividade para demonstrar por meio da representação o que o sujeito entende como realidade e visualiza o mundo. “O *subjetivismo*, como seu nome já indica, restringe a validade da verdade ao sujeito que conhece e que julga.” (HESSEN, 2012, p. 36, grifo do autor).

Com a contribuição do subjetivismo, o conhecimento humano tem sua fonte única e pautada na experiência, o que nos leva ao empirismo, que gera a consciência cognoscente da

vivência experimentada e extrai seu conteúdo gerador de conhecimento. Dos fatos surge o empirismo, em que o ponto de vista está no desenvolvimento do pensamento e do conhecimento humano, por meio da experiência geradora desse conhecimento. Sendo este, a relação entre sujeito e objeto, tendo como verdadeiro problema a correlação entre estes dois lados. Do subjetivismo, se obtém o resultado favorável ao sujeito, no qual o conhecimento está ancorado (HESSEN, 2012).

Visando conhecer as coisas que são dadas por si e como elas são, da maneira como elas aparecem a nós, é o que a fenomenologia apregoa. A esse respeito, Hessen (2012) declarou:

O fenomenalismo (de phainómenon, fenômeno = aparência) é a teoria segundo a qual não conhecemos as coisas como são, mas como nos aparecem. Certamente existem coisas reais, mas não somos capazes de conhecer o “quê” das coisas, mas não o seu “o quê”. O fenomenalismo, portanto, acompanha o realismo na suposição de coisas reais, mas acompanha o idealismo na limitação do conhecimento à realidade dada na consciência, ao mundo das aparências, do que resulta a incognoscibilidade das coisas. (HESSEN, 2012, p. 86, grifo do autor).

Do empirismo, passando pelo subjetivismo e transitando pelo fenomenalismo, é possível descrever o que aparece em relação ao objeto de estudo, a coisa em si, obtendo assim, a essência dessa coisa e gerando dados para registro e análise de conteúdo da realidade suposta e da consciência — do mundo das aparências. Sobre ideia, Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty são pensadores que norteiam as diretrizes fenomenológicas para esta tese.

Nessa reflexão, cabe a menção de Hessen (2012) quando afirma que o conhecimento intuitivo é aquele que vem pelo olhar, via pela qual o objeto é apreendido pela visão. A experiência interna ou externa do sujeito, é apreendida e gera conhecimento intuitivo.

Destacamos o sentido humano da visão nas explicações de Hessen (2012) para elucidar o que é ciência, todavia entendemos que este não é o único capaz de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento, reitero que a audição e o tato possuem métodos de ensino e aprendizagem destinados ao apreender com o toque e o ouvir. Mas, é possível aumentar o conhecimento humano por meio do olfato e do paladar, estes dois contribuem para o captar e apreender de elementos fundamentais para a composição do todo científico sobre os objetos que dependem deste sentido para ser explorado.

Relembramos que nosso enfoque ficará na visão, sem dispensar os outros sentidos. Assim, voltamo-nos para o olhar. Sobre o recurso óptico, Hessen (2012) comenta que a fenomenologia deixa que as coisas surjam por si e apareçam diante dos olhos atentos para perceber o objeto por múltiplas perspectivas. O objeto em uma visão imediata é o

correspondente filosófico do “ser-assim” — da essência — do *eidōs*⁷ das coisas. Sendo este, um recurso do método fenomenológico para apreender a essência do objeto (HESSEN, 2012).

Levamos essas considerações sobre ciência para uma área específica do conhecimento humano, como a Ciência da Informação (CI). Encontramos em Le Coadic (2004, p. 107) a afirmativa de que as certezas das estruturas metodológicas existentes poderão não ter condições de continuar a ser amanhã. Segundo o autor, “Tal princípio, tal conceito, tal método, tal modelo, tal lei, hoje verdadeiros, amanhã não o serão” (LE COADIC, 2004, p. 107). O que retoma a ideia de Minayo (2012) ao declarar que a teoria pode ser bem elaborada, mas não garante que explicará ou interpretará todos os fenômenos e processos existentes.

As teorias e os métodos são elaborados, adaptados, melhorados e renovados diante da complexidade dos objetos e processos, de acordo com a necessidade de obtenção de explicações e interpretações sobre fenômenos novos. A esse respeito, encontramos em Gonzalez de Gomes (2001) a declaração de que a Ciência da Informação, originariamente, se comportava como ciência empírica e, também, como metaciência, com uso dos recursos plurais dos métodos próprios de ciências sociais e de um campo interdisciplinar.

Na área da CI, ressaltamos a sociedade da informação, a qual recorre a mecanismos que possibilitam às pessoas diversas maneiras de acessarem as informações o mais rápido possível e de preferência sem problemas com barreiras geográficas. Com vistas a contribuir com o novo paradigma, a utilização das tecnologias da informação permitiu o compartilhamento de registros, que até então eram consultados apenas nos locais dos ambientes de informação, passando a serem globalizados, a partir do momento em que assumiram a forma digital. Dessa modificação prática, a conversão retrospectiva da informação — passando do impresso para o formato digital — colaborou com o conteúdo produzido, que passou a ser registrado, em sua gênese, no formato e nas características próprias do mundo digital.

Nesse novo cenário, a informação se tornou um produto a ser comercializado no período pós-industrial, com consumo de produtos de informação em crescente aceleração, principalmente com a informatização e uso de tecnologias da informação (LE COADIC, 2004).

A expansão de produtos de informação levou à necessidade de se ter uma ciência ocupada em estudar o objeto informação. A ciência da informação surgiu marcada com o uso de tecnologias e técnicas específicas para essa nova ciência, desenvolvendo pesquisas sobre leitura pública, história do livro, ciência, técnicas, indústria, entre outros temas. A necessidade

⁷ *Eidōs* – “Este, que é um dos termos com que Platão indicava a idéia (*sic*) e **Aristóteles** a forma, é usado na filosofia contemporânea especialmente por Husserl para indicar a **essência que se torna evidente** mediante a redução fenomenológica (v. Fenomenologia) (ABBAGNANO, 2003, p. 308, grifo nosso).

de informação passou a ser produzida nos setores científicos, técnicos e industriais de forma crescente, gerando no público consumidor de informação, a demanda por serviços de informação para auxiliá-los na solução de problemas (LE COADIC, 2004).

Quando da observância da informação como produto a ser capitalizado, Freire (2006) informa que da relação entre forças produtivas e produção do conhecimento científico surgiu o fenômeno da informação com relevância para as trocas econômicas e culturais em uma sociedade cada vez mais capitalista. A velocidade de propagação de informação sem a barreira geográfica deixou as pessoas confusas e sem saber onde procurar ou o que procurar e como usar informações relevantes e precisas para suas necessidades de informação. Nesse contexto, fica evidente a preocupação e o desenvolvimento de métodos, técnicas, pesquisas, tecnologias, inovações para qualificar e trazer melhorias nos procedimentos de tratamento e organização da informação para a sua recuperação e uso.

Outras inquietações surgiram, como o trabalho de orientação e educação para o uso dos espaços e tecnologias da informação. Assim, serviços são criados para educar, orientar e capacitar pessoas para serem autônomas no uso de recursos informacionais em seus processos de busca por informação. Com o tempo cada vez mais curto em relação à produção vertiginosa de conteúdo no meio digital, se fez necessário o trabalho de mediação como serviços em que “A comunicação é, portanto, o processo intermediário que permite a troca de informações entre as pessoas” (LE COADIC, 2004, p. 11).

O desenvolvimento da mediação da informação contribuiu para a orientação na busca, seleção, avaliação, uso e geração de novas informações nos espaços informacionais, possibilitando ao mediador otimizar o tempo das pessoas que buscam por informação. Um profissional capacitado para a realização desta atividade poderá entregar ao interagente o que ele precisa em curto espaço de tempo e com conteúdo de relevância para a efetividade do desenvolvimento das buscas por informação diante de suas necessidades.

Da vertiginosa produção de textos, a informação pode provocar incertezas quando do seu excesso. Neste cenário, o trabalho da mediação é fundamental, uma vez que nos serviços de informação é necessário conhecer a necessidade de informação das pessoas, sendo a busca por informação uma exigência da vida social, da qual está intrínseca a exigência de saber e de comunicar, entre outras (BUCKLAND, 1991).

Em suma, a ciência da informação, que tem como seu objeto de estudo a própria informação, é uma área do conhecimento com preocupações voltadas para as questões sociais e que vai se caracterizando como área interdisciplinar, recebendo contribuições de áreas afins. Utiliza como meio de comunicação científica as revistas ou periódicos para divulgar estudos,

trabalhos e pesquisas, assim como as investigações que foram apresentadas em congressos, colóquios, conferências, entre outros meios de disseminação da informação científica. A ciência da informação se tornou uma ciência social rigorosa, com forte aporte da tecnologia para auxiliar nas pesquisas sobre as propriedades gerais da informação (natureza, gênese e efeitos); sobre a análise de seus processos de construção, comunicação e uso; sobre a geração de produtos, sistemas e serviços; sobre a construção, comunicação, armazenamento e uso da informação (LE COADIC, 2004).

Nas interações informacionais, a troca existente neste processo movimentam, pessoas, máquinas, técnicas e o contexto da interação, que no desenvolvimento de um serviço com vistas à orientação às técnicas de buscas para atender a uma necessidade de informação das pessoas interagentes com outras pessoas, tecnologias e informação, caracteriza uma forma de interação social na sociedade da informação (LE COADIC, 2004).

Interação esta que foi defendida por Freire (2006) como elemento social capaz de contribuir com o desenvolvimento das pessoas e nações. O pressuposto de que pessoas mais informadas são conhecedoras de direitos e deveres leva ao entendimento de que elas podem ser incluídas socialmente no meio em que vivem e contribuir para o desenvolvimento pessoal e global. Por esta feita, a CI tem um de seus objetivos atingidos.

Quando os profissionais da informação voltam a atenção para a organização de textos e documentos com vistas ao uso das informações registradas por serem úteis aos usuários e promoção de benefícios para a sociedade, deste comprometimento no agir e fazer é que estará a responsabilidade social dos profissionais (FREIRE, 2006). Desta contextualização acerca da ciência e da ciência da informação, fica declarado o objeto de estudo da Ciência da Informação: a própria informação.

No processo de teorizar sobre o objeto da CI, Buckland (1991) dissertou sobre a ambiguidade do termo informação, destacando seus usos em três principais categorias: informação-como-processo, a informação-como-conhecimento e informação-como-coisa. A **informação-como-coisa** é o que está tangível em forma de objetos, dados e documentos, por exemplo, nesta forma, essas “coisas” são informativas e comunicam conhecimentos, representados, descritos ou expressos de alguma forma. **Informação-como-processo** está no ato da fala ou do ter falado algo sobre alguma “coisa”, que neste sentido, tem relação com a finalidade de informar e tornar-se informado, tornando a pessoa modificada por aquilo que conheceu, alterando o seu estado atual. **Informação-como-conhecimento** é algo intangível, podendo ser transmitido e sendo percebido no processo de transmissão, inteligência, notícias etc. Nesses aspectos, relaciona-se à informação-como processo, sendo expandida na redução da

incerteza (informação-como-conhecimento), sendo esta informação o próprio conhecimento (BUCKLAND, 1991).

Para esta tese, a informação-como-coisa estará presente em três momentos: primeiro – no conteúdo levantado, selecionado, avaliado e utilizado para embasar a tese em sua fundamentação teórico-conceitual; segundo – nas obras utilizadas para a aplicação a Vivência em Biblioterapia; terceiro – nos dados coletados para a análise de conteúdo.

Utilizaremos a categoria “informação-como-coisa”, de Buckland (1991), no contexto do que Le Coadic (2004) declarou ser a informação o registro do conhecimento para uso e compartilhamento das descobertas humanas. A informação-como-coisa torna-se necessária para que nós possamos analisar, categorizar, registrar e usar os conhecimentos como base da teoria e dos conceitos que buscamos trazer para a tese.

De igual modo, é de fundamental importância para deixar surgir o que os participantes da Biblioterapia sentem, pensam, entendem, em um processo de descrição para a análise do conteúdo e formar os resultados da pesquisa. Sobre isso, Le Coadic (2004, p. 38) afirmou: “Usar informação é trabalhar com a matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação.”

Nesse sentido, conseguiremos satisfazer uma dupla necessidade, a minha enquanto pesquisador, em busca de informação para compor esta tese e, a dos participantes de Biblioterapia, que irão trabalhar com a informação e receberão o efeito estético dos textos em um processo que poderão satisfazer às necessidades de informação sobre um determinado tema. O ponto de partida para a seleção dos textos tem o intuito de levar para a vivência o que pode ser “universal” a uma extensa abrangência, como: afeto, vivências cotidianas, infância, entre outros aspectos.

Nesta tese, a informação-como-processo estará presente no que Buckland (1991) conceituou *ipsis litteris*, ou seja, da Vivência de Biblioterapia ocorrerão os momentos de fala, discussão, diálogo e compartilhamento. Assim sendo, esta categoria de informação se faz presente no ato da fala sobre algo ou alguma coisa. Da leitura ou escuta de textos na vivência, os participantes poderão ser informados por alguma vertente da informação, os textos informam temas e abrem para a possibilidade do diálogo, que também informa. Das trocas e das experiências com o texto e com as interpretações, os participantes podem ser modificados de alguma forma e serem alterados em seu estado atual de conhecimento. É neste contexto que a informação-como-processo poderá ser visualizada nos resultados desta pesquisa.

Da informação-como-conhecimento provém o conhecimento que está intrínseco ao texto e nas pessoas que as ouvem ou leem. O conhecimento repassado, transmitido, socializado

das mais diversas formas, poderá contribuir para soluções de problemas que acarretam em incertezas, o compartilhamento de entendimentos e de pontos de vistas sobre um assunto tem a contribuição de auxiliar as pessoas com a diminuição da dúvida sobre como agir diante de problemas, o conhecimento socializado pode ajudar a outras pessoas que possam estar passando pelo mesmo problema que demandava por informação compartilhada no processo da Vivência em Biblioterapia.

Concluimos esta reflexão sobre as categorias de Buckland (1991) mencionando que, apesar de haver essa divisão, todas elas estão intrinsecamente ligadas e interpenetrantes umas nas outras, em concomitância ou não. O conhecimento interliga-se ao processo e gera, de alguma forma, “algo certo” ou “uma coisa”. Assim, a informação sendo o próprio conhecimento, precisa de registro ou de transmissão para ser informação no processo de repasse deste conhecimento para formar, informar ou entreter outras pessoas, sendo capaz de modificá-las de alguma forma. Desta feita, quando essa informação é registrada em algum suporte físico ou digital, ela se torna uma “coisa”. Nesses processos elas podem interligar-se concomitantemente ou não.

Quando a informação-como-conhecimento, que é subjetiva e intangível, se torna expressa, descrita, representada de alguma forma (sinal, texto ou comunicação) ela se torna informação-como-coisa, contribuindo para os que dela utilizam para ser informação-como-processo e trazer solução para as necessidades de informação.

Baseando-me nesta ideia de Buckland (1991) é que percebo as possibilidades destas categorias estarem presentes nos resultados provenientes das Vivências em Biblioterapia, por meio das evidências deixadas pelos participantes. Utilizar o termo “Evidência” tem a sua adequação, pois denota algo aprendido e compreendido por alguém expresso por meio da análise de “coisas” registradas e transmitidas, podendo mudar um saber ou uma crença a respeito do assunto disseminado. Dessa maneira, a informação como evidência tem sua representação quando:

Seres humanos fazem coisas com a informação ou para a informação. Examinam, descrevem e categorizam. Compreendem, interpretam bem ou mal, resumem ou refutam. Podem até falsificá-la, alterá-la, escondê-la ou destruí-la. A essência da evidência é precisamente o que a percepção das pessoas pode alterar aquilo que acreditam que sabem. (BUCKLAND, 1991, p. 4).

Esse tipo de informação é fundamental para a fenomenologia. A evidência daquilo que as pessoas descrevem por meio da interpretação contribui para alterar o que sabem e o que outros sabem, ou não. Segundo Buckland (1991, p. 4), “Conhecimento e opiniões são afetados

pelo que se vê, lê, ouve e experimenta.”

Desta feita, espero que da Vivência em Biblioterapia, as pessoas possam ser orientadas para os múltiplos olhares sobre os textos a serem utilizados nos encontros e quiçá, elas possam ser transformadas, tocadas, afetadas em suas vidas pelas experiências dos encontros com o texto.

Quando o usuário da informação passa a se deslocar da periferia para o centro do processo de comunicação da informação, quando autores e coleções saem do foco para dar lugar ao conteúdo e a informação em si, decorre aí o que se chama de paradigma informacional (FREIRE, 2006).

O usuário será chamado de interagente nesta tese, isso fundamentado em Corrêa (2014) em seu artigo: “Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo”. No texto o cidadão que circula pelos ambientes de informação precisa ser alguém que interage com o meio, ele negocia os termos para que na busca por informação ele encontre o que deseja e precisa. Ao chegar e realizar perguntas ou preencher formulários em bibliotecas, por exemplo, este cidadão está em interação, ele se torna alguém interagente com a unidade de informação e com os textos ou outros recursos informacionais ali disponíveis.

Esse interagente é a figura que está no foco dos trabalhos de muitos profissionais em unidades de informação. Por este motivo, consideramos que seja justo a sua participação ativa em vários processos, sejam eles o de selecionar, adquirir, disseminar e utilizar a informação. No processo de mediação da informação, ele é elemento participante do ato que é mediado, ele faz parte dos três elementos envolvidos: texto-mediador-interagente.

A ciência da informação é uma área interdisciplinar e por ter essa característica, sua complexidade está em estudar o fenômeno por meio de diversas inter-relações e cooperações entre teorias. Por este motivo, os conceitos, enunciados e as teorias formam uma estrutura teórica para estudar o objeto de estudo complexo, sendo necessário obter identidade disciplinar (RENDÓN ROJAS, 2008).

Nesta tese, usamos teorias e conceitos da Ciência da Informação, Biblioteconomia, Literatura e Filosofia.

Ao pararmos para analisar os diversos elementos que envolvem áreas distintas do conhecimento — tais como: os fluxos de informação, a disseminação seletiva da informação, a mediação da informação, o uso de espaços de informação, o uso da leitura, a literatura, a mediação de leitura, leitores, a subjetividade, as formas de ver o mundo e como ele pode ser representado, as interpretações, os diálogos e discussões —, percebe-se que essas áreas

precisam se entrelaçar e dialogar, de forma a complementar uma à outra, fornecendo um resultado relevante para os que dela se utilizam e beneficiam.

Por meio desse entendimento, a informação como objeto de estudo da Ciência da Informação pode ser o texto literário, em que no processo de leitura, o sujeito leitor esteja no centro do processo cognitivo da leitura, que o caracteriza como um indivíduo histórico em permanente interação, sendo assim, a informação e a leitura são processos encontrados no quadro dos fenômenos da esfera social (ALBAGLI, 2013).

A mediação da informação ou mediação da leitura é a possibilidade que temos de conseguir com que:

As práticas leitoras e informacionais configuram-se assim como exercícios para a construção dos sujeitos sociais conscientes e críticos de suas possibilidades enquanto produtores e receptores desse fluxo material e simbólico, com o qual vão integrar-se e interagir. É nesse sentido que há um movimento constante de construção a partir das intersubjetividades, pois os sujeitos, singularidades que são, constroem-se verdadeiramente em relação com o outro, em constante e contínua interação, abrindo possibilidades de reelaboração dos significados, do sentido das coisas no mundo, contexto maior desse agir com o outro.” (ALBAGLI, 2013, p. 99).

Na troca de ideias e experiências, o homem participa de um ato político, de relação com outros: o diálogo, a conversa ou a discussão. A interação social dos sujeitos quando ocorrem em torno da crítica por meio da concordância ou discordância em relação ao que pensam sobre determinado assunto contribui para a construção das ideias. Isso por meio da assimilação e comparação das percepções e reflexões sobre o que foi assimilado acerca da informação em questão. Esta prática demonstra que o ser humano está em constante movimento, aprendendo e se construindo e se ressignificando no coletivo.

Podemos aprender no coletivo, por meio da intersubjetividade, por trocas e diálogos que nos permitem, com o outro, aprendermos e reaprendermos a olhar o mundo e interagir nele. Das novas descobertas, da revisitação a um texto é que temos a oportunidade de olhar com novos olhos — quem sabe mais apurados — e encontrar outras possibilidades de reflexão, interpretação e significação do conteúdo.

Em uma unidade de informação, a maneira que temos de interagir e promover o encontro para o diálogo e o aprendizado coletivo é a mediação, em que a subjetividade de um encontra com a subjetividade do outro em um ato de contribuição para a reflexão, a interpretação e o diálogo sobre assuntos e temas.

2.2 BIBLIOTERAPIA

Nas longas viagens por textos literários, nas profundas águas de Clarice Fortkamp Caldin em seu livro “Biblioterapia: um cuidado com o ser”, percebemos que o potencial terapêutico da leitura também está na capacidade de a literatura “[...] provocar emoções, instigar a imaginação e apresentar o mundo real sob o manto da poesia [...]” (CALDIN, 2010, p. 91). Uma das funções terapêuticas da leitura está na pacificação das emoções mediada pela catarse por meio do efeito de placidez, sedação e “cura”.

Para Caldin (2010) a história cumpre o propósito terapêutico quando o leitor se envolve com a história e vive a experiência da catarse; se encontrar nas personagens ou outro elemento da história algo que possa se identificar, assim se a característica ali encontradas forem do seu agrado, ele poderá introjetar em sua vida; se no processo de identificação, esse leitor perceber que tem algo desagradando seus gostos, ele passará a projetar na história o que carrega consigo no tocante a valores, conhecimento, aprendizado, outros; por fim, se ele refletir, pensar e interpretar em um momento de introspecção, com análises internas, no seu subconsciente.

A Teoria do Efeito Estético versa sobre a interação autor-texto-leitor e a Biblioterapia acerca do potencial terapêutico do texto de ficção, que na prática vivencial promove a experiência da leitura e do diálogo em torno de temas ou assuntos, que contribuam para os leitores refletirem sobre a vida e a cada possibilidade de mudança interna (emoção, comportamento, pensamento, dentre outras).

Assim sendo, aportamos nessas terras e o que encontramos parecia algo novo, mas descobrimos que se tratava de algo antigo. Segundo Ouaknin (1996), a Biblioterapia é uma prática milenar e pouco divulgada. Encontramos nesta paragem um serviço de uso da informação literária em que o uso da palavra escrita tem a possibilidade de ser considerado benéfico para a humanidade, pois conduz o leitor ou ouvinte para o envolvimento na vida e vivências de outras pessoas, as personagens da história. Em consequência, esses leitores ou ouvintes deixariam, momentaneamente, de lado as suas preocupações e dores.

O termo é novo, mas a prática é antiga, como bem disse Ouaknin (1996, p. 27): “A biblioterapia, uma novidade? Nem um pouco! Quanto mais longe remontarmos na História, mais encontraremos esta intuição da virtude terapêutica do livro e da narrativa.”

Basta realizarmos um exercício simples para vislumbrarmos algumas características isoladas daquilo que poderiam definir como Biblioterapia. Iniciando esta prática, eu pergunto: Você já indicou um livro a alguém? Sim? Não? Claro que a indicação, por si só não é Biblioterapia! Mas, você já indicou um livro por ter algum personagem vivendo uma

experiência relacionado a algum problema social? Isso, por si só, também não é Biblioterapia! Mas, estamos cada vez mais perto do que é esta experiência de vida.

O que seria então a Biblioterapia? Exemplificando, podemos dizer que é o conjunto das perguntas a seguir, de maneira combinada ou de todas elas juntas.

Você já leu um livro que trouxesse uma situação da experiência humana em que o personagem principal ou secundário vivia o mesmo que você estava passando durante o ato da leitura ou que já havia vivido?

Você já se identificou com algum personagem da história lida? Seja por sua característica física, psicológica ou de atitude diante de dilemas da vida. Você já se identificou com uma história lida? Você já se identificou com parte da história lida? Você já riu ou chorou com partes de uma história lida? Você já se alegrou ou se entristeceu com momentos vividos pelas personagens das histórias lidas? Você já teve medo ou coragem de encarar um problema ou situação difícil, arriscada, complicada e que fosse uma experiência igual à vivida por uma personagem da história lida?

Você já se compadeceu de algum personagem ou detestou outras personagens por diversos motivos? Você já conseguiu sentir o cheiro ou sabor de algo que está sendo narrado na história? Você já conseguiu sentir frio ou calafrio em algum momento da leitura? Você já dialogou sobre essas experiências vividas no processo da leitura com alguém? Você já dialogou sobre as interpretações de diversas percepções das histórias, de partes das histórias ou sobre personagens com outros leitores?

Se você já realizou ou viveu alguma dessas experiências, você pode ter experimentado uma Vivência em Biblioterapia. Nessa experimentação, o texto literário é quem abre as portas para um universo de vidas e viventes ficcionais e não ficcionais. As histórias possibilitam muitas experiências: viajar sem sair do lugar, viver romances e aventuras sem passar por dificuldades, em segurança, entre outras tantas possibilidades que a ficção enseja.

Nas práticas das Vivências em Biblioterapia podemos ter o uso de três técnicas para a entrega das histórias: ler, narrar e dramatizar. No entanto, salientamos que para esta tese o intuito está na utilização da leitura dos textos literários, ou seja, as histórias foram lidas para os participantes.

Como entendemos que as histórias possibilitam a libertação dos sentimentos por meio da catarse. Nela, liberamos sensações, sentimentos, pensamentos, reações, atitudes que mexem com o emocional e os sentidos humanos. A leitura nos humaniza, pois ela nos faz ter sentimentos como a compaixão, amor, alegria, empatia, bem-estar, informação, imaginação, identificação com as personagens e com as realidades descritas e narradas nos textos literários.

Ela nos move, nos coloca em movimento, nos provoca para uma possível mudança.

O processo de humanização por meio da leitura e literatura é descrita por Candido (2011, p. 182) da seguinte forma:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Compreender o outro e o mundo que este outro habita nos faz cada vez mais humanos. Somos seres pensantes e reflexivos, os quais podem ter a disposição para pensar no como se dão os relacionamentos e perceber como a sociedade é diversificada e complexa. Candido (2011) afirma que a nossa humanização tem o poder da sensibilidade para ver o outro que conosco habita e refletir sobre as formas de visão e agir no mundo daqueles que nos cerca. A vida em sociedade precisa acontecer em consonância com a busca do equilíbrio que pode proporcionar o bem-viver, assim como o ajustamento de nossas emoções diante dos problemas da vida.

Um dos aspectos fundamentais e importantes na Biblioterapia é a comunicação. Sobre isso, importa dizer que sabemos e entendemos que é possível a comunicação pela escrita, por sinais, entre outros meios. No entanto, para exemplificar nesta tese, iremos adotar a comunicação oral. Assim sendo, entendemos que no diálogo o homem se expressa e se comunica com os outros em um processo dialógico, pois em sua essência está a fala, ora o ser humano é um ser falante. Observemos que na comunicação há sempre a figura que fala e outra que escuta ou então um escreve e o outro lê. Assim, na vida social, quando nos colocamos em movimento e falamos, é necessário ter em mente que precisamos dar ao outro o direito da escuta. Dessa forma, ensinamos e aprendemos, interagimos para nos atualizar e nos modificar, conseqüentemente estamos nos libertando e nos reconfigurando. A palavra nos liberta e é nesta liberdade que a linguagem permite ao homem realizar as interpretações.

Na Biblioterapia todas as tentativas de interpretação são válidas, possíveis e aceitas. Interessa-nos ouvir a voz dos participantes e deixarmos surgir as percepções e as análises múltiplas durante a ação. Por vezes, alguns dos interagentes conseguem visualizar determinados aspectos da história, enquanto outros não. Ao aplicador fica o cargo de mediar e cuidar para que a condução seja boa e agradável. Ele precisa controlar o tempo, mediar as falas, provocar

com perguntas temáticas, conduzir de modo a realizar uma prática benéfica aos que experimentam a Biblioterapia.

As reverberações da prática podem acontecer por pouco tempo ou por muito tempo na vida dos participantes. Dependerá de cada pessoa e o quanto ela permite pensar nas histórias ou o quanto ela deixa os enredos virem à mente e pensar nas vivências ocorridas pelas personagens. Nessa perspectiva, entendemos que muitas vezes nossos pensamentos se voltam para a história lida ou para algum personagem e associamos a experiência narrada a algo que estamos vivenciando ou que outras pessoas do nosso meio social estejam experienciando na vida.

Os benefícios da leitura podem ser listados em páginas e mais páginas, porém, deixamos aqui alguns exemplos para demonstrar o poder da palavra e o que ela pode trazer para a vida das pessoas que são tocadas por elas: promover a harmonia na convivência em sociedade; ajustar condutas e comportamentos; possibilitar o diálogo e o exercício da reflexão, da interpretação; provocar a catarse; dentre outros.

2.2.1 Biblioterapia: aspectos conceituais

Ao voltarmos nossa atenção para a etimologia do termo Biblioterapia, encontramos nas palavras do estudioso Ouaknin (1996, p. 11, grifo do autor) a seguinte informação: “A palavra ‘biblioterapia’ é composta de dois termos de origem grega, Βιβλίον e Θεραπεία, ‘livro’ e ‘terapia’. Desse modo, a ‘biblioterapia’ é apresentada em sua gênese como a ‘terapia por meio de livros’.

Outros autores corroboram esta informação da terminologia da palavra, que unindo a ideia principal do que trazem em seus textos, a construção do neologismo para significar cura ou restabelecimento por meio de material bibliográfico ou de leitura, quais sejam: Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012); Alves (2017); Azevedo e Oliveira (2016); Bahiana (2009); Balbinotti (2017); Bortolin e Silva (2016); Calixto e Belmino (2013); Castro e Pinheiro (2005); Fonseca (2014); Garcia e Ferreira (2018); Nascimento e Rosemberg (2007); Seitz (2006); Targino, Torres e Alves (2012); Valencia e Magalhães (2015).

Os autores apresentados a seguir consideram que o neologismo Biblioterapia tem o significado relacionado ao cuidando do próprio Ser: Caldin (2001, 2010); Jerônimo, Rosseto, Silva, Gonçalves e Trein (2012); Lima e Caldin (2013); Lucas, Caldin e Silva (2006); Rossi, Rossi e Souza (2007); Sousa e Caldin (2017a).

Para Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 400), “A palavra terapia, tanto no grego como no hebraico, tem o sentido de atitude preventiva.” O terapeuta era a pessoa que se preocupava com

os cuidados do corpo e do espírito, sendo assim, os primeiros terapeutas foram os filósofos (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006).

Muitas vezes, decorrem da tradução do grego e da junção dos termos a confusão e a problemática sobre quem poderia ser o profissional capacitado para trabalhar com a Biblioterapia. Isso, tendo em vista que em seu início era uma prática apresentada com a essência de ser uma terapia com a utilização de livros para “curar” as pessoas. Isso posto, declaramos que desse olhar limitado para essa tradução e do significado que carrega a palavra cura, neste contexto, é que a expressão direcionou que os aplicadores de Biblioterapia seriam os profissionais voltados para medicina, psicologia, enfermagem, aqueles dedicados à cura física, psicológica ou mental de pessoas acometidas de doenças leves e moderadas.

Encontramos em um texto produzido por Walter Benjamin, uma de suas epigramas (composição poética sobre um tema), com doses de aforismos (texto marcado por complexas questões filosóficas) e apotegmas (pensamento conciso, enunciação de uma resposta a uma sentença) que elucida esta questão da cura pelas palavras, por meio das narrativas. O texto desse autor contribui para a discussão da expansão do significado de cura pelo uso da palavra e por histórias.

Conto e cura

A criança está doente. A mãe a leva para cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava da coisa até que N. me falou do poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher. Porém, dessas mãos ele disse o seguinte: — Seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo, não se poderia descrever sua expressão... Era como se contassem uma história. — A cura através da narrativa, já a conhecemos das fórmulas mágicas de Merseburg⁸. Não é só que repitam a fórmula de Odin, mas também relatam o contexto no qual ele as utilizou pela primeira vez. Também já se sabe como **o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento o pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe — até a foz — na correnteza da narração.** Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento. É o carinho que delineia um leito para essa corrente. (BENJAMIN, 1995, p. 269, grifo nosso).

O excerto sobre a mãe que leva o filho para a cama e conta uma história, enquanto a criança está doente, é uma representação da vida social e do cuidado de mãe para tirar a atenção do filho do foco da doença e, sua possível, dor ou dos sintomas decorrentes da enfermidade.

⁸ Município da Alemanha.

Quando ela conta histórias para essa criança, é como se a fixação mental dela minimizasse para prestar atenção no novo que acontece, que é a narração da história. Disso, o destaque que estava no corpo e o que ele sentia no desenrolar dos problemas de saúde, gerando preocupação, medo, ansiedade e outras tensões por causa da doença, passa a ter uma espécie de desvio mental e cognitivo para o que acontece na história. Há aqui uma forma de transferência do foco de atenção. Seria o suficiente essa narração de histórias para curar a criança? Provável que não, mas é o início de um processo de auxílio para o enfrentamento dos sintomas da doença.

Seguindo nessa linha de raciocínio é que evocamos o trecho de Benjamin (1995, p. 269, grifo nosso): **“o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento o pode se tornar o começo de um processo curativo”**. Essa sequência no texto corrobora a ideia de a mãe contar uma história para o filho e assim tentar diminuir o que ele sentia quando focava na dor e demais sintomas. Se pensarmos, que após acalmar o filho a mãe o leva para o hospital, é nesse novo ato de contar histórias que vem o início do tratamento físico da dor ou da doença. A nova narrativa agora é a da realidade, a criança conta ao médico o que sente e este prescreve medicação e cuidados para os cuidados em busca da recuperação da saúde.

Benjamin (1995, p. 269, grifo nosso) continua o texto e coloca-nos duas perguntas envoltas no poder curativo das palavras, ele questiona assim: **“Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe — até a foz — na correnteza da narração”**. Não cabe ao texto ou ao mediador da leitura curar alguém, o que se considera é a ponderação da abertura para a fala. Como bem citou Merleau-Ponty (2002), somos sujeitos falantes. Sendo assim, temos a necessidade de falar. Dessa reflexão é que convocamos a experiência da prática da Biblioterapia, pois nela há uma leitura ou narração de histórias ficcionais que conduzem ao posterior diálogo sobre os mais diversos efeitos desse processo de recepção da obra literária. Quando indivíduos falam e outros ouvem, jogando o jogo do texto, passando a bola para o outro, que também vai falar, há nessa vivência o potencial para que os sentidos percebam o que ocorre em mim e no outro. A Biblioterapia cura o corpo físico? Consideramos que não. Mas, ela contribui para **“o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas”** (BENJAMIN, 1995, p. 269, grifo nosso). Quem sabe os participantes não percebam que falar é libertador e que aquilo que os oprime e tensiona não esteja na dimensão da psicologia. Em decorrência disso, chegamos ao terceiro momento de busca pela cura, passamos da dor e problemas de saúde física para o que acontece na mente, na consciência, na cabeça das pessoas. Conversar com psicólogos e psicanalistas pode contribuir para o tratamento de diversos males do corpo.

Cabe lembrar que Biblioterapia vai além da etimologia da palavra. O texto pode ser apenas um pretexto para a abertura do diálogo, catarse, identificação, introspecção, introjeção e humor.

Quando voltamos da reflexão do texto de Benjamin (1995) para a análise cronológica de como a Biblioterapia foi nos apresentada, encontramos em Caldin (2010) a interpretação de que na história dessa prática, eram considerados Biblioterapeutas os profissionais formados um curso específico na área da Saúde. Caldin (2010) continua exemplificando as formas de uso e de denominação da Biblioterapia em áreas diferenciadas de aplicação. No caso da Biblioterapia Clínica, essa era a área de atuação para os que se formaram em Medicina, Psicologia, Enfermagem, Psiquiatria, entre outras profissões que tratam da saúde do corpo (CALDIN, 2010). Como essas afirmações eram constantes e muitos profissionais de outras áreas tiveram temores de serem exortados por órgãos de representação de classe da área da Saúde com a finalidade de advertência ou punição pela prática deste tipo de terapia, muitos optaram por não adentrar nesta seara e outros desistiram de trabalhar a literatura ficcional em atividades com este nome.

Com o objetivo de trazer uma resolução para esta problemática é que o termo “Aplicadores de Biblioterapia” foi apresentado como aquele que se aplica aos que desejam realizar a Biblioterapia de Desenvolvimento ou Biblioterapia Educacional, estes podem trabalhar com diversos públicos, levando a arte literária permeada por outras artes para a experiência estética e a humanização dos participantes (CALDIN, 2010). Vale destacar que tanto na área clínica quanto na educacional, a figura da pessoa que desenvolve o trabalho com a literatura com o intuito de promover uma Vivência de Biblioterapia, pode ser denominada de Aplicadora de Biblioterapia.

Na Biblioterapia de Desenvolvimento o bibliotecário, o professor, o escritor, o médico, o enfermeiro, o psicólogo, o bacharel em Letras e todo aquele que gosta e deseja lidar com pessoas e a leitura de textos literários poderá encontrar espaço para desenvolver projetos e programas de Biblioterapia.

Todo aquele que deseja trabalhar com esta prática precisará elaborar um projeto com todos os detalhes para que fique claro o que é, para quem serve, o que será abordado e o que acontece depois. Feito o planejamento e o roteiro, vem a fase da comunicação ou divulgação da Vivência de Biblioterapia. Da divulgação e da exposição de quem pode se beneficiar deste tipo de Mediação da Leitura Literária é que o participante decidirá se deseja ou não participar, inscrever-se no Programa. O encontro com a leitura literária acontece quando houver a vontade em estar ali e interagir.

Nesta tese, focamos na Biblioterapia de Desenvolvimento e é aqui que se encontra a possibilidade de trabalhar com o cognitivo, com a imaginação, com a criação, com as emoções dos participantes, levando-os a descobertas, estas podendo estar relacionadas a autoconhecimento, interpretações, entre outras possibilidades.

Ainda falta explicar sobre os componentes da Biblioterapia: catarse, identificação (projeção e introjeção), introspecção e humor. De acordo com Caldin (2010, p. 117), a catarse “[...] é a justa medida dos sentimentos, pois os produz e modera — assim, as histórias que lê ou conta para a meninada têm forte apelo estético, são histórias que permitem o estranhamento, o desvio da linguagem, a ebulição e o apaziguamento das emoções.” Ela é uma forma de o sujeito conseguir um pouco de alívio das tensões cotidianas ou da ansiedade que vive.

Por meio do diálogo, o sujeito tem condições de externalizar aquilo que ficou guardado de si. A catarse promove o prazer e o apaziguamento das emoções. “Assim, ao tirar de nós um peso insuportável de ser carregado, a catarse alivia o mal que interrompe o fluxo da saúde e abre caminho para a plenitude do ser.” (CALDIN, 2010, p. 124–125).

Busca-se, pela catarse, o equilíbrio e a harmonia do Ser. Na catarse, as emoções são provocadas, todavia, Caldin (2010) nos lembra que após a experiência catártica é preciso conduzir o participante da vivência a uma atividade que o acalme e contribua para moderar o equilíbrio necessário ao bem-estar físico e mental.

Outro componente da Biblioterapia é a identificação, entendida como:

[...] como um mecanismo psicológico que permite aos sujeitos vivenciarem situações no seu imaginário, e que a fantasia se encontra atrelada às emoções — por esse motivo, apresenta várias personagens ficcionais que assumem caracteres passíveis de projeção ou introjeção (CALDIN, 2010, p. 117).

Na identificação, uma das possibilidades de ocorrência é a do afeto dispendido ao personagem principal ou secundário, que neste caso pode se relacionar com uma característica física ou psicológica, podendo ser positiva ou negativa. Sobre isso, Caldin (2010) comenta que na Biblioterapia não há o processo de julgar valores de personagem ou simpatia por eles, o que entra em jogo é o prazer do leitor diante da fruição e o desabrochar da afetividade por meio das personagens.

Dentro do que é identificação, em Caldin (2010) encontramos a informação de que o leitor pode projetar suas tensões nas personagens ao se identificar com ele, por esse feito, o personagem ficcional se torna o *alter ego* e recebe os conflitos, os sentimentos antagônicos e desconfortáveis do leitor, ele os transfere para o outro, fazem parte do outro e de seu corpo,

sendo problema dele.

Ainda sobre a identificação, o leitor pode introjetar sensações e sentimentos experimentados por personagens em si no ato da leitura e passa a sentir que o bem-estar físico e mental o invadiu. Dessa experiência, há possibilidade de acontecer os benefícios de restauração do equilíbrio, renovação de forças, superação de crises de ânimo, fadiga, entre outros (CALDIN, 2010).

Do processo de leitura, o leitor pode se identificar com personagens principais ou secundários e realizar neles a projeção em uma forma de transferência de emoções e afetividades, de forma que o outro é o receptor que irá sentir os desconfortos causados pelo mal-estar e não o leitor. Do caminho inverso, o da introjeção, aqui o leitor recebe as cargas emocionais das personagens e passa a experimentá-las. Assim, ele pode assimilar ou repelir as características das personagens das histórias. Neste exercício, está a capacidade humana de reação frente às provocações de sentimentos que causam tensão e a busca por enfrentar a dor e desfrutar o prazer. O leitor recebe a colaboração das personagens da ficção para conduzi-los ao prazer e ao alívio do qual necessitam (CALDIN, 2010).

Outro componente da Biblioterapia é a introspecção, que Caldin (2010, p. 117) descreveu como “[...] uma percepção interior que permite aos sujeitos a reflexão sobre suas emoções [...]”, dessa autoanálise, nós podemos querer mudar algo que nos prejudica diante do outro e em relação às normas instituídas na sociedade, as que regem o bem-estar social.

Em Caldin (2010) foi possível averiguar a informação que dessa introspecção pode decorrer nas pessoas, como sendo o lampejo da consciência ao perceber no personagem ficcional a manifestação dos atributos que operam em nós. Da conscientização decorre uma possível mudança de comportamento, o que seria terapêutico é que o sujeito pode vir a se sentir melhor ao ter boa relação com o próximo, essa sensação influencia na saúde mental.

Os componentes da Biblioterapia nos fazem enxergar o quanto a literatura e o texto ficcional têm para contribuir com a vida das pessoas e com as pesquisas científicas.

Na catarse, o leitor tanto pode expurgar aquilo que o faz sentir mal ou tenso, sentindo o alívio dessa liberdade de sentimentos e tensões, quanto pode liberar os vários humores do corpo como o riso, a gargalhada, o contentamento, outros. Na fruição da leitura do texto literário, o leitor tem condições de sentir a catarse ocorrendo em seu corpo e expressá-la de diversas formas, seja de modo negativo, com o choro ou de maneira positiva, com alegria e demais contentamentos.

A identificação está na oportunidade de a afetividade do leitor estar atrelada a do personagem ou das personagens, uma vez que eles vivem a ação e quem as sofre são eles, o

leitor, então, aventura-se em segurança, sabendo que não passa de uma ficção. Ele faz a projeção dos sentimentos nas personagens e ele os vive. Por sua vez, quando o sentido é inverso — na introjeção —, o leitor experimenta a carga emocional da história e de seus personagens. Tudo isso auxilia na catarse e na terapêutica através do uso do texto ficcional. Por outro lado, a introspecção faz o leitor refletir sobre si e sobre atitudes comportamentais diante da sociedade e o que isso reflete em seu modo de viver diante do outro.

Para refletir sobre isso, apresentamos a história da Biblioterapia e seus benefícios através dos tempos, para analisar esses componentes em descrições de trabalhos sobre as práticas.

2.2.2 Biblioterapia: aspectos históricos

Para seguir com a história da Biblioterapia, a viagem no tempo será conduzida pelos trabalhos levantados em bases de dados para a composição da fundamentação teórico-conceitual desta tese. Assim, realizaremos a análise do que os autores têm publicado sobre Biblioterapia.

Ao tomar emprestadas as informações históricas dos trabalhos científicos publicados e selecionados para esta pesquisa, podemos perceber que a arte de contar histórias vem de longa data e sem forçar uma cronologia exata, mencionamos alguns exemplos apontados nas publicações que descrevem um pouco da narrativa oral.

Como forma de garantir a transferência de histórias de geração a geração, a oralidade teceu os fios das histórias até os dias de hoje por meio dos contadores de histórias. A esse respeito, um dos registros mais antigos encontrados nos trabalhos levantados nas bases de dados foi o informado por Townsend (2009) ao mencionar que os bardos eram os responsáveis por expressar as emoções por meio da arte de contar histórias e promover a cura durante os primeiros anos do século 11 d.C.

Os primeiros registros se voltam para o Antigo Egito, em que a prática antiga remontava a idade de ouro da civilização egípcia. Em Tebas, o Faraó Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a frase: Remédios para a alma. Neste período as bibliotecas egípcias eram construídas em templos denominados casas de vida, centros de conhecimento e espiritualidade, sendo chamada também de lugar de tratamento da alma. Registra-se, também que em 1272, no Hospital de Al-Mansur, no Cairo, os médicos recomendavam leituras de trechos do Alcorão como parte dos tratamentos dos pacientes. Os Terapeutas de Alexandria eram um grupo de judeus que acreditavam na oração, no diálogo e no ouvir a outra pessoa como

forma de cuidado deste outro. Dessa maneira, a palavra e a audição faziam parte do tratamento de doenças, segundo relatam: Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012), Alves (2017), Balbinotti (2017), Bortolin e Silva (2016), Castro e Pinheiro (2005), Deberty Martins (2012), Duarte, Vianna e Caldin (2018), Felipe e Gomes (2014), Gadelha e Tanus (2019), Garcia e Ferreira (2018), Grasselli e Gerlin, (2017), Jones (2006), Labbé (2015), Lima e Caldin (2013), Nascimento e Rosemberg (2007), Pereira (1996), Seitz (2006), Townsend (2009) e Valencia e Magalhães (2015).

Os termos gregos Βιβλίον e Θεραπεία, significam respectivamente livro e terapia, o que remete a uma forma de terapia por meio de livros. Dessa maneira, os gregos passaram a utilizar os livros e a leitura como uma das formas de tratamento médico e espiritual, em que as bibliotecas sendo espaços sagrados eram como a medicina para a alma, lugar visto como repositório de remédio para o espírito. A leitura era uma forma de conversar com os antepassados e constituía prazeres da alma. Dessa feita, a biblioteca era o lugar de cura da alma, conforme mencionam: Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012), Bahiana (2009), Bortolin e Silva (2016), Brewster (2008), Caldin (2009, 2010), Castro e Pinheiro (2005), Gadelha e Tanus (2019), Grasselli e Gerlin (2017), Garcia e Ferreira (2018), Labbé (2015), Lima e Caldin (2013), Nascimento e Rosemberg (2007), Ouaknin (1996), Pereira (1996), Seitz (2006), Sridhar (2000), Townsend (2009) e Valencia e Magalhães (2015).

Romanos do primeiro século tinham leitura e medicina associada uma à outra em práticas em que a leitura era considerada um tratamento médico. Dessa feita, o médico e escritor romano *Aulus Cornelius Celsus* recomendava a leitura para seus pacientes, estimulando os leitores. Após ler o livro era realizada a discussão das obras selecionadas como recurso terapêutico e assim, o médico conseguia desenvolver a capacidade crítica dos que cuidava com a indicação de escritos dos grandes oradores de sua época. Entre os romanos existiam outras práticas como a da oração para serem lidas aos pacientes em busca de melhorias na saúde mental destes. Outra prática era a leitura da Bíblia como o recebimento de palavras de conforto, sendo vista como o cuidado pessoal. Desse modo, as civilizações egípcia, grega e romana viam nos espaços das bibliotecas o sagrado repositório de textos com capacidade terapêutica para serem utilizados em auxílio no tratamento de enfermidade. O cuidado com o Ser era assim representado na medicina e na literatura, sendo essa prática desenvolvida no Egito e na Grécia. Essas reflexões decorrem de pesquisas desenvolvidas por: Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012), Balbinotti (2017), Caldin (2009, 2010), Castro e Pinheiro (2005), Duarte, Vianna e Caldin (2018), Felipe e Gomes (2014), Labbé (2015), Leite e Caldin (2017), Lima e Caldin (2013), Nascimento e Rosemberg (2007), Pereira (1996), Seitz (2006) e Valencia e Magalhães

(2015).

Com o registro das histórias orais e a formalização da forma escrita temos diversos exemplos de textos que contam experiências que contribuíram para a superação humana, servindo de exemplo para as condutas no meio social e bem-estar coletivo, como exemplo temos o uso da Bíblia como remédio para os males da alma (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; TOWNSEND, 2009;).

As parábolas, os Salmos e os Provérbios são exemplos de textos bíblicos que promovem a sensação de tranquilidade, paz, promove a harmonia e contribuem para o apaziguamento das emoções (ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007).

Na sequência, mais um salto no tempo é registrado, quando as descrições históricas sobre a Biblioterapia encontradas nos trabalhos do levantamento bibliográfico para esta tese pulam quatro séculos, parando agora no Século XVIII, quando muito se falou na importância terapêutica da leitura ou uso da leitura com objetivo terapêutico ou, ainda, atividade terapêutica por meio de livros.

A Biblioterapia ainda não havia recebido esta nomenclatura, a prática era tratada e descrita em textos que remetem à sua origem na antiguidade, mencionando que em tempos remotos como o período da idade média, das civilizações egípcia, grega e romana. A leitura era utilizada como medida terapêutica para realização de tratamento em pessoas doentes, principalmente com desequilíbrio mental e físico. Nas construções de prédios como a exemplo da Abadia de Saint Gall na Suíça, à entrada da biblioteca constava uma inscrição sobre o valor terapêutico da leitura: tesouro dos remédios da alma. Demonstrando o valor do livro na idade média e a leitura como coadjuvante para o tratamento e a melhora de doentes. A leitura de textos sagrados como os provenientes da Bíblia e outros textos sagrados, escritos relatando a vida de santos, descrevendo epopeias, tragédias, histórias profanas eram recitadas durante as cirurgias neste período histórico. Os livros, principalmente as biografias, eram formas de transmitir a informação sobre a vida. Assim sendo, mesmo sem o nome definido como Biblioterapia o seu uso é registrado na história e é algo antigo, conforme declaram: Almeida, Gomes, Silva e Silva (2012), Balbinotti (2017), Bentes Pinto (2005), Castro e Pinheiro (2005), Duarte, Vianna e Caldin (2018), Felipe e Gomes (2014), Fonseca e Azevedo (2016), Gadelha e Tanus (2019), Labbé (2015), Lima e Caldin (2013), Nascimento e Rosemberg (2007), Pereira (1996), Ratton⁹ (1975), Seitz (2006, 2008) e Valencia e Magalhães (2015).

⁹ Informamos que até a data da realização da qualificação do projeto de tese, na base de dados BRAPCI, não constavam os trabalhos de Alves (1982) e Orsini (1982). Dessa maneira, não entram no texto desta pesquisa.

Em vias de término do século XVIII, registrou-se o trabalho de instituições humanitárias que se envolviam como tratamento de pessoas consideradas insanas e a inserção da prática da leitura como forma de recreação. Verifica-se a utilização de livros recomendados no processo de tratamento de pacientes com transtornos psiquiátricos na França, Inglaterra, Itália e Índia, a leitura servindo para a reabilitação de pessoas (GADELHA; TANUS, 2019; PEREIRA, 1996; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Durante os anos do século XIX, na América do Norte, as práticas profissionais continuam com a utilização da leitura individual em hospitais como coadjuvante no processo de recuperação do doente, onde médicos, psicólogos e psiquiatras recomendam o uso da biblioteca e a leitura como ação da técnica terapêutica aos pacientes. Destaca-se o Dr. John Minson Galt II como um dos promotores da receita de leitura para os doentes. Nesta esteira estão os religiosos desse período. É no século XIX que surge o termo biblioterapia, com a profissionalização e especialização desta prática. As mudanças nas atitudes acadêmicas em relação ao uso da biblioteca trouxeram o uso da leitura como benefício ao doente em hospitais, prisões e expandiu para outros ambientes (CALDIN, 2009, 2010; CASTRO; PINHEIRO, 2005; DUARTE; VIANNA; CALDIN, 2018; FONSECA, 2014; GADELHA; TANUS, 2019; LABBÉ, 2015; PEREIRA, 1996).

No início do século XIX é possível verificar que psiquiatras valorizam a leitura no procedimento de tratamento dos pacientes com transtornos psiquiátricos, com idosos e com aqueles que apresentavam algum conflito interno e buscava por ajuda profissional. Dessa forma, eram tratadas as melancolias, os medos, as ansiedades e as manias. Os médicos americanos selecionavam textos para leitura, estes eram dirigidos para cada paciente, buscando ser específico para tratar situações individuais dos pacientes hospitalizados. Assim, o 1800 e anos seguintes ficaram marcados por esse tipo de prática, com destaque para o Dr. Benjamin Rush (BENTES PINTO, 2005; GADELHA; TANUS, 2019; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

De 1802 a 1853, nos Estados Unidos, os médicos americanos intensificam a indicação de livros que eram previamente selecionados e adaptados às necessidades individuais para o tratamento de pacientes em hospitais e clínicas de saúde. Sendo estas práticas, os registros das primeiras experiências em Biblioterapia (BENTES PINTO, 2005; FONSECA, 2014; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2006).

Nesse contexto, encontram-se os feitos do pioneiro Benjamin Rush que no ano de 1802 divulga em conferência suas pesquisas sobre construção e administração de hospitais a preocupação em construir pequenas bibliotecas como espaço para o entretenimento,

divertimento e instrução de pacientes que estavam nos hospitais. Assim sendo, ele foi o primeiro investigador norte-americano a indicar e recomendar a leitura aos pacientes que eram doentes comuns, com aqueles que tinham conflitos internos ou desânimo ou medos; assim como no auxílio da condição de vida de idosos, com o apoio da leitura no tratamento da psicoterapia. Ele visava a leitura que transmite saber para que as pessoas pudessem obter informações diversas (CASTRO; PINHEIRO, 2005; LABBÉ, 2015; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2006).

Benjamin Rush recomendou a biblioterapia como apoio ao tratamento na psicoterapia, usando a literatura com pessoas que apresentavam conflitos internos, depressão, medos ou fobias, no ano de 1810 (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; BORTOLIN; SILVA, 2016; CASTRO; PINHEIRO, 2005; DUARTE; VIANNA; CALDIN, 2018; LABBÉ, 2015; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; SEITZ, 2006).

Uma contribuição para a narração de histórias se deu com a promoção da coleta de histórias que eram contadas e ainda não registradas. Nesse sentido, temos a contribuição dos Irmãos Grimm, que no século XIX escreveram uma coletânea de contos (TOWNSEND, 2009), cujos enredos são recontados e disseminados até os dias atuais.

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, Henri La Fontaine, Esopo, Hans Christian Andersen e Charles Perrault são exemplos de pessoas que coletaram histórias contadas pela sociedade e compilaram coletâneas para registrar e não perdermos os contos, as fábulas e demais narrativas poéticas. Por esse feito, refletimos sobre os registros, verificamos enredos que provocam a imaginação e a catarse, além de possibilitar mudanças de comportamentos, tendo em vista que muitas histórias continham fundo moral, principalmente as fábulas.

Como forma de contribuição para a Biblioterapia, as histórias orais, quando já registradas, podem ser utilizadas em vivências com o objetivo de provocar catarse e identificação (projeção e introjeção) nos participantes, de igual modo por meio de uma reflexão pode acontecer a introspecção com possível mudança de comportamento e atitudes. Muitas histórias provocam o riso, por conter conteúdo bem-humorado.

Nas Vivências em Biblioterapia com grupos é recomendável o uso de textos curtos como a poesia, a crônica, o conto, para que a história seja iniciada e terminada e os leitores ou ouvintes possam compreender o conteúdo e o desfecho contribua para as manifestações dos participantes sobre a obra. Salientamos que é prática utilizar trechos de livros em vivências, pois o propósito da pessoa mediadora é o de discutir sobre temas e não o enredo e a vivência daquela personagem da história em específico.

Outra prática pouco usual é a recomendação de leitura de romances completos. Aqui romance pode ser entendido como a obra ficcional como ficção científica, distopia, chick-lit,

terror, drama, entre outros gêneros. Para utilização de um romance em Biblioterapia seria necessário ler a obra antes e os participantes realizarem suas anotações e no encontro procederem com a explanação sobre sentimentos, emoções, pensamentos, reflexões e interpretações do que foi lido. Isso toma tempo e exige dos leitores, para tal prática é preciso ter a participação de leitores dispostos a essa ação de leitura prévia dos textos mais densos.

Existem aqueles que oferecem a Vivência de Biblioterapia para a leitura conjunta de romances com páginas maiores que os da poesia, da crônica e do conto. É uma possibilidade que precisa de envolvimento, tempo e disposição para realizar. Mas, ela existe e é uma prática possível.

Seguindo na esteira de escrita de histórias que fazem pensar, refletir e analisar as situações da vida cotidiana e a verossimilhança estão as que foram escritas pelas irmãs Brontë (TOWNSEND, 2009), que vieram de uma família literária e escreveram diversos textos de romances e poesias. Charlotte, Emily e Anne são representantes de mulheres que fizeram sucesso na escrita de romances em sua época (BRONTË, 2018).

As irmãs Brontë passaram por um período em que o círculo social se resumia à família e a principal atividade eram os estudos e o prazer pela leitura e escrita literária. Elas trocavam os textos entre si para as considerações e melhorias dos textos. Segundo elas: “[...] éramos totalmente dependentes de nós mesmas e uma das outras, de livros e estudo, para os prazeres e ocupações da vida.” Elas trabalhavam concomitantes, cada uma em suas obras, na escrita de seus livros: “Jane Eyre”, “O morro dos ventos uivantes” e “Agnes Grey”. Enfrentaram muitas adversidades para obter aceitação e publicação dos textos e tiveram que lidar com preconceitos, mesmo utilizando pseudônimos masculinos (BRONTË; BRONTË; BRONTË, 2008, p. 7, tradução nossa).

Charlotte escreveu “Jane Eyre” e relatou a condição da mulher na sociedade, o senso de moralidade, bigamia, loucura, entre outros temas. Ela faz uma alegoria moralmente edificante do peregrino cristão, tendo como assunto principal o coração latejante de uma mulher. Dessa forma, a personagem Jane inspira a admiração em algumas pessoas e horror em outras de sua época. Ela foi uma heroína corajosa. Charlotte fez um apelo apaixonado para demonstração da igualdade das mulheres e zombou com as leis humanas e suas regras que dividiam a sociedade em classes sociais (CIOLKOWSKI, 2012).

Emily escreveu “O morro dos ventos uivantes” e descreveu sobre amor, dor, sofrimento, rejeição, injustiça, morte, caráter humano e degradação humana (BRONTË, 2018). Anne escreveu a obra “*Agnes Grey*”, com tema realista onde as pessoas comuns vivenciam situações difíceis da vida como: alcoolismo, astúcia, hipocrisia, humilhação, perseverança, natureza

humana, autoconfiança, entre outras. A história traz a protagonista em trabalho de governanta, colocação trabalhista que as mulheres conseguiam na época em que a história se passa (BRONTË, 2015).

Os romances têm a função de relatar histórias de amor idealizado, sonhado e vivido por personagens com características psicológicas parecidas ou divergentes, temperamentos fortes ou fracos, mulheres submissas ou revolucionárias. De igual modo, todos os problemas dos relacionamentos vividos por todos as personagens retratam uma sociedade e como elas se colocam perante o homem e a mulher. As mulheres percorreram caminhos árduos em que não havia vez e voz para elas. Não que a sociedade contemporânea seja diferente, mas hoje abriram alguns leques de possibilidades de lutas e resistências. Os textos das irmãs Brontë provocam diversas reflexões.

Outra literatura que despontou nos trabalhos selecionados nas bases de dados é a que se propõe a mostrar outra dura realidade, a dos órfãos ou das crianças abandonadas ou pobres. Um cânone deste tipo de narrativa é o Charles Dickens, ícone da literatura universal que escreveu textos que apesar de todo o peso que carrega na dramaticidade das histórias de vida das personagens é permeado pelo bom humor. Ele usa como recurso de seus escritos a caricatura, porém ela tem como característica a simpatia. Assim, Charles Dickens tem vasta bibliografia, no entanto, destaco suas duas principais e mais conhecidas obras que são “Oliver Twist” e “David Copperfield”.

Na primeira obra “Oliver Twist” (DICKENS, 1973) conta a história de um menino que é órfão e que passa a viver na pobreza. Ao iniciar o contato vivencial com ladrões e enredado por eles, percebe que não pode ficar naquela situação errônea. Uma história que retratou o mundo real da época e a passagem histórica da Revolução Industrial. Traz para o leitor um personagem vivendo dificuldades, tristeza, solidão, trabalho árduo, maus tratos e sua inocência sendo aproveitada por pessoas oportunistas.

Em sua segunda obra, a história de “David Copperfield” (DICKENS, 1972), também é obra realista em que o pequeno rapaz passa a viver abandonado nas ruas e experimentar situações difíceis na vida. No entanto, Dickens escreveu uma obra cheia de imaginação, drama, humor, sarcasmo e crítica, o que traz a tragédia e a leveza humorística em sua escrita.

Dickens descreve história de crianças em ambientes permeados pelos mais diversos tipos de abusos (TOWNSEND, 2009). Charles Dickens mostra suas obras em um mundo “[...] onde a realidade é vista através de um espírito prodigiosamente imaginoso, fantasista, cheio de humor e de perdão para com os defeitos humanos.” (DICKENS, 2008, p. III).

O Século XIX conteve diversos registros sobre as práticas sobre o uso da leitura no

tratamento de pacientes e as pesquisas científicas eram iniciadas com essas temáticas. Em 1853, a Biblioteca Pública de Boston toma uma postura assistencial (PEREIRA, 1996). O doutor John Minson Galt II foi o primeiro a recomendar literatura para os doentes e a escrever artigo sobre as práticas e os resultados no ano de 1853 (SEITZ, 2006).

Na década de 1960, o destaque foi a protagonista na literatura feminina: Louisa May Alcott (TOWNSEND, 2009), que em seu grande romance “Mulherzinhas” (em inglês: *Little Women*) desenvolveu nos leitores a nostalgia dos feriados, com atenção maior ao Natal, nos fazendo refletir sobre os valores humanos como a gentileza, generosidade, afeto familiar, alegria, humor e a surpresa (ALCOTT, 1982). Este tipo de gênero literário, o romance que pode ser utilizado em Vivências em Biblioterapia para discutir os temas presentes na obra.

As décadas seguintes registram o desenvolvimento de programas e ações que são voltados para os leitores em bibliotecas. No ano de 1876, Samuel Sweet Green da Biblioteca Pública de Worcester colocou em prática o programa de assistência ao leitor. Em 1877, Justin Winson da Universidade de Havard abriu o acesso às prateleiras de livros para que os estudantes pudessem circular e escolher os seus livros. Esse trabalho deu início ao Serviço de Referência. Na data de 1883 criou-se o cargo de assistente em tempo integral na Biblioteca Pública de Boston, enquanto em Columbia College encontrava-se uma biblioteca moderna com serviços de ajuda aos leitores no mesmo ano. O ano de 1891 registrou que o Serviço de Referência substituiu ajuda aos leitores e assistência aos leitores nas bibliotecas (PEREIRA, 1996). O século foi marcado pelo surgimento de trabalhos científicos relacionados à biblioteca e ação terapêutica antes do aparecimento do termo Biblioterapia (RATTON, 1975).

O Século XX é marcado por práticas médicas que adotaram o uso do livro, leitura e literatura como parte do tratamento de pessoas com doenças físicas e mentais. Assim, a relação literatura-psique humana exigia dos aplicadores deste procedimento a necessidade de seleção de material adequado aos que receberiam a orientação de leitura. Em sua fase inicial, muitos textos de ordem moralista e religiosa eram repassados, assim como textos científicos de diversas áreas do interesse humano. Criou-se como um neologismo o termo Biblioterapia, com primeiras práticas sendo divulgadas e ambientadas em hospitais. Dessa feita, foram implantadas as bibliotecas em hospitais para o fim de utilizar o livro como instrumento terapêutico. Após algum tempo, outras áreas do conhecimento se interessaram pela atividade biblioterapêutica. Nos Estados Unidos a Biblioterapia era difundida em outros contextos sociais, com a leitura sendo compartilhada e discutida em grupo (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012; ALVES, 2017; AZEVEDO, 2016; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; BENTES PINTO, 2005; BONNET, 2009; CALDIN, 2009; CALDIN, 2010; CALDIN, 2013; CALIXTO; BELMINO,

2013; FONSECA; GADELHA; TANUS, 2019; JONES, 2006; LIMA; FONSECA, 2014; MCLAINÉ, 2015; RATTON, 1975; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007; SEITZ, 2008; TOWNSEND, 2009).

Nos Estados Unidos, durante o período de 1900 a 1958 ocorreu um estudo exaustivo realizado por Artemísia J. Junier (LIMA; CALDIN, 2013). Neste ínterim foram possíveis muitas realizações que abordaram a biblioteca, o livro, o texto e a mediação como serviços para auxiliar as pessoas a lidarem com seus problemas pessoais e a minimizar os agravos de doenças a elas acometidas. Assim sendo, em 1900 decorreu a criação do Serviço de Referência na Biblioteca Pública de Detroit e nas filiais (PEREIRA, 1996), sendo este um trabalho de mediação da informação para fins de pesquisas e atendimento à necessidade de informação das pessoas que buscavam bibliotecas. Outro fato foi registrado em 1904 o trabalho da Biblioterapia sendo inserida como ramo da Biblioteconomia por meio das atividades desenvolvidas pela bibliotecária chefe do Hospital Wanderley em Massachussets, visando os cuidados com aspectos psiquiátricos da leitura (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; FONSECA, 2014; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2006; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

A data de 1904, no hospital psiquiátrico McLean em Boston, registrou-se o trabalho da bibliotecária Kathleen Jones com o uso da leitura como forma de preservação e tratamento de doentes (GADELHA; TANUS, 2019). De igual modo e no mesmo ano, o McLean Hospitals, em Massachussets implantou a prática da Biblioterapia (LABBÉ, 2015; RATTON, 1975). A Biblioterapia era utilizada com características conhecidas como Serviço de Referência, no entanto, voltado a atender à necessidade de informação sobre doenças e para contribuir com tratamento médico, uma prática assim integrada à Biblioteconomia (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012). Ficou, dessa forma, reconhecida como prática empírica em Biblioteconomia como estudos a serem aplicados em bibliotecas públicas e bibliotecas instaladas em hospitais (BENTES PINTO, 2005).

No ano de 1905, registrou-se que na Biblioteca Pública de Washington DC era possível encontrar o cargo de anfitriã bibliotecária, sendo as atividades realizadas como a guia de visitantes ou dedicada ao serviço de referência (PEREIRA, 1996). Na Biblioteconomia, o ano de 1906 trouxe a preocupação do trabalho com a leitura com a finalidade de profilaxia dos leitores (BENTES PINTO, 2005).

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) algumas bibliotecas foram instaladas nos hospitais do exército, a Cruz Vermelha contribuiu com os psiquiatras que tratavam de pacientes, fornecendo acesso aos textos literários para ajudar na recuperação dos soldados com traumas emocionais. A Biblioterapia era assim desenvolvida no Bureau dos Veteranos dos

Estados Unidos (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; BENTES PINTO, 2005; GADELHA; TANUS, 2019; GARCIA; FERREIRA, 2018; GRASSELLI; GERLIN, 2017; MCLAINE, 2015; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2006; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Nos anos de 1916 a 1920 as ações eram voltadas para atender os veteranos no tratamento de problemas psicológicos. Assim sendo, nos Estados Unidos, em Iowa, o Diretor do Comitê de Controle das Instituições do Estado à época citou o trabalho pioneiro em bibliotecas hospitalares desenvolvido pela bibliotecária chamada Carey (SEITZ, 2006). Nesse contexto, a Biblioterapia surgiu como prática que no ano de 1916 ficou conhecida como a leitura compartilhada com a posterior discussão em grupo (CALDIN, 2010; ALVES, 2017). Tem-se a base biblioterapêutica o uso de material de leitura, podendo ser aplicada para obter finalidades clínicas, fruição ou autodesenvolvimento. Exige a presença de um mediador com trabalhos em prisões, creches, escolas, centros comunitários e bibliotecas. A base teórica da Biblioterapia está no potencial terapêutico do material de ficção oferecido aos participantes. Destaque para o bibliotecário na figura do aplicador de Biblioterapia. Desse modo, pode-se descrevê-la como prática de cuidado com o ser (CALDIN, 2010; ALVES, 2017).

Por volta de 1920, Sadie Peterson Delaney, a bibliotecária Chefe da Administração do Hospital dos Veteranos dos Estados Unidos, no Alabama, utilizou-se dos recursos de indicar livros para o auxílio no tratamento de necessidades psicológicas e físicas dos veteranos de guerra para minimizar os males dos distúrbios dos soldados (BONNET, 2009; JONES, 2006; TOWNSEND, 2009).

No período compreendido de 1920 a 1930 outras ações foram feitas na forma de aconselhamento a leitores, indicação de textos para auxiliar no tratamento de pacientes (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2006), com destaque para o ano de 1928, quando é elaborada uma lista de livros para ser trabalhada com jovens (TOWNSEND, 2009).

Percebe-se, no ano de 1930, que a Biblioterapia inicia o processo de se instaurar como campo de pesquisa, com profissionais como o Dr. William C. Menninger. Sendo descrito na literatura científica, levantada para esta tese, como o primeiro pesquisador a citar os benefícios da Biblioterapia, isto no ramo da psiquiatria, em clínica psiquiátrica; Isabel Du Boir realizou pesquisas sobre a temática; Emma T. Foreman que, além de pesquisar, propõe o estudo da Biblioterapia, o estudo da leitura terapêutica como ciência, em oposição ao que apregoava Alice Bryan ao ver essa prática como arte. Diversos pesquisadores abordaram o caráter preventivo do processo biblioterapêutico, com intuito de entreter, desenvolver a pessoa em aspectos cognitivos, formar leitores. Pesquisas realizadas com diversas abordagens, públicos e contextos

(AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; BAHIANA, 2009; BONNET, 2009; BORTOLIN; SILVA, 2016; BREWSTER, 2008; CALDIN, 2013; CASTRO; PINHEIRO, 2005; DUARTE; VIANNA; CALDIN, 2018; FONSECA, 2014; GRASSELLI; GERLIN, 2017; JONES, 2006; LABBÉ, 2015; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; SEITZ, 2006; TOWNSEND, 2009; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Em meados do ano de 1930, foram registrados trabalhos e pesquisas desenvolvidos na Biblioteconomia, com foco em hospitais psiquiátricos, além de outras ações que foram registradas ao longo da década. Exemplo disso, foi o do caso de 1931, em que um programa foi criado para criar lista de leituras para adultos em liberdade condicional, com um trabalho de entrevista com os participantes. Dessa forma, em 1940, nos Estados Unidos, Flexner desenvolveu programas de leitura para diversos grupos (local e nacional), com o intuito de incentivar à leitura e usou dos recursos de criar lista de leituras para o público adulto que estava em liberdade condicional, sequenciando os trabalhos de 1931 (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012; GRASSELLI; GERLIN, 2017; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007).

A Biblioterapia passou a ser usada com pessoas que estão vivenciando situação complexas e precisando de ajuda. Em 1938, nos Estados Unidos, Margarete Wise Brown realizou trabalhos com o tema luto na literatura e no ano seguinte, John Gunther escreveu sobre a morte de seu próprio filho em livro para ajudar outras pessoas a entender o sentimento da perda (TOWNSEND, 2009). O Hospital Division of The American Library Association criou a primeira comissão de Biblioterapia em 1939, ano em que a Segunda Guerra Mundial instaurou um cenário de dor, angústia e muito desespero. Desse contexto, hospitais foram improvisados e ações de terapia em grupo, pois muitas pessoas necessitavam de auxílio da prática biblioterapêutica (DEBERTI MARTINS, 2013; SEITZ, 2006; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, nos Estados Unidos, foram disseminadas publicações e pesquisas significativas sobre a temática Biblioterapia, com avanços em práticas realizadas por médicos, psicólogos, bibliotecários e educadores (FONSECA, 2014; PEREIRA, 1996; SEITZ, 2006). Como prática, estavam os serviços de aconselhamento ao leitor, programas de orientação terapêutica por meio de livros foram realizados, programas de leitura para grupos variados em nível local e nacional, a realização da compilação de extensa bibliografia com relação de necessidades emocionais específicas contribuíram para que a Biblioterapia fosse desenvolvida nos mais diversos ambientes, como: Departamento de Educação de Adultos das Bibliotecas Públicas, Universidade de Chicago, Hospital dos

Veteranos nos Estados Unidos, sessões de Alcoólicos Anônimos, dentre outros. Neste cenário, artigos científicos contribuíam para a validade da Biblioterapia no ano de 1940 nos Estados Unidos (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012; LABBÉ, 2015; PEREIRA, 1996; RATTON, 1975; SEITZ, 2006; TOWNSEND, 2009).

O ano de 1941 marcou outras diversas formas de aplicação da Biblioterapia, como é o caso de Ilse Bry, uma profissional que foi psicóloga, filósofa e bibliotecária, contribuiu com estudos e publicações acerca dos aspectos médicos na literatura (CASTRO; PINHEIRO, 2005; FONSECA, 2014; SEITZ, 2006). Em práticas do uso da literatura, Peal Buck utilizava livros que refletiam sobre a morte (TOWNSEND, 2009). Surgiu pela primeira vez o registro do dicionário especializado, norte-americano, Dorland's Illustrated Medical Dictionary, em 1941 com a definição da palavra Biblioterapia, ficou descrito desta forma: o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doentes mentais, de doenças que atingiam o sistema nervoso dos pacientes (AZEVEDO, OLIVEIRA, 2016; BALBINOTTI, 2017; CASTRO; PINHEIRO, 2005; DUARTE; VIANNA; CALDIN, 2018; FELIPE; GOMES, 2014; GADELHA; TANUS, 2019; GARCIA; FERREIRA, 2018; GRASSELLI; GERLIN, 2017; LIMA; CALDIN, 2013; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; RATTON, 1975; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007; SEITZ, 2006; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Bruno Bettlheim é psicólogo austríaco e escritor de obras voltadas para a psicologia e psicanálise. Muito embora ele não usasse o termo Biblioterapia em seus escritos, ele mostrou que por meio da leitura dos clássicos infantis era possível ter acesso a um texto terapêutico. Quando ele descobriu o poder das histórias iniciou pesquisas e escreveu diversos livros sobre a temática terapêutica em meados de 1943, enquanto isso, no ano de 1945 surge o cargo de circulação de leitores, continuam os programas de educação de adultos, leitura orientada e posterior discussão das obras (PEREIRA, 1996; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

No período de 1946 a 1950 há o crescimento de artigos estrangeiros sobre Biblioterapia (SEITZ, 2006), sendo o ano de 1946 marcado pela área da psicologia e o uso da leitura e literatura como profilaxia (BENTES PINTO, 2005; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007), assim como para trabalhar com jovens desajustados (TOWNSEND, 2009).

Um dos trabalhos mais citados e importantes envolvendo Biblioterapia é o de Caroline Schrodes. Ela escreveu em 1949, uma tese de doutorado intitulada "Bibliotherapy: a theoretical and clinical experimental study", nos Estados Unidos, na Universidade de Berkeley, Califórnia. Sendo este estudo registrado como o primeiro Ph.D. em Biblioterapia, foi a primeira pesquisadora norte-americana a conceituar Biblioterapia como dinâmica constituída entre a personalidade do leitor e a literatura. Destacou a liberação da emoção no tocante ao uso

consciente e produtivo da emoção e imaginação para refletir e compor novas interpretações e informações. A Biblioterapia ganhou projeções e destaques por meio de sua pesquisa e trabalhos publicados (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016; BENTES PINTO, 2005; CALDIN, 2001; CASTRO; PINHEIRO, 2005; DEBERTI MARTINS, 2009; FONSECA, 2014; GADELHA; TANUS, 2019; GRASSELLI; GERLIN, 2017; JONES, 2006; LIMA; CALDIN, 2013; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007; SEITZ, 2006; TOWNSEND, 2009; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015; VENIA, 2013; PEREIRA, 1996).

Os trabalhos da Biblioterapia são iniciados em ambientes hospitalares, com a tendência de se atingir a outras áreas do conhecimento (PEREIRA, 1996). Ainda em 1949, Sofie Lazarfel descreveu um artigo relacionando o uso da ficção na psicoterapia (SEITZ, 2006). No mesmo ano, outros artigos são publicados sobre ficção e psicoterapia (CASTRO; PINHEIRO, 2005), decorrendo na consolidação da Biblioterapia em 1950 e anos seguintes (BENTES PINTO, 2005). Ainda em meio à Segunda Guerra Mundial, hospitais e países afetados pelos conflitos estavam contando com as bibliotecas para tratar dos pacientes, criando programas de leitura dirigidas e aplicadas por especialistas em saúde mental e bibliotecários (DEBERTI MARTINS, 2009).

Na área da educação, há a inserção da Biblioterapia no trabalho social e infância e enfermagem como componente catártico da leitura (BONNET, 2009). Na área da saúde, em 1950, o segundo Ph.D. em Biblioterapia é de Esther A. Hartman na Universidade de *Stanford*, Estados Unidos, ela escreveu a tese de doutorado com o título: “Imaginative as a projective technique: a study in Bibliotherapy”, usando a literatura imaginativa como técnica projetiva (CASTRO; PINHEIRO, 2005; LIMA; CALDIN, 2013; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007).

Em 1951 a Biblioterapia surge sendo aplicada por médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes (CASTRO; PINHEIRO, 2005). Em 1952, o registro do período de fuga do nazismo por uma família judia resultou no “Diário de Anne Frank”, durante a Segunda Guerra Mundial (TOWNSEND, 2009). O texto provocou a catarse nos leitores e faz refletir sobre as barbáries da guerra. No ano de 1956, novamente a literatura foi utilizada como técnica de aconselhamento (PEREIRA, 1996). Em 1957 foi criado o Comitê de Biblioterapia da Associação Americana de Bibliotecas, com aplicação e desenvolvimento de práticas biblioterapêuticas em hospitais (BENTES PINTO, 2005). Ainda nesse ano, nos Estados Unidos, Morrow e Kinney realizaram um estudo sobre as atitudes dos pacientes em relação à eficácia da leitura (SEITZ, 2006). A Associação de Bibliotecas de Hospitais e Instituições, já nos fins dos anos 1950, realizaram diversas trocas de informações, procedendo com o desenvolvimento de estudos sobre Biblioterapia nos Estados

Unidos (SEITZ, 2006; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

Nos anos de 1960 a 1970, a maior atenção para Biblioterapia se voltou para ações envolvendo a juventude e o tema da dor (TOWNSEND, 2009). A década de 1960 demarcou o trabalho realizado com mediação entre livros e não videntes, buscando facilitar a vida profissional de pessoas com deficiência visual. Outros estudos se voltaram para a prática do profissional que realizava a aplicação de Biblioterapia com o intuito de provocar a imaginação e o senso crítico dos participantes em prol do bem-estar dos envolvidos no processo da leitura (PEREIRA, 1996). Por essa feita, temos, nas Ciências Sociais e do Comportamento, a disseminação de estudos e pesquisa sobre o uso da leitura na mudança de comportamento, assim como na área da Biblioteconomia (SEITZ, 2006).

Houve um momento em que a Biblioterapia foi aplicada em aulas norte-americanas, com vistas a uma forma de ensinar crianças a enfrentar temas como morte, divórcio, drogas, entre outros (LABBÉ, 2015). Os temas delicados são difíceis de serem abordados e a leitura e literatura são portas possíveis de se abrir para um caminho da conversa e do diálogo em busca de tentar socializar e expurgar o que tanto tempo ficou trancado dentro do Ser, que precisa colocar para fora e ter o alívio da tensão da não fala. Desse modo, falar de perda com crianças precisaria de ser algo mediado pelo texto e pela ilustração de livros com abordagem neste tipo de temática, entre outros. Apesar de a prática ainda não receber o nome de Biblioterapia, as escolas dos Estados Unidos já realizavam atividades que eram característica desta arte.

O primeiro dicionário não especializado a fazer o registro da palavra e a trazer a definição de Biblioterapia foi o Webster's Third International Dictionary, que em 1961 mencionou o uso de material de leitura selecionada, como coadjuvante terapêutico em medicina e psicologia. Trazendo também a descrição de ser: guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida, foi mais tarde adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições (AZEVEDO; LIMA; CALDIN, 2013; BONNET, 2009; CASTRO; PINHEIRO, 2005; DUARTE; VIANNA; CALDIN, 2018; FELIPE; GOMES, 2014; OLIVEIRA, 2016; RATTON, 1975; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007; SEITZ, 2006; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015). Nesse mesmo ano, ainda ocorreu a definição do Dicionário Random House descrevendo a Biblioterapia como uso da leitura de forma coadjuvante na melhoria da pessoa em terapia (ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007).

Se formos voltar nosso olhar para textos que poderiam ser utilizados em práticas de longa duração de Vivências em Biblioterapia, encontraríamos nos Estados Unidos, Frances Hodgson Burnett, ele publicou em 1962, a obra ficcional "O Jardim Secreto", que abordava as seguintes temáticas: morte de familiar, hipocondria, amizade e superação (TOWNSEND,

2009); este é um exemplo de romance deste período que é possível de ser utilizado em diversos encontros de Vivências em Biblioterapia.

Como registro histórico de anos ainda na década de 1960, o levantamento trouxe apenas dois anos: em 1963 nos Estados Unidos, a Biblioterapia aplicada no trabalho com jovens em abuso de substâncias e em tratamento para o ajustamento emocional (TOWNSEND, 2009); e, no ano de 1967, nos Estados Unidos, as pesquisas em hospitais estaduais de saúde mental continuam aplicando a Biblioterapia (SEITZ, 2006). Período este marcado pela forte aplicação da prática biblioterapêutica em clínicas e unidades de saúde em atividades de auxílio ao tratamento de pacientes. Como se pode observar, a seguir, das décadas de 1970 até 1990, a Biblioterapia apresentou outras características e outros cenários de aplicabilidade e público-alvo.

Das décadas 1970 e 1980 pode-se perceber a usabilidade da Biblioterapia criativa, com abordagem popular nos Estados Unidos (BREWSTER, 2008). No Brasil, algumas práticas começam a ser notadas (GADELHA; TANUS, 2019). No entanto, até a década de 1990, nos Estados Unidos, o campo da psicologia dominou as práticas de Biblioterapia com tratamento de crianças, adolescentes e adultos atingidas por problemas envolvendo questões de parentalidade, relacionamento, asserção, comportamento, hábitos, felicidade, adaptação, saúde, estresse, sexualidade, ansiedade, atitudes, autoconhecimento, autoconfiança e perda (SRIDHAR, 2000).

Na década de 1970, nos Estados Unidos, Rhea Joyce Rubin editou e publicou “Livro de origem da Biblioterapia e Biblioterapia: um guia de teoria e prática” (JONES, 2006; TOWNSEND, 2009); a base para a Biblioterapia é ampliada e este se torna um campo explorado por médicos, psicólogos, bibliotecários, educadores e outros profissionais com relatos de benefícios da Biblioterapia (SEITZ, 2006); a prática se expande no campo da saúde mental, sendo aplicada em diversos lugares: com crianças, idosos, deficientes, diabéticos e anoréxicos; para o desenvolvimento de habilidades; em práticas de médicos, psicólogos e enfermeiros; no ramo da justiça criminal, do serviço social, da educação e de terapia ocupacional. As bibliotecas hospitalares continuam a ser utilizadas para a indicação do uso de ficção e não ficção, sendo as práticas de todos os profissionais que aplicam a Biblioterapia convergente em um ponto comum que é o uso da literatura como ajuda para pessoas com problemas emocionais e sociais (BONNET, 2009; MCLAINE, 2015).

Novidades são apresentadas no campo da Biblioterapia a partir da segunda metade da década de 1970, como será mostrado a seguir. O ano de 1973 tem como a data de publicação de um livro em que uma criança em iminência da morte fica com raiva e volta-se contra Deus

(TOWNSEND, 2009). Essa obra foi utilizada nos Estados Unidos como meio de promover conversas biblioterapêuticas para falar sobre morte e dor; uma obra para trabalhar a morte, a tristeza, saúde, fé, religião entre outros temas. No ano de 1974, a Federação Internacional das Associações Bibliotecárias dos Estados Unidos propôs a elaboração de documento nas bibliotecas públicas e hospitais para desenvolver programas voltados para a Biblioterapia; em 1975 a American Library Association (ALA) publicou trabalho sobre a reabilitação da saúde por meio de serviços de bibliotecas (SEITZ, 2006). Em 1976 ocorreu o anúncio de usos do texto para o processo de interação dinâmica entre a personalidade do leitor e literatura.

As décadas de 1980 e 1990 apresentam o aprofundamento das questões teóricas e o surgimento de novos métodos de pesquisas para assegurar as aplicações e o delineamento de nova tendência científica (SEITZ, 2006; FONSECA, 2014).

Os anos 1980 marcaram a utilização de livros de autoajuda caracterizados por seu poder terapêutico por parte de certas leituras nos Estados Unidos (DEBERTI MARTINS, 2009). No ano de 1981, nos Estados Unidos, o uso de livros voltava-se para promover a saúde mental e os cuidados necessários para mente; em 1982, os trabalhos publicados sobre Biblioterapia versavam sobre a aplicabilidade em hospitais e a possibilidade para a ampliação em presídios; no ano de 1987, a Biblioterapia ainda era vista como procedimento auxiliar no programa correcional dos internos para ajustes de atitudes comportamentais; tratamento de depressão geriátrica, com idosos que apresentavam depressão leve e moderada e auxílio na redução da depressão por meio de obras de autoajuda; em 1989, as instituições responsáveis por cuidar de idosos utilizaram a Biblioterapia como forma de buscar o aumento do equilíbrio psicológico dos idosos (SEITZ, 2006).

Os serviços de Biblioterapia nos Estados Unidos eram voltados para o público adulto na década de 1990, principalmente os que estavam em campo correcional, para se trabalhar os sentimentos hostis e problemas específicos de toxicodependência e agressão (SRIDHAR, 2000). Ainda no campo da prática, os serviços continuavam fortemente atrelados à concepção clínica, no tratamento de saúde e doença e a leitura era utilizada como forma de nutrir o pensamento e a vida emocional com a geração de recursos psíquicos para sustentar as situações emocionais angustiantes (DEBERTI MARTINS, 2009).

Destaca-se, na década de 1990, no Reino Unido, o trabalho de J. K. Rowling (TOWNSEND, 2009) com a escrita da série Harry Potter, que trouxe vários elementos da arte de contar histórias e elementos do folclore de várias partes do mundo. Um mundo mágico que provoca nos leitores a imaginação, a criação, a alegria, a tristeza, a coragem, o medo, entre outros diversos sentimentos e inúmeras sensações durante a leitura da saga do menino que

crece entre o mundo dos homens, sem poderes mágicos e o mundo de magia, onde tudo pode se tornar possível. Romances, folclore e contos de fadas que estão permeados pela imaginação, criatividade e temáticas das condições humanas diante de situações diversas da vida (TOWNSEND, 2009).

Esse tipo de publicação de textos provocadores de reflexão, discussão, imaginação, criatividade, dentre outras, são citados em alguns trabalhos científicos como possibilidades de uso temático em conversas com pessoas jovens para que aos poucos consigam se abrir ao diálogo e, quiçá, ao expurgo de emoções contidas e provocadoras de tensões físicas e mentais.

Em continuação da cronologia histórica da Biblioterapia, o ano de 1991 apresenta-se como transação entre escritor e leitor (BONNET, 2009). Assim sendo, a mediação e o efeito estético começam a entrar no rol da Biblioterapia. O período compreendido de 1991 até a virada do século XX registra a diminuição do uso da Biblioterapia na área da Psicologia (SEITZ, 2006).

Nos Estados Unidos, o ano de 1992 se destacou pelo registro dos seguintes benefícios da Biblioterapia: contribuir para a compreensão intelectual, conhecer problemas e diagnósticos, desenvolver habilidades sociais, reforçar comportamento aceitável, corrigir ou remover comportamento nocivo ou confuso, promover a orientação espiritual ou inspirativa, possibilitar a melhora da emoção, explorar metas e valores pessoais, proporcionar uma oportunidade de catarse e *abreaction* — um tipo de catarse (SEITZ, 2006).

Em 1995, um trabalho envolveu a temática do abuso emocional e utilizou a Biblioterapia para o tratamento de pessoas que sofreram com este tipo de agressão (VENIA, 2013). Uma contribuição significativa e marcante foi a de 1996, quando o francês Marc-Alain Ouaknin publicou um livro que abordava a terapia por meio de livros, nos idiomas inglês e francês. Para este autor, a terapia tem relação com o caráter curativo proveniente do grego e hebraico e este tipo de terapia tem caráter preventivo (AZEVEDO; OLIVEIRA, 2016).

O século XX registrou diversas atividades relacionando a leitura com a tranquilidade da mente e da alma. Diversas ações se voltavam para o tratamento de pessoas com o uso do texto visando trazer conforto, identificação, solução para os problemas das pessoas.

No século XXI, a Biblioterapia é marcada por sua ampla área de aplicação e possibilidade de contribuição para ajuda ou alívio das tensões emocionais em diversas áreas do conhecimento. Na virada de século, no ano 2000, no distrito do governo local de West Yorkshire da Inglaterra, em Kirklees, foi realizado um projeto de Biblioterapia para os que sentiam que estavam socialmente isolados. Este trabalho teve a finalidade de empoderar indivíduos e de melhorar confiança e autoestima da população; no mesmo ano, no Reino Unido,

os pesquisadores relataram parcerias entre as Bibliotecas Públicas, com serviços de saúde para levar a Biblioterapia por meio dos serviços bibliotecários, com recomendação de títulos ou, da aplicação nas dependências da Biblioteca Pública ou, em clínicas, em escolas, em asilos e outras instituições que solicitassem o trabalho bibliotecário; no ano de 2001, programas de Biblioterapia foram criados por Bibliotecas Públicas em todo o Reino Unido, ainda em parceria com provedores de saúde, buscando possibilitar o acesso a material selecionado com o intuito de impactar positivamente nas condições de saúde mental e bem-estar de quem precisasse; no ano de 2002, na Inglaterra, foi criado o Conselho de Artes da Inglaterra e a Agência de Leitura, uma instituição de caridade que era financiada pelo poder público que tinha a finalidade de inspirar pessoas a ler mais e a encorajar essas pessoas a dividir seu entusiasmo pela leitura, dessa forma, era possível celebrar a diferença que a leitura faz na vida das pessoas (LEITE; CALDIN, 2017).

Registra-se, em 2006, o trabalho de livros sob prescrição médica no Reino Unido: a Agência de Leitura em parceria com médicos e bibliotecas indicavam textos que pudessem contribuir com experiências literárias para a reflexão dos leitores sobre as personagens ou enredo (BREWSTER, 2008; BREWSTER; SEN; COX, 2012).

Ressaltamos que a análise da coleta de dados nas bases possibilitou verificar uma lacuna existente no registro de publicações estrangeiras no período de 2007 a 2010, pelo menos os trabalhos levantados e selecionados para fazer parte desta tese não mencionam citação alguma sobre a aplicação de Biblioterapia neste recorte histórico. Doravante, em 2011 e 2012 há registros do Programa Ler para Conectar com a prática da leitura compartilhada e realizada em voz alta em experiências biblioterapêuticas (TUKHARELI, 2017).

Outro salto no tempo é decorrido e no ano de 2015, a Biblioterapia foi desenvolvida no Sistema de Saúde no Reino Unido e buscou promover um local que pudesse contribuir para o bem-estar, trazer um estilo de vida melhor, possibilitar o exercício do pensamento saudável e capacidade de lidar com as situações da vida com a resiliência, entre outros benefícios (TUKHARELI, 2017). Ainda no Reino Unido, no ano de 2018, a Biblioterapia se volta para aplicabilidades em que o benefício está no bem-estar das pessoas (ENNIS, AALIA, 2018).

A análise dos textos levantados nas bases de dados demonstra o panorama em que a Biblioterapia Clínica é evidente em estudos e publicações explorando esta possibilidade do uso e do desenvolvimento de programas biblioterapêuticos nos ambientes de saúde. Nas publicações, o que se percebe é o uso do texto como forma de auxiliar a pessoa que está em tratamento médico para aliviar os sintomas de estresse, cansaço, preocupação, depressão moderada ou leve, entre outras anomalias de seu estado físico e até mesmo mental.

Na sequência, iniciamos a análise dos textos publicados no Brasil e que tratam da temática Biblioterapia com o propósito de verificar autoria, local de aplicação, público-alvo, técnicas ou métodos adotados e conceitos trazidos sobre a temática.

2.2.3 Biblioterapia no Brasil

Dizer que a Biblioterapia é a terapia por meio da leitura de livros é uma forma muito simplista e reducionista da compreensão do termo (BENTES PINTO, 2005). Concordando com esta autora, é que ao longo do texto desta subseção, apresentamos e explicamos o termo e como ele foi expandido no decorrer da história.

Em sua apresentação histórica a Biblioterapia foi vista como arte, técnica, procedimento, dentre outras formas, até que em 1930 Emma T. Foremann defendeu que ela fosse vista, analisada, estudada, desenvolvida e praticada como ciência (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015). Nesse caso, ela está em constante desenvolvimento enquanto tal. Muitos trabalhos já foram publicados desde que o termo foi cunhado e divulgado no mundo.

No Brasil sua trajetória data como início em 1975, com o estudo publicado por Angela Maria Lima Ratton, tendo como título do trabalho “Biblioterapia”, publicado na Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contudo, a divulgação de trabalhos científicos tem sua crescente e será demonstrada nesta subseção.

Apesar de ter sido utilizada em diversas áreas do conhecimento, a Biblioterapia no Brasil ainda está em desenvolvimento. Posto isto, muitas áreas do conhecimento já se envolveram com as práticas da Biblioterapia e muitos outros ainda precisam conhecer e oferecer seus serviços e benefícios. Desde a sua constituição histórica até o século XXI, foram registrados trabalhos nas áreas da psicologia e medicina, voltados para tratamento médico com pacientes com alguns distúrbios moderado e leve.

Outras áreas como a Biblioteconomia, por exemplo, culminam na realização da prática da Biblioterapia de Desenvolvimento, em que a mediação da leitura ocorre para posterior diálogo em torno da temática de um único texto ou um conjunto de textos com temática afim. As práticas da Biblioterapia são poucas no Brasil, os estudos teóricos e conceituais também, tendo em vista o tempo em que a prática iniciou com o uso deste termo específico até o tempo presente.

Ao analisarmos todos os textos selecionados na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e realizarmos a leitura na íntegra do conjunto de trabalhos publicados no Brasil e indexado nesta base de dados, foi possível perceber o inevitável, que a

fundamentação conceitual acerca da Biblioterapia tem forte influência e embasamento das publicações estrangeiras; principalmente para a constituição histórica do que é Biblioterapia e da origem do termo, os textos estavam, em sua maioria, voltados para cura e tratamento de doenças da mente e do físico.

Destacamos que as palavras “cura” e “tratamento” costumam muito à Biblioterapia, uma vez que elas diretamente são associadas à área da Saúde e com a Psicologia ou Terapias, assim todo aquele que deseja ser um Biblioterapeuta é obrigado a ter algum tipo de formação nas devidas áreas que formam terapeutas, médicos, psicólogos, entre outras instruções. Esta tese tem como norte a definição de Biblioterapia de Clarice Fortkamp Caldin, em sua obra intitulada “Biblioterapia: um cuidado com o ser”, publicada em 2010. Para ela, Biblioterapia é um cuidado com o desenvolvimento do Ser mediante a leitura ou dramatização de histórias.

Torna-se necessário apresentarmos os dados sobre as publicações brasileiras que foram recuperadas no levantamento bibliográfico realizado para verificar como o conceito é cunhado e utilizado no Brasil. Na base de dados da BRAPCI, o termo “Biblioterapia” foi aplicado a todos os campos, visando ao interesse no desenvolvimento histórico da prática biblioterapêutica no País e assim recuperar todos os trabalhos indexados nesta base de dados com o termo especificado.

Os detalhes do procedimento de inclusão e exclusão dos trabalhos realizados em todas as bases de dados estão na Seção 3 Procedimentos Metodológicos. Não foram consideradas publicações de periódicos estrangeiros. O interesse da pesquisa se ateve a estudos publicados no Brasil, em revistas científicas brasileiras.

A análise das publicações em relação à Biblioterapia compreendeu: Tipo de publicações, Autoria das publicações, Quantidade de publicações por ano, Tipo de Biblioterapia Clínica ou de Desenvolvimento, em que ocorreu a prática da Biblioterapia.

A realidade de publicações científicas no Brasil sobre Biblioterapia na base de dados analisada apresentou o seguinte comportamento: do total de 48 (100%), 26 (54,166%) são artigos, 1 (2,083%) é comunicação, 1 (2,083%) é ensaio, 1 (2,083%) é entrevista, 1 (2,083%) é *paper*, 1 (2,083%) é pesquisa em andamento, 13 (27,083%) são relatos de experiências, 4 (8,333%) são relatos de pesquisas. Sendo que os artigos trazem a constituição histórica da Biblioterapia, sua inserção na subárea do conhecimento Biblioteconomia e a presença de aplicações em ambientes de saúde. Outra expressão de divulgação em periódicos são os relatos de experiência.

No que se refere à Autoria das publicações recuperadas na BRAPCI sobre Biblioterapia, o primeiro registro ocorreu em 1975 e o último em 2019. O que percebemos é que a maioria

dos autores publicou apenas um (1) trabalho sobre o tema, não voltando a pesquisar mais sobre o tema.

Dentre os autores que retornaram às investigações e publicaram estudos envolvendo a Biblioterapia, fica evidente a profícua produção de Clarice Fortkamp Caldin, a qual entre autorias individuais e coautorias contém 13 publicações indexadas na BRAPCI. Outra autora que tem elevado o número de trabalhos atuais é Carla Sousa, com cinco publicações individuais e em coautoria, seguida pelos seguintes autores: Edna Gomes Pinheiro, Evandro Jair Duarte, Karla Haydê Fonseca e Lucas Veras de Andrade, todos com duas publicações individuais e em coautoria.

Na Tabela 1 continuamos a análise de autores que publicam sobre o tema Biblioterapia em uma cronologia que inicia em 1975 e termina em 2019, em que registramos a quantidade de publicação periódica nesta linha do tempo.

Tabela 1 – Quantidade de publicação por ano

Ano de publicação	Quantidade de publicação
1975	1
1998	1
2001	1
2002	2
2003	1
2004	1
2005	2
2006	2
2007	2
2009	1
2011	1
2012	4
2013	4
2014	2
2015	1
2016	2
2017	7
2018	8
2019	3
Total	46

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em 1975, 1998, 2001, 2002, 2003 e 2004 apresenta-se registrada apenas uma publicação por ano. Assim sendo, mesmo com o registro de 46 trabalhos sobre o tema, ainda se considera escasso o número de publicação com estudos sobre Biblioterapia, pois considerando que em 1975 o primeiro artigo foi publicado em periódico brasileiro, somente 23 anos depois foi que ocorreu a publicação de outro artigo.

Com novo intervalo de três anos para o surgimento de outro registro, evidenciamos que de 2001 a 2011 as publicações continuam tímidas, com um (1) ou dois registros sendo submetidos aos periódicos científicos. Na BRAPCI não há ocorrência de trabalhos com indexação entre dos anos de 2008 e 2010. Já, em 2012 e 2013 ocorre um aumento, com quatro trabalhos publicados. No entanto, de 2014 a 2016 decaiu o número de registros sobre a temática, voltando a se elevar em 2017, com sete trabalhos e, em 2018, com oito submissões divulgadas. O ano de 2019 foi examinado até o mês de maio. Dessa forma, foram registrados apenas três trabalhos indexados na base BRAPCI.

Podemos perceber que a Biblioterapia ainda é um tema colocado em segundo plano na Biblioteconomia. Em uma sociedade em que a tecnologia está em alta e as análises

bibliométricas são mais exploradas, o trabalho qualitativo e descritivo é pouco divulgado envolvendo Biblioterapia. A palavra terapia pode ter amedrontado os bibliotecários e demais profissionais que não são da área da saúde, tendo em vista que a maioria das publicações descreve sobre a aplicabilidade do texto para fins de tratamento de pessoas com problemas físicos ou mentais. Para atuar como Aplicador de Biblioterapia, o ideal é que a pessoa realize cursos para aperfeiçoar seus estudos e aprendizados específicos para esta formação.

No Quadro 1, apresentamos a análise realizada a partir dos dados levantados na BRAPCI e com base na análise do conteúdo, focada em duas divisões da Biblioterapia: a de desenvolvimento e a clínica, sendo esta última preocupada com o auxílio no tratamento da pessoa doente e aquela voltada para o desenvolvimento pessoal.

Quadro 1 – Biblioterapia no Brasil – divisão

Divisão da Biblioterapia	Quantidade de trabalhos publicados
Biblioterapia clínica e de desenvolvimento	5
Biblioterapia clínica	13
Biblioterapia de desenvolvimento	37

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O resultado constante da análise dos trabalhos da BRAPCI demonstra que a Biblioterapia de Desenvolvimento está em ampla expansão no Brasil, registrando 37 publicações mencionando atividades biblioterapêuticas de desenvolvimento pessoal. No entanto, ainda constam na base de dados 13 trabalhos envolvendo a Biblioterapia Clínica em seu escopo. Historicamente, a prática biblioterapêutica tem foco e trabalho a partir de processos de tratamento da mente e físico do ser humano, como coadjuvante, auxílio aos pacientes em âmbito da saúde. Baixos são os números de investigações que se debruçaram sobre a Biblioterapia Clínica e a de Desenvolvimento em conjunto, com apenas cinco trabalhos divulgados. Percebemos que houve um aumento de trabalhos envolvendo a Biblioterapia de Desenvolvimento, com destaques para os anos de 2005 e 2012, com duas publicações. Enquanto o número cresce em 2013 e 2014 para quatro trabalhos, em 2017 sobe para seis estudos e em 2018 eleva para o número de 11 investigações publicadas.

No Quadro 2 está a representação dos locais de aplicação da Biblioterapia relatada em trabalhos indexados na BRAPCI, sendo eles: condomínio residencial, lar de idosos, biblioteca pública, universidade, associação social, escola e hospital. Quando o texto tratava da teoria ou do conceito, foi adotada a expressão “não se aplica”, considerando que não indica um local em que foi realizada a aplicação de Biblioterapia.

Quadro 2 – Biblioterapia no Brasil – local de aplicação

Local de aplicação da Biblioterapia	Quantidade
Não Consta	21
Hospital	9
Escola	4
Associação Social	1
Biblioteca Pública	1
Universidade	4
Lar de Idosos	5
Condomínio Residencial	1
Total	46

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

O Quadro 2 apresenta 21 registros envolvendo estudos sobre teoria ou conceitos de Biblioterapia. Foram evidenciados nove trabalhos aplicados em hospitais aos mais variados públicos. As escolas também são espaços de frequentes aplicações da Biblioterapia, com quatro menções em trabalhos. Universidades têm desenvolvido a prática, apresentando o total de quatro estudos realizados. Casa e lar de idosos são locais procurados para trabalhar a Biblioterapia, sendo encontradas cinco investigações da aplicabilidade nestes espaços. No entanto, a menção de apenas um (1) trabalho em biblioteca pública, associação social e condomínio residencial é um apontamento que chama atenção, pois estes espaços são de possíveis desenvolvimentos de Vivências em Biblioterapia.

No Quadro 3, demonstramos quem são os aplicadores de Biblioterapia mencionados nos trabalhos levantados para esta tese.

Quadro 3 – Biblioterapia no Brasil – aplicadores

Aplicadores de Biblioterapia	Quantidade de trabalhos
Professores Universitários	6
Bibliotecários	8
Estudantes de Biblioteconomia	12
Pedagogos	1
Enfermeiros	1
Psicólogos	3
Estudantes de Psicologia	1
Terapeutas Ocupacionais	1
Psiquiatras	1
Psicoterapeutas	1
Assistentes Sociais	2
Médicos	1
Estudantes de Medicina	1
Especialista em Saúde Mental	1
Faculdades	1
Técnicos em Relaxamento	1
Voluntários	1
Monitores	1
Não Consta	19

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Quanto a quem aplica a Biblioterapia em trabalhos publicados no Brasil, 19 trabalhos estavam relacionados à teoria e aos conceitos e não apresentaram um direcionamento único para a aplicabilidade em um local por um profissional específico. No entanto, identificamos 12 trabalhos desenvolvidos por estudantes de Biblioteconomia, oito por bibliotecários, seis por professores universitários e três por psicólogos. Os demais aplicadores foram mencionados apenas uma vez, são eles: monitores, voluntários, técnicos em relaxamento, faculdades, especialistas em saúde mental, estudantes de medicina, médicos, psicoterapeutas, psiquiatras, terapeutas ocupacionais, estudantes de psicologia, enfermeiros e pedagogos.

No Quadro 4, estão relacionados os atores envolvidos na Biblioterapia que constituem os públicos-alvo da atividade.

Quadro 4 – Biblioterapia no Brasil – público-alvo

Público-alvo	Quantidade de publicação
Crianças	9
Adolescentes	1
Adultos	2
Idosos	9
Todos	3
Não Consta	22
Total	43

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As crianças e os idosos são os que mais recebem a atenção dos aplicadores de Biblioterapia e têm projetos desenvolvidos para eles. Apenas três trabalhos divulgaram que a Biblioterapia seria aplicada a todos e dois estudos voltavam-se para a aplicabilidade com adultos. Em trabalho com teorias e conceitos estão 19 trabalhos publicados e indexados na BRAPCI. No Quadro 5 estão elencadas as técnicas para aplicar a Biblioterapia.

Quadro 5 – Biblioterapia no Brasil – técnicas

Técnica ou método	Quantidade de trabalho
Atividade lúdica*	12
Contação de histórias	6
Diálogo	12
Dramatização	6
Escrita	3
Leitura	21
Leitura dirigida	1
Música	6
Palhaço	1
Relaxamento	3
Vídeo	2
Não Consta	20

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A leitura é mencionada massivamente, estando presente em 21 trabalhos. O diálogo e as atividades lúdicas são mencionados em 12 estudos, sendo exemplos: maquete, desenho, brincadeira, artesanato, origami, entre outras. A utilização do recurso da música, da dramatização e da contação de histórias são ditas em seis investigações. Apenas três publicações mencionam o relaxamento e a escrita como técnica utilizada na Biblioterapia. A aplicação de recursos de vídeo, de leitura dirigida e da palhaçadaria foi pouco mencionada nos estudos elencados da BRAPCI.

este processo de leitura leva a pessoa para a dimensão do texto, das palavras, da informação e evitando pensar em problemas.

A prática da leitura de textos com conteúdo leve e bem-humorado é um recurso para promover o alívio das tensões da vida. Foi isso que Rattón (1975) caracterizou como Biblioterapia na citação anterior, para ela, o acréscimo decorrente da leitura (informacional ou emocional) tem a possibilidade de cooperar para o desenvolvimento do leitor.

Biblioterapia é um complexo de planejamento, textos, aplicadores, leituras, narração, dramatização, leitores, ouvintes, espectadores, interpretação e diálogo. O texto ao permitir a identificação do leitor, ouvinte ou espectador tem a força da reflexão para fazer a pessoa verificar seu comportamento e sua emoção ocorrendo mudança ou não em seu interior e em sua essência. Como bem cita Rattón (1975, p. 203), “Se um texto isolado não age imediatamente efetuando uma mudança, ou não seja um estímulo suficiente para provocar uma resposta, pode causar uma facilitação para modificações futuras de atitude e comportamento.”

Por vezes, da vivência de Biblioterapia o texto fica como uma semente em algum lugar do fértil terreno que é o cérebro de uma pessoa, que no tempo certo irá brotar e dar os frutos que poderão trazer o alimento para as necessidades vitais para o cognitivo do ser humano, que é a informação para gerar o conhecimento. Detentor da informação e em desenvolvimento de conhecimentos, a pessoa tem condições de resolver problemas que demandem por informação. A informação pode ser proveniente de livros teóricos, técnicos, didáticos ou informativos para o desenvolvimento pessoal e de formação das pessoas. Todavia, ela também tem a possibilidade de estar nas entrelinhas de uma história lida, narrada ou dramatizada em sessões de contação de histórias, rodas de leituras, clubes de livros, entre outras.

Essa informação que está na leitura literária, no texto ficcional, nem sempre é percebida por leitores, ouvintes ou espectadores em sua totalidade em um primeiro momento. Muitas vezes é necessário voltar ao texto para que, na leitura, se possa perceber outras facetas ou ter outras perspectivas que até então não surgiu aos olhos ansiosos ou desatentos. Desse encontro do leitor, ouvinte ou espectador com o texto é que a informação vai, aos poucos, se apresentando. Claro que existem aqueles leitores que em uma primeira visada — apurada e parcimoniosa — conseguem enxergar o todo. No entanto, o outro lado também existe e se refere àqueles leitores que, ao ter contato com um texto pela primeira vez, enxergam na história o que está na primeira camada, precisando voltar à história para perceber que existe(m) outra(s) camada(s). Nessa oportunidade, as múltiplas possibilidades — interpretações — ocorrem e o texto se desdobra e tem condições de ser reestruturado e reorganizado, passando a ser outro texto, aquele que o leitor inferiu tantos aportes que já não é só o texto que o autor idealizou e

formalizou na forma escrita e impressa.

Caldin (2001) realizou um estudo em que baseou sua definição na tese de Caroline Shrodes. Biblioterapia é a leitura dirigida com posterior discussão em grupo, onde a interação entre pessoas as levam a expressar sentimentos particulares como: receios, angústias e anseios. Da partilha com outros e da troca de experiências e valores é que o homem não se percebe solitário e encontra nos outros os seus semelhantes. A função terapêutica da leitura está na forma de proporcionar a comunicação e no diálogo para socializar problemas emocionais e, por que não, físicos também (CALDIN, 2001).

Por intermédio da Vivência de Biblioterapia, quem aplica medeia textos que são direcionados ao público-alvo. A possibilidade da identificação com qualquer aspecto da história, personagens ou autor poderá promover o diálogo entre os participantes desta experiência. No grupo, as pessoas saem da individualidade para compartilhar o que as afligem e as incomodam, podendo perceber que outras pessoas passaram ou passam pelos mesmos problemas ou por algo parecido com o que vivenciaram ou vivenciam.

Os textos literários, na mediação da leitura em Vivências em Biblioterapia, contribuem para a humanização, empatia, educação e alívio das emoções dos participantes. Esta prática funciona como uma prevenção de aumento da carga emocional que poderá acarretar doenças psicossomáticas. Pela fala as pessoas podem expurgar o mal-estar que carregam ocasionados pelo estresse diário. Biblioterapia é ferramenta terapêutica promotora da humanização; em curto prazo, as atividades visam à prevenção, educação e extensão da saúde (BUENO; CALDIN, 2002); nela “[...] a narração de textos literários que estimulem não apenas o intelecto, mas também as emoções.” (CALDIN, 2004, p. 86); ela tem condições de combater as tensões do dia a dia, conduzindo as pessoas para a pacificação das emoções por meio da catarse provocada pela fruição do texto literário, além de levar os seres humanos à satisfação de suas necessidades estéticas (CALDIN, 2002, 2003–2004).

Durante muitos anos a Biblioterapia foi amplamente divulgada com descrição de suas práticas dentro de instituições de saúde e em consultórios médicos, psiquiátricos ou psicológicos, sendo conhecida, após o termo Biblioterapia ter sido cunhado, como uma subcategoria denominada Biblioterapia Clínica. No Brasil não foi diferente, os primeiros trabalhos e as primeiras práticas se voltaram para esses ambientes. Muitos pesquisadores descreviam a Biblioterapia como uma forma de tratamento para pessoas já doentes. Seguindo nessa esteira, Bentes Pinto (2005, p. 31) conceituou o termo e o ampliou mencionando:

Entende-se a biblioterapia como uma prática leitora que utiliza textos verbais e não

verbais como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou, ainda, que enfrentam crise ou dificuldades em momentos tais como os de exclusão, ou integração social, de afastamento do convívio familiar, e de comunicação, entre outros.

Esta ampliação do termo caracteriza a Biblioterapia como uma subcategoria denominada Biblioterapia de Desenvolvimento (Educativa). Nessa, o emprego da leitura se volta para o diálogo sobre aspectos do cotidiano e suas dificuldades, levando os participantes a refletirem sobre suas condições e problemas ou a passar pela experiência da leitura e do encontro com a estética por meio da arte narrativa.

No texto literário há a oportunidade para a catarse, a qual propicia a liberação das emoções para aliviar tensões emocionais e físicas. A Biblioterapia como processo terapêutico planejado, conduzido e controlado do uso da leitura em atividade de desenvolvimento de práticas da leitura por meio da vasta seleção de tipo e gênero de material verbal como livros e demais textos, além dos não verbais como jogos, imagens, músicas, leituras dinâmicas, atividades lúdicas, ou seja, por vários domínios, é, assim, uma vivência multidisciplinar. Também pode ser entendida como programa de aplicação de leitura de textos literários com a intenção de proporcionar prazer e conforto e contribuir para ajudar e minimizar as pessoas com problemas mentais, emocionais ou físicos, e todos que precisam da promoção do bem-estar, além da discussão de temas e questões pessoais (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012; BENTES PINTO, 2005; BERNARDINO; ELLIOTT; ROLIM NETO, 2012; CASTRO; PINHEIRO, 2005; LEITE; CALDIN, 2017; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007; SEITZ, 2006; TARGINO; TORRES; ALVES, 2012; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015;).

Na prática da Biblioterapia situa-se a leitura de textos literários com abertura para as mais diversas possibilidades de interpretação do texto, este sendo o único que pode proporcionar a terapia, pois quando diferentes pessoas interpretam de diferentes formas o texto, o mesmo se abre para a capacidade terapêutica em virtude da ampliação de probabilidades de identificação com trechos, história toda ou personagens principais ou secundários, além do mais pode contribuir para resolver problemas de ordem pessoal. Nesse tipo de processo interativo o resultado se volta para a plena integração de valores e ações, na qual a leitura transcende a decodificação dos signos linguísticos, caracterizando-se como prática social. Considera-se benéfico o uso da leitura e literatura para a reflexão e auxílio a pessoas que em qualquer fase da vida podem se deparar com dificuldades como enfermidades, perdas, mortes, separações, violências, vícios, entre outras, submetendo-se ao processo terapêutico por meio da leitura. Esta

prática biblioterapêutica é um recurso que ressignifica a leitura prazerosa, na qual o texto selecionado, indicado ou escolhido, após ter sido lido, narrado ou dramatizado, provoca um estado de espírito onde há paz e diminuição das tensões nervosas, psicológicas, promovendo a leveza mental, bem como contribuindo para o desenvolvimento pessoal (BAHIANA, 2009; NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007; VALENCIA; MAGALHÃES, 2015).

“A biblioterapia, então, se torna um importante instrumento de tratamento e até mesmo de cura para os males da vida, sejam eles de ordem emocional ou física.” (JERÔNIMO; ROSSETO; SILVA; GONÇALVES; TREIN, 2012, p. 463), sendo divulgada e caracterizada como atividade terapêutica por meio dos livros, que está a serviço dos que dela recebem seus benefícios para tentar compreender e enfrentar questões particulares da vida (FONSECA; AZEVEDO, 2016), utilizando livros ou qualquer meio lúdico em busca do processo terapêutico, no qual a pessoa ressignifica uma problemática — psicológica, social ou cultural —, revelando significados aplicados pelos participantes e se conhecendo e reconstruindo a cada encontro com o texto e a leitura; uma prática que o foco está nos sentidos atribuídos e relacionados com problemas de vivência pessoal ou de grupos. Aqui o que o autor do texto quis passar como informação não é tão importante quanto a interpretação e o sentido que o leitor, ouvinte ou expectador atrelou ao conhecer melhor o texto (ANDRADE; MELO, 2017).

Evidencia-se que a Biblioterapia é uma técnica utilizada para seleção de textos em que a literatura é dirigida para ser aplicada a diversas questões da vida humana, visando uma forma de melhorar a vida da pessoa que recebe os benefícios de sua prática (GUEDES; BAPTISTA, 2013). Trata-se de uma complementação da educação formal. Com o uso da leitura dirigida e a discussão orientada é aplicada como terapia por alguém que possui habilitação ou capacitação para exercer sua prática (FELIPE; GOMES, 2014).

O caráter preventivo da Biblioterapia é o que a transforma em prática estética, social, política e de auxílio terapêutico para outras ciências. Estética por conduzir pela arte narrativa e literária ao mundo das percepções e do belo. Social por auxiliar com a resolução de problemas e importar-se com os que participam das Vivências em Biblioterapia, de modo a promover leveza nos momentos difíceis da vida. Política por colocar as pessoas em constante diálogo e em busca do bem-estar para todos.

Configura-se, também, como auxílio terapêutico quando contribui com entretenimento, interpretação, reflexão, informação e outros benefícios voltados para o ser humano que está em tratamento de saúde mental ou física. Advoga-se que o conhecimento por meio de textos pode fazer a pessoa entender o seu estado mental ou físico e que o entretenimento é uma forma de

fazer a pessoa viver momentos que a faça se desligar de seus problemas físicos ou mentais e auxiliem com a esperança de dias melhores.

Biblioterapia é uma prática de Mediação da Leitura Literária que tem sido desenvolvida na área da Ciência da Informação, Educação, Psicologia e Saúde, todas estas ciências são interdisciplinares. Elas podem trabalhar sozinhas com a prática, como também podem lidar com equipe das diversas áreas afins — sendo assim, elas são multidisciplinares. O cuidado com o Ser está em não provocar danos à sua saúde — mental ou física — e sim em trazer benefícios. O ato de leitura abre-se para o diálogo e para a discussão compartilhada sobre os ditos e os escritos (MOSTAFA; CRUZ; BENEVENUTTO, 2013). Como visto anteriormente, “A biblioterapia, além de educar, tem a ver com o sentir e o criar.” (LIMA; CALDIN, 2013, p. 605).

O objetivo da prática biblioterapêutica, também, está relacionado com o estímulo de *insights* provenientes de leituras e atividades lúdicas (CASTRO; PINHEIRO, 2005). Biblioterapia tem relação com criatividade, incentivo à leitura e pacificação das emoções, o que contribui para o desenvolvimento pessoal (LUCAS; CALDIN; SILVA, 2006). Nessa prática está contemplada a possibilidade de estimular a leitura, a socialização em grupo, promoção de momentos benéficos para a saúde, demonstração de afeto, ajuda para enfrentar dificuldades da vida como males e anseios, proporciona a descontração, a criatividade, o lazer e a fala — verbalização —, o diálogo sobre sentimentos (LIMA; CALDIN, 2013).

Dentre os inúmeros benefícios, ainda é possível obter a harmonia e o bem-estar que promovem a saúde ou auxiliam no tratamento dela, além de entreter, refletir, confortar quando a pessoa está em busca de resolver alguma situação de sua vida; encontra-se na Biblioterapia uma forma de manutenção da saúde — mental ou física — como também de estímulo ou promoção da leitura (FONSECA, 2014), ou como bem disse Azevedo e Oliveira (2016, p. 4), “[...] podemos inferir que a biblioterapia é a leitura de palavras benditas que alimentam o espírito e fortalecem o corpo, proporcionando um bem-estar humano.” A esse respeito, Caldin (2010) já havia afirmado em seu trabalho que Biblioterapia é um cuidado com o ser; sendo seguida por Alves (2017, p. 2065), que corroborou mencionando a prática de “[...] cuidado com o ser, que tem por base teórica o potencial terapêutico do material ficcional [...]” (ALVES, 2017, p. 2065); assim sendo, Jerônimo, Rosseto, Silva, Gonçalves e Trein (2012) aludem a influência direta da Biblioterapia nas emoções das pessoas, vivendo a experiência com técnicas de leitura e chegando à catarse; destarte, na Biblioterapia, o “[...] uso do texto literário para oportunizar aos interagentes do texto e da história um contato com a característica terapêutica da obra literária [...]”, alcança, por meio da catarse, o apaziguamento das emoções (DUARTE,

2018, p. 121). Sendo assim, “A Biblioterapia se constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.” (CASTRO; PINHEIRO, 2005, p. 3).

Da experiência de viver junto com personagens a história, o que se passa no enredo, sendo atingido pelo momento catártico provocado pela narrativa, o leitor, ouvinte ou espectador tem condições de se identificar com algum aspecto ou alguma personagem da história e por meio da introspecção, refletir sobre possibilidades de transformação, resolução de problemas ou alívio de dores, angústias ou demais sentimentos e emoções provocados pela leitura, narração ou dramatização de textos (DUARTE; VIANNA; CALDIN, 2018). Temos aqui, clara exemplificação do que Castro e Pinheiro (2005) mencionam a respeito da Biblioterapia como sendo a forma expressiva de atribuir sentidos à vida.

Na Biblioterapia de Desenvolvimento, o bibliotecário tem o papel de facilitador para o acesso ao material literário (ROSSI; ROSSI; SOUZA, 2007). Este profissional precisa conduzir os participantes ao encontro com a leitura, que na Biblioteconomia orienta as pessoas nas buscas por soluções de problemas que demandem por informação, atrelando soluções e prazer da leitura (ALMEIDA; GOMES; SILVA; SILVA, 2012).

Biblioterapia é campo de estudo da Ciência da Informação, que tem “[...] características de um processo de comunicação da informação que visa à mudança cognitiva do indivíduo, resultando na evolução do conhecimento pessoal.” (GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 248). Nessa área do conhecimento, o processo de comunicação está na mediação da informação ou mediação da leitura, sendo esta uma atividade do profissional da informação. Para Guedes e Baptista (2013), tanto a mediação quanto a Biblioterapia não são exclusivas da Ciência da Informação, tendo em vista que em ambientes específicos torna-se necessário formar equipe multidisciplinar, com ênfase na área da saúde, psicologia e ciências sociais.

Pode-se dizer que a “Biblioterapia é uma das vertentes da oralidade ou do ato de ler. Em sua vertente anglo-saxônica é uma técnica ou uma dinâmica de leitura em grupo [...]”, cujo objetivo é servir aos beneficiados uma forma de auxílio para pessoas que precisam de ajuda para ajustes e equilíbrio da saúde em processos de terapia, pessoas hospitalizadas, confinadas ou afastadas de suas rotinas de trabalho ou familiares (MOSTAFA; CRUZ; BENEVENUTTO, 2013, [não paginado]).

Temos na Biblioterapia uma ciência que está em desenvolvimento e tem como objeto o texto a ser mediado com pessoas capacitadas. Nesta mediação, há o encontro entre texto e leitor, e porque não dizer que o autor também é parte desta reunião para o início do jogo a ser jogado, em que o cenário da partida fica assim delineado: o texto sendo o campo, os jogadores o autor

e o leitor. Mas Biblioterapia também é uma arte, pois da leitura partimos para outro jogo, o da interpretação, que culmina em outra partida a ser jogada: o diálogo. Na conversa é que as impressões, as percepções, os temas, as provocações e demais elementos desta jogada surgem e criam toda a atmosfera do fazer biblioterapêutico.

O bibliotecário precisa estudar e desenvolver capacitação para atuar como Aplicador de Biblioterapia. Dessa prática, ele poderá trabalhar com textos em um processo de mediação seguida de diálogo, com a seleção de temas a serem abordados nas Vivências em Biblioterapia, ele precisa verificar quais são os interesses dos participantes no tocante à leitura (gêneros, autores, temas, outros).

2.3 TEORIA DO EFEITO ESTÉTICO

Para prosseguirmos nossa jornada é necessário visitar os escritos deixados por grandes pesquisadores da década de 60, como Wolfgang Iser e Hans Robert Jaus, que trouxeram questionamentos sobre a participação do leitor no ato da leitura. Assim, a Teoria do Efeito Estético foi amplamente estudada por Wolfgang Iser e surgiu após as reflexões acerca da Teoria da Estética da Recepção, explanada no ano de 1967 por Hans Robert Jauss durante um congresso em Constança na Alemanha com o intuito de trazer para a conversa a figura do leitor.

Na concepção de Jauss (2002a), o texto é criado para o leitor, que vive a experiência da obra de arte e seu efeito estético. Por causa da compreensão fruidora e da fruição compreensiva, o efeito e o significado do texto para o leitor formam o juízo estético com base na experiência do efeito e da recepção. A Teoria do Efeito Estético propagada por Iser (2002) tem a preocupação de verificar o efeito que a obra exerce sobre o leitor, priorizando a interação entre o texto literário e o leitor.

Jauss (2002a) disseminava sua ideia sobre os estudos da Teoria da Estética da Recepção, em que a experiência do leitor reconstrói um determinado tempo histórico e a possibilidade de interpretação do texto dos leitores em tempos diversos, além do processo de concretização do efeito e do significado da obra para o leitor contemporâneo. Por outro lado, o que Iser (2002) defendeu foi o efeito estético presente na experiência do leitor contemporâneo, uma vez que na recepção da obra, o leitor de uma determinada sociedade recebe a obra e vive a experiência da leitura por meio do momento condicionado pelo destinatário em concretização do sentido do horizonte mundivivencial.

Para Iser (2002) o efeito — enquanto momento condicionado pelo texto — traria o horizonte interno ao literário, implicado pela obra, ou seja, o horizonte de expectativa interno

ao texto deriva do próprio texto. O próprio Jauss (2002b, p. 76, grifo do autor) comentou que:

Wolfgang Iser, com *Der Akt des Lesens* (O ato de ler) (1976), coloca ao lado da teoria da recepção uma teoria do efeito estético, que conduz, a partir dos processos de transformação, à constituição do sentido pelo leitor e que descreve a ficção como uma estrutura de comunicação.

No excerto anterior, Hans Robert Jauss reconhece que Wolfgang Iser coloca em pauta a figura do leitor e os sentidos que são constituídos lado a lado com a recepção da obra pelos leitores. Isso dentro da estrutura histórica e social e do tempo da realização do ato da leitura. A esse respeito, nos estudos de Caldin (2012) foi verificada a constatação da autora de que Wolfgang Iser prioriza a interação do texto literário com o leitor, e tem sua atenção voltada para a pesquisa em torno das atividades de imaginação e de percepção do leitor ao entrar em contato com o texto literário.

A respeito da imaginação no processo de experimentação do prazer estético em relação ao objeto ausente, aquele que é irreal é o que está no campo imaginativo das pessoas. Dessa forma, a afinidade do objeto ausente com a imaginação derivante da experiência produz o prazer estético nas pessoas (JAUSS, 2002b).

A experiência estética é pendente de aprovação ou recusa dos que vivem o contato com a expressão artística, pois o prazer estético é um efeito sensível. Nessa vivência, o espectador pode perceber na representação do objeto aspectos que o afete ou que tragam identificação com algum dos ângulos da experiência. Esta pode despertar paixões e promover alívios de tensões por meio da descarga de prazer (JAUSS, 2002b).

Quando voltamos a atenção para o prazer estético da identificação, que na literatura se volta para a proteção da distância estética e a profundidade da atividade da fantasia, encontramos a seguinte informação:

O espectador no teatro ou no leitor de romances pode gozar-se como uma figura importante e se entrega de peito aberto a emoções normalmente recalçadas, pois o seu prazer tem por pressuposto a **ilusão estética**, ou seja, o alívio da dor pela segurança de que, em primeiro lugar, trata-se de um outro que age e sofre, na cena, e, em segundo lugar, de que se trata apenas de um jogo, que não pode causar dano algum à nossa segurança pessoal. Deste modo, o prazer estético da identificação possibilita participarmos de experiências alheias, coisa de que, em nossa realidade cotidiana, não nos julgaríamos capazes. (JAUSS, 2002b, p. 99, grifo nosso).

A identificação como lugar para a vivência do qual há entrega para experiência da emoção do que é vivido pelo outro — este outro sofre, age e a sua segurança pessoal está em risco — sendo esta uma característica de uma **ilusão estética** — uma possibilidade de

experimentalizar o que julgamos não sermos capazes de conseguir ou realizar tal feito na vida fora da ficção.

Nesse ponto, chamamos a sua atenção, leitor, para o cuidado com essa falsa segurança no ato da leitura, que de alguma forma pode abalar o psicológico do leitor em sua experiência literária.

Em vias de encerrar — pelo menos neste momento — as divagações sobre o prazer estético da percepção reconhecadora e do reconhecimento perceptivo de Aristóteles (2011), cabe relatar que esse autor menciona que o prazer está naquilo que é imitado e pode ser percebido pelos sentidos. Nesse caso, a estética é reconhecida pelo significado básico por um conhecimento oriundo da experiência e da percepção sensível (JAUSS, 2002b).

A catarse designada pelo prazer dos afetos e provocada pelo discurso ou pela poesia pode ser capaz de conduzir o ouvinte a uma transformação de convicções próprias e a liberação da psique. Essa experiência estética comunicativa básica liberta o espectador de interesses práticos e de implicações do cotidiano com o intuito de levá-los à liberdade estética da capacidade de julgar por meio do prazer de si e no prazer do outro. Vivência em que a conduta de prazer estético é liberação *de* e liberação *para*, na qual a consciência receptora permite renovar a percepção dos indivíduos em relação à realidade interna e externa (JAUSS, 2002b).

Voltamo-nos agora para Wolfgang Iser (1996a), que em seus estudos descritos na obra “O ato de ler” se debruçou sobre a Teoria do Efeito Estético correlacionando a tríade: autor, texto e leitor. Para ele, os três estão intimamente interconectados dentro de uma relação para a produção de algo ainda inexistente. Uma construção conjunta para representar o que foi previamente dado e deixado como incompleto. Nesse exercício de inferência, o que está ausente pode ser transformado em presente por meio de um jogo a partir de moldes.

No mundo moderno o aspecto performativo da relação autor-texto-leitor toma o que foi pré-dado não como um objeto de representação e sim como material a ser modelado como algo novo, sem predeterminações de traços, funções e estrutura do material previamente disponível na “realidade” (ISER, 2002).

O que temos aqui é o conceito de jogo sobre a representação, que tende a cobrir as operações no processo textual, pois ele não se ocupa do que poderia significar e nem tem de retratar nada fora de si próprio. Ele permite fazer a inter-relação autor-texto-leitor ser concebida como dinâmica que conduzirá ao resultado final (ISER, 2002).

Nesse jogo, “Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo.”, a leitura está em campo por meio do texto e os autores e os leitores estão jogando um com o outro, mediados por este texto (ISER, 2002, p. 107). Aquilo que ainda não é acessível à consciência

está no campo da intencionalidade e o autor se refere e intervém em um mundo existente para construir o texto que é um resultado de ato intencional do autor sobre o mundo; o texto irá se revelar no ato da leitura (ISER, 2002).

Pelo ato de ler, o leitor imaginará o mundo que está no texto e o identificará, após imaginar ele irá interpretar este mundo do texto. Dessa inferência do leitor, o mundo referencial contido no texto é modificado, pois ele imagina e interpreta em uma tarefa de visualizar o mundo e identificar de várias formas possíveis, transgredindo as formas do mundo do texto. Relação esta que se convencionou em um acordo entre autor e leitor para demonstrar que o mundo textual é como se fosse realidade, não sendo a própria realidade. Trata-se de um pacto ficcional. A ficcionalidade considera o “como se fosse” como o jogo a ser jogado no campo (texto) por jogadores (autor e leitor) em busca de um resultado, o ato intencional sobre o mundo (ISER, 2002).

Sobre este jogo, Caldin (2009) nos explica que a concepção de espaços vazios que Iser (1996) utiliza em seus trabalhos é proveniente de lugares indeterminados de Ingarden (1979), que considerava serem os preenchimentos realizados pelos leitores com valores estéticos e qualidades metafísicas por meio de suas representações e, assim constituir o sentido da obra.

Os espaços vazios do texto é que irão permitir o jogo entrar em movimento. Nessa partida, ganhar significa estabelecer significados e manter o jogo livre é a conservação em aberto do significado. Quanto mais o leitor joga os jogos do texto, mais este texto joga com o leitor, sendo esta ação uma performance em que o leitor tem um papel a ser realizado em um cenário apresentado (ISER, 2002). Quando o jogo está em movimento, fica em aberto o significado, que ao ser estabelecido, a partida termina com a vitória garantida.

Durante o ato da leitura, o leitor interpreta e busca por significações que parecem estar ocultas nos textos literários. Neles os lugares vazios são aqueles que não respondem ao que o leitor busca nas páginas do texto. O efeito do texto depende da participação do leitor e sua leitura, e a interpretação quando deixa de explicar uma obra e passa a revelar as condições de seus possíveis efeitos ela se constitui como sentido. Assim sendo, é no ato da leitura que os textos se tornam textos efetivos com a experimentação de mundos que podemos compreender quando conhecemos um mundo e ele nos toca (ISER, 1996a).

Explorando um pouco mais sobre a ideia da prática da leitura e o preenchimento de espaços vazios disseminada por Wolfgang Iser (1996a), este autor esclarece que na obra literária existem dois polos: a) artístico – o texto criado pelo autor; e b) estético – concretização produzida pelo leitor. A soma dessa polarização caracteriza a obra literária como algo a mais do que o próprio texto. Ela se constitui e concretiza da disposição do leitor no ato de leitura e

fica na intersecção do texto com o leitor.

Para Iser (1996a, p. 50), “A obra literária se realiza então na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor.” Inferimos que é no processo da leitura que a obra adquire o caráter próprio, sendo constituída do texto na consciência do leitor. “Em obras literárias, porém, sucede uma interação na qual o leitor ‘recebe’ o sentido do texto ao constituí-lo.” (ISER, 1996a, p. 51, grifo do autor).

Sobre os espaços vazios do texto literário e o horizonte de expectativa do leitor, ou ainda, o caráter virtual da obra literária, Caldin (2012, [não paginado]) menciona que eles “permitem averiguar como o receptor (leitor) do texto reelabora sua leitura a partir e inferências da realidade. Dessa forma, ler se configura como um processo dinâmico, o leitor indo além do texto, ao identificar o que está ausente ou obscuro.” A interação entre texto e leitor está na prefiguração que é estruturada para os leitores e por esse motivo é que se precisa descrever o processo de leitura como interação dinâmica entre texto e leitor (ISER, 1996b).

Para Wolfgang Iser, o texto literário não se basta, ele é composto pelo registro do autor e como ele reage ao mundo. Todavia, ainda necessita ter a experiência do leitor e a sua interpretação para que ao inferir novos sentidos ao que foi lido possa completar o resultado da obra. A tríade autor-texto-leitor contribui para o entendimento de que o texto literário tem a função de comunicar o que o autor quis dizer e a função de estimular as competências do leitor para inferir no texto suas impressões, preenchendo com suas projeções os vazios deixados pelo autor no texto (CALDIN, 2012).

O efeito que o texto causa no leitor é o ponto de interesse de Iser (1996a), o leitor no ato da leitura recompõe o texto e se envolve com ele ao ponto de transcendê-lo. A leitura é um processo dinâmico com atividade sintéticas, que exige do leitor que ele vá além do que está no texto. Ele faz a reconfiguração dos dados textuais para formar um novo texto. Nesse ato, o texto captura as ideias que são apresentadas pelo autor e as criadas pelo leitor, culminando em um ato de comunicação no diálogo entre o autor e o leitor (CALDIN, 2012).

No jogo de ficção, o leitor pode vir a ter uma experiência catártica, purificadora durante a leitura, pois ele está consciente de que a literatura é outra realidade em que tudo é possível e acabe de forma benéfica durante a jogada. Nesta última, o leitor realiza a leitura do texto e preenche os vazios com suas sensações, sabendo que está fazendo parte de um jogo e que não sentirá dor ou algum mal, que o resultado da experiência poderá ser benéfico para o seu desenvolvimento pessoal (CALDIN, 2012). Trata-se da ilusão estética, em que o outro ficcional vive e sofre em nosso lugar e que é tudo parte de um jogo de ficção.

O efeito estético está na possibilidade de o texto produzir no leitor sensações que precisam ser liberadas e os acontecimentos que precisam ser assimilados. Este efeito pode ser terapêutico, ao liberar os sentimentos, as sensações e expurgá-las sem provocar mal ou dor. Jogando com a ficção o leitor poderá participar de uma outra realidade, a das possibilidades e no final tudo acaba bem, a experiência catártica purifica o leitor com seu efeito e o libera *para e de*.

A Teoria do Efeito Estético tem muita relação com a Fenomenologia estudada e apresentada por Edmund Husserl (2000) e Maurice Merleau-Ponty (2011). Sobre esses autores, iremos aprofundar discussões na próxima subseção.

3 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

Nesta seção se encontram os fundamentos conceituais utilizados nesta tese, são eles: mediação da informação, mediação da leitura, leitura literária, biblioteca pública e bibliotecário mediador.

3.1 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO DA LEITURA

Mediar é um verbo que exige dos mediadores ação. Um processo em que o verbo agir tem a finalidade colocar em interação dois ou mais agentes. Por exemplo: na área da Ciência da Informação, os profissionais da informação investigam o conhecimento por meio do seu objeto de estudo que é a informação e seus fluxos com o intuito de disseminar o conteúdo informacional produzido.

Nesta área citada, a mediação ocorre das mais diversas formas possíveis, tais como: aquisição, organização, tratamento descritivo e temático, armazenamento e disponibilização da informação para os interagentes das unidades de informação. Esse tipo de mediação é o que Almeida Júnior (2015) denomina como implícita, pois não há a necessidade da presença da outra pessoa. Quando realizamos uma atividade diretamente com o interagente¹⁰ e o orientamos na busca por informações que satisfaçam a sua necessidade informacional, estamos em um processo de mediação explícita.

A Ciência da Informação abarca a mediação da informação em diferentes vertentes: linha de pesquisa, grupo de trabalho, laboratório de pesquisa, entre outros. Em seu bojo está o profissional da informação como representante mediador, a pessoa que está no meio e que é meio de mediação. Ele age formando elos de união entre informação e interagente para que na intersecção se encontre o que é desejado e útil.

Bortolin e Santos Neto (2015) nos ensinam que a palavra mediação tem origem no latim e pode significar intercessão, intermediação, intervenção e agenciamento. Na ação mediadora é preciso ter a interferência de um terceiro elemento com o intuito de articular, mediar ou conciliar os outros dois elementos da mediação. Para realizar a prática de mediação, aquele que “está no meio” do processo de encontro entre leitor e leitura é a figura do mediador. Por esta declaração, podemos afirmar que o ato de mediar é representativo de ser meio e estar no meio.

¹⁰ Interagente - termo sugerido por Corrêa (2014) e adotado nesta tese.

Chegamos ao consenso de que a mediação é a prática na qual a informação está de um lado, cada vez mais plural e vasta em sua forma e conteúdo. Do outro lado, está o interagente com necessidades diversas e complexas, que necessitam de buscas por informação para ajudá-lo a resolver seus problemas. Para mediar esses dois elementos, está o profissional da informação atuando como mediador, este é o terceiro ponto da intersecção da prática mediadora.

Um mediador da informação precisa ser competente em informação. Dudziak (2003) afirma, que este reconheceria a necessidade de informação das pessoas, ter a habilidade de localizar, avaliar e usar a informação. É a pessoa que aprendeu a aprender e se tornou autônomo, reconhece os sistemas de organização do conhecimento, sabe como encontrar e usar a informação e ainda contribui para o aprendizado de outros.

O mediador da informação que é competente em informação contribui com a recuperação da informação relevante e útil para o interagente. Ele conhece fontes, estoques e unidades de informação para o uso efetivo do acervo e contribuir para a resolução de problemas que demandem por informação. Esse profissional pode executar a prática mediadora por meio de uma intervenção local ou interceder pelo interagente com a indicação da fonte ou do estoque de informação em outra unidade informacional. Pelo processo de mediação da informação, o profissional poderá unir a informação certa ao interagente certo.

Ser competente em informação tem em suas características o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes em si e no outro, pois a Competência em Informação (CoInfo) se dá no olhar do outro e para o outro, porque é no coletivo que ela se efetiva. Assim sendo, a mediação em informação tem a vertente da busca, seleção, avaliação e do uso da informação para tornar o interagente autônomo e capaz de realizar novas buscas sozinho.

Na concepção de Martins (2014, p. 166), mediação:

[...] vem do latim *mediatione* que designa intervenção humana entre duas partes, a ação de dividir em dois ou estar no meio, indicando ideias de intermediação, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediador.

Nesta linha de raciocínio, encontramos aspectos de interação quando o ato do mediador é de intervir, relacionar, ligar, fazer a conexão entre um lado e outro ou entre diversos lados. O agir mediador pode partir do bidimensional e atingir o aspecto multidirecional. Vai depender do grupo para qual a ação será realizada.

O serviço de mediação descrito por Martins (2014) traz algo mais, pois temos aqui a

prática, com olhar atento para perceber na ação do mediador um agir que vai além da ajuda para encontrar ou oferecer informação aos interagentes. Culmina-se nas oportunidades de possíveis reflexões e interpretações sobre o conhecimento registrado, com a conseqüente produção de novas informações e na construção de um novo texto. Vejamos que o ciclo é reiniciado: 1º) necessidade, 2º) mediação, 3º) busca, 4º) seleção, 5º) uso da informação, 6º) interpretação, 7º) registros, e, 8º) novo texto, sendo que este último passo poderá servir para as pesquisas de novas necessidades de informação acerca do que já foi pesquisado e publicado sobre determinado tema.

Ao refletirmos sobre as informações coletadas e analisadas até aqui sobre mediação e o fazer mediador, verificamos que o paradigma da mediação da informação sofre alteração quando o profissional medeia de modo a ser ele uma pessoa que se coloca no meio da ação em desenvolvimento. Nesse novo paradigma, mediador é aquela pessoa que participa do processo, medeia uma coisa à outra, ou um lado a outro, tornando-se um terceiro elemento do agir e do fazer. No entanto, é fundamental lembrarmos que na sociedade da informação o cenário é de abundância e vastidão de recursos e suportes informacionais. Dessa forma, a mediação acontece entre os múltiplos pontos a serem ligados.

Em Almeida Júnior (2015), encontramos o reforço para este alerta acerca da característica do novo paradigma da mediação — mediar não configura ou não deveria configurar apenas uma ação funcional de elo ou ponte — torna-se necessário perceber no mediador a capacidade para exercer a função de estar no meio e ser meio, de modo a participar das práticas mediadas com a finalidade de não ser apenas uma peça que está entre e sim no meio, em interação. Por este olhar, a interação ocorre entre todos os elementos da mediação: informação-mediador-interagente.

Bortolin e Santos Neto (2015) reforçam esta informação defendida por Almeida Júnior (2015) e afirmam que há a necessidade de contestar a exclusividade dada à mediação de ligação ou ponte entre os elementos do processo ou da experiência, com a defesa do vínculo da mediação com vários elementos.

A nova prática mediadora no novo paradigma da mediação requer do profissional um perfil ativo que entrega informação ou serviços aos mediados sem esperar pela busca. Que ele possa se antecipar à busca do mediado e à solicitação de um serviço. A visão ou a ideia da prática mediadora precisa ser modificada (BORTOLIN; SANTOS NETO, 2015).

Entendido o conceito de mediação como uma tríade em que atuam informação-mediador-mediado, torna-se necessário demarcarmos que a informação oriunda das linhas e entrelinhas do texto literário é que importa para esta pesquisa. A mediação da leitura da qual

enfocamos a partir deste ponto do texto é a de material bibliográfico contendo contos, poesias, crônicas e ensaios. O que requer do mediador uma competência aprimorada. A este respeito, Silva e Bortolin (2006) defendem que é uma tarefa importante a ser desenvolvida por pessoa capacitada, compromissada e disposta a tornar a ação planejada e contínua. O mediador deve se colocar no meio do processo e ficar entre o livro e o leitor.

Os espaços de mediação da leitura literária são vários, mas para esta pesquisa delimitamos a Biblioteca Pública de Santa Catarina, pois ela oferta à comunidade a Oficina Literária Boca de Leão e, desenvolveu as Vivências em Biblioterapia para a coleta de dados e, conseqüentemente, para os resultados da tese.

Martins (2014) propõe a mediação em biblioteca pública com o objetivo de exercitar do direito do cidadão para obter acesso à produção cultural e simbólica que a humanidade produziu e acumulou. Defende que as pessoas precisam se inserir em espaços que possibilitam transitar no mundo da palavra escrita. A mediação com dinâmica e com abordagens permeadas de conflitos e questionamentos em busca de respostas conjuntas sobre o distanciamento entre o público e a biblioteca, as produções massivas para puro entretenimento (alienante), entre outros. Assim como, abrir o caminho para a entrada da arte neste contexto, pois ela é uma forma incômoda e questionadora de expressão cultural.

Pensar na biblioteca pública como local de armazenamento de informações para serem acessadas, quando a necessidade de resolver um problema requer informação, é muito limitante. Cada vez mais os interagentes estão em busca de oportunidades para o debate, a conversa, o diálogo sobre textos, temas, assuntos atuais e emergentes no cotidiano das pessoas vivendo no coletivo da sociedade.

A mediação em biblioteca precisa resistir à animação que distancia as pessoas da introspecção e da reflexão. Para tanto, a ação política da escolha do acervo e das atividades precisam ser conscientes (MARTINS, 2014). Encontramos aqui a ideia de que a formação da coleção bibliográfica deva contribuir para as discussões de temas latentes no cotidiano dos cidadãos. Com obras literárias disponíveis para o desenvolvimento de mediação da leitura literária em bibliotecas públicas, os projetos que ensejam o uso da literatura para o posterior diálogo podem ser oferecidos à comunidade. Este tipo de serviço nas bibliotecas públicas pode ser visto como ponto de partida para o encontro de pessoas com interesses em comum em torno de temas que desejam discutir, debater e refletir.

Por mais que tenhamos a consciência da importância de a mediação da leitura literária ser iniciada dentro dos lares, e continuada em outros ambientes nos quais transitam as pessoas em suas várias fases da vida, como defende Martins (2006), é preciso lembrar que nem todas

as famílias têm a prática da leitura ou acesso aos livros com facilidade. Nesse tocante, o serviço de mediação da leitura literária em bibliotecas públicas se torna fundamental para provocar os mediados no encontro com o texto. Que dessa provocação surja a vontade de buscar obras literárias para levar para casa e praticar a leitura em seus lares ou em qualquer outro lugar que desejar, quando do empréstimo do livro.

Em bibliotecas públicas contemporâneas os serviços de informação que foquem nos textos literários para os mais variados públicos precisam ser planejados e colocados em prática. Para esta ação, o mediador precisa fazer a seleção do acervo que irá utilizar em cada encontro. As obras bibliográficas com o uso da metáfora possibilitam a interpretação e apreensão dos significados por parte dos interagentes mediados de forma livre e com a contribuição de novos olhares e por outras perspectivas sobre o tema.

No processo de mediação é possível que ocorra a expansão do texto para outros lugares. O mediador pode focar em uma única temática ou abrir para outras mediante interpretações que tragam outras temáticas à tona. Cada leitor ou ouvinte tem sua bagagem cultural e cada um tem a sua história de leitura, que neste processo subjetivo de partilha se misturam, inferem, acrescentam, enriquecem e ampliam a experiência da leitura.

As possibilidades de inferência sobre um texto no ato da leitura e sua experiência cooperam para que ele possa ser ampliado e desdobrado, de modo que o assunto precisa ser discutido por mais tempo. Outros encontros podem ser marcados para continuar o debate sobre o tema, pois um texto não se esgota em uma única leitura, ele se abre para diversos outros encontros com os leitores e o seu conteúdo se alarga promovendo outras reflexões, interpretações, olhares, sensações etc.

Sobre a experiência da leitura, Martins (2014) disserta afirmando que a literatura é uma arte promotora de uma experiência saudável, em que ocorre o deslocamento simbólico, o qual permite ao leitor o questionamento sobre a vida, condição humana, apreensão do real, tensões e contradições. Isso na justa medida em que decorre o encontro com o outro e a possibilidade de pensar e construir mundos diversificados, transitando do fato e das estruturas do cotidiano e questionando juntos acerca de questões mais profundas do ser humano.

Envoltas em ações políticas, a literatura, a leitura e a mediação orientam para emancipar os sujeitos e os convocam para intervir na realidade com o conhecimento adquirido nos processos de leitura e reflexão. Dessa participação é que desponta a ação política mediada pela leitura e literatura. Outra ação política que cabe no processo de mediação é a de negar “[...] os mecanismos que engendram as consciências coisificadas, alienadas, buscando permitir a participação consciente do indivíduo nas práticas e processos sociais.” (MARTINS, 2014, p.

182), pois a mediação da leitura é a oportunidade de promover experiências para os leitores.

Trata-se de uma ação que possibilita a abertura para o questionamento, o diálogo, além de conhecer temas e assuntos que aprofundem o ser humano em questões do cotidiano e da vida. Por este pensamento, Martins e Bortolin (2006, p. 38) afirmaram que:

[...] mediação da leitura supõe um projeto e um acordo deliberado de co-criação de alternativas e co-gestão de textos, ampliando a cumplicidade entre mediador e mediando, não apenas no momento da escolha dos mesmos, mas também na discussão que estes possam provocar.

A partir desse exemplo, nos baseamos na ideia de que ser mediador é estar no meio e fazer parte do meio em um processo de relação próxima entre texto-mediador-mediado, do qual há conhecimento e diálogo constante. Para tanto, a ação de mediação “[...] não pode se contentar em forjar relações efêmeras, requerendo um acompanhamento [...]” (MARTINS, 2014, p. 182). Do processo de estar junto e interagindo é que provém a cumplicidade apontada por Martins e Bortolin (2006), ao declararem que juntos há escolha e discussão de textos e temáticas, com diálogos que vão além do texto, em um processo de criação e imaginação.

Quem pensa que o ato de mediar é simples, se engana. Como bem afirmou Silva (2009, p. 119): “A mediação da leitura, diferentemente do que se propaga, constitui-se em uma tarefa complexa, pois é responsável por possibilitar integração da leitura de mundo [...]” com o mundo do leitor, em que o leitor se integra ao mundo da história da qual lê ou ouve, podendo ser fantasioso.

Almeida, Costa e Pinheiro (2012) declaram que a mediação da leitura conduz à aproximação leitor-texto de maneira que o ato se torna significativo para o leitor; este receberá a facilitação de textos que vão ao seu encontro por meio de uma intervenção na informação para chegar-se ao leitor. O mediador da leitura contribui para que o seu fazer profissional transforme o ato de leitura em uma transmutação de leitura de signos para o entender e fazer sentido de quem recebe o texto, seja por leitura ou escuta.

O mediador tem papel fundamental no processo de mediação. Silva e Bortolin (2009) consideram que o mediador necessita equilibrar os procedimentos pedagógicos, culturais e informativos. Dessa maneira, ele demonstrará estar atualizado e atento às diversas manifestações culturais, na justa medida entre o erudito e o popular, sem qualquer tipo de preconceito ou elitização das ações.

É preciso ter embasamento em arte e literatura, pois “Se o mediador está alheio ao processo artístico, pode apresentar dificuldade para encaminhar a leitura com a liberdade que

ela exige quando da iniciação do leitor.” (SILVA; BORTOLIN, 2006, p. 17).

Características como a de sujeito ativo e leitor praticante, aquele que gosta de ler, faz com que o mediador seja alguém que gosta de compartilhar e desenvolver a prática da leitura em seus parceiros: os leitores. Na condição de quem optou por estar no meio e se envolver com o material lido e o desenvolvimento da prática da leitura nas entrelinhas. Este posicionamento faz dele um profissional que busca por novas significações no texto (MARTINS, 2006).

Como ação integradora de seu papel, o mediador promove o encontro entre o leitor e o texto com o objetivo de refletir sobre as ideias de diversos autores por meio de diálogos após a leitura, em uma iniciativa que demonstra a sua postura dinâmica em espaços de formação de leitor como a biblioteca. O gosto pela leitura vai chegando devagar e motivando os leitores a buscar mais textos correlacionados. Nesse processo, a fala de um mediador sobre a leitura e seus benefícios deve ultrapassar o discurso e ser demonstrado na prática: lendo. No procedimento da atividade de mediação, há motivação constante em um ato de paciência com o leitor e o seu desenvolvimento da leitura (GOMES; BORTOLIN, 2011).

Ser mediador requer gostar de ler, gostar de estar entre as pessoas, gostar do que faz e acima de tudo, respeitar as individualidades e o tempo de cada um; é estar rodeado de textos e rodear outros de inúmeros gêneros de textos. Assim, cada um escolhe o que lhe chamar a atenção e desejar.

Um conceito importante sobre mediador para a Ciência da Informação e para esta tese, está na apresentação de Bortolin e Santos Neto (2015, p. 39), segundo eles o mediador “[...] é aquele que se posiciona de maneira intencional e medeia algo ou alguma coisa para alguém, com o intuito de modificar a situação ou solucionar problemas.” No ato de mediar, o profissional consegue dialogar com os interagentes em prol do atendimento para ajudar na necessidade de informação. O mediador exerce sua função social quando consegue o que é essencial para o mediado (BORTOLIN; SANTOS NETO, 2015).

É preciso estar atento! O mediado precisa ser respeitado em suas escolhas, em sua individualidade, em seu processo de desenvolvimento da prática da leitura. Do mediador, se espera competência, paciência, experiência e amor pelo texto, pelo livro, pela leitura e literatura. O espaço de mediação precisa ser convidativo e acolhedor, o mediado precisa se sentir à vontade para estar ali e permanecer naquele local. É preciso cuidar com o material selecionado para a prática da mediação da leitura literária. Cuidadoso é o processo de planejamento e execução das práticas mediadoras. O espaço de mediação privilegia o leitor em formação e o mediador precisa estar comprometido com atividades contínuas em uma ambiência que promova o ato de ler (MARTINS, 2006).

O espaço estudado nesta tese é a biblioteca pública, que tem “[...] um espaço aprazível, confortável e acolhedor fisicamente [...]” (REIS; BORTOLIN, 2012, p. 60). Conta com a presença de um profissional para interagir na relação entre leitor e leitura com ações criativas e de modo a encantar o público que ali circula e participa dos projetos de duração contínua e permanentes para promoção do ato de ler (MARTINS, 2006; REIS, BORTOLIN, 2012).

No processo da mediação da leitura há uma presença mediadora que age para disseminar o material literário disponível para os leitores, o que leva à exigência de se conhecer melhor público leitor e levar para ele o que é possível mediar, para não correr o risco de cometer o “[...] erro de mediar doses fortes de leitura [...]” (MARTINS, 2006, p. 62). Lembramos que é necessário cuidar com a seleção do material mediado, pois este é um ato de cuidar do Ser que o receberá. Cuidar na administração das doses que o mediado receberá na experiência com a leitura mediada.

Reis e Bortolin (2012) reforçam o alerta acerca da escolha do texto a ser utilizado e citam os contos de fadas como exemplos para serem amplamente utilizados, por este tipo de texto literário trazer a abordagem de temáticas que se relacionam com o cotidiano das pessoas, como: vida, morte, solidão, abandono, felicidade, infelicidade, entre outros medos existenciais.

A respeito do contato do leitor com o texto, Gomes e Bortolin (2011) sugerem que o mediador amplie as possibilidades dessa aproximação das mais diversas formas de narrativas e aumente o campo de imaginação dos mediados, com histórias que provoquem o estranhamento e a aceitação das possibilidades do que está diante do possível e o impossível na vida real, que agora está representado no mundo imaginário da ficção, como: animais falantes e racionais, viagens no tempo, entre outras possibilidades.

Para o mediador da leitura literária fica o desafio de compreender os processos de mediação, como se faz mediação; entender o passo a passo da prática; mediar o texto para o leitor de forma gradativa; oferecer texto simples e avançar para o mais complexo; saber que o leitor em desenvolvimento precisa de seu tempo próprio para avançar no processo de leitura; ser consciente de que a formação do leitor é uma construção constante; respeitar o desejo de leitor (BORTOLIN; SILVA, 2015).

Ser leitor é se colocar em uma posição ativa e participante no ato da leitura, pois acontece neste processo a interação para a construção do texto durante o exercício da leitura. Assim, ele entra no jogo da leitura de acordo com as suas possibilidades e se torna cúmplice do autor. Aprende a jogar devagar a partida, interferindo com movimentos que requer questionamentos para posterior inferências no texto e, desta forma, ele está realizando a partida (BORTOLIN, 2006).

Durante esse jogo, o leitor pode iniciar seu processo de questionamentos, críticas, reflexões e comparações entre as ideias e os pensamentos dispostos no texto. Ele passa a introjetar em si, as ideias e os conceitos existentes na obra literária, o que contribui para ampliar a sua forma de perceber e ver o mundo e a si mesmo (BORTOLIN, 2006).

O leitor crítico desenvolve suas próprias considerações acerca da temática abordada nas obras literárias por meio da leitura e da reflexão do que foi lido, ele faz sua própria interpretação sobre o conteúdo contido no texto. Esse exercício contribui para o desenvolvimento do leitor, pois a “[...] leitura literária propicia ao indivíduo uma maior habilidade argumentativa, ou seja, não precisa depender da ‘fala de outrem’.” (BORTOLIN, 2006, p. 68, grifo da autora).

Nesse contexto, explicitamos que o leitor tem o seu tempo e seu ritmo de avanço na leitura de textos mais simples para os mais complexos. Cabe ao mediador conhecer o leitor e interagir de forma a ofertar o que é útil e necessário. Todavia, promove o seu crescimento intelectual com oferecimento gradativo de doses de complexidade. Dessa feita, Gomes e Bortolin (2011) nos lembram que é preciso respeitar o ritmo e o processo gradativo no decorrer da leitura. Lembrando que o interesse pelo ato de ler surge de formas variadas, não ocorre de uma hora para outra. Como mencionado, o processo de leitura amplia-se com o tempo.

A prática da leitura coloca o leitor e o autor em constante interação, ensejo para o estímulo do imaginário, da comunicação escrita, do senso crítico e da formação da personalidade do leitor (GOMES; BORTOLIN, 2011). O leitor se encontra com o leitor-ouvinte de textos literários, aquele que participa da mediação em que há um leitor-narrador para a leitura em voz alta por meio de um leitor-narrador (REIS; BORTOLIN, 2012). Este praticante da leitura, quando participa da audição de textos literários precisa ser encantado pelos mediadores de leitura (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2014). Para eles, “Ler um livro, em geral, é uma ação solitária, mas ler em voz alta é uma ação solidária, isso é o que faz um leitor ou leitor público” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 218). Desse encontro, em que interagem texto-mediador-leitor-autor há uma abertura para o diálogo. Ao realizar considerações sobre as formas de mediação da leitura, encontramos nos textos da comunicação científica que a técnica mais utilizada é a contação de histórias ou Hora do Conto (SILVA, 2009).

Outras formas podem ser encontradas em textos científicos, como: clube de leituras, oficinas de leituras, oficinas de escrita, oficinas de contação de histórias, dentre outras. Todas essas formas de envolvimento com a leitura são caracterizações do ato de mediação da leitura. Ainda sobre a contação de histórias, “Vale destacar que o ato de contar história pode criar um desejo insaciável de aprender a ler com os “olhos do coração” e viajar com o pensamento.” (SILVA, 2009, p. 124, grifo da autora).

É possível perceber a estética em forma de metáfora para dizer que por meio da leitura podemos descortinar sentimentos, sensações e demais percepções do que está em nós e que a imaginação pode fluir e levar o leitor para longe em seu pensamento. Contar histórias provoca sentimentos e sensações sensoriais nas pessoas (SILVA, 2009).

A hora do conto é basilar para aproximar o leitor do texto. A partir dos textos mediados poderá haver o interesse em outros textos parecidos ou distintos. Como vimos, a leitura precisa ser motivada para o indivíduo praticar e se tornar um leitor que busca por conhecimento, com capacidade para formar opinião, e desenvolver o senso crítico (GOMES; BORTOLIN, 2011).

O estímulo à leitura possibilita a transformação do conhecimento em prática social consciente e ativa (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012). Assim, a articulação do homem com a linguagem pode contribuir para intervir na realidade (REIS; BORTOLIN, 2012). Dessa forma, as práticas mediadoras de textos literários precisam ser repensadas e a escola deve ser o espaço privilegiado para as práticas da leitura. Na figura do leitor precisamos encontrar a vontade por buscar na biblioteca os novos textos e o desejo por novas descobertas de experiências. Que na leitura, o leitor possa ter o encontro com as vivências de outras pessoas contidas nas linhas da narrativa para seu deleite. Outro encontro pode se dar por meio da forma como as pessoas enxergam ou veem o mundo no qual estão inseridas. É preciso promover o letramento literário nas escolas e expandir para a vida. O professor leitor pode contribuir para manifestar no aluno o interesse pela leitura, ele pode ser a figura inspiradora, deixando de lado a obrigatoriedade da leitura. O que se deve fazer é o convite à leitura e ao diálogo sobre os textos (FORMIGA; INÁCIO; BARBOSA, 2015).

Em unidades de informação, ter a figura do mediador da leitura, exige o desenvolvimento de programas de promoção e incentivo à leitura, com práticas voltadas para discussões acerca de temáticas relevantes para a sociedade da época e de acordo com a realidade social vigente.

Ao tomar o texto literário como um objeto artístico que tem valor estético e que necessita da subjetividade de cada leitor e da apreciação plural de leituras, a pessoa leitora transita pela possibilidade de realização do processo da leitura de textos literários do qual passa a viver a experiência de viajar pelo mundo de fantasia, com incentivo ao imaginário e à criatividade, além da identificação de si mesma em relação ao mundo. De outra forma, o leitor pode se deparar com a literatura como porta de entrada para a inclusão, tendo em vista que o acesso à manifestação artística é um direito e uma necessidade para todos (FORMIGA; INÁCIO; BARBOSA, 2015).

Consideramos aqui a inclusão em duas vertentes: (i) o acesso ao objeto artístico que

deve ser disponibilizado a todos, sem restrições. (ii) a possibilidade de a experiência literária e estética promover a criatividade, imaginação e provocar no indivíduo a curiosidade para o conhecimento, a informação, a formação e o entretenimento. A esse respeito, Alvarado-Agudelo (2016) menciona que o livro é um objeto cultural estético e mediador no processo da experiência da leitura compartilhada em que a mediação ocorre pela aproximação estética com o livro, sendo o fomento da leitura em si mesma e não como instrumento para algo. O mediador procura trazer para perto dos possíveis leitores o objeto livro, pois percebe que fazer este meio de campo é algo que vale ser feito. Do processo de leitura, o leitor é convidado a construir o seu sentido sobre o texto. Assim sendo, a mediação da leitura é apresentada como qualquer ação ou conjunto de ações dirigidas para a aproximação de um indivíduo e de uma comunidade para com a leitura, elevando-a para um nível superior de uso e gosto.

Na mediação da leitura ocorre o encontro do leitor com o texto de forma que o belo, o aprazível se coloca à frente, para que depois cada leitor faça sua análise e inferência sobre o texto em uma tentativa de interpretação. Sobre isso, Alvarado-Agudelo (2016) conclui que há no leitor o desejo de compartilhar uma leitura realizada como vínculo afetivo, para depois desenvolver o vínculo referencial. Dessa forma, o leitor se aproxima do texto com liberdade para reconhecer a visão da leitura como processo de construção de sentido. Assim sendo, decorre a necessidade de tirar a leitura do espaço exclusivo da promoção e difusão na escola e começar a promover práticas de mediação estética da leitura. Nessa perspectiva, a mediação como prática social da leitura é mediação estética da leitura como prática interpretativa e, também, o modo em que as dinâmicas se compreendem e se exploram efetivamente no ato de leitura.

Importa lembrar que nem todas as pessoas são letradas informacionalmente, assim sendo, elas leem e têm dificuldades para entender o que leram. Como consequência, a diferença entre uma pessoa alfabetizada e outra letrada está na seguinte explicação: o letramento ou a literacia é o entendimento de que uma pessoa alfabetizada é aquela que saber ler. Entretanto, se esta mesma pessoa não consegue interpretar o que leu, ela não é letrada. Saber escrever palavras e frases é indício de alfabetização, escrever uma carta transpõe o indivíduo para o campo do letramento (SUAIDEN, 2018).

Nesse contexto, o papel do mediador é fundamental, pois na mediação da leitura, ele precisa ter em suas práticas, a clareza de como funciona o trabalho de desenvolver no público-alvo as ações de leitura, contribuindo para que alcancem a capacidade de ler e entender o que foi lido. No entanto, como já dito, este é um processo gradativo. A vista disso, o seu trabalho é social e político.

Ciente de sua prática e das aplicações dela decorrente, podemos dizer que das práticas de leitura com textos menos complexos, o leitor entra em contato com o que é estético por meio da percepção aguçada pelos sentidos. Nesse tipo de leitura, ele depreende que o texto é sedutor e instigante, sem preocupações pedagogizantes. Nesse tipo de exercício, o leitor poderá aprender a notar os discursos e fará suas análises com interferência neles. Aos poucos, ele se tornará um ser crítico e participativo na construção de novas ideias a partir de um texto. Aos poucos ele irá buscar por textos mais complexos para explorar outras formas de escrita e de pensamento (ALBAGLI, 2013).

A mediação da leitura exige leitura e atualização constante do repertório de um mediador, que precisa gostar de ser leitor. O amor pela prática da leitura e as descobertas realizadas pelo ato da leitura podem ter o efeito de instigar os leitores para a busca por outros meios de inspiração e encantamento com a palavra e a forma que ele é apresentado ao leitor na prática mediadora.

Navegando em águas calmas e revoltas do grande mar de textos literários existentes, foi possível verificar que ao lançar a isca ao mar, nós conseguimos pescar textos apetitosos que abocanharam nosso anzol e nos deliciamos com eles. Esses textos, muitas vezes, são devorados ou degustados com calma para sentirmos o tempero, o sabor... a cada mordida dada fica o gostinho de quero mais. Assim, por diversas vezes voltamos àquele mar em busca de mais. Nem sempre o mar está para peixe, ou para peixe tão gostoso como os já pescados anteriormente. Vários deles têm sabores diferentes e nem todos agradarão ao paladar, principalmente aos paladares mais exigentes.

3.2 LEITURA LITERÁRIA

O texto literário provoca no leitor diversos sentimentos e um deles é a curiosidade, além de colocá-lo em ação e interação. Pela leitura nós entramos em contato com o outro e nesta relação entramos em um movimento de entrega e a viagem é iniciada pelo texto. Trata-se de um processo ativo durante a prática leitora. Sobre isso, Proust (2016, p. 50) afirmou que “[...] sempre gostamos de sair um pouco de nós mesmos, de viajar, quando lemos.”

Por meio da leitura do texto literário, a liberdade se manifesta no imaginário como permissão da vida possível; em Jouve (2002) encontramos a declaração acerca da atitude de fruição estética e a libertação do imaginário do sujeito ao ponto de ele se desvencilhar de tudo aquilo que lhe causa constrangimento na sua vida cotidiana.

Quando interagimos por meio da leitura há diálogos possíveis com pessoas de outras

culturas, etnias, línguas e nível intelectual diversificado, e nesse sentido, Proust (2016, p. 26) declarou que “[...] a leitura é justamente uma conversa com homens muito mais sábios e mais interessantes do que aqueles que podemos ter a ocasião do conhecer a nosso redor.” Nessa confabulação, somos levados à reflexão, ao confronto e à interpretação de ideias congêneres ou divergentes, de forma a oportunizar o crescimento e desenvolvimento intelectual e humano.

Na leitura, Proust (2016) dissertou que tomamos conhecimento do outro e seu pensamento e, que mesmo quando estamos sozinhos, continuamos a dialogar com sua força intelectual, inspirando-nos e fecundando-nos por seu espírito na solidão. Todavia, “Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor acaba e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que pode fazer é nos dar desejos.” (PROUST, 2016, p. 30). Dessas lacunas e dos vazios do texto literário é que o leitor percebe e participa deixando sua colaboração ao interagir com a obra, além do mais, ele tem os *insights* sobre outros assuntos não mencionados e que precisam de respostas. A partir desta falta encontrada na leitura do texto é que o leitor parte para outras leituras (ISER, 1996a). O desejo de estudar e conhecer nos impulsiona a buscar mais e mais por questões ainda desconhecidas.

Dessas colocações é que se pode demonstrar o motivo pelo qual devemos estudar literatura, e um deles está atrelado à emoção, que para Jouve (2012) é um estado afetivo intenso. Pela emoção podemos entender como a obra pode ser significada pelo leitor e como a experiência estética da leitura produz sensações nele. Quando da identificação de propriedades contidas no texto e que até então o leitor não encontrou em outras obras, ele vive a experiência estética.

Da provocação do belo e do grotesco no plano estético é possível termos uma forma de julgar por meio da subjetividade, pois cada emoção é sentida ou manifestada pelo texto e sentida por cada leitor. Assim, o juízo estético é o movimento de verbalizar o sentimento pessoal de prazer ou desprazer. Todavia, as obras literárias não estão no plano da realidade como unicamente estéticas, são objetos de linguagem que exprimem cultura, pensamento e relação com o mundo. De fato, a emoção pode ser manifesta pelo texto ou sentida pelo leitor (JOUVE, 2012).

Outro grande motivo do porquê estudar literatura está na capacidade de confrontar ideias das obras e assim ter a existência humana enriquecida pelo conhecimento gerado e pelo espírito crítico provenientes dos estudos literários (JOUVE, 2012). Todavia, fica o alerta deixado por Merleau-Ponty (2002, p. 33, grifo do autor): “Mas, enfim, é preciso primeiro ler e, como Sartre ainda disse muito bem, que a leitura ‘pegue’ como o fogo pega.”

A prática da leitura é comparada pelo filósofo Merleau-Ponty — com inspiração em

Sartre — como em um ritual feito para se acender um fogo, do qual se aproxima o fósforo, acende-se um pedaço de papel e se aproxima a chama da lenha na lareira e o fogo pega. Dessa premissa, deseja-se que a leitura seja a aproximação do leitor com o livro, igual a uma centelha que começa a queimá-lo e que nele surja a vontade de sentir como é ser tomado pelas chamas das histórias ardendo em si. O leitor tomado pela expressão do livro e por ele cativado transcende a experiência e não mais visualiza as letras contidas nas páginas, ele nem percebe o virar das páginas, experimenta a aventura por ângulos diferentes e perspectivas oferecidas na obra, torna-se algo corpóreo e orgânico (MERLEAU-PONTY, 2002).

Prestemos atenção na seguinte figura de linguagem: interessa ao leitor que no livro esteja o conteúdo daquilo que ainda não é do conhecimento dele e, na experiência do ato da leitura iniciada de modo preguiçoso e lento, como o fogo em seu início de queima. Ela vai aos poucos recebendo o diálogo com o texto, como gravetos ao fogo. Recebe uma contribuição com um pensamento aqui e outro lá, como quem remexe na lenha para ajudar o fogo a aumentar. Algumas palavras surgem, até que o fogo pega. Os pensamentos flamejam e tomam conta do corpo do leitor e este se interessa inteiramente pelo livro, nada é indiferente. Neste momento, o fogo não perdoa e queima tudo, como quem se alimenta do que recebe, tudo que cai nele é queimado. É dessa forma que o leitor no ato da leitura é descrito por Merleau-Ponty (2002).

Na representação anterior, temos a relação descrita como uma inversão de tratamento, na qual, no início dela, o leitor estava para o livro como seu dominador e que logo desaba e é por ele dominado. Assim, o que era dominado passa a ser o que governa nesse reino. Resta-nos mencionar outro alerta de Merleau-Ponty (2002, p. 33): “Mas o livro não me interessaria tanto se me falasse apenas do que conheço.” Desse lembrete, importa aos mediadores da leitura literária que a obra a ser mediada seja aquela a provocar no leitor o estranhamento, a curiosidade, o desejo em conhecer lugares, pessoas, culturas, etnias, ideias, entre outras coisas.

A leitura representa o ato de ler para operar a percepção, identificação e memorização de signos; ela é, também, a análise do texto, pois após decifrar os signos, vem a etapa de se tentar entender do que trata o texto. Os elementos de significação do que se lê provêm da transformação das palavras e grupos de palavras em um ato de abstração. Pela leitura, o leitor acende a chama das emoções, pela recepção do texto e pelas reflexões o leitor gera afetividade. Por meio das emoções, é possível decorrer na empatia e simpatia pelo personagem que causou interesse no leitor. A prática da leitura, necessariamente, precisa da participação do receptor da obra, este interage com o texto e vai descobrindo os seus significados e avançando nos diferentes níveis da narrativa (JOUVE, 2002).

Encontramos aqui a relação da leitura literária, complemento do letramento do indivíduo

alfabetizado por meio da interação com textos diversos na prática da mediação. O leitor joga com o texto e descobre significados possíveis a cada encontro com o texto. Ele vai se constituindo enquanto sujeito leitor e competente para a leitura literária.

Na performance do leitor está a sua competência para aos poucos se arriscar em estruturas mais complexas, o que culmina na atualização de suas capacidades na leitura de diferentes textos e em níveis cada vez mais complicados. No entanto, o vivido na leitura permite a esse leitor a experiência da fruição do imaginário, em uma interação com o texto; ele se emociona, se impressiona e se diverte, consegue por alguns instantes se esquecer dos problemas ou das preocupações cotidianas. No ato da leitura, o leitor preocupa-se com as personagens e os confrontos em situações inesperadas e inéditas, ele consegue perceber e modificar seu modo de ver sobre as coisas vividas no texto. A leitura possibilita que o leitor se desdobre, quando passa a viver a experiência do outro e escapa de si para viver essa aventura. Na experiência da leitura a viagem adentra outra dimensão e o leitor vive no universo fictício para retornar ao seu mundo nutrido pela ficção (JOUVE, 2002).

Quando perdemos a capacidade da leitura de mundo, da vida ou do cotidiano, é na leitura exaustiva de textos que podemos retomar essa habilidade de entender o mundo e rememorar o nosso vivido. Por consequência, nos humanizamos e voltamos ao exercício de aceitar o que nos é alheio. No processo da leitura, nossas certezas podem ser desfeitas e nisso temos mais a ganhar, quando nos perdemos em dúvidas, temos mais a encontrar. A experiência da leitura favorece o sujeito na experimentação de textos literários e deles pode sofrer transformação enquanto transforma o texto (YUNES, 2003a).

Reforçamos que retomar textos lidos não representa ter a mesma leitura e percepções. A leitura é única. Todas as vezes que vivermos uma experiência de leitura nós mudamos e nossa leitura muda. Então, o que vivemos não é perdido e sim acrescido, pois as muitas leituras que praticamos podem afetar o próprio texto. Do ato de leitura pessoal ou compartilhada há uma espera e o transmitir de paixão de um para o outro, sendo que nesta responsabilidade social o jogo de leitura acontece (YUNES, 2003b).

No jogo da leitura há uma espécie de repasse dentro do campo que é o texto, um jogador passa para o outro a palavra, quando é retomada a vez estratégica do uso precisa ser hábil para devolver a fala outra vez ao outro jogador. Vejamos esta representação nas palavras de Yunes (2003b, p. 52–53):

Voltamos à palavra EU, reclamada para expressar o sujeito falante: é uma palavra mágica porque, a cada vez, um só pode pronunciá-la, mas ela não é exclusivamente de um. Quando alguém diz EU, é seu tempo de dizer e o meu de calar; mas logo a

palavra é minha, que retomo EU, enquanto o outro escuta. Uma palavra que, pertencendo a todos, só um pode usá-la a cada vez: a mesma palavra resgata outra vez, outro sujeito singular, outro pensar, outro sentir, outro querer. Logo a palavra EU volta, retorna a quem toma a palavra na cadeia ilimitada do diálogo, para que NINGUÉM possa dizer EU para sempre, senão Deus, o absoluto que não cabe no verbo humano, relativo e temporal.

Assim como na conversa, em que um fala e o outro escuta e espera a deixa para voltar a falar. Na experiência da leitura acontece algo parecido enquanto estamos lendo, escutamos o que o texto nos fala por meio da escrita do autor e recebemos a deixa para deixamos de ser o que fica em silêncio para ser o falante, ao questionarmos o texto e o autor sobre ideias, atitudes de personagens, enredo e demais possibilidades de intervenção e interação com o texto, a história e o autor.

A experiência da leitura é um privilégio em que o leitor elabora ou cria um espaço próprio, intimista e privado, do qual ele transgride com a sociedade ou seu vínculo social ao romper com a família, sair de casa, sumir no mundo, parte para outros horizontes, se distancia... por leitura de contos, romances e relatos, as personagens saem do lar e superam proibições. O leitor cria um espaço psíquico e interage com ele, pois não é passivo na leitura, esse leitor age com apropriação do texto, com a interpretação e viaja nas frases e na fantasia gerada por cada uma delas, vive momentos de angústias, tudo em atividades psíquicas (PETIT, 2013).

Experiências literárias como essa demonstram que cada leitor cria para si as oportunidades de lugares e momentos no dia para o ato da leitura e que Proust (2016) estava certo ao dizer que como seres humanos gostamos de viajar sem sair do lugar, mas saindo de nós mesmos, por meio da leitura, experimentamos o outro e o que ele vive e passa na história.

No experimentar a leitura, o leitor pode se identificar com o que acontece em uma página ou frase ou fragmentos de textos e o faz refletir sobre o que leu e descobrir coisas sobre si. Este é um exercício de decifrar a própria experiência leitora — quando o texto o atinge desta maneira — há aí a leitura do leitor pelo texto, o texto lê o leitor e contribui para liberar no sujeito o que ele tem dentro de si, podendo ainda auxiliar a sair de contextos que se encontram presos e não conseguiam se desvencilhar. Na leitura de obras literárias o tempo é o próprio tempo da leitura — ele se ausenta do tempo cronológico do mundo fora da leitura para adentrar outro tempo. Na leitura, a fantasia e a possibilidade de imaginar são possíveis e o sujeito tem a oportunidade de se distanciar da agitação do dia a dia. Ele é libertado do seu cotidiano de forma momentânea (PETIT, 2013).

Viver a experiência da leitura literária é poder fazer coisas impossíveis em segurança e, ainda perceber em cada um de nós, algo que não havíamos percebido ou analisado por

determinado ângulo ou olhar. Ela nos permite refletir sobre o mundo da vida e aspectos como: comportamentos, atitudes, vidas, vivências, valores, entre outros. Sobre essas características, Cosson (2019, p. 50) comentou o quanto elas nos beneficiam e transformam:

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos.

Leitura literária abre o caminho da imaginação e criação e oportuniza o diálogo sobre as reflexões acerca do que foi lido. Da imaginação partimos para as configurações mentais e de consciência sobre os elementos das narrativas, assim como isso pode afetar nosso Ser e nosso comportamento, nossas habilidades e nossas atitudes. Por criação, enveredamos por caminhos da ação para mudanças e inovação no meio social, pessoal, tecnológico e outros. Contudo, leitura literária nos faz pensar sobre o que ansiamos e como agimos para chegar a alcançar nossos objetivos na vida e no mundo. Nos textos encontramos valores, comportamentos e atitudes vigentes na sociedade, tanto a contemporânea ou a anterior e nos faz avaliar essas questões. As verdades passam a ser confrontadas e se tornam mutáveis. De igual forma, na subseção a seguir, que trata da Biblioterapia, será possível verificar que a leitura literária nos permite perceber que para cada situação da vida há um caminho a seguir para se resolver algum problema ou impedimento, ou melhor, existem diversos caminhos para esse mesmo fim. Podemos nos tornar críticos diante das situações e das imposições sociais.

Apesar de a leitura nos curar da ignorância e da alienação, ela é uma prática da qual “Ler não tem contraindicações, porque é o que nos faz humanos. Todas as formas de ler são modos de compartilhar saberes, experiências e concepções da vida e do mundo.” (COSSON, 2019, p. 179). Diante dessa declaração, voltamo-nos para a tese e a Oficina da OLBL na BPSC, com o oferecimento das Vivências em Biblioterapia. Este serviço cultural e social é a representação do que Cosson (2019, p. 177) chamou de círculo de leitura, uma atividade com “[...] prática de letramento literário de grande impacto tanto para quem participa quanto para o espaço onde ele acontece.”

A experiência da leitura literária poderá contribuir para as práticas desenvolvidas nas Vivências em Biblioterapia, com o intuito de coletar dados para as análises necessárias em prol

dos objetivos desta tese: descrever a ocorrência do efeito estético da recepção de obras literárias em Vivências em Biblioterapia realizadas na Oficina Literária Boca de Leão da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

3.3 BIBLIOTECA PÚBLICA E O BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR

Pensar em Biblioteca Pública para muitas pessoas é deixar vir à memória momentos de descobrimento do espaço, entrar no prédio e observar como estão dispostos os lugares. Uma oportunidade de transitar entre as estantes e para as buscas sem compromissos por autores e livros que sejam dos gostos pessoais de cada um. Do manuseio das bases de dados em computadores para a consulta ao catálogo e a seguinte localização do acervo nas prateleiras. Além de outras várias possibilidades de usos deste espaço, está a busca por informações específicas para tentar resolver um determinado problema que demande por informação pertinente.

De outro lado temos as pessoas da comunidade que desconhecem o que pode e não pode ser feito dentro de uma Biblioteca Pública. Se formos pensar nos motivos que levam as pessoas a não frequentarem esses locais, poderemos ter diversas respostas, tais como não terem tempo, não conhecerem onde está o prédio da biblioteca, não saberem que é um lugar acessível a todos, entre outros motivos. À vista disso, torna-se importante buscar entender o que é uma Biblioteca Pública e o que ela deveria oferecer para a comunidade na qual está inserida.

Segundo o livro “Biblioteca Pública: princípios e diretrizes” distribuído pela Biblioteca Nacional do Brasil, “A biblioteca pública é o espaço privilegiado do desenvolvimento das práticas leitoras, e através do encontro do leitor com o livro forma-se o leitor crítico e contribui-se para o florescimento da cidadania.” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 18). Esta obra traz a menção do leitor e do livro em um encontro que resulta em privilégios. Todavia, essa declaração ainda é restrita para as possibilidades do que venha a ser uma Biblioteca Pública e o que ela representa para a sociedade.

O Manifesto da UNESCO sobre a Biblioteca Pública escrito em 1994 serve até hoje como diretriz para diversas bibliotecas. Segundo esse documento, a Biblioteca Pública é o local de informação com disponibilidade e oferta de todo tipo de conhecimento ao público. Em seus serviços deve haver liberdade e igualdade de acesso a todos os que desejarem utilizar de seus serviços — sem distinção qualquer — em todas as faixas etárias. Os serviços devem ser adequados para servir às pessoas que são consideradas com falta de aptidão para usar os serviços e o material da biblioteca, como exemplo: minorias linguísticas, deficientes, pessoas

hospitalizadas ou em prisões. Além de ser um espaço que deva incluir material convencional e não convencional, assim como o uso de tecnologias. O acervo deve contemplar as necessidades de informação locais, tendências atuais, a memória (social e histórica) e não deve ter qualquer tipo de censura (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010).

Quando a definição do que é a Biblioteca Pública e os serviços que ela oferece é ampliada do acesso ao livro para o acesso à informação, nos dá a impressão de que a dimensão das possibilidades de prestação de serviços realizados por uma biblioteca expande muito mais. Pois, o fato de passar de um lugar onde a leitura é um privilégio para se tornar um local de múltiplas interações, pelo uso da informação em qualquer suporte ou fonte de informação, torna a biblioteca mais democrática e promotora dos direitos sociais. Apesar de ter a menção da formação do cidadão crítico por meio da leitura de livros, consideramos que o acesso à informação pode ser abrangente. Além do mais, a biblioteca foi descrita no manifesto como um espaço de encontros e de interação, dessas reuniões podem surgir ideias, projetos, caminhos para a cidadania, dentre outras possibilidades.

No Manifesto da UNESCO sobre Biblioteca Pública constam as suas missões básicas, que estão relacionadas com a informação, alfabetização, educação e cultura. Assim sendo, elas devem estar na essência dos serviços prestados por este tipo de biblioteca, quais sejam:

1. **Criar e fortalecer hábitos de leitura** nas crianças desde a mais tenra idade;
2. Apoiar tanto a educação individual e autodidata como a educação formal em todos os níveis;
3. **Proporcionar oportunidades para o desenvolvimento criativo pessoal;**
4. **Estimular a imaginação e criatividade** da criança e dos jovens;
5. Promover o conhecimento da herança cultural, **apreciação das artes**, realizações e inovações científicas;
6. **Propiciar acesso às expressões culturais das artes em geral;**
7. Fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Garantir acesso aos cidadãos a todo tipo de informação comunitária;
10. Proporcionar serviços de informação adequados a empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da informação e da habilidade no uso do computador;
12. Apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização para todos os grupos de idade e implantar tais atividades se necessário. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 23, grifo nosso).

Para esta tese, nosso interesse está nos serviços da Biblioteca Pública de Santa Catarina com o intuito de promover e incentivar a leitura de forma continuada e consistente. Nós estamos buscando nos serviços as oportunidades para o desenvolvimento criativo dos interagentes, atividades que possam estimular a imaginação e a criatividade, por meio das artes, principalmente da arte da escrita e da leitura literária.

Sobre a Biblioteca Pública, Koontz e Gubbin (2012, p. 1–2) reforçam dizendo que:

A biblioteca pública é uma instituição criada, mantida e financiada pela comunidade, seja por meio do governo local, regional ou nacional, seja por meio de outra forma de organização da comunidade. Ela proporciona acesso ao conhecimento, à informação, à educação permanente e a obras da imaginação por meio de uma variedade de recursos e serviços, e se coloca à disposição, de modo igualitário, a todos os membros da comunidade, independentemente de raça, nacionalidade, idade, gênero, religião, língua, dificuldade física, condição econômica e social e nível de escolaridade.

Nesse contexto, encontramos a informação acerca da entidade mantenedora da biblioteca pública, que para o nosso estudo de caso é o Estado de Santa Catarina. No tocante aos acessos mediados na biblioteca pública, estão elencados o conhecimento, a informação, a educação, obras bibliográficas e não bibliográficas, recursos de informação e serviços de informação.

O que percebemos enquanto bibliotecários atuantes na biblioteca em questão é que na prática e no uso deste espaço, a informação e o conhecimento circulam e são disseminados. No entanto, quando se trata de educação, o que se pode perceber é que a contribuição da biblioteca fica restrita ao uso do espaço para estudo e utilização do acervo, ou, quando há capacitação, por meio de oficinas, cursos, palestras, entre outras ações. Todavia, os usos de obras bibliográficas, recursos de informação e serviços também são utilizados neste espaço público indo ao encontro de alguma necessidade de informação.

Serviços de informação são diferenciados por cada biblioteca e comunidade a que atende, muitas vezes é a demanda que move a engrenagem dos projetos elaborados em bibliotecas. Como serviço demandado na Biblioteca Pública de Santa Catarina, destacamos a Oficina Literária Boca de Leão como foco deste estudo e representativo do encontro da comunidade com a biblioteca, o livro, a escrita, a leitura e a literatura. Todos esses encontros desencadeiam um diálogo intersubjetivo acerca do texto e da temática em um processo de socialização das interpretações. Este serviço também é uma forma de educação para a iniciação do público para a escrita criativa e literária, que medeia o texto literário.

Biblioteca é espaço de sociabilidade, ferramenta em que ocorre a partilha de conhecimentos e lugar de memória. Ela se abre para contribuir com a formação do cidadão, tornando-o esclarecido e mesmo para aqueles que já são esclarecidos. Dessa forma, a biblioteca desempenha o seu papel humano na aprendizagem e na utilização do conhecimento (BERTRAND, 2007).

A Biblioteca Pública de Santa Catarina, quando abre suas portas para o público ocupar seus espaços com oferta de serviços de informação que estejam no ensejo da comunidade, se

torna um espaço de sociabilidade, como foi citado por Bertrand (2007). No caso da Oficina Literária Boca de Leão, todos partilham seus conhecimentos para a construção dos encontros, na interação está a contribuição para complementar cada informação repassada. No diálogo e nas reflexões, os participantes se desenvolvem enquanto seres pensantes e aprendentes.

Quando uma Biblioteca Pública disponibiliza um lugar para o encontro de pessoas como ponto de encontro, com finalidades diversas: conversa, pesquisa, ensino, lazer, contatos informais, experiências sociais, culturais e artísticas, ela está cumprindo o seu papel ou sua função social (KOONTZ; GUBBIN, 2012).

Todas as bibliotecas públicas brasileiras deveriam oferecer serviços para a comunidade interagir com o espaço, propiciando ao cidadão desenvolver suas competências, habilidades e atitudes e se capacitar. Nesse sentido, David Lankes em seu livro “*Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo*”, mencionou que o “[...] centro da biblioteca é a comunidade. O trabalho da biblioteca é atender às necessidades dos membros da comunidade, e não simplesmente abrigar objetos.” (LANKES, 2016, p. 54). Entendemos que o autor está coberto de razão, partindo do pressuposto que as 12 missões básicas descritas pela IFLA/UNESCO em seu Manifesto sobre a Biblioteca Pública em 1994 se voltam para a interação da comunidade com a biblioteca.

Lankes (2016) declara que as bibliotecas estão mudando, onde imperava o silêncio agora há espaço para o rumor e o barulho, tornando-se a esfera da comunidade, em contribuição para melhorar a sociedade com a criação de conhecimento. Ele é um provocador, e continua: “Boas bibliotecas criam serviços (e um acervo é apenas um desses serviços).” (LANKES, 2016, p. 58). Este autor lembra-nos que em bibliotecas públicas, os bibliotecários oferecem aulas de escrita, o que vem ao encontro do serviço da oficina literária estudada.

Da mesma forma que um hospital sem médico, como representativo de profissional capacitado para desempenhar o seu papel, não funciona, uma biblioteca sem o bibliotecário não seria completa também. Nessa ambiência, o bibliotecário é aquele que se enquadra na Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998, a qual dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Nela, o Presidente da República faz saber, no capítulo I, art. 1º que “O exercício da profissão de Bibliotecário, em todo o território nacional, somente é permitido quando atendidas as qualificações estabelecidas nesta Lei.” (BRASIL, 1998, [não paginado]). Assim sendo, “O exercício da profissão de Bibliotecário é privativo [...]” dos que concluíram o curso de graduação em Biblioteconomia e portam o diploma para comprovar a veracidade, com o devido registro por órgãos competentes.

Das diversas atividades técnicas da profissão, o bibliotecário ainda pode desenvolver

projetos que busquem levar ao público ações culturais, de formação, informação e entretenimento. Desse modo, a mediação da informação é um trabalho realizado pelo bibliotecário com o intuito de auxiliar o interagente em suas buscas por informação para as suas pesquisas. No entanto, Martins (2014) menciona que o bibliotecário mediador em biblioteca pública deveria propor questionamentos que promovam a visão crítica da realidade dos indivíduos, abrindo caminho para eles tornarem seus pensamentos autônomos, além de buscar neles um ato de questionar o que já foi estabelecido como consenso.

O bibliotecário mediador deve se colocar à disposição para auxiliar o leitor de forma significativa, em um trabalho de orientação para ser autônomo no uso responsável da informação rumo à cidadania, sendo protagonista de seu próprio futuro (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012). Mais uma vez o mediador aparece como sendo aquela pessoa que está no meio de um processo. No entanto, ele se coloca nesta posição para promover a educação de pessoas dispostas a aprender para conseguirem caminhar sozinhos nas trilhas das pesquisas.

Contrapondo a antiga ideia de que mediador é ponte, figura estática que serve de caminho a ser trilhado indo de um lado a outro ou, ainda, colocado como elo que liga coisas como algo inanimado, entendemos que o mediador está no meio da ação, em um trabalho conjunto, ele participa da mudança ou da transformação provocada pela ação do seu trabalho de mediar. Acerca disso, Bortolin (2006) referiu que o bibliotecário precisa animar a leitura, dar alma ou motivar, por meio de ações frequentes e constantes esperadas para a promoção da leitura.

Percebemos que não é tarefa das mais fáceis trabalhar como mediador, tão pouco com a leitura literária. Mas, não é atividade impossível de ser realizada. Alguns aspectos são primordiais e quem nos informa são os autores Almeida, Costa e Pinheiro (2012) ao declararem que para mediar a leitura, o bibliotecário precisa ser um leitor e conhecedor daqueles que irá atender nas unidades de informação, além de buscar estratégias para satisfazer as preferências literárias dos leitores e respeitar os gostos individuais deles.

À medida que o processo de mediação da leitura é gradativamente inserido na vida do leitor, o mediado poderá ser conduzido a uma aproximação da prática da leitura, visando à sua emancipação na busca por experiências que efetivem a construção de sentidos (CARVALHO, 2014). Diante desse paradigma, o bibliotecário precisa ter um papel de intelectual, no qual não teme levantar questionamentos que podem ser vistos como embaraçosos, confrontantes, ortodoxos, dogmáticos, entre outros temas, tendo em vista que as discussões nesses contextos contribuem para representar pessoas e problemas que, em sua maioria, são esquecidos por diversas pessoas, pela sociedade e pela supremacia governamental. No papel de intelectual, o

bibliotecário assume a função de não ser somente um articulador para chegar a um consenso, ele adota um posicionamento enquanto vetor de transformação social (MARTINS, 2014).

Assim como o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre a Biblioteca Pública, que, em 1994, levantou que nos textos que compõem o acervo da instituição não deve haver qualquer tipo de censura, de igual modo, o bibliotecário mediador deve agir sem medo, preconceito ou censura quando da mediação de textos com temas polêmicos, pois o próprio Manifesto declara que é preciso conectar o conteúdo disponibilizado com o interesse da comunidade. Nesse ínterim, temas que um dia foram considerados “tabus”, precisam ter espaços para discussão e mediação em bibliotecas.

A Biblioteca Pública deve ter trabalhos de mediação em que os bibliotecários provoquem o leitor para o exercício de repensar a si mesmo e a sua própria realidade. Leituras voltadas para a viagem e a nutrição do espírito são alimentos leves para os recém-nascidos leitores. Nesse sentido, os mediadores precisam levar aos leitores mais capacitados as experiências que provocam espanto, reflexão, emancipação e que os faça pensar sobre as desigualdades sociais. Por essa perspectiva, a defesa da ideia de a Biblioteca Pública ser uma instituição que precisa ser reinventada a cada época e em cada lugar, fugindo das generalizações descritas em princípios gerais, conceitos, diretrizes e missões. Por esse caminho será possível criar ou reinventar novos modelos para a Biblioteca Pública. Quando se acredita no valor de transformação da leitura se tem a certeza de que o processo não é imediato e chegar-se ao não leitor é uma tarefa difícil. É fundamental que o leitor tenha a consciência do real sentido da prática da leitura em sua vida e para a sociedade (CARVALHO, 2014).

Como bem nos informou Lankes (2016), a biblioteca é muito mais do que a comunidade está acostumada a ver. Ela preserva e coleciona acervos para promover o aprendizado na comunidade, com informação e com a participação do bibliotecário na criação de conhecimento e na facilitação do acesso ao que é produzido em matéria de informação. O profissional da informação deve se colocar à disposição para oferecer serviços inovadores e colocar os espaços da biblioteca para utilização do público com o intuito de no coletivo buscar por soluções e melhorias sociais. A biblioteca precisa ser viva e promover encontros para troca de ideias. Sobre isso, Carvalho (2014) menciona que na Biblioteca Pública necessita de lugares para o compartilhamento e o debate entre pessoas, sendo elas de diferentes níveis sociais e faixa etária, de fato ela precisa ser um espaço de encontro. O que Lankes (2016) complementou e ousou ao afirmar que uma biblioteca é um lugar seguro para explorar ideias perigosas.

Mediação da leitura é a possibilidade que temos de debater nas Bibliotecas Públicas sobre temas relevantes e fundamentais na sociedade e com a sociedade. Nós, bibliotecários

brasileiros, precisamos ousar mais e levar para dentro das bibliotecas as palestras, os debates, as discussões sobre abordagens que são urgentes e emergentes. Todo profissional deveria ser provocado de tal forma a sair de suas zonas de conforto quando em pleno desenvolvimento de suas práticas profissionais. Como forma de contribuir com essa mudança, está na hora de a Vivência em Biblioterapia ser inserida na Biblioteca Pública de Santa Catarina por meio da atividade permanente denominada Oficina Literária Boca de Leão, de modo a contribuir para que a mediação da leitura literária promova o diálogo sobre afetos humanos que tragam aconchego ou provoquem o incômodo. Nessa vivência, os leitores ou leitores-ouvintes terão a oportunidade de experimentar o jogo entre autor-texto-leitor e seu efeito estético.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta tese utiliza como forma de abordagem a pesquisa qualitativa e compreende o uso de técnicas da pesquisa bibliográfica, descritiva e fenomenológica. Optamos pelo uso de diferentes estratégias, métodos e técnicas, procedimentos de análises e de interpretação dos dados, com o intuito de desenvolver e responder os objetivos propostos neste estudo. Com o interesse em demonstrar como ela se delineou, apresentamos a seguir o caminho metodológico traçado.

Na ciência ocorre o constante exercício de questionar e buscar soluções para problemas diversos por meio de investigações científicas, o que Minayo (2012, p. 16) explica como a designação “pesquisa”, uma “[...] atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade.”

Em vias da construção de uma realidade específica, a dos participantes da OLBL para esta tese, buscamos trabalhar a subjetividade, o fenômeno e os processos sociais, o que nos levou à necessidade de adotar um método rigoroso para explorar a realidade social de um determinado grupo. Assim, entendemos que a pesquisa científica precisa iniciar pelo seu planejamento e nele constar objetivos, justificativas, fundamentações teórica e conceitual, qual será a sua metodologia, que é o caminho que o pesquisador toma para o desenvolvimento da pesquisa a que se propões desenvolver.

O investigador precisa ser criativo, escolher o método e as técnicas, as estratégias de buscas em bases de dados nacionais e internacionais. É necessário determinar os termos de busca, os idiomas, o recorte cronológico, dentre outros critérios adotados para a mineração de dados relevantes para a pesquisa em seu planejamento. De igual modo, delimitar o tipo de pesquisa, a caracterização do campo e dos participantes, assim como decorrem a coleta, a análise e a interpretação de dados.

Mueller (2007) afirma que a tarefa de escolher a metodologia a ser utilizada em um projeto de pesquisa precisa ser adequada aos objetivos delineados e isto não é tarefa fácil. Para esta pesquisa, foi realizada uma Revisão Sistemática dos textos coletados nas bases de dados, que segundo De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2011), é uma forma adotada para obter subsídios teóricos e conceituais com a aplicação de metodologia rigorosa com uso de protocolo visando: identificar os estudos sobre um tema em questão; explicitar e sistematizar os métodos utilizados no processo; avaliar a qualidade e a validade das informações; selecionar estudos que embasarão a pesquisa; sintetizar as informações.

O levantamento bibliográfico, realizado em março de 2019 nas bases de dados, visou

reunir o material a ser analisado, como: artigos, relatos de experiência, relatos de pesquisa, teses e dissertações. A coleta de textos nas bases precisou ser dividida em etapas diferentes, sendo elas:

- a) levantamento de artigos nacionais no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI);
- b) levantamento de artigos internacionais nas bases de dados: *Library, Information Science and Tecnology Abstract* (LISTA) e *Educational Resources Information Center* (ERIC);
- c) levantamento de teses nacionais na Biblioteca Digital de Teses e Dissertação (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT);
- d) levantamento de teses internacionais na base de dados *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD).

Durante esse processo, foi necessário estabelecer os idiomas dos textos recuperados, ficando assim estabelecidos: português, inglês, espanhol e francês. Como palavras-chave em português: Teoria do Efeito Estético, Mediação da Leitura, Leitura Literária, Biblioteca Pública e Biblioterapia. Como palavras-chave (*Keywords*) em inglês: *Theory of Aesthetic Effect, Mediation of Reading, Literary Reading, Public Library and Biblotherapy*. Como palavras-chave (*Palabras-clave*) em espanhol: *Teoría del Efecto Estetico, Mediación de la Lectura, Lectura Literaria, Biblioteca Pública y Biblioterapia*. Como palavras-chave (*Mots-Clés*) em francês: *Théorie de l'Effet Esthétique, Médiation de la Lecture, Lecture Littéraire, Bibliothèque Publique et Bibliothérapie*.

Diante do grande número de documentos recuperados nas bases de dados, adotamos o recorte cronológico, estabelecendo o período de 2000 a 2019. Para a pesquisa na base de dados da BRAPCI ficou estabelecido que seria realizada a busca sem recorte de tempo, com vistas à sua constituição histórica na área da Ciência da Informação no Brasil. O modo de pesquisa foi o de “pesquisa simples” em todos os campos. No entanto, foi utilizado o recurso do uso de aspas duplas (“ ”) para refinar a busca. Entendemos que os trabalhos recuperados deveriam ser *Artigos completos* com *Downloads ativos*.

Ainda diante de número excessivo de textos, adotamos o seguinte **Critério de inclusão de artigos**: trabalhos na íntegra realizados em bibliotecas públicas, escolares, comunitárias, universitárias e especializadas. Como **Crítérios de exclusão de artigos nacionais e internacionais**: trabalhos com datas fora do recorte cronológico, trabalhos realizados com grupos de pessoas com problemas de saúde física ou mental severas, trabalhos disponibilizados

em fontes de informações diferentes de artigos completos, trabalhos em idiomas divergentes do português, inglês, espanhol e francês.

Critérios de inclusão de teses nacionais e internacionais: trabalhos disponíveis na íntegra, dentro do recorte cronológico e que fossem voltados para a educação, desenvolvimento cognitivo, o trabalho de autoajuda, desenvolvimento pessoal, desenvolvimento da imaginação e bem-estar. **Critérios de exclusão de teses nacionais e internacionais:** estar com datas fora do recorte cronológico (2000–2019), trabalhos realizados com grupos de pessoas com problemas de saúde física ou mental severas, trabalhos disponibilizados em fontes de informações diferentes de artigos completos, trabalhos em idiomas divergentes do português, inglês, espanhol e francês.

Critério de inclusão de artigos nacionais da BRAPCI: todos os trabalhos publicados no Brasil e que estivessem disponíveis em periódicos científicos brasileiros, com textos disponíveis para *download* e que estejam na íntegra. Para a contextualização histórica brasileira, todos os trabalhos foram analisados, sendo eles aplicados em ambientes de saúde, psicologia, educação, entre outras áreas. Nesse procedimento, foram considerados textos de comunicações, ensaios, entrevistas, *papers*, pesquisa em andamento, relatos de experiência e relatos de pesquisa. **Critérios de exclusão de trabalhos nacionais da BRAPCI:** textos não publicados em periódicos nacionais e que não se enquadram nos critérios de inclusão.

Critério de inclusão de dissertações nacionais na BDTD: todas as dissertações disponíveis que estavam recuperadas em pesquisa avançada nos campos títulos e assuntos o termo: Biblioterapia. Foi aplicado o uso de filtros como: teses, português contidos nos anos de 2000 a 2019, primeiro semestre.

O **critério de exclusão de dissertações nacionais na BDTD:** serviu para depurarmos os textos voltados para tratamento e cura de doenças físicas e mentais, mesmo sendo severas. Pois, o intuito aqui não é curar e nem tratar casos de doenças do origens quaisquer, mas sim trazer lazer e prazer de ler, ouvir e dialogar sobre textos, contextos e pretextos ficcionais.

No entanto, com a finalidade de demonstrar os estudos e as aplicações da Biblioterapia no Brasil, consideramos necessário realizar as buscas na BRAPCI e na BDTD, analisando todos os trabalhos encontrados em artigos científicos publicados em revistas nacionais e, também, teses e dissertações realizadas no âmbito brasileiro.

Como o objetivo desta tese foi trabalhar com a Biblioterapia voltada para a Educação e Mediação da leitura envolvendo os participantes das Vivências em Biblioterapia em uma atmosfera em que seja possível ter condições para qualidade de vida e bem-estar, além de suporte para o Desenvolvimento Pessoal e Humano, voltamo-nos para ações que contribuíssem

para a imaginação, afetividade, cognição, habilidades, atitudes, entre outros aspectos, os quais trouxessem benefícios aos viventes de Biblioterapia. Por conseguinte, buscamos na recuperação da informação em diversas Bases de Dados os trabalhos que se voltassem a esse objetivo.

As buscas realizadas nas bases de dados serviram para a fundamentação teórico-conceitual desta tese. Os dados compilados como resultado acerca dos textos selecionados nas bases de dados utilizadas para compor o *corpus* bibliográfico relacionado a cada termo de busca definido para esta pesquisa resultou nos seguintes números: na base de dados da CAPES, em português foi obtido um total de 54 textos; em espanhol o total foi de 29 textos; em inglês não encontramos material; e, em francês, encontramos um total de 14 textos; na base de dados LISTA encontramos o total de 25 textos; e na base de dados ERIC um total de sete textos; com relação às teses, na base de dados brasileiras BDTD encontramos 95 textos; nas buscas por teses em língua estrangeira, na base NDLTD em inglês, foi encontrado um total de 54 textos; e, na revocação da base de dados NDLTD, em espanhol e francês, o resultado foi o total de um (1) texto para cada idioma.

Como para a pesquisa na base de dados BRAPCI optamos por selecionar todos os textos que estavam disponíveis com o termo Biblioterapia, foram realizadas as buscas na referida base, sem o uso de filtros, pois o objetivo era encontrar todos os trabalhos que foram publicados no Brasil e em periódicos brasileiros, desde o primeiro registro indexado nesta base de dados, que data de 1972, até o último registro de 2019 encontrado, até o mês de junho de 2019. Assim sendo, 57 trabalhos foram encontrados com o uso do termo Biblioterapia em todos os campos de buscas.

Na BRAPCI, o que nos interessou foram as publicações científicas na íntegra. Logo, alguns textos não entraram no rol de interesses para nossos objetivos, sendo excluídos os textos que não eram artigos e relatos. Por esse critério, não foram considerados: prólogo, editoriais (estrangeiros ou nacionais), projeto, artigo estrangeiro e a categoria “ensaio, estudo e projeto”, pois o texto era um trabalho estrangeiro, publicado em periódico estrangeiro. O *corpus* bibliográfico totalizou 337 textos científicos.

Em vias de encerramentos dos dados do levantamento bibliográfico em sua dimensão *corpus* textual, os resultados das buscas realizadas na BRAPCI, como mencionado anteriormente, foram 57 trabalhos científicos relevantes acerca da Biblioterapia, enquanto na base de dados estrangeira NDLTD, o total foi de 17 teses sobre o tema (1 em francês, 1 em espanhol e 15 em inglês). Na base de dados brasileiras BDTD, o resultado foi de uma (1) tese sobre Biblioterapia. Na base de dados estrangeira ERIC, o total de trabalhos científicos relevantes apresentou três resultados, enquanto na LISTA, o retorno das buscas foi o total de

nove textos. Na CAPES, os trabalhos totalizaram um número de 22 textos, sendo que nenhum deles estava no idioma francês, 12 estavam em espanhol e dez em português. Dessa forma, o *corpus* bibliográfico para esta pesquisa se formou com 109 trabalhos científicos recuperados nas diversas bases de dados nacionais e estrangeiras apresentadas nesta subseção.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Descrever qual é o tipo de pesquisa escolhido para esta tese tornou-se um desafio, quando diante de tantas informações pululantes, ter como tarefa eleger aquelas que estejam de acordo com o objetivo da pesquisa e com o melhor caminho para o seu desenvolvimento.

Como nesta tese nos propusemos a analisar a Teoria do Efeito Estético na Biblioterapia desenvolvida na Oficina Literária Boca de Leão, uma atividade permanente da BPSC, podemos dizer que na presente pesquisa realizamos um diálogo entre Literatura, Ciência da Informação, Educação e Ciências Sociais.

Minayo (2012) afirma que o objeto estudado pelas Ciências Sociais é histórico, sendo assim, a sociedade registra sua existência e sua construção em espaços organizados de maneira muito particular, o que acaba por diferir de outros períodos. Assim sendo, o que se tem de objeto é a consciência histórica. Para esta autora, as ações humanas são dotadas de significados, na tentativa de revelar os atos realizados. No projeto e planejamento de seu futuro racional, todos dão sentido ao trabalho intelectual, investigador e investigados, representados nas ações e interações sociais. A autora declara, assim, que “[...] o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativo*.” (MINAYO, 2012, p. 14, grifo da autora).

Tratamos aqui uma parte do período histórico da BPSC, em que há uma construção de sentidos no fazer conjunto entre ministrante e participantes de uma oficina que provocou as pessoas a desenvolverem a prática da leitura e, conseqüentemente, a da escrita, registrando ideias, pensamentos, histórias ficcionais, não ficcionais e mistas. A esse respeito, Silverman (2009, p. 28) menciona: “Sempre que possível, devemos examinar as evidências históricas importantes quando estamos definindo um tema para pesquisa.”

Sobre a abordagem qualitativa utilizada nesta pesquisa, Taylor, Bogdan e DeVault (2016, p. 7) entraram no consenso de que “A [...] metodologia qualitativa refere-se no sentido mais amplo para a pesquisa que produz dados descritivos — palavras escritas ou faladas das pessoas e comportamento observável.”

Esta tese teve como pressuposto básico a natureza qualitativa, pois a tentativa foi a de descrever os significados dados pelos indivíduos participantes de Vivências em Biblioterapia,

com abertura para o diálogo e a oportunidade de relação entre os textos ficcionais e a realidade da vida cotidiana e seus problemas e resoluções. As interpretações compartilhadas no grupo da OLBL contribuíram para as análises e autoanálises de vidas, experiências, problemas e soluções.

A abordagem qualitativa colabora com a ciência ao trazer dados acerca de questões muito particulares. Em Ciências Sociais ela é quem se ocupa do aprofundamento do nível da realidade. O universo dos significados de um conjunto de fenômenos humanos é parte da realidade social, que são: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Há que se debruçar sobre a interação entre humanos e a sua diferença na forma de agir, pensar, fazer e interpretar dentro de um contexto e realidade vivida e partilhada com outros. Este é o universo da produção de relações, representações e intencionalidade humana, sendo também, objeto da pesquisa qualitativa (MINAYO, 2012).

Nesta tese buscamos o significado conferido a cada texto lido e compartilhado nas Vivências em Biblioterapia — objeto de estudo da Ciência da Informação. Sobre isso, Creswell (2010) afirma que é na pesquisa qualitativa que está a disponibilidade de explorar e entender o significado atribuído por indivíduos e grupos a um problema social ou humano. Sobre essas ações realizadas em pesquisa qualitativa, Creswell (2010, p. 26) declara que:

O processo de pesquisa envolve as questões e os procedimentos que emergem, os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados.

Nesse sentido, buscamos realizar um relatório descrevendo os resultados de maneira a focar o significado despontado pelo grupo e, também de maneira individual. A interpretação dos textos e das situações vividas por personagens aconteceu de forma livre para que os participantes tivessem a oportunidade de vocalizar e dialogar acerca das suas visões, ideias, sentimentos, conclusões e efeitos diversos que a leitura pode promover. Isso é o que Creswell (2010) denomina de dar foco interpretativo da complexidade de uma situação.

A Oficina Literária teve seu espaço como campo de estudo desta tese. Os participantes inscritos nas Vivências em Biblioterapia têm, no desenvolvimento das ações, as condições para que se abram e se entreguem ao exercício de parar, ler, ouvir, falar, interpretar, compartilhar, entre outras possibilidades. As ações pessoais pouco a pouco tornaram-se mais naturais à medida que se familiarizam com o grupo e com o Aplicador de Biblioterapia.

Na abordagem qualitativa, segundo Oliveira (2010, p. 37), está o “[...] processo de

reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.” Dessa maneira, Oliveira (2010) informa que o estudo pode utilizar de observação, questionário, entrevista para depois analisar os dados e apresentar os resultados de forma descritiva.

A pesquisa qualitativa é por característica flexível. Ela estuda e analisa as pessoas e suas ações em contexto natural, o que decorre naturalmente nos ambientes, permitindo ao pesquisador realizar o estudo dos processos, dos resultados, dos significados emergentes do fenômeno (SILVERMAN, 2009).

Nesta tese pretendemos realizar o exercício que Silverman (2009) mencionou acerca dos que pesquisam. Ele diz que [...] pesquisadores qualitativos buscam uma resposta para as perguntas “como” e “o que” [...] (SILVERMAN, 2009, p. 312). Sendo complementado por Taylor, Bogdan e DeVault (2016) quando declaram que a pesquisa qualitativa objetiva certificar se a teoria se ajusta aos dados. Assim, verificamos como as duas áreas do conhecimento humano (CI e Literatura) se aproximam e como que elas podem contribuir para a sociedade a partir dos resultados desta tese.

Nossa pergunta está voltada para a aproximação de duas áreas do conhecimento humano que são: Literatura e Ciência da Informação. Os procedimentos que emergem para desenvolver a pesquisa envolve a oferta de Oficina para realizar as Vivências em Biblioterapia e o trabalho de textos para os participantes descreverem os significados que surgem das interpretações dos encontros. Nós analisamos as particularidades que foram registradas nessa experiência em resposta aos objetivos de pesquisa. A nossa interpretação dos dados está delimitada a partir dos significados atribuídos pelos participantes acerca do que foi percebido nos textos literários socializados e divididos em categorias.

Taylor, Bogdan e DeVault (2016, p. 7) explicam que “Pesquisadores qualitativos estão preocupados com o significado que as pessoas atribuem às coisas em suas vidas.” Assim, valorizar a interpretação de textos e ouvir os participantes da experiência da leitura contribui para o que Silverman (2009) chama de sensibilidade contextual. Para ele, é preciso reconhecer que o que se institui em um contexto social pode assumir outro significado em outro contexto.

Sobre a afirmação de Silverman (2009), é preciso lembrar que cada pessoa carrega dentro de si um conjunto de informações que caracterizam seu contexto social, econômico, religioso, familiar, educacional, entre outros. Desse modo, consideramos que a convergência e a divergência de ideias podem e devem ocorrer durante o processo de compartilhamento de ideias no diálogo em grupos e em sociedade.

Esta pesquisa científica pode ser classificada, também, com base em seus objetivos, a

partir de três características diferentes, sendo a primeira do tipo descritiva, que como o próprio verbo descrever indica é, segundo o Dicionário Michaelis (2008, p. 275): “Fazer a descrição de; representar por meio de palavras [...]”. Na pesquisa descritiva o que acontece é narrado (descrito). Na tese, por se tratar de uma abordagem de cunho fenomenológico, o fenômeno foi observado e a sua essência foi descrita, classificada e interpretada pelo pesquisador.

Portanto, esta tese tem a finalidade de descrever como acontece o fenômeno do processo de Mediação da Leitura realizado pela Vivência de Biblioterapia, bem como a ocorrência do Efeito Estético e como eles se relacionam e beneficiam os participantes deste serviço de informação. Desse modo, ela tem características de pesquisa descritiva.

Sobre a pesquisa descritiva, Braga (2007, p. 25) declara que “A pesquisa descritiva tem o objetivo de identificar as características de um determinado problema ou questão e descrever o comportamento dos fatos e fenômenos.”

A pesquisa descritiva “[...] vai além do experimento: procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada.” (OLIVEIRA, 2010, p. 68).

Para Gil (2008, p. 28) as pesquisas descritivas “[...] têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” Esse autor afirma que é neste tipo de pesquisa que “[...] os pesquisadores sociais se preocupam com a atuação prática” (GIL, 2008, p. 28).

No tocante aos procedimentos técnicos, este estudo utiliza a pesquisa bibliográfica, por meio da qual conseguimos ter acesso aos trabalhos que contribuíram para o desenvolvimento sobre as temáticas abordadas. O material precisa ser cuidadosamente levantado, analisado e selecionado para que a qualidade e autoridade dos autores sejam reconhecidas ou aceitas no meio científico. Sobre isso, Oliveira (2010, p. 69) afirma que:

A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador(a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. O mais importante para quem faz opção por uma pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidas do domínio científico.

Com o material bibliográfico levantado em bases de dados e, posteriormente, analisados para a verificação dos textos estarem de acordo com os objetivos da pesquisa, esse corpus pode contribuir com a fundamentação teórica e conceitual do estudo em desenvolvimento.

O método utilizado para compor este estudo é o fenomenológico. A respeito desse método, Taylor, Bogdan e DeVault (2016, p. 10) declaram que “A perspectiva fenomenológica

é fundamental para a nossa concepção de metodologia qualitativa. O que estudam os metodologistas qualitativos, como eles estudam e como eles interpretam, tudo depende de sua perspectiva teórica.”

Fenomenologia ora é vista como filosofia, ora como método (CRESWELL, 2010) ou estratégia, paradigma da pesquisa qualitativa (BRAGA, 2007). A presente tese adota a fenomenologia como estratégia, o que Braga (2007) menciona ser o paradigma da pesquisa qualitativa, tratando de investigar a realidade social. De fato, da realidade social surgem as contribuições investigativas de cunho fenomenológico em que de um lado está o pesquisador e do outro o(s) pesquisado(s).

Consideramos importante lembrar que por mais que este tipo de pesquisa exija uma suspensão de juízos (*epoché*), conceitos, pensamentos, ideologias pessoais etc. do pesquisador, a realidade social está nos dois lados participantes da pesquisa: pesquisador e pesquisados. Braga (2007) e Creswell (2010) alertam que a ação de investigar uma realidade irá gerar efeito sobre ela por parte do investigador. Assim sendo, é necessário levar em consideração a subjetividade de ambos. Taylor, Bogdan e DeVault (2016) consideram que o comportamento humano, aquilo que as pessoas fazem e dizem, é o reflexo de como as pessoas compreendem o mundo.

Tendo em vista a preocupação em ouvir os participantes da OLBL por meio das Vivências em Biblioterapia para o ato da expressão, ato da fala, ato da interpretação, ato da liberdade em expor qualquer assunto que sintam necessidade ou vontade, ato de compartilhar, ato de dialogar, ato de refletir, pensar sobre o que identificaram no texto que os provocou a uma correlação com as suas realidades e vivências individuais e particulares, encontramos na fenomenologia a abordagem que tem condições de trazer as informações de modo puro, originário, como nascem do pensamento e são expressas pela fala dos participantes para a coleta, análise e tratamento dos dados.

Dartigues (2005, p. 26) declara que “A tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo.” Como na fenomenologia o foco está voltado para a subjetividade humana, o pesquisador busca a visão aprofundada da realidade dos indivíduos, o que se torna mais viável quando se dá em número reduzido de participantes e viventes da experiência do fenômeno. Assim, a abordagem metodológica no paradigma fenomenológico vale-se do estudo de caso, observação participante, dentre outras técnicas de pesquisa (BRAGA, 2007; CRESWELL, 2010; CRESWELL, 2014).

A pesquisa fenomenológica é estratégia para identificar a essência das experiências

humanas relacionadas a um fenômeno e descrita por aqueles que a vivenciaram (DARTIGUES, 2005; CRESWELL, 2010; MERLEAU-PONTY, 2010; CRESWELL, 2014). Um estudo fenomenológico descreve os significados comuns a vários participantes de uma experiência vivida de um fenômeno (DARTIGUES, 2005; CRESWELL, 2010; CRESWELL, 2014). O que Merleau-Ponty (2010, p. 1) menciona como sendo um “[...] relato do espaço, do tempo, do mundo ‘vivos’; é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é [...]”, conforme o vivido e experienciado.

A fenomenologia tem como propósito basilar a redução das experiências individualizadas acerca de um fenômeno em sua descrição de essência universal (CRESWELL, 2014); seria o retornar às coisas mesmas, que está anterior ao conhecimento e à determinação científica. Matthews (2010, p. 22) esclareceu como sendo “O esforço de pensar o mundo de nossa experiência sem concepções — deixar o mundo, ou o Ser, falar por si.”

Neste tipo de pesquisa, o método está na coleta de dados por meio de interação com pessoas que vivenciaram o fenômeno. A partir dessa coleta é feita a descrição da essência da experiência vivida, atividade de descrever o *que* eles viveram e *como* viveram (CRESWELL, 2014).

A fenomenologia é o estudo das experiências vividas por pessoas, tendo em mente que há uma visão de que as experiências são conscientes; partindo para o desenvolvimento da atividade de descrição da essência das experiências (CRESWELL, 2014).

Para esta tese, o tipo de fenomenologia aplicada é a transcendental ou psicológica, que está focada na descrição das experiências de quem as viveu, em que o transcendental é tudo aquilo que é percebido como novo ou como se fosse a primeira vez (CRESWELL, 2014), ou como bem disse Mathews (2010, p. 28) “[...] é uma questão de mudança da nossa maneira de ver o mundo”, um exercício de “[...] reaprender a olhar o mundo[...]”.

Na fenomenologia é preciso abandonar — temporariamente — as estruturas teóricas construídas para administrar a vida prática e social (*epoché*). Este é um empreendimento necessário para “[...] voltarmos à nossa experiência não mediada, pré-teórica, do mundo [...]” (MATHEWS, 2010, p. 28).

Realizar a suspensão das estruturas teóricas (*epoché*) não é tarefa fácil para o fenomenólogo. Mas, é necessário, pois, no estudo fenomenológico, é preciso determinar o problema, a abordagem, o tipo de pesquisa, identificar um fenômeno, suspender suas próprias experiências, coletar dados de indivíduos que experimentam o fenômeno por meio de entrevistas, observações, publicações, poesia, músicas, conversas filmadas, filmes, romances etc., usar perguntas gerais e amplas (CRESWELL, 2014).

No procedimento de coleta de dados, os indivíduos são selecionados de acordo com o critério de ter experimentado o fenômeno. Ainda é necessário o registro de forma escrita, destacar o que for relevante e significativo para a pesquisa, podendo categorizar os dados. Dessa forma, o pesquisador passa para o próximo estágio da pesquisa que é a análise e as estratégias para resumir as informações. Por conseguinte, ele faz a representação dos resultados por meio da descrição fenomenológica que abarca as experiências do fenômeno que todos os indivíduos têm em comum, obtendo assim, a essência da experiência (CRESWELL, 2014).

Para compor o grupo de indivíduos que experimentam o fenômeno, pode-se ter uma variação de 5 a 25 pessoas participantes. A validade dos dados está na descrição dos participantes sobre a experiência comum a todos (descrição textual), assim como na descrição do ambiente ou contexto que influenciou os participantes e o pesquisador (descrição estrutural), sendo a essência, a combinação de descrição estrutural e textual. Vale lembrar que no estudo fenomenológico o foco não está na vida de um indivíduo e sim no conhecimento gerado pelas experiências que foram vividas por indivíduos em torno de um fenômeno (CRESWELL, 2014).

Quem trabalha com a pesquisa fenomenológica realiza o feito de tentar ver as coisas da perspectiva dos outros, do ponto de vista de outras pessoas (TAYLOR; BOGDAN; DEVAULT, 2016). A pesquisa fenomenológica contribuiu para esta tese quando das atividades das Vivências em Biblioterapia surgiram as informações acerca do que foi experienciado e vivido pelos participantes, tendo em vista que na fenomenologia o foco está no “[...] significado da experiência das pessoas em relação a um fenômeno [...]” (CRESWELL, 2014, p. 105).

A voz dos participantes em processo de interpretação, diálogo e compartilhamento das percepções e das provocações que os textos conseguiram realizar nos indivíduos é que focam o estudo na fenomenologia e no seu fenômeno: o efeito estético da literatura. O fenômeno investigado é o efeito estético da literatura produzido pelas atividades de Biblioterapia.

Edmund Husserl nos apresenta a fenomenologia (PHE) como um método de investigação filosófica, que é embasado na crítica do conhecimento e permeia o pensamento, a imaginação, a reflexão e o sentido humano. Ele nos leva a aceitar “As perplexidades em que se enreda a reflexão sobre a possibilidade de um conhecimento atinente às próprias coisas” (HUSSERL, 2000, p. 21). Para esse filósofo, o conhecimento vai além dele próprio e transcende, sendo reconhecido fora do homem. Segundo Dartigues (2005, p. 11), Edmund “Husserl é o precursor da fenomenologia no século XX sob a forma do movimento de pensamento.” Para ele não podemos dissociar o sentido do ser e o do fenômeno.

Percebamos que Husserl (2000) foca seus estudos fenomenológicos na tentativa por compreender a possibilidade do apreender por meio exame do seu sentido para obter, diante

dos seus olhos, a essência de como se dá este apreender culminado, transformando-o em dado absoluto.

A PHE é a análise e investigação de essências e nela está o conhecimento concernente às próprias coisas correlatas apontadas para a vivência, quando acontece a experimentação e se reflete sobre o vivido. Assim temos, o sentido dado sobre tudo o que se dá em si mesmo, ou seja, é conhecimento do sujeito que conhece (HUSSERL, 2000).

Por essência, temos a explicação de que ela é o ser da coisa ou da qualidade e, por meio da intuição é que podemos identificar o fenômeno. Há uma essência para cada objeto percebido e temos condições de perceber diversas essências por meio das inúmeras possibilidades de significações produzidas em nosso espírito. Dessa feita, os objetos da percepção, memória, imaginação e pensamento podem nos dar variadas significações — essências (DARTIGUES, 2005).

Foi Husserl quem formulou o método de investigação filosófica que a denominamos PHE. Segundo Cotrim (2006, p. 199, grifo do autor):

O método fenomenológico consiste, basicamente, na observação e descrição rigorosa do fenômeno, isto é, daquilo que se manifesta, aparece ou se oferece aos sentidos ou à consciência. Dessa maneira, busca-se analisar como se forma, para nós, o campo de nossa experiência, sem que o sujeito ofereça resistência ao fenômeno estudado nem se desvie dele. O sujeito deve, portanto, orientar-se para o fenômeno. Sua consciência será sempre consciência de alguma coisa. A fenomenologia se apresenta como a investigação das experiências conscientes (fenômenos), isto é, ‘o mundo da vida’, que Husserl denomina com o termo *Lebenswelt*.

Na PHE a observação tem a possibilidade de descrever o que se manifesta ou aparece sobre o fenômeno aos sentidos e/ou consciência. O campo da experiência é então analisado a respeito desta consciência *de alguma coisa* ou consciência *de*. O mundo da vida é a investigação das experiências conscientes dos indivíduos em observação do objeto e sua essência.

Chauí (2012, p. 78, grifo da autora) analisa esta declaração de Husserl e afirma:

Toda consciência, diz Husserl, é sempre ‘consciência de’ ou ‘consciência de alguma coisa’, isto é, toda consciência é um ato pelo qual visamos um objeto, um fato, uma ideia. A consciência representa os objetos, os fatos, as pessoas. Essa representação pode ser de dois tipos: psicológica (isto é, empírica, variando de pessoa para pessoa e numa mesma pessoa em diferentes circunstâncias) e intelectual (quando o pensamento, sem recorrer aos dados psicológicos individuais, conhece a essência necessária do objeto, isto é, apreende de uma só vez a sua significação ou o seu sentido, independentemente das condições de espaço e tempo). Intuímos idéias (*sic*) ou significações, ou, como diz a fenomenologia, intuímos essências.

Husserl (2000) elabora seus estudos em torno das ideias e da consciência *de* ou *para*,

em uma tentativa de representar o objeto, o fato, a ideia, por meio do tipo psicológico, ao qual cada pessoa pode atribuir um sentido e as circunstâncias pela qual experienciaram e perceberam o fenômeno. Uma prática em que as ideias ou significações dadas são intuições de essências.

A PHE husserliana está em um encadeamento das ideias e na perplexidade que enreda a reflexão sobre a possibilidade do conhecimento relativo às próprias coisas. Em Husserl há um convite à percepção original, observar o objeto como ele é, como é percebido para cada ser em particular (DARTIGUES, 2015).

Para o filósofo Husserl (2000), o fenômeno é tudo aquilo que aparece, o que se apresenta e se dá a nós. Na consciência e sua intencionalidade, ou seja, quando o indivíduo vive uma experiência, ele tem condições para ativar o já vivido e conceber a intencionalidade, como forma de vivência do conhecimento para fazer as conexões e tentar compreender e perceber seu mundo e o mundo do outro, assim a representação dos conteúdos vividos são revelados em momento oportuno pela mente.

Outros adeptos desta abordagem para a investigação científica estudaram e ampliaram o conhecimento acerca da PHE, um deles foi Maurice Merleau-Ponty, em sua tese, ele corporificou as ideias de Husserl; se este elaborou um pensamento voltado para a consciência, aquele defendeu que a consciência está em um corpo.

Merleau-Ponty (1990) disserta sobre a percepção, o mundo e o outro, este que permite que seu corpo seja a representação do papel mediador das experiências em um mundo do qual “[...] a percepção influi nas relações entre mim, enquanto tenho um corpo, e o mundo.” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 291). É nesse sentido que a presente tese se desenvolve — com o homem dotado da percepção.

Um método de estudo nos é apresentado, em que o fenomenólogo foca na percepção, assim, é na consciência que se manifestam os objetos e surgem a nós por meio do olhar (MERLEAU-PONTY, 1990). Todavia, cabe lembrar que vivemos em um mundo com outros, e esses outros são para mim, como o outro do outro, ou seja, eu tenho um outro e esse outro tem o seu outro, que sou eu. Assim, eu sou o outro do outro. Nessa perspectiva, o método fenomenológico está na percepção deste outro também e o como os objetos são apreendidos em sua consciência.

Merleau-Ponty (1990, p. 288) disse: “Penso que o outro é para si e o que sou para mim.” Nessa declaração, ele nos mostra que eu sou para mim um outro diferente de outros e que sou permeado por ideias, consciência, experiências, percepções, visões de mundo e necessidade de estar com o outro. Dessa forma, Merleau-Ponty (1990) nos coloca em relação constante com o outro que conosco habita, em interação da qual a experiência com esse outro se há no mundo.

Mas, que mundo é esse?

Temos como resposta, uma prévia na afirmativa de Merleau-Ponty (1990, p. 289): “[...] é no mundo que podemos ter alguma possibilidade de encontrar uma experiência do outro.” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 289). Aqui, o filósofo deixa em aberto que este mundo pode ser múltiplo, subjetivo e intersubjetivo.

O mundo tem suas raízes no subjetivismo; por meio da descrição dos objetos existentes nele é que podemos ter a consciência do verdadeiro contexto do homem com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1990). Da experiência mundivivencial surgem as possibilidades de “[...] ver como o mundo nos fala do homem” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 290).

Desse filósofo, podemos tirar o aprendizado de que por meio da percepção e da observação dos objetos no mundo, eles dão a nossa localização e estes mesmos objetos nos falam do homem com frequência. Desse modo, Merleau-Ponty (1990, p. 291–292) afirma:

O mundo só tem significado porque tem uma direção; toda localização dos objetos no mundo pressupõe minha localização; num sentido, o objeto da percepção não cessa de nos falar do homem; é nossa expressão como sujeitos encarnados. O objeto já está diante de nós como um outro; ajuda-nos, por isso, a compreender como pode existir percepção do outro.

Nossa relação com o mundo e com o outro promovem a relação de experiência da descoberta do fenômeno e sua essência, o que caracteriza a PHE. Sobre isso, Merleau-Ponty (2011) afirmou ser o estudo das essências e ter o problema dessa linha filosófica na definição das essências, como exemplo de nossa tese, estão a essência da percepção e a essência da consciência.

Em Merleau-Ponty (2011) encontramos a explicação de que a PHE é uma filosofia, ela faz com que algo retorne ao seu estado ou sua situação anterior, assim sendo, ela coloca as essências na existência; na PHE a facticidade — o fato confrontado e que não temos controle — nos permite tentar compreender o homem e o mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

A PHE é uma filosofia transcendental e que coloca em suspenso as crenças, as teorias, os conceitos, as reflexões, o pré-dado sobre o objeto, esta é uma tentativa de compreender as coisas por meio de uma atitude natural em um mundo que está dado e ali, sempre pronto a ser observado e percebido; trata-se do reencontro com o mundo em um contato ingênuo; na PHE, o relato do mundo vivido se dá na tentativa de descrever de forma direta a experiência tal qual ela é, não há necessidade de explicar causas ou gênese psicológica (MERLEAU-PONTY, 2011).

O verdadeiro sentido da PHE está em nós e na utilização do método fenomenológico de

descrição sem explicativas, com o olhar para o antes das coisas mesmas e sobre o mundo vivido, em que a experiência do mundo deve ser descrita tal qual ela é. No retorno às coisas mesmas, o exercício está em voltar para o mundo anterior ao conhecimento que o conhecimento sempre fala. Na PHE, o real deve ser descrito, assim a verdade habita o mundo e no homem que nele habita. Esse mundo é a representação em cima do que é vivido e experienciado pelos indivíduos, o que o torna inesgotável, cada vivência é uma comunicação deste mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

Falta dissertar sobre a intencionalidade, que é algo importante na PHE, por ela representamos as intenções mentais ou cognitivas, ou ainda, a relação de consciência em relação ao objeto. Na intencionalidade está a doutrina da fenomenologia em que cada ato de consciência e experiência é intencional, ou seja, é *consciência de* ou *experiência de* algo, alguma coisa ou outrem. A consciência está direcionada a objetos, assim a fenomenologia descobre e descreve as várias estruturas da intencionalidade, para cada objeto uma intencionalidade correlacionada. Esse tipo de descrição ajuda a entender como o homem se relaciona com o mundo vivido (SOKOLOWSKI, 2012).

O propósito do uso da PHE está na declaração do filósofo Merleau-Ponty, quando da observação e da experiência do mundo vivido, ele diz que “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 19, grifo do autor). Nessas palavras estão as possibilidades de alcançarmos os objetivos desta tese. Entendemos o método descritivo dos fenômenos que deixam as essências aparecerem como fenomenologia, esta que “[...] enquanto revelação do mundo, repousa sobre si mesma, ou, ainda, funda-se a si mesma.” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 20).

Pensamos como a PHE e a literatura podem entrar em sintonia para que o fenômeno da palavra apareça nas Vivências em Biblioterapia. Esta experiência foi realizada como serviço de mediação da leitura literária na Oficina Literária Boca de Leão da Biblioteca Pública de Santa Catarina para a comunidade catarinense.

Encontramos em Lefort (2002) um vislumbre para uma resposta, quando ele nos diz que o sentido de um livro é dado pelos modos de linguagem e narrativa ou formas literárias existentes, para depois ser dado pelo sentido das ideias. O leitor incorpora aos poucos os detalhes do texto literário e apreende em seu pensamento as significações percebidas que estavam presentes na comunicação expressa na literatura. A linguagem do escritor é dirigida ao leitor quase como um novo idioma a ser aprendido, pois expressa seu próprio sentido de maneira diversificada, forçando quem o lê a recriar a prosa de forma tal que pode ser comparada a uma

nova sintaxe, expressão nada prosaica, pois o que é abordado não é convencional em significações.

O efeito estético da leitura provém do contato artístico da linguagem e da narrativa, que no jogo literário resulta no sentido das ideias do livro. A esse respeito, Lefort (2002, p. 9) declarou que “A grande prosa é a arte de captar um sentido jamais objetivado até então e de torná-lo acessível a todos os que falam a mesma língua.”

Na fenomenologia a fala é um canal de expressão do corpo dotado de sentidos que percebem o objeto e buscam sua essência, assim, em Merleau-Ponty (2002, p. 23, grifo do autor) encontramos a seguinte afirmação:

O diálogo, o relato, o jogo de palavras, a confidência, a promessa, a prece, a eloquência (*sic*), a literatura, enfim, essa linguagem à segunda potência, em que se fala de coisas e de idéias (*sic*) apenas para atingir alguém, em que as palavras respondem a palavras, que se exaltam em si mesma e constrói (*sic*) acima da natureza um reino murmurante e febril, nós tratamos como simples variedade das formas canônicas que enunciam *alguma coisa*.

Do texto para o diálogo, duas formas de comunicação, há a possibilidade potencializada de a *consciência de* ou *consciência para alguma coisa* seja expressa e socializada entre os viventes em um mundo em interação constante. Este filósofo dizia que a percepção ou ideia substituída por uma expressão do homem em forma de algum sinal convencional que anuncia algo para alguém ou outrem, uma linguagem (MERLEAU-PONTY, 2002).

Acreditamos que a fenomenologia e a fala serão fundamentais para que no momento do diálogo durante as Vivências em Biblioterapia, os participantes possam estar com outros em interação e percepção para trazer à tona as essências de cada fenômeno. Merleau-Ponty (2002, p. 23) afirmou que a língua por ter à disposição signos fundamentais ligados às significações-chave, é capaz de arranjar as significações novas que partem primeiras e as dizem na mesma linguagem; a língua exprime números indefinidos de pensamentos ou de coisas com número finito de signos; todavia, estes são escolhidos para compor tudo o que se pretende, deseja ou quer dizer como algo novo.

Em uma obra de arte literária, o texto é a representação da linguagem, nele deixamos que a percepção seja iniciada pelo tato, ao pegar o livro, passamos pelo olfato, ao cheirá-lo (algo sinestésico), voltamos ao tato, quando folheamos para analisá-lo e iniciamos a leitura, nosso olhar se entrega às letras dispostas nas folhas do livro e recebe delas a mensagem para ser significada em nossa consciência. Nossa mão tateia a obra para passar as páginas e nossos olhos continuam a percorrê-las na captura das letras, palavras, frases, do texto, quando em

determinado momento nós já nos perdemos no envolvimento com o livro, somos mistura feita pelo efeito desta obra sobre nós. Dessa feita, nossos olhos, nossos dedos, nossas mãos, nossos braços já não são mais elementos estranhos ao texto, eles se misturaram ao livro em um trabalho motor que está no ritmo da história ou poesia escrita. Sobre essa experiência, Merleau-Ponty (2002, p. 31) mencionou: “À medida que sou cativado por um livro, não vejo mais as letras na página, não sei mais quando virei a página; através de todos esses sinais, de todas essas folhas [...]”. O corpo do leitor é emprestado ao texto, que passa a comandar a ação, uma atividade em que um está para o outro e o outro para este um.

Ao viver o fenômeno em outro momento, em outro tempo, em outra oportunidade, em outro contexto, em outra situação, podemos experimentar certas sensações dessa revisitação. Sobre isso, Merleau-Ponty (2002, p. 31) declarou: “Posso perfeitamente, revivendo a leitura ou a representação, lembrar-me de tal momento, de tal palavra, de tal circunstância, de tal mudança da ação.”

Em um trabalho de entrelaçar Mediação de Leitura, Teoria do Efeito Estético, Biblioterapia e Fenomenologia, podemos vislumbrar que em todas essas possibilidades encontramos a intersecção: a leitura do texto e a revelação da virtude da linguagem. O que Merleau-Ponty (2002) revelou ser ela a responsável por nos lançar, enquanto leitores, ao seu significado próprio e leva-nos a uma experiência de acesso além das palavras e coloca-nos em contato direto com o pensamento do autor, em uma interação que podemos acreditar ter conversado com ele sem dizer palavra alguma, os espíritos conversam, afirmou o filósofo.

Enquanto leitores, somos todos corpos que estão um para o outro, sendo este outro uma pessoa, um texto, um autor etc. Nesse jogo, “A leitura é um confronto entre os corpos gloriosos e impalpáveis de minha fala e da fala do autor” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 35). Interagimos com o texto e com o autor em um movimento do qual inferimos sobre o objeto nossa subjetividade.

O objetivo do uso do método fenomenológico nas Vivências em Biblioterapia está no diálogo, em que por meio da fala, as experiências poderão “[...] abrir um caminho até a experiência dos sujeitos falantes” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 37). Esses deixarão aparecer a essência do fenômeno. Por este exercício de descrição das experiências vividas com os textos, os autores e os interagentes da Oficina, é que a PHE contribuirá para os resultados desta tese.

4.2 CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa teve como local de estudo a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina,

especificamente na atividade permanente denominada de Oficina Literária Boca de Leão, ambas apresentadas em prosseguimento.

4.2.1 A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

A história da Biblioteca Pública de Santa Catarina tem em suas origens descritas na Lei nº 573, do ano de 1854, em que o presidente da Província à época, o senhor João José Coutinho sancionou a referida Lei e sua primeira instalação foi nas dependências da Assembleia Legislativa Provincial. Esta é a sexta biblioteca pública mais antiga no Brasil (MACHADO, 2014). De acordo com a Lei nº 573, de 31 de maio de 1854, artigo 1º “O Presidente da Provincia he authorisado a fazer a Assembleia Legislativa Provincial, para n’ella estabelecer huma Bibliotheca publica” (COLLECCÃO DE LEIS..., 1854, p. 29).

Em seu início, Joaquim Antônio d’Azevedo foi quem incentivou a criação da Biblioteca Pública de Santa Catarina, o promotor carioca encaminhou do Rio de Janeiro cerca de 220 itens para compor o acervo da gênese da biblioteca catarinense; entre o material constavam encadernações, mapas, gráficos, romances e informações avulsas. A gestão da coleção ficou a cargo do paulista Francisco Paula Marques de Carvalho — conhecido como “Franc da Pauliceia” (MACHADO, 2007).

Após a saída das instalações da Assembleia Legislativa, a biblioteca teve sede no Liceu de Artes e Ofício e por outros diversos lugares: em 1866 esteve no térreo da Secretaria da Fazenda e na Rua do Livramento 26 (atual Trajano); em 1871 esteve na Sala do Térreo do Palácio do Governo; em 1907 na Rua Trajano, esquina com a Tenente Silveira; no ano seguinte, 1908 ela foi transferida para os fundos do Palácio do Governo, onde permaneceu por longa data; em 1960 foi sediada no velho casarão da Rua Arcipreste Paiva, n. 7 (JORNAL O ESTADO, 1955).

No ano de 1973 esteve sede na Rua Visconde de Ouro Preto n. 39 e, por fim, chegou à Casa da Cultura Embaixador Edmundo da Luz Pinto, localizada à Rua Tenente Silveira, n. 343 (MACHADO; MARCELINO, 2017). Desde então, a BPSC está com as portas abertas de 2ª a 6ª feira, das 8h às 19h e aos sábados, das 8h às 12h, neste endereço: Rua Tenente Silveira, n. 343 no centro de Florianópolis (SC) (SC). É uma biblioteca centenária, que no dia 31 de maio de 2019 completou 165 anos de existência e serviços prestados à comunidade catarinense. O prédio atual possui cinco andares de lugares para usos e interação, sendo: o subsolo com auditório, laboratório de conservação e salas para depósito; térreo com recepção, hall, setor infantojuvenil, setor de empréstimo e devolução e reprografia; primeiro andar para as obras

gerais e, material de referência; segundo andar com acervo de história, geografia e literatura, ainda com material em Braille e periódicos; terceiro andar com as salas de digitalização, administração, secretaria e setor de processamento técnico, setor de Santa Catarina e Obras Raras Gerais. A BPSC tem como missão “[...] manter, conservar e disponibilizar parte da memória cultural do Estado para a população catarinense e promover o hábito da leitura junto a ela.” (BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA, 2018, [não paginado]).

No quadro de funcionários da BPSC consta uma administradora formada em Biblioteconomia, com cargo comissionado, e a secretária, de empresa terceirizada. Os nove bibliotecários e os dois analistas são efetivos com nível superior. Os técnicos são efetivos de nível médio, os terceirizados estão em diversas funções: recepcionistas, digitadores, serviços gerais e auxiliar administrativo. Os policiais são aposentados que estão em regime especial por meio de contrato específico. Quanto aos estagiários, três deles estão como estágios extracurriculares e três com contrato especial, todos eles recebem bolsa remuneratória e são alunos do Curso de Biblioteconomia.

Os serviços oferecidos pela BPSC são: consulta local, empréstimo domiciliar, consulta e renovação on-line, hemeroteca, mural livre e oficina literária. Desses serviços, o que nos interessa no âmbito desta tese é a **Oficina Literária Boca de Leão (OLBL)**, idealizada por Claudete Terezinha da Mata e criada em 24 de julho de 2012, com o apoio da Fundação Catarinense de Cultura (FUNDAÇÃO..., 2017b).

Na OLBL as ações eram voltadas para o público em geral da comunidade da Grande Florianópolis (SC), ou seja, para todos aqueles que desejassem escrever textos criativos e literários, que ao final de cada ano, iriam compor uma coletânea literária para socializar a produção na oficina. Eram dados os primeiros passos na arte de escrever (OFICINA..., 2012).

4.2.1.1 Oficina Literária Boca do Leão (OLBL)

A fase inicial da OLBL foi um laboratório em que todos aprendiam e ensinavam na construção do conhecimento, de modo colaborativo. Os participantes tiveram três horas/aula mensais para ler e produzir contos. Os objetivos foram: desenvolver a criatividade, utilizando recursos próprios de textos poéticos; despertar o gosto pelos contos e demais textos literários; explorar as infinitas possibilidades sugeridas pelos textos lidos e ouvidos; desenvolver a sensibilidade estética; desenvolver a habilidade de interpretar textos literários; organizar um Recital Literário.

Os encontros do ano de 2012 foram quinzenais, a partir do dia 24 de julho, às terças-

feiras, das 19h às 21h, no auditório da Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC). Muitas histórias foram criadas e surgiram oportunidades de contá-las em sessão de “contação de histórias” na Biblioteca, durante as visitas guiadas ou em datas comemorativas; assim como, em escolas próximas à BPSC (OFICINA..., 2012).

Tal projeto teve sequência no ano de 2013, no mesmo formato que ocorreu em 2012. Já no ano de 2014, houve a ampliação da oficina com encontros para a formação de “contadores de histórias.” Logo, os participantes da OLBL podiam escrever para narrar em apresentações. Assim, dois encontros mensais eram para a escrita de contos e dois para a prática da oralidade, visando à narração do conto em sessões de “contação de histórias”. No ano de 2015, a OLBL manteve o formato desenvolvido em 2014 e encerram-se as atividades sob a coordenação e ministração de Claudete Terezinha da Mata (OFICINA..., 2016).

Claudete Terezinha da Mata ofereceu seu projeto para a FCC e, mais especificamente, para a BPSC, com o intuito de que alguém do corpo de funcionários pudesse continuar o desenvolvimento das práticas da OLBL. Claudete enviou por outros caminhos no ano de 2016 (FUNDAÇÃO..., 2017a).

Dessa forma, o projeto da OLBL foi doado por meio de termo assinado pela idealizadora, pela presidente da FCC e pela Administradora da BPSC. Um novo projeto foi escrito e reapresentado à FCC e BPSC para receber a aprovação de sua continuidade, a partir de 2016 como “Atividade Permanente da Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC)”. A Presidente da FCC, Maria Teresinha Debatin, aprovou e assinou o projeto e o formato apresentado, sendo a OLBL coordenada, ministrada e avaliada por funcionários da BPSC, e, em último caso, pela FCC (se necessário fosse). Nos termos do projeto constam que os ministrantes poderiam ser convidados pela instituição, mas a coordenação passaria a ser de responsabilidade da BPSC, que iria inserir em seu quadro de funções esta ação (FUNDAÇÃO..., 2017a).

O bibliotecário da FCC, lotado na BPSC, Evandro Jair Duarte, ficou como responsável para Coordenar e Supervisionar o desenvolvimento da OLBL no ano de 2016. Assim sendo, esta oficina tratou-se de uma ação que visava integrar a comunidade com a BPSC para promover o gosto pela escrita e pela leitura, tendo em vista que para escrever é preciso ler e conhecer o universo literário. A OLBL propôs ser uma atividade aberta ao público da comunidade na qual a BPSC está inserida. Para tanto, aos interessados, foi necessário realizar prévias inscrições (OFICINA..., 2016).

Os encontros iniciaram em 29 de março de 2016 e ocorreram até dia 8 de novembro de 2016, sendo duas reuniões quinzenais no auditório da BPSC, às terças-feiras, das 19h às 21h;

um encontro especial foi marcado em datas previamente agendadas para trazer autores (parceiros promotores do livro e da leitura), eles foram convidados para conversar com os participantes e incentivá-los a ler e escrever. Como a OLBL não dispõe de recursos, os escritores são colaboradores que fazem parte do rol de amigos do Coordenador do Projeto (OFICINA..., 2016).

Para os encontros foram necessários um *datashow* com caixa de som, com a finalidade de possibilitar a reprodução de *slides* e vídeos. A contrapartida dos participantes da OLBL para a FCC e BPSC foi a elaboração de um único conto por participante com cessão de direitos autorais para as instituições promotoras da Oficina; assim foi solicitado à Biblioteca Nacional o registro de um *e-book*¹¹ que foi disponibilizado no site da Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC) com acesso aberto e gratuito para quem desejar fazer o *download* e proceder com o ato de leitura dos contos produzidos como o material resultante da OLBL (OFICINA..., 2016).

O plano de ação, para o ano de 2016, ocorreu da seguinte forma: abertura da OLBL; encontros quinzenais; produção de textos; socialização com leitura dos textos produzidos na OLBL para apreciação dos demais participantes da oficina; produção de um único conto por pessoa para compor um *e-book* a ser colocado em espaço aberto de leitura (com cessão de direitos autorais); matrículas (20 vagas); certificado mediante 75% de frequência; relatório ao término de cada encontro a ser divulgado no Blog da OLBL; registro fotográfico com Permissão de Direitos de Imagem (OFICINA..., 2016). Ao final dos encontros, os textos foram coletados e editados e compuseram o *e-book*, obtendo a participação de 15 escritores oriundos da Oficina. A coletânea foi lançada em outubro de 2017, durante a Semana do Livro e das Bibliotecas (FUNDAÇÃO..., 2017b).

No ano de 2017, a oficina seguiu com encontros semanais com o intuito de desenvolver três encontros voltados para a escrita criativa e contos e um encontro para a reunião do Clube do Livro Lygia Bojunga (OFICINA..., 2017). Em 2018, o Projeto Oficina Literária Boca de Leão foi desenvolvido de modo condensado, sendo ofertada da seguinte maneira: uma (1) Oficina de Escrita Criativa com quatro encontros semanais em abril (OFICINA..., 2018). No ano de 2019, a OLBL ofertou os serviços da seguinte maneira: uma (1) Oficina de Escrita Criativa; uma (1) Oficina de Escrita de Contos Curtos; duas Vivências em Biblioterapia (OFICINA..., 2019). Os encontros referentes aos três anos 2017, 2018 e 2019 foram semanais às terças-feiras, das 19h às 21h, no auditório da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

¹¹E-book 15 Bocas de Leão

<http://www.fcc.sc.gov.br/bibliotecapublica/pagina/20720/bibliotecapublicalancae-book15bocasdeleao>

No ano de 2020 foi divulgado o plano para a oficina prevista para desenvolver as oficinas de escrita criativa, escrita de contos, Biblioterapia e Clube do Livro Lygia Bojunga. O primeiro encontro foi presencial, e aconteceu no dia 4 de março de 2020, às 19h no mesmo local, no auditório da Biblioteca Pública. Nesse mês, foi necessário realizar o *lockdown*¹² para tentar conter a pandemia da Covid-19 e a decisão foi continuar com as atividades remotamente, permanecendo somente os interessados nesta modalidade (OFICINA..., 2020).

Em 2021, o serviço de informação Oficina Literária Boca de Leão foi oferecido ao público ainda na modalidade virtual em virtude da continuidade da contenção da Covid-19 e os encontros se concentraram no 2º semestre, com nove encontros no total, sendo quatro reuniões para a escrita criativa e cinco para o estudo de técnicas de escrita de contos (OFICINA..., 2021).

Como a Aprovação do Comitê de Ética aconteceu somente no dia 27 de setembro de 2021, a coleta de dados para esta tese ocorreu nos meses de janeiro, fevereiro e março do ano de 2022, quando foram realizadas três Vivências em Biblioterapia com as seguintes temáticas: amor, ódio e gratidão.

4.2.1.2 Os participantes das Vivências em Biblioterapia

Para viver a experiência da Biblioterapia **os participantes** da Oficina Literária Boca de Leão tiveram a oportunidade de **se inscreverem no Módulo “Vivências em Biblioterapia” e foram convidados a fazer parte desta pesquisa.**

Cabe lembrar que Minayo (2012) mencionou que o campo de observação precisa ter descrição do local e dos sujeitos da pesquisa. Dentre os vários inscritos na OLBL, foram convidados para as Vivências em Biblioterapia somente **aqueles que estiveram dentro de alguns critérios da estratégia de amostragem intencional**, que Creswell (2014, p. 129) descreve como a “[...] decisão de quem selecionar como participantes (ou locais) do estudo, o tipo específico de estratégia de amostragem e o tamanho da amostra a ser estudada.”

Na tese, a amostragem intencional foi com **homens e mulheres de 21 a 59 anos**. Uma vez que a Oficina Literária Boca de Leão é ofertada desde a sua origem para toda a comunidade catarinense e sem restrições de qualquer espécie, por questões de cuidados éticos se tornou necessário estipular essa amostragem, onde os adultos não precisam de autorização de terceiros

¹² A população mundial passou por um período em que foi preciso ficar em casa e as cidades fecharam as portas de estabelecimentos comerciais não essenciais à sobrevivência humana e as demais instituições (educacionais, entre outras). Permaneceram em atendimento somente supermercados, serviço de saúde e outras necessárias para manter a vida humana.

para participarem voluntariamente dos encontros da pesquisa.

Como **critério de amostragem**, foi realizada a **aplicação de um questionário** (APÊNDICE C), pois para a Vivência em Biblioterapia para esta tese foi **necessário que todos os participantes fossem leitores praticantes da leitura**. Em Creswell (2014), descobrimos que pode haver uma variação muito mais limitada de estratégias de amostragem para os estudos fenomenológicos, tendo em vista que é essencial conseguir promover a todos os participantes a experiência do fenômeno que está sendo estudado; o critério de amostragem funcionou bem quando todos os indivíduos estudados representam as pessoas que experimentaram o fenômeno.

Sobre o tipo de amostragem, Creswell (2014, p. 129–130) declara que:

O conceito de amostragem intencional é usado em pesquisa qualitativa. Isso significa que o investigador seleciona indivíduos e locais para estudo porque eles podem intencionalmente informar uma compreensão do problema de pesquisa e o fenômeno central no estudo. Devem ser tomadas decisões sobre quem ou o que deve ser amostrado, que forma a amostragem assumirá e quantas pessoas ou locais precisam ser amostrados.

Os **encontros** aconteceram de **modo on-line**, via **Meet do Google** e os indivíduos eram os participantes da OLBL, **todos adultos** e dentro da **faixa etária de 21 a 59 anos**, tendo um **total de seis pessoas**. De acordo com Creswell (2014), a amostragem precisa de prévio planejamento com o tipo de estratégia de amostragem, que neste caso é o de investigação qualitativa com estratificação intencional, pois facilita a realização de comparações; sobre o tamanho da amostra, esta é uma questão importante tendo em vista que os indivíduos serão estudados em consonância com amplos detalhes sobre eles.

4.3 COLETA DE DADOS

Das Vivências em Biblioterapia vieram os dados coletados para posterior análise, categorização e interpretação. Dessa maneira, como instrumento de pesquisa optamos pelo uso de formulários e um questionário de perfil de leitor, que segundo Oliveira (2010) são técnicas utilizadas em pesquisa qualitativa.

A coleta de dados é uma técnica utilizada na pesquisa científica para:

Significa obter permissões, conduzir uma boa estratégia de amostragem qualitativa, desenvolver meios para registrar as informações e prever questões éticas que possam surgir. Também, nas verdadeiras formas de coleta de dados, os pesquisadores frequentemente optam por apenas conduzir entrevistas e observações (CRESWELL, 2014, p. 121).

Para obter a informação necessária para os resultados desta tese, foram seguidos todos os procedimentos necessários com relação à permissão, estratégias, registros e questões éticas, além disso, foram utilizados os instrumentos de formulários, questionário e as observações. Com o objetivo de seguir os protocolos necessários para a coleta de dados, adotamos o círculo da coleta de dados descrita por Creswell (2014), que são: escolher local/indivíduo, obter acesso e fazer *rapport*, amostragem intencional, coletar dados, registrar as informações, solucionar questões do campo e armazenar os dados.

Enxergamos na coleta de dados, o que Creswell (2014) disse ser o caminho realizado para a execução de uma série de atividades que estão inter-relacionadas com o objetivo de reunir informações para responder às perguntas de pesquisa (CRESWELL, 2014).

O procedimento de execução do plano para a coleta de dados seguiu alguns passos, como: a divulgação e a realização de Vivências em Biblioterapia, registros em diário de campo com anotações de observações por parte do pesquisador, preenchimento de formulário por parte dos envolvidos com as Vivências em Biblioterapia, e gravação em áudio das Vivências em Biblioterapia.

4.3.1 As Vivências em Biblioterapia

A Biblioteca Pública de Santa Catarina, por meio da atividade permanente Oficina Literária Boca de Leão, divulgou o calendário dos encontros para a comunidade catarinense participar das Oficinas Literárias com os seguintes módulos: Módulo 1 – Escrita Criativa; Módulo 2 – Escrita de Contos Curtos; Módulo 3 – Vivências em Biblioterapia, oferecidas ao público catarinense, podendo ser participantes com idade de 21 a 59 anos. Como critério de seleção, os inscritos deveriam ser capazes de comunicação em língua portuguesa e sejam leitores praticantes. Desse grupo, partimos para a atenção a ser dada aos inscritos do Módulo 3 e fizemos o convite para as Vivências em Biblioterapia, com a apresentação do projeto desta tese àqueles que estiverem dentro do perfil aqui estabelecido.

Os interessados se inscreveram para participar da pesquisa e preencher os formulários de ciência da pesquisa e concordância em viver a experiência, colaborando com o fornecimento de informações para o registro em formulários com questões respondidas por eles, gravação dos encontros e observação registrada pelo pesquisador e demais critérios éticos descritos na subseção 3.3.6 desta tese.

Como meio de realização da coleta de dados com este grupo, foram oferecidos três encontros on-line via *Meet* do Google para as Vivências em Biblioterapia. Cada reunião teve a

utilização de textos literários de autores contemporâneos, como poesias, contos, crônicas ou ensaios com temáticas diferentes, sendo elas as seguintes emoções: amor, ódio e gratidão.

Por conseguinte, três atividades lúdicas foram realizadas, uma em cada momento da vivência, além de termos três oportunidades para o diálogo e a expressão dos participantes (livre participação). Os registros realizados por eles compuseram três formas de expressão do efeito estético durante a recepção dos textos, tais como desenhos, poemas, escritos curtos e registros de memória. Cada vivência teve a duração média de 1h30min e a periodicidade foi semanal, tendo como Aplicador de Biblioterapia este pesquisador.

Uma vez que ele era coordenador e ministrante da OLBL, teve um tempo hábil para conseguir com que os participantes estivessem mais à vontade com a sua presença durante as oficinas de escrita realizadas em 2022, assim quando chegasse o momento das vivências, puderam ter mais segurança em falar, escrever e expressarem seus sentimentos e suas emoções.

Os resultados da coleta de dados são apresentados por meio da Análise de Conteúdo e categorização dos registros das Vivências em Biblioterapia, a descrição sobre isso está na subseção 3.4 desta tese.

Salientamos que a Biblioteca Pública de Santa Catarina foi escolhida como ambiente de pesquisa por ser um espaço com oportunidades de experiências de leitura e escrita mediada pela Oficina Literária Boca de Leão, que esteve aberta a receber as práticas de Vivência de Biblioterapia para a comunidade catarinense (APÊNDICE E).

Consideramos que o pesquisador ganhou com a experiência proporcionada e vivida com a Biblioterapia e o aprendizado do contato com o público-alvo, além de ter dados para sua tese. De igual modo, os participantes receberam — gratuitamente — a experiência vivencial da Biblioterapia e com a oportunidade de viver por um tempo em grupo que leu e discutiu textos que promoveram a reflexão sobre os afetos inerentes ao homem.

A instituição BPSC teve a oferta gratuita de uma prática social e a disposição para o público que buscou por outras formas de utilizar os serviços de informação da biblioteca pública. A comunidade catarinense teve à disposição um serviço gratuito de leitura, promoção da leitura, com possibilidade da expressão verbal, escrita e artística de sentimentos provocados pela leitura.

4.3.2 O diário de campo do pesquisador

O diário de campo é uma forma de registro que tanto pode ser manual ou digital. Nele o pesquisador pode escrever e descrever o que observa e as falas pontuais para os objetivos da

pesquisa. Como formato para as anotações, pode ser utilizado um caderno, uma caderneta, um diário, um documento digital para anotações como: *word*, *wordpad*, bloco de notas, entre outros. O diário serve para reunir notas de campo, podendo ser de observação ou de falas durante a entrevista.

Para esta tese o diário de campo do pesquisador foi um arquivo de *word* com anotações diversas do que foi observado em cada encontro. Como método de registro constaram apontamentos sobre os participantes durante as vivências como observação do pesquisador e de falas reproduzidas por eles. Após cada encontro, foram feitas anotações sobre o processo como um todo em consonância com as observações realizadas no momento da leitura ou escuta de textos, da socialização, das falas em compartilhamento e de atitudes durante os encontros.

4.3.3 A gravação das Vivências em Biblioterapia

Como recurso para a coleta de dados, estava a possibilidade da gravação em áudio para posterior transcrição ou análise das falas. Para este procedimento o pesquisador dependeu da concessão dos participantes com relação ao meio de registro. Esta foi a condição *sine qua non* para fazer parte do grupo e participar das Vivências em Biblioterapia; assim, cientes de que aconteceria a gravação, todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. O equipamento para o registro eletrônico de gravação de áudio utilizado na coleta de dados era do próprio pesquisador. Após cada encontro, ocorreu a transcrição na íntegra do áudio que foi salva e arquivada em documento *word*. Essa prática consistiu na possibilidade de registrar informações fundamentais para os objetivos desta pesquisa e reanalisar em busca de outros dados não percebidos no primeiro momento.

4.3.4 Observação participante das Vivências em Biblioterapia

O pesquisador tem a possibilidade de ser o observador do evento realizado e participante, ele pode registrar fatos, apontamentos, impressões, entre outros aspectos sobre as Vivências em Biblioterapia. Merriam (1998) declarou que por meio da pesquisa qualitativa está a suposição de que a realidade é construída por pessoas em interação com o mundo social e que o pesquisador se interessa em compreender o significado construído por pessoas; por esta via, ele descreve a atribuição dada por pessoas ao sentido e às experiências que elas têm do mundo vivido. Creswell (2014, p. 137) afirmou que “A observação é uma das ferramentas-chave para a coleta de dados em pesquisa qualitativa.” Todavia, é importante focar no propósito, na

pergunta e objetivos da pesquisa.

Creswell (2014) esclarece que na observação é possível analisar o ambiente, os participantes, as atividades, as interações, as conversas e os comportamentos durante o processo de realização do evento.

Sobre a observação participante, Taylor, Bogdan e DeVault (2016) disseram haver possibilidade de interação e relação do pesquisador com os informantes da pesquisa. A pesquisa é conduzida de tal forma que os envolvidos não percebem que estão participando de uma investigação e o observador é uma pessoa em processo de coleta de dados. No entanto, todos devem ser informados de que estão fazendo parte de uma pesquisa e consentirem com ela. Os autores fazem um alerta para que todos os cuidados éticos sejam tomados, bem como a confidencialidade deve ser preservada. Sobre o observador participante completo, Creswell (2014) lembra que ele estará envolvido totalmente com as pessoas observadas, o que contribui para o *rapport*.

Da OLBL foram convidados a participar das Vivências em Biblioterapia os seis leitores que estiverem dentro de um perfil de leitor praticante. Assim, todos foram informados de que se tratava de uma pesquisa científica com necessidade de coleta de dados e como se procedeu para os registros de informações.

Taylor, Bogdan e DeVault (2016) comentaram que, além dos convidados a vivenciar a experiência, o observador participante procura por participantes-chave¹³ em busca de fornecer a informação profunda para ajudar nos ajustes de dados não esclarecidos.

Na relação entre observador e observado surge a realidade socialmente construída, pois a pesquisa qualitativa contribui para analisar o mundo pela percepção de diferentes pontos de vista, com a apreensão da experiência de pessoas com problemas na vida cotidiana obtida no mundo real (TAYLOR; BOGDAN; DEVAULT, 2016).

Cabe ao observador mencionar que se trata de um estudo e a coleta de dados serviu para uma tese de doutorado, além de fornecer informações sobre a pesquisa e objetivos dela, como registrar os dados de diversas formas. Como participante do processo, ele teve condições de se relacionar com os participantes de maneira a conduzir à confiança e tranquilidade em um convite à abertura e participação das atividades e socialização oral.

Uma tarefa difícil, mas ao ser conduzida com ética e cuidados éticos com a informação e com os observados permitirá formas de garantir dados direcionados às respostas de pesquisas

¹³ Estes foram os participantes da Oficina Literária Boca de Leão que ao preencherem o questionário de caracterização do perfil do leitor (APÊNDICE C) foram convidados a participar da pesquisa.

e alcance dos objetivos como possível satisfação dos viventes de Biblioterapia ao se perceberem nos resultados.

4.3.5 Cuidados éticos da pesquisa

Como esta é uma pesquisa fenomenológica, ela tem como fonte de informação as pessoas para viver e experienciar um fenômeno e compartilharem o que foi vivido. Diante disso, é importante tomar algumas providências que envolvem questões éticas na pesquisa.

O acesso ao local de estudo foi o ambiente de trabalho do pesquisador, no entanto, foi necessário formalizar e documentar a permissão para estudar o local (APÊNDICES D e E), pois como menciona Creswell (2014), como cuidado ético está a necessidade de ter permissão institucional para a entrada em campo e coletar dados.

De igual modo, a pesquisa precisou ter permissão da universidade por meio da análise da banca examinadora do projeto de pesquisa e da sua aprovação para poder ser executado o estudo. No mesmo sentido, foi necessário obter a aprovação da Comissão do Conselho de Ética da UFSC para ser desenvolvida (APÊNDICE F).

Terminados os procedimentos anteriores, o passo seguinte foi o de convidar os participantes e estes aceitarem experienciar as Vivências em Biblioterapia. A presença deles necessitava ser de livre e espontânea vontade, assim como a socialização por meio de escritas, falas e demais atividades das vivências (APÊNDICE A). Além da obtenção do uso do espaço, da permissão para estudo local e aprovação por parte das instituições envolvidas e dos participantes (APÊNDICE E). Sobre este aspecto, Creswell (2014) menciona que é preciso cuidar para o desenvolvimento da pesquisa não gere nenhum impacto prejudicial ou provoque riscos aos participantes.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi preenchido por todos os envolvidos no desenvolvimento da pesquisa, Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC) e participantes da Oficina Literária Boca de Leão (OLBL). Segundo Creswell (2014) tal documento conteve: o direito dos participantes de voluntariamente se retirarem do estudo a qualquer momento; o propósito central do estudo e os procedimentos a serem usados na coleta de dados; a proteção da confidencialidade dos respondentes; os riscos conhecidos associados à participação no estudo; os benefícios esperados aos participantes do estudo; a assinatura do participante e do pesquisador.

Os cuidados éticos significaram que o pesquisador precisou ser honesto e ético; não podendo haver fraude no sentido em que ao começar a pesquisa, todos os indivíduos envolvidos

precisariam ter ciência de que suas exposições estivessem registradas, eles não poderiam ser enganados, pois a observação velada (sem informar do estudo em andamento) é um problema ético sério; outro cuidado foi a não identificação dos envolvidos para os leitores do resultado da pesquisa, pois é de bom senso proteger as identidades das pessoas, assim como garantir que todos entenderam acerca da pesquisa e consentiram com ela. No tocante à análise de dados, os cuidados estão no ato de produzir generalizações válidas e cuidar para não decorrer de ultraje moral, mostrar aos leitores que há imparcialidade com as pessoas participantes cujas vidas e experiências são descritas (SILVERMAN, 2009).

Ressalto que apesar de todos os cuidados éticos, a proteção acerca da identidade dos participantes não pode ocorrer com 100% desta garantia, pois eles próprios conseguem se identificar e identificar os outros por meio de trechos das respostas dadas às perguntas ou falas feitas durante as Vivências em Biblioterapia. Todavia, a substituição de seus nomes por nomes de personagens da literatura é um recurso utilizado para deixá-los no anonimato e em segurança.

Além de todos esses cuidados, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina analisou todos os critérios e verificou a viabilidade da execução do projeto. Assim, para o desenrolar da pesquisa, foram utilizados:

- a) Projeto para qualificação;
- b) Carta de apresentação para as instituições envolvidas e participantes;
- c) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as instituições envolvidas e os participantes;
- d) Apresentação do projeto ao Comitê de Ética;
- e) Solicitação da autorização do responsável legal pelas instituições;
- f) Termo de Consentimento para a gravação de áudio e vídeo;
- g) Aplicação do uso de questionário sem a identificação dos respondentes.

Dessa maneira, a consolidação desta tese foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética da UFSC.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Em vias de análise e para a respectiva apresentação dos dados foram utilizadas as técnicas de Bardin (2011) para verificar o conteúdo dos registros com vistas à categorização, pois é na análise de conteúdo que se encontra a relação com as formas de comunicações e o exercício de compreender os significados imediatos e o que está além disso.

Análise de conteúdo é um método empírico, consiste em um conjunto de técnicas

aplicadas na análise da comunicação que foi registrada, escrita e passível de análise. Para utilizar essa prática é preciso alguns domínios dos envolvidos, como: competência para o código escrito e oral, um monólogo de pessoa e documentos provenientes de entrevista para o conteúdo ser analisado após. Os vestígios estão na manifestação de fenômenos e dados fornecidos na coleta em campo (BARDIN, 2011).

Por definição de Análise de Conteúdo, temos a seguinte declaração:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

As técnicas para analisar o conteúdo dos registros das Vivências em Biblioterapia precisaram de planejamento e procedimentos sistemáticos, como bem indica Bardin (2011) em sua definição de análise de conteúdo, o conjunto de técnicas serão apresentados a seguir.

De acordo com Bardin (2011) por meio da análise de conteúdo o pesquisador pode conhecer o que está por detrás das palavras que se dedica examinar [o que é invisível aos olhos desatentos]. Desse tipo de análise é possível obter outras realidades por meio das mensagens e uma das técnicas é a categoria temática e os registros da coleta de dados devem ser transcritos com a inserção de hesitações, risos, silêncios, entre outros, bem como estímulos por parte do investigador. A fala dos participantes deve ser a mais espontânea possível, o seu discurso falado tem a possibilidade de expressar a vontade do participante, vivência, sentimento e pensamento sobre algo ou alguma coisa, da qual a subjetividade se faz presente por meio da fala.

Sobre a análise de conteúdo, em seu primeiro nível há um trabalho de decifrar com a estrutura voltada para cada pessoa, na busca por compreender a fala do participante da ação. O método apresenta algumas etapas como organização, pré-análise, referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores, culminando na categorização (BARDIN, 2011).

Na etapa da organização para a análise, é preciso preparar os dados a serem explorados e tratados como resultados, com inferência e interpretação. Da pré-análise, a organização cria sistematizações das ideias preliminares e culmina em esquemas de operações em plano de análise (BARDIN, 2011).

Como primeira etapa da pré-análise é preciso realizar a leitura flutuante¹⁴, ou seja, ler os documentos e verificar impressões e orientações. Seguindo com o método, a referenciação

¹⁴ Expressão utilizada por Bardin (2011).

dos índices pode registrar expressões, cacoetes, frases interrompidas, repetições, gagueiras e sons incoerentes, outros, bem como a frequência de repetição, todos os traços de estado emocional dos participantes (BARDIN, 2011).

Na fase do tratamento dos resultados obtidos e da interpretação, os resultados brutos precisam ser estudados, analisados e organizados de forma a torná-los significativos e válidos, para propor inferências. Para a codificação, os resultados precisam ser organizados e recortados em vias de escolher as unidades e enumerados para a escolha das regras de contagem, e a classificação e a agregação determinam as categorias (BARDIN, 2011).

Como unidade de registro temos o tema, assim realizar a atividade de análise temática necessita identificar os núcleos de sentido da comunicação, da qual a presença, frequência de aparição podem contribuir para significar alguma coisa. No tema é possível identificar motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências, outros. O objeto trata do tema-eixo do discurso e sua organização, o que recorre ao recorte de textos em relação aos temas-eixo, com agrupamento do que foi expresso a seu respeito (BARDIN, 2011).

Unidade de contexto tem a função de compreender e codificar a unidade de registro. Nessa atividade usamos regras de enumeração, modo de contagem em que a frequência é a medida mais usada, correspondente à unidade de registro aumentada pela constância das aparições. Assim, a aparição e a regularidade dela é o que se considera como significativo (BARDIN, 2011).

A categorização consiste na classificação dos elementos com agrupamento de gênero ou analogia, com critérios predefinidos. Cada categoria representa uma classe e a reunião de grupo de elementos com título genérico, de acordo com Bardin (2011). Sobre os critérios utilizados para cada categoria, temos as seguintes informações:

O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade ficam agrupados na categoria 'ansiedade', enquanto que os que significam a descontração ficam agrupados sob o título conceitual 'descontração'), sintático (os verbos, os adjetivos), léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sinônimos e dos sentidos próximos) e expressivo (por exemplo, categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). (BARDIN, 2011, p. 147).

Há aqui o uso da categorização do agrupamento, todavia, exercício em que se leva em consideração a realidade oferecida para a pesquisa, pois Bardin (2011) nos apresenta a possibilidade de agrupar por critérios de semântica, sintaxe, léxica e expressão, assim a atividade de classificar relaciona o que há de comum sobre cada elemento; na categorização os elementos são organizados por inventário – isolamento dos elementos – e por classificação – a

repartição dos elementos – uma organização da mensagem. Nesta tese, as possíveis categorias são: efeito estético manifestado na poesia e efeito estético manifestado na crônica. Os textos selecionados para utilização nas Vivências em Biblioterapia foram todos de autores contemporâneos.

A abordagem fenomenológica, que segundo Josgrilberg (2004) é a adoção do paradigma fenomenológico como aquele que favorece as perguntas relacionadas aos processos internos das pessoas, para deixar surgir o significado fundamental do que é feito ou percebido, preocupa-se com o sentido das coisas. Na fenomenologia, o método consiste em descrever o que foi vivido, com o real sendo descrito (MERLEAU-PONTY, 2011). Por esse método é que pretendemos fazer aparecer os momentos em que a Teoria do Efeito Estético surgia nas Vivências em Biblioterapia na Oficina Literária Boca de Leão da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

5 RESULTADOS: AS VIVÊNCIAS EM BIBLIOTERAPIA E A DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS

A jornada passou para outra etapa nesta história, um aprofundamento prático será narrado a partir deste momento. Agora o que segue nas linhas a seguir são os resultados e relatos dos dez encontros dinamizados pelo Aplicador de Biblioterapia para os leitores que se inscreveram, com o objetivo de participar das vivências, pudessem viver a experiência proporcionada pelo texto literário. Deste ponto em diante iremos conhecer as personagens desta nossa história construída no coletivo, e, eu, o mediador da atividade prática, irei pedir permissão para escrever em primeira pessoa, tendo em vista que se trata de uma atividade de mediação da leitura literária em um processo de abordagem fenomenológica. Ela me autoriza a escrever em primeira pessoa, pois conduzi os encontros e vou descrever o processo daqui em diante não só como observador, mas também, como participante, aquele que está no meio da ação, mediando e vivendo a experiência em conjunto com os interagentes.

Os encontros para as Vivências em Biblioterapia trataram de temas diferentes ligados às emoções. No primeiro encontro o tema foi o amor, no segundo a temática foi em torno do ódio e, por fim, a abordagem foi sobre gratidão. Dessa maneira, primeiro apresentaremos o perfil dos interagentes e em seguida o conteúdo de cada Vivência de Biblioterapia.

5.1 PERFIL DOS INTERAGENTES DAS VIVÊNCIAS EM BIBLIOTERAPIA

Com o intuito de cumprir o objetivo específico de alínea “a” é que foi delineado o perfil dos participantes das Vivências em Biblioterapia para esta tese.

O grupo para participar das práticas biblioterapêuticas consistiu em quatro pessoas que se identificaram com o sexo feminino e outras duas pessoas do sexo masculino. Quanto às suas vidas sociais, posso dizer que três delas são pessoas casadas, uma tem união estável e duas são solteiras. Ao trazer dados sobre as origens dos interagentes, informo que quatro deles são catarinenses e os outros três são gaúchos. Todos eles moram em Florianópolis (SC) (SC) e para caracterizar a formação educacional do grupo, dois interagentes têm o ensino médio, quatro com graduação, dois com especialização e um com mestrado.

Perguntados sobre que tipo de leitores eles se consideram no tocante à quantidade de livros lidos ao ano, duas participantes afirmaram ler 48 livros ao ano; uma pessoa disse que lê um (1) livro ao ano; um participante mencionou ler dois livros ao ano; uma pessoa declarou ler seis livros ao ano; e uma pessoa falou que lê 12 livros ao ano. Diante desse resultado,

calculamos a média aritmética do grupo e o resultado foi de 19 livros ao ano para o grupo todo.

Questionados sobre o lugar favorito para se realizar a leitura do livro, as respostas foram diferenciadas: um (1) respondeu ser a poltrona de leitura da biblioteca, um (1) sinalizou o sofá aconchegante, um (1) disse que é o ônibus, uma (1) pessoa falou que é dentro do quarto, sentada na cama, um (1) disse que é o sofá, mas diferente da primeira aparição de sofá na resposta, este está no escritório, um (1) participante declarou ser ao ar livre. O grupo é diversificado com apenas um lugar em comum que é o sofá, o qual duas pessoas responderam ser o favorito para a leitura.

Sobre o tipo de literatura que preferem ler, três pessoas afirmaram que o romance romântico é o seu favorito, duas pessoas mencionaram que gostam de todos os tipos e um (1) respondente citou biografias e poesia.

Identificar o perfil leitor dos participantes das Vivências em Biblioterapia é o primeiro objetivo desta tese, cujo requisito foi cumprido com a substituição dos nomes reais por seus pseudônimos, que representam um personagem de livros que os interagentes gostaram de ler e elegeram para serem renomeados. Outro aspecto fantasioso que se mistura às respostas reais é a ligação do nome da personagem com o nome dos autores das obras literárias e, quando possível, o nome do livro da qual a história foi escrita, formando um grau de parentesco da personagem com autores e a obra como biografia delas. Por essa feita, nossa primeira interagente foi Elizabeth Bennet, o segundo foi Graciliano Ramos, o terceiro foi Saci Pererê, a quarta foi Hermione Granger, a quinta foi Cinderella, e a sexta foi Ana Terra, conforme apresentamos nas subseções a seguir.

5.1.1 Perfil de Elizabeth Bennet

Ela é filha de Jane Austen e teve a sua história contada em um livro intitulado “Orgulho e Preconceito”. Ela nos afirma ser uma leitora voraz, que lê mais de 48 livros ao ano, costuma ficar sentada em sua poltrona de leitura, a qual está estrategicamente em um canto da biblioteca de sua casa. Neste local é possível levantar os olhos e ter em sua frente uma linda vista da natureza. O tipo de literatura que ela mais se agrada é o romance. Em sua lembrança mais remota, sua primeira leitura em livro impresso foi a que realizou na escola, da obra “Aventura no Egito”. Elizabeth Bennet diz que o seu autor favorito é Nicholas Sparks e a sua autora de predileção é a Emily Giffin, ambos escrevem romances. Com o intuito de eleger o livro de seu favoritismo ela escolheu “Um dia”, do autor David Nicholls. Como livro de cabeceira, no momento está a obra “Um caminho para a liberdade”, da autora Jojo Moyes, também autora do

livro eleito como aquele que a marcou por causa da história, com o título “Baía da esperança”. O motivo da escolha se deu em razão da verossimilhança, pois “*A história mostra a vida de uma mulher que vive à beira do mar cuidando de uma pousada. Tive identificação imediata.*” (ELIZABETH BENNET, 2022). Questionada sobre o que considera ser Biblioterapia, a interagente nos responde da seguinte maneira: “*O que a leitura literária reflete, desperta em você. Quais sentimentos você tem quando lê, estuda, ouve um texto e o quanto isso pode transformar a sua vida.*” (ELIZABETH BENNET, 2022). Por fim, ao ser questionada sobre o que espera da Biblioterapia, ela responde: “*Conhecer pessoas e textos diferentes dos que estou habituada e participar das reflexões, e observar os pontos de vista de cada um.*” (ELIZABETH BENNET, 2022).

5.1.2 Perfil de Graciliano Ramos

Ele é leitor parcimonioso, aquele que lê um livro ao ano, saboreando cada palavra sentado em seu sofá na sala de sua casa. O tipo de literatura que mais lhe agrada é a biografia e a poesia. Ele nos disse que sua lembrança mais remota acerca da primeira leitura, em livro impresso, foi a que realizou da obra “O Ateneu”, de Raul Pompeia. Como seu autor favorito está Paulo Leminski e a obra dele intitulada “Toda poesia” está como livro de cabeceira neste momento. Não conseguiu eleger uma autora como sendo de sua predileção. O seu livro de cabeceira é “Dom Casmurro” e a história que mais marcou a vida dele é “Vidas Secas” do autor Graciliano Ramos, tendo como motivo para esta escolha o fato de que “*Mostra uma realidade e que vai perdurar por muito tempo.*” (GRACILIANO RAMOS, 2002). Questionado sobre o que considera ser Biblioterapia, o interagente nos responde da seguinte maneira: “*Interpretação e análise do perfil dos personagens dentro do contexto da história.*” (GRACILIANO RAMOS, 2022). Por fim, ao ser questionado sobre o que espera da Biblioterapia, ele diz: “*Respostas e análises diferentes da minha.*” (GRACILIANO RAMOS, 2022).

5.1.3 Perfil de Saci Pererê

Ele é filho do Folclore Brasileiro e teve sua história contada em diversos livros, por diversos autores. A narração de suas traquinagens impera em rodas de contação de histórias por longa data histórica. Ele é o tipo de leitor que lê dois livros ao ano, explicando o motivo ao nos revelar que o seu lugar favorito para a leitura é o ônibus. Por depender do transporte público e passar muitas horas nele, recorreu à leitura como forma de compensar a ociosidade do tempo

de viagem e acaba entrando na viagem literária. Saci Pererê diz ser do tipo de leitor que gosta de todos os gêneros literários, desde que o cativem. Não é do tipo que tem autor ou autora favoritos, tampouco livro do qual goste mais que outros. Com o intuito de eleger o livro de sua lembrança remota de leitura, citou “No país das Formigas”, de Menotti del Picchia, e as “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato. O livro de sua cabeceira no momento é “A impureza da minha mão esquerda”, de autoria do escritor Henry Bugalho. Saci Pererê tem como livro favorito “O Senhor dos Anéis”, da autora J. R. R. Tolkien, que leu mais de 30 vezes por gostar da forma escrita. Questionado sobre o que considera ser Biblioterapia, o interagente nos responde da seguinte maneira: “*Entendo como uma ação da leitura para apaziguar as aflições do dia a dia.*” (SACI PERERÊ, 2022). Por fim, ao ser questionado sobre o que espera da Biblioterapia, ele responde: “*apurar mais ainda o gosto pela leitura.*” (SACI PERERÊ, 2022).

5.1.4 Perfil de Hermione Granger

Ela é filha de J. K. Rowling e teve sua história contada em uma saga denominada Harry Potter, ela é leitora que lê dois livros ao ano, dentro do quarto ou sentada na cama. Ela diz que é o lugar do qual consegue utilizar para sua concentração, sem a atenção perdida ou desviada para outra coisa. O tipo de literatura que mais lhe agrada é o romance romântico. Ela nos disse que sua lembrança mais remota sobre a primeira leitura realizada em livro impresso foi “As Reinações de Narizinho”, do autor Monteiro Lobato. O seu autor favorito é Khaled Hosseini e a autora é a Taylor Caldwell. Com o intuito de eleger o livro de seu favoritismo ela escolheu “Médico de homens e de almas”, de Taylor Caldwell. O livro de sua cabeceira no momento é “Grandes Sertões: Veredas”, de João Guimarães Rosa. Hermione Granger tem como livro favorito “O perfume”, do escritor Patrick Süskind, pois: “*O autor de ‘O perfume’ parece que entra na alma humana com o seu personagem e capta dali a essência do ser através do odor. O personagem parece sentir o cheiro da alma humana e consegue extrair um perfume que leva ao êxtase, porém às custas de vidas inocentes. Muito bem escrito.*” (HERMIONE GRANGER, 2022, grifo da interagente). Questionada sobre o que considera ser Biblioterapia, a interagente nos responde da seguinte maneira: “*Biblioterapia através da leitura de livros, os mais diversos, o intelecto se expande e ingressa num mundo que não é só de conhecimentos adquiridos, mas também de novas formas de ver e observar tudo a nossa volta, aguçar a percepção e os sentimentos. Aprender e desenvolver o melhor em nós. Sentir que o amor existe e pode ser exercitado.*” (HERMIONE GRANGER, 2022). Por fim, ao ser questionada sobre o que espera da Biblioterapia, ela responde: “*Aprender, e evoluir. Tem um ditado que diz que existem duas*

formas de se aprender: pelo amor ou pela dor. Acredito que a biblioterapia é um dos meios de se aprender pelo amor.” (HERMIONE GRANGER, 2022).

5.1.5 Perfil de Cinderella

Ela é filha de Charles Perrault e teve sua história contada em um livro intitulado “Cinderela” ou “A Gata Borralheira”, ela é leitora voraz, que lê mais de 48 livros ao ano, sentada no sofá do seu estúdio, onde tem a estante com os seus livros. Gosta de ler na praia ou na rede da varanda. O tipo de literatura que mais lhe agrada é o mais eclético possível. Ela nos disse que sua lembrança mais remota enquanto primeira leitura em livro impresso foi a que realizou da Coleção dos Irmãos Grimm, Perrault e Andersen, tendo como seu favorito “O ladrão de Bagdá”. Na infância leu os gibis de Walt Disney e de Maurício de Souza. O seu autor favorito é Machado de Assis e a autora é a Ágatha Christie. Com o intuito de eger o livro de seu favoritismo ela escolheu “Odisseia”, do autor Homero. O livro de sua cabeceira no momento é “Propósito: a coragem de ser quem somos”, do autor Sri Prem Baba. Cinderella tem como livro que marcou a sua vida de leitora a obra “Frankenstein”, da escritora Mary Shelley, pois diversos livros a impactaram muito, mas foi “Frankenstein” que a impressionou, devido ao fato de ser um livro que provoca diversas sensações nas pessoas desde a sua publicação e de ter sido escrito por uma mulher no século XIX. Trata-se de um texto que apresenta temas polêmicos em sua abordagem e linhas literárias desafiadoras. Questionada sobre o que considera ser Biblioterapia, a interagente nos responde da seguinte maneira: *“Refletindo hoje sobre o assunto, creio que a Biblioterapia seja como um momento para um autoconhecimento através das histórias em forma de livro (em diversas plataformas!). Buscar entendimento e alívio para nossos conflitos internos através do ‘outro’ e suas histórias fictícias ou factuais!”* (CINDERELLA, 2022). Por fim, ao ser questionada sobre o que espera da Biblioterapia, ela responde: *“Estou esperando que seja para mim uma fonte de novos olhares; eu poder me abrir para diferentes perspectivas sobre meus próprios sentimentos, pensamentos, com textos que desconheço. Também penso em me aventurar por textos que nunca pensei em ler, isso por si só já abre horizontes! Além de ouvir a opinião dos colegas sobre os textos, isso é interessantíssimo, pois poderei ver diferentes opiniões sobre um mesmo texto, algo que chama a atenção para a flexibilidade do olhar!”* (CINDERELLA, 2022).

5.1.6 Perfil de Ana Terra

Ela é filha de Érico Veríssimo e teve sua história contada em um livro intitulado “O tempo e o vento”. Ela é leitora que lê mais de 12 livros ao ano, ao ar livre, junto à natureza ou na rede do quintal de casa. O tipo de literatura que mais lhe agrada é o romance. Ela nos disse que sua lembrança mais remota enquanto primeira leitura em livro impresso foi a que realizou na “Revista Nosso Amiguinho”. O seu autor favorito é Mia Couto e a autora é Clarice Lispector. Com o intuito de eleger o livro de seu favoritismo ela escolheu “A revolução dos bichos”, do autor George Orwell. O livro de sua cabeceira no momento é “Crônicas”, do autor Nelson Rodrigues. Ana Terra tem como livro marcante em sua vida: “O rei de Havana”, do escritor Pedro Juan Gutierrez, pois se passa em Cuba e mistura a ficção com a realidade, com ambientação nos anos 1980. É uma história cruel, bem-humorada, com a realidade decadente da sociedade socialista como regime de governo. *“O livro conta a história de um homem que tenta sobreviver a toda essa mudança, passando pela miséria, pela sujeira de quem vive no submundo, sem perder a lucidez. O personagem principal é Reinaldo. Da leitura muitas sensações, ora querendo matar Reinaldo, ora adorando-o como a um herói. O livro também foi importante porque quebrou alguns "conceitos" que eu tinha de literatura, me mostrando o lado B da história.”* (ANA TERRA, 2022). Questionada sobre o que considera ser Biblioterapia, a interagente nos responde: *“Quando ouço a palavra Biblioterapia, imediatamente, penso em alguém lendo um livro como remédio para sua patologia. Como por exemplo, ao invés de ministrar remédios, pode-se receitar livros. Talvez funcione mais em questões psicológicas, não sei. Mas de alguma forma, biblioterapia me remete à cura. A um processo de ajuda para que a pessoa resolva algum problema de saúde, seja física ou psíquica.”* (ANA TERRA, 2022). Por fim, ao ser questionada sobre o que espera da Biblioterapia, ela responde: *“Eu espero descobrir essa cura. Entender no que e onde a leitura pode ajudar. Quais as sensações que posso despertar lendo um livro, se é possível, por exemplo, curar um trauma com a ajuda da leitura. Espero que a biblioterapia me mostre a possibilidade de viver melhor fazendo algo que amo, que é ler.”* (ANA TERRA, 2022).

Ao analisar os perfis dos participantes das Vivências em Biblioterapia realizadas para alcançar os objetivos desta tese, encontramos nos estudos de Cosson (2021) uma teoria que nos faz pensar no corpo como uma soma de outros corpos, tais como o corpo físico somado ao corpo linguagem, sentimento, imaginário, profissional e outros. Assim, a soma de todos esses corpos nos representa e nessa mistura é que nos tornamos humanos. Diante da figura do corpo como representação da multiplicidade do que podemos ser constituídos está a informação de

que todos os corpos precisam de exercícios para não serem atrofiados.

Se somos corpos que se compõem de outros corpos, encontramos nessa declaração de Cosson (2021) uma forma de reverberação do que foi dito por Merleau-Ponty (2011) sobre a experiência do Eu estar presente na experiência do Outro, pois Eu sou o Outro do Outro. Como dispostos face a face, de um lado está o Eu, do outro está o Outro. Esse Outro tem um Outro que sou Eu. Cada Eu tem um Outro. Assim, Eu sou o Outro que está olhando um Eu. Como explanou Cosson (2021), somos corpos formados de outros corpos. Assim, um Eu é composto do Corpo do Outro e se apresenta como Outro e para esse Outro o Outro sou Eu.

Figura 3 – Maurice Merleau-Ponty (esquerda) e Wolfgang Iser (direita)



Fonte: Elaborada pelo autor com imagens do Pinterest (2023).

Percebemos que cada participante tem a característica descrita por Cosson (2021, p. 15) quando o autor menciona que “[...] o nosso corpo linguagem funciona de uma maneira especial.” Para alguns a leitura de poucos livros é o suficiente para os seus anseios. De outro lado, temos os que precisam de mais para as suas necessidades diante do fabulário. Assim, cada corpo funcionou de modo especial e diversificado para contribuir com esta tese.

Na apresentação dos dados coletados durante as Vivências em Biblioterapia será possível notar a participação acentuada dos perfis que mais leem ao longo do ano. Os que leem menos compartilharam em momentos específicos. Para Cosson (2021), essa é a representação do exercício do corpo linguagem de cada um e o modo que seus mundos são e o que esses mundos permitem dizer. O mundo de cada corpo físico expressa por meio da linguagem a sua

matéria constitutiva, ou seja, sou constituído de palavras provenientes das leituras. Se leio bastante, meu mundo expande, do contrário, ele fica reduzido. Cada um de nós pode contribuir com o que temos no momento da vivência. Segundo Cosson (2021, p. 16), “[...] nosso corpo linguagem é feito das palavras com que o exercitamos, quanto mais eu uso a língua, maior é o meu corpo linguagem e, por extensão, maior é o meu mundo.”

Com esse olhar é que apresentamos, nas próximas subseções, os resultados dos encontros de Biblioterapia com temas que versam sobre amor, ódio e gratidão.

5.2 VIVÊNCIA DE BIBLIOTERAPIA: FALANDO DE AMOR

Com o intuito de cumprir o objetivo específico de alínea “b” e “c”, nesta subseção constarão as análises dos dados obtidos com vias de descrição do processo de desenvolvimento da prática da Vivência de Biblioterapia e de como o Efeito Estético pode ser percebido nesta experiência vivencial.

O primeiro encontro teve como temática o amor. Os participantes foram informados da proposta do mediador em utilizar ao máximo o tempo presente e o foco fixado no desenvolvimento da ação prática da Biblioterapia.

Para exercitar o foco da atenção, eu solicitei para todos os participantes fecharem os olhos. Pedi para ouvirem o que eu iria falar e que agissem segundo as orientações por meio da minha fala, para receberem e perceberem em seus corpos o que acontecia neles durante a prática de meditação. O intuito era o de permitir que os sentidos humanos de ouvir, ver, tocar, falar pudessem ser “ativados” para experienciar o que estava por vir, assim eles poderiam sentir a força da palavra transitando cada parte dos seus corpos.

O convite era para sentar-se o mais confortável possível, deixar o corpo relaxado, fechar os olhos e inspirar e expirar de acordo com a minha contagem. Eu disse: “*Aí a gente vai permanecer de olho fechado pra receber, visualizar e pegar essas palavras pra gente.*” Então todos fecharam os olhos, fizemos uma inspiração em três segundos e expiração em quatro segundos contados por mim. Assim, cada um componente do grupo procedeu, de acordo com a contagem do mediador. Nesse instante, o que pôde ser visto por mim foi a entrega de cada interagente, que em momento algum abriram os olhos.

Após a finalização do relaxamento e da imersão na atividade eu disse para abrirem os olhos e continuei: “*Só que o Osho, ele diz pra gente fazer assim ó [demonstração¹⁵]. Então a*

¹⁵ Que ao soltar o ar seja de uma vez só, como um grande sopro rápido.

gente vai fazer junto, vamos lá! Um, dois, três [inspiramos em três segundos e soltamos rápido, em dois segundos]. De novo... mais rápido... de novo... ele diz que quando a gente faz isso, nós estamos despetalando o coração, porque nesse sopro a gente consegue fazer isso. Então a gente vai fazer três vezes seguidas e [três despetaladas do coração ocorreram].” Esse exercício contribuiu para liberar a tensão inicial do encontro. Sobre essa vivência, Merleau-Ponty (2002, p. 36) menciona que pelo fato de sermos sujeitos falantes com a percepção possível pelos nossos próprios corpos, temos em nós um olhar e um corpo ativo capaz de agir de acordo com as mensagens emitidas e, assim, organizarmos o que captamos para que possamos nos equilibrar.

Realizada a meditação, eu iniciei a Aplicação de Biblioterapia com a leitura da definição de amor trazida pelo emocionário (PEREIRA; VALCÁRCEL, 2018, p. 10, grifo dos autores), que diz assim:

AMOR

De todas as emoções, o amor talvez seja a mais contraditória. Ela pode provocar em nós um sorriso gigantesco ou uma cachoeira de lágrimas. **Que tipos de amor existem?** Amor romântico: quando pensamos constantemente em uma pessoa e, no momento em que a encontramos, sentimos um misto de nervosismo e alegria. Amor diligente: quando compartilhamos a alegria e a tristeza da pessoa que amamos e sempre desejamos o melhor para ela. É um sentimento puro e cálido. O amor é o oposto do **ódio**.

O trecho lido é uma forma de instigar os interagentes a pensarem em todas as possibilidades de expressão do amor que o ser humano sente ou pode sentir. Que a experimentação do amor pode ser de sensações diversas e a lembrança da linha tênue que separa o amor do ódio.

5.2.1 O efeito estético manifestado pela poesia de amor

Para abrir a discussão, eu escolhi o primeiro texto, sendo ele uma poesia do livro “Poesia que transforma”, do autor Bráulio Bessa. O estímulo dado pelas palavras do autor foi dado para o mediador puxar a conversa com cada um dos presentes.

Em seu texto poético, Bessa (2018, p. 70-71) diz:

AMOR ÀS DIFERENÇAS

Não existe uma cartilha
que nos ensine a amar,
frases certas pra dizer,
jeito certo de abraçar,
talvez a maior lição

é que o amor tem a missão
de ensinar a respeitar.

Ensinar a respeitar
todo tipo de amor,
de entender um silêncio
ou um gemido de dor.
Será mesmo um desafio
perceber que é no frio
que a gente busca calor?

Que tem gente que se esconde
só pra você procurar
tem gente que cai no chão
só pra você levantar
amar é não desistir
amar é fazer sorrir
quando alguém só quer chorar...

Amar é ser consciente
da nossa própria loucura,
é quando a gente se junta
formando uma só mistura
de igualdade e diferença.
Se o amor fosse doença
seria dessas sem cura...

O amor é a própria cura
remédio pra qualquer mal
cura o amado e quem ama
o diferente e o igual.
Talvez seja esta a verdade;
é pela anormalidade
que todo amor é normal.

Entenda que nesse mundo
com todo tipo de gente,
dá pra praticar o amor
de mil formas diferentes,
talvez uma opção
seja amar com o coração
e respeitar com a mente.

Após a leitura do texto, o momento da fala ficou disponível para quem desejasse iniciar a conversa, tendo em vista a Teoria do Efeito Estético de Iser (1996a, 1996b), na qual o leitor, durante o ato da leitura, está no centro de sua atenção com relação aos estudos da literatura, em que ele faz uma análise crítica do que acontece no fenômeno durante o processo da leitura do texto literário. Assim sendo, verificou-se que por ser a primeira participação dos interagentes em Vivência de Biblioterapia, as primeiras manifestações poderiam e ficaram em torno do autor e da obra, vejamos:

“Eu não conhecia ele, eu só tinha visto assim, mas eu nunca tinha lido nada. Quem vê capa não vê coração [risos].” (ELIZABETH BENNET).

“Eu conheço ele antes da [Fátima] Bernardes e ele ... porque eu aprecio muito a poesia de cordel e ele faz muito bem ... muito bem”. (ANA TERRA, 2022).

Mesmo quando a conversa tem início com foco no autor, no título e capa da obra, encontra-se no comentário de duas participantes e forma catártica de como perceberam o seu prazer estético com a manifestação do como elas receberam a obra por meio da narração do mediador.

A explicitação da catarse de Elizabeth Bennet ocorreu ao afirmar que não conhecia o autor e deixou em evidência que só pela capa não teria interesse em pegar o livro para a leitura, pois ela não revelava a potência de seu conteúdo poético do texto.

Na manifestação de natureza emocional de Ana Terra encontra-se a produção do efeito estético na declaração de conhecer o autor e ser uma apreciadora da poesia de cordel. Segundo Jauss (2002b), este é um dos três estados do prazer estético, que nesse caso seria o da *Katharsis*, o qual representa a forma de manifestar os efeitos produzidos pela própria obra no leitor ou ouvinte. Este estado de prazer estético revela a natureza emocional prevista e implícita no ato da leitura durante a Vivência de Biblioterapia.

Com o intuito de contribuir para que os interagentes se voltassem à temática central do texto, que era o amor às diferenças, foi que eu, como mediador, ou seja, aquele que está no meio da ação com o objetivo de colocar o fio da meada nas mãos do grupo e deixar com que eles, todos juntos, pudessem tecer a trama em torno da temática, eu falei o seguinte: *“Sobre esse amor às diferenças, né, a gente pode deixar aberto pra gente discutir um pouquinho sobre ... o que o texto acaba trazendo pra gente?”*

O questionamento se deu em virtude da explicação que Jauss (2022b) fez acerca da experiência estética, esta como sendo a experimentação de estímulos pela prática da leitura do texto literário tem o potencial para promover o prazer estético e possibilitar que este invada os sentidos dos interagentes. Ao passo que eles foram afetados pela palavra de alguma forma e tendo em vista a experiência da leitura como contribuinte das manifestações das falas dos leitores ou ouvintes, vejamos o exemplo que segue:

*“Tem uma ali [...] como é, se esconde, só pra gente procurar. **Ai que lindo!**”¹⁶* (CINDERELLA, 2022, grifo meu).

“Ai eu gostei da parte que fala: ‘amar é fazer sorrir quem só quer chorar.’” (ELIZABETH BENNET, 2022).

“Apesar de nem todo choro ser triste.” (SACI PERERÊ, 2022).

“Sim! Tem a parte da emoção.” (CINDERELLA, 2022).

“Amar todo tipo de gente.” (ANA TERRA, 2022).

¹⁶ Expressão do encantamento da interagente Cinderella. Expressão da catarse vivenciada pela integrante do grupo.

Nesses trechos, visualizamos o que acontece nos sentidos dos participantes no processo do ato da leitura, com base nas ideias apresentadas por Jauss (2002b). Cinderella mencionou o trecho que a afetou e trouxe a ela o contentamento como representação do estado prazer estético denominado *Aesthesis* ao manifestar o seu encantamento. Na sequência, ela exclamou de forma efusiva a interjeição “*ai que lindo*”, o que representa a sua manifestação de natureza emocional do estado do prazer estético conhecido como *Katharsis*, a revelação dos efeitos produzidos pela obra. Isto posto, os interagentes expressaram o encantamento com trechos da obra lida, afirmativa esta que é possível perceber na fala de Cinderella, ou na participação de Elizabeth Bennet, quando esta informa que “gostou” de determinado trecho. Nos dois casos a catarse ocorreu e foi expressa pela emoção das duas interagentes.

Quando observo o que foi dito por Saci Pererê, percebo ali a sua introspecção e a demonstração de razão estar acima da emoção. Ele pensou que as pessoas podem chorar de alegria ou contentamento também em contraposição à ideia de Elizabeth Bennet, quando citou achar bonito quando Braulio Bessa escreve que “amar é fazer sorrir quem só quer chorar”.

Na percepção de Elizabeth Bennet o efeito estético tomou a dimensão da *Aesthesis* como representação de seu contentamento com o significado da frase, mas também passou pela dimensão *Katharsis* ao exprimir sua emoção pelo sentido da frase. Quando analisamos o comentário do Saci Pererê, identificamos o efeito poiético do estado do prazer estético, pois o interagente sugeriu a atribuição de um outro sentido para o choro, atuando como coprodutor do texto literário.

Quando ouviu a fala do Saci Pererê, Cinderella concordou com ele, com relação à possibilidade de pegar uma palavra do texto e dar para ela considerações possíveis de interpretação. Para Cinderella essa nova forma de olhar para a frase indicativa de que o choro não precisa ser de tristeza tem a força e o poder da emoção agindo nos corpos dos leitores, o que demonstra um momento de introspecção desta participante e efeito poiético de sua parte para com a coconstrução da obra em novos sentidos e significados.

Enquanto observador, durante a Vivência de Biblioterapia, percebi a concordância dos membros do grupo com gestos da cabeça. Em seguida, um burburinho iniciou entre eles, todos comentavam algo ao mesmo tempo. Este burburinho representa o efeito estético ocorrendo naquele instante.

Ana Terra trouxe para o grupo a reflexão de que o amor abrange a todos. Para essa participante, independente de gênero, orientação sexual, classificação de raça ou qualquer outra característica humana, é preciso ampliar o território do amor para todos aqueles que desejam

nele habitar, é um direito de todos e um efeito que é ao mesmo tempo estético e catártico.

A respeito do exposto, Caldin (2010) exemplifica em seu livro “Biblioterapia: o cuidado com o ser”, ao mencionar que o componente biblioterapêutico da catarse é o responsável por manifestar as emoções dos leitores ou ouvintes e, a introspecção, como sendo a ativação dos sentidos para refletir sobre o tema e aditar à bagagem literária e de experiência de vida do leitor ou ouvinte para então interiorizar conceitos, pensamentos, conhecimento, entre outras possibilidades de apreensão e compreensão da informação contida no texto.

Em continuação à análise das manifestações dos participantes, observamos o que Bessa (2018, p. 71, grifo meu) utilizou para fechar a sua poesia e discutimos:

Entenda que nesse mundo
Com **todo tipo de gente**,
dá pra praticar o amor
de mil formas diferentes,
talvez uma opção
seja amar com o coração
e respeitar com a mente.

Ana Terra refletiu sobre o trecho acima destacado com defesa do amor ser um direito de todos, enquanto o Saci Pererê mencionou o que pensava sobre as ideias do processo de introspecção dela dizendo: “*Tem essa questão né, do amor aí, que ele fala e, e respeito com a mente e ... talvez tenha a ver, também, com aquela questão que... quem mata também ama né? Se não tiver o respeito.*” Fala que causou espanto nos participantes. Então, Saci Pererê explicou melhor seu raciocínio: “*Quem mata também ama, matou por amor, se não tiver respeito, não basta só ter o amor, não basta só amar né?*”.

Ana Terra interagiu mencionando: “*É o que pode trazer uma reflexão, né? Tipo só o amor não basta talvez.*”

Saci Pererê desenvolveu um pouco mais a sua linha de raciocínio, fazendo uma crítica ao trecho da poesia de Bessa (2018, p. 71):

O amor é a própria cura
Remédio pra qualquer mal

Acerca desse trecho, Saci Pererê disse: “*Tem que ter o respeito, porque tem gente que é possessiva também com o amor e daí seria um pouco ingênuo pensar que o amor pode curar tudo. Mas, eu acho que vai precisar de outros elementos, né, o amor abre e ... respeito e sinceridade, né, pra isso, pra fazer uma sopa aí né, poder ... [risos] ... pra pensar né, eu não descarto o ódio, que é o outro lado do amor, né, que é o outro lado*”.

Foi quando Elizabeth Bennet interferiu com o que estava pensando sobre a conversa e declarou: *“Possessão não seria bem o amor.”*

Nesse instante, Hermione Granger trouxe as seguintes palavras: *“Tem uma poesia, um texto do Chico Xavier né, que no final ele fala, que até mesmo o ódio, que você pensaria que é o oposto do amor, é o mesmo amor que adoeceu gravemente. Ele diz que tudo é amor, tudo que foge do equilíbrio é que tá doente, né? É bem interessante, eu não lembro muito bem.”*

E o Saci Pererê defendeu o seu ponto de vista com base no que foi dito por Hermione Granger, ele falou: *“Pode ser o amor sem respeito.”*

Toda movimentação realizada pelos interagentes da Vivência de Biblioterapia com o texto de Bessa (2018) exemplificou o efeito estético e os estados prazer poético, estético e catártico. Desse jeito, percebemos a Teoria do Efeito Estético de Iser (1996a, 1996b) na prática, pois ao trazer o leitor para o centro dos estudos da literatura e destacar sua relevância no processo de análise crítica, é possível perceber o que acontece no fenômeno do ato da leitura.

Os interagentes de leitura externalizaram a forma como receberam o texto e expandiram o diálogo para outros contextos. Eles construíram outra narrativa, a partir da poesia. Sobre essa experiência, Iser (1996a, 1996b) mencionou em seus estudos que se preocupava exatamente com essa relação entre leitor e obra e a possível modificação do leitor e do próprio texto decorrente da conexão.

Por conseguinte, a interação dos participantes com o texto e a forma como cada um recebeu a leitura, demonstrou que o jogo foi jogado com os corpos sendo atravessados pelo efeito da palavra, fazendo com que os leitores ou ouvintes se movimentassem e se envolvessem com a leitura, a ponto de construírem coletivamente um significado para o novo texto, em um movimento que continuará sendo móvel, transitório e aberto.

Com respeito à teoria de Iser (1996a, 1996b), saliento que a leitura do texto e sua potência não se fecha ou se encerra a partir do momento que lemos ou dialogamos sobre ele uma única vez. O texto carrega em si a possibilidade de outras explorações e a produção de efeito estético novamente nos mesmos corpos. Assim como, ao ser compartilhado em outro grupo, a obra poderá produzir novos movimentos de jogo entre ouvintes e leitores e promover o prazer estético em outras pessoas de modo diferenciado.

O primeiro encontro foi para dialogar sobre o tema “amor” e esta é uma emoção que está correlacionada com o cuidar. Partindo, deste ato de cuidado é que a Biblioterapia, sendo explicada por Caldin (2010) como aquela que traz consigo a terminação “terapia”, mas no sentido da arte que contribui para cuidar do ser humano de alguma forma. Aquela que tem a capacidade de regenerar quando há um esquecimento (mesmo que momentâneo) daquilo que

perturba, pressiona, incomoda ou tensiona o outro. Como bem explicita Caldin (2010), o sentido do que é terapêutico na Biblioterapia está na busca pelo equilíbrio, para o alcance harmônico do ser total, levando em consideração o bem-estar.

Após o debate sobre o amor e aquele que adocece, deixando de ser amor para se tornar outra coisa, como bem disse o Saci Pererê.

No ato de mediar textos que versavam sobre o amor e o seu desequilíbrio, passando a ser outra emoção, foi que retomamos a discussão em torno do ponto polêmico levantado por Saci Pererê, quando ele disse: “matar por amor”.

Elegi o assunto como importante para o diálogo do grupo e associei o desequilíbrio para a transformação do amor em outra coisa. Minha afirmativa foi a seguinte: “é um amor que tá com problema, tá doente, não tá sadio”.

Cinderella refletiu e socializou com a seguinte explicação: *“Por que aí também tem que ver se ainda é amor né? Porque a gente falando assim, no amor em si e aí essas outras coisas, aí já vem subclassificações ou, de, de, distorções, aí não seria mais amor, no caso, né? Então, isso, assim, falando em termos ãh, ãh, científicos né... [risos]... quer dizer, o amor, em algum momento, de repente aconteceu mesmo, sentimento verdadeiro, aquilo que é, digamos, daí quando vem coisas extremas assim, daí já são... desvios daí, da, da, da pessoa né, então, daí a gente na realidade não estaria mais falando de amor... [risos], taria falando de alguma doença.”*¹⁷

A respeito da questão do amor se transformar em algo e este ser nomeado ainda de amor, ficou como debate do grupo e gerou muitas falas entre eles. Saci Pererê trouxe novamente a sua declaração de que para o amor acontecer é preciso ter em mente *“A questão do respeito, né?”*

Ideia que foi complementada por Hermione Granger, mencionando o que está no contrário, aquilo que não está sadio. Sobre isso, ela falou: *“São os desequilíbrios, né, desequilíbrios, caminho do meio, o meio é o equilíbrio”*.

Aproveitando o ensejo, Ana Terra compartilhou que: *“É, e talvez, [...], o conceito de amor é ... humano né, é nosso, a gente conceitua o amor, agora, não isso aqui é amor, isso não é amor, tal coisa é, tal coisa não é, mas será que é isso mesmo, será que é ... será que é desses conceitos que, que nós humanos aqui fizemos, distinguimos, será que é disso mesmo que é feito*

¹⁷ Na fala de Cinderella encontro os cacoetes e vícios de linguagem que demonstram a sua divagação para articular o que o texto menciona e o que os participantes compartilharam, com sensações e sentimentos que eram diversos e fora do texto. Mas presente em contextos sociais reais e atuais na sociedade.

o amor? Dos nossos próprios conceitos? Não sei, me veio isso agora, assim sabe? Não sei.”¹⁸

Ana Terra ficou introspectiva durante as falas dos outros participantes e nos conduziu ao questionamento do conceito que temos de amor. Ela expressiu a seguinte ideia: “*Mas a gente tem essa necessidade de dar o conceito. Dizer o amor é isso, o amor é aquilo.*”

O que foi reforçado por Saci Pererê ao dizer que para nós é “*Mais fácil pra entender né, deixar na caixinha.*” Ele deixa explícito a convenção que temos para conceitos, teorias, ideias e ficamos mais confortáveis ao deixarmos como estão as coisas e nossa relutância em aceitar novas possibilidades para algo já estabelecido social e intelectualmente.

O texto produziu nos ouvintes o que Iser (1996a, 1996b) disse ser o efeito estético da recepção do texto literário. Ao se colocarem nos espaços vazios, como jogadores do texto, o grupo pôde sentir sensações diversas e ao receber a bola do jogo, para a menção do que cada um pensava ou sentia ou percebia no texto, eles puderam dialogar com as ideias do autor e inferir possibilidades à narrativa.

Sobre a suposição de o amor não ser este nobre sentimento para se transformar em um sentimento não harmonioso, nos chama a atenção a afirmativa de Caldin (2010) ao citar que da falta de acompanhamento sistemático da saúde e dos possíveis males que o ser humano pode ser cometido, ele se distancia do ideal de saúde e passa a entrar em desequilíbrio.

Pode-se supor que ao entrar em desequilíbrio o amor se torne ódio, raiva, rancor, entre outras tantas possibilidades de desarmonia.

5.2.2 O efeito estético manifestado pela crônica de amor

O texto escolhido para o segundo momento da Vivência de Biblioterapia com temática no amor foi a crônica “Ame ao próximo sem destruir a ti mesmo”, de autoria de Matheus Jacob e publicada no livro “Homem que sente”.

AME AO PRÓXIMO SEM DESTRUIR A TI MESMO

Amor próprio. São palavras marcadas com falsas promessas de felicidade. Eu raramente as escrevo, evitando as manchas do seu uso desmedido. Ainda assim, não poderia deixar de esclarecê-las. Para alguns pensadores, amor próprio é um instinto nato de sobrevivência. Um sentimento profundo, presente até mesmo nos antigos mandamentos. Ame ao próximo *como ama a ti mesmo*. A minha visão religiosa? Pouco importa. O valioso é reconhecer, já na Antiguidade, relatos sobre o respeito ao próprio ser. Um genuíno amor ao *eu*. Infelizmente, perdemos parte dessa pureza nas

¹⁸ Ana Terra ao tentar expressar o que pensava e sentia ficou titubeando e questionando o conceito do que é amor, em um esforço para entender o que estava sendo discutido e revendo possibilidades de novas construções para o que já está estabelecido.

últimas décadas. Entre as tantas ilusões enaltecidas pelos poetas românticos, nos esquecemos da nossa relativa independência. A minha sensibilidade reconhece a sua culpa por esse veneno. Por sorte, a minha razão atenua os seus efeitos. Não me julgue ousado nas próximas palavras. São extremamente necessárias entre as covardias do nosso tempo. Ame ao próximo, *sem destruir a ti mesmo*. (JACOB, 2016, p. 20-21, grifo do autor).

Esta crônica tem em seu cerne a expressão do amor-próprio e após a leitura realizada por Elizabeth Bennet, eu abri o espaço para o diálogo sobre o texto. As primeiras impressões são reflexões gerais dos viventes desta experiência com a leitura, como no caso de Ana Terra ao mencionar “*O amor-próprio né, como condição pra amar outra pessoa talvez.*” O que revela o seu estado de introspecção sobre o tema. Como mediador lancei a seguinte pergunta: “Como que eu posso amar e me destruir ao mesmo tempo?”

Os participantes repetem o fenômeno ocorrido quando tratamos da poesia, aqui a repetição está no fato de os interagentes iniciarem a conversa de modo tímido e arriscando algumas frases, como exemplo, a fala de Elizabeth Bennet explicita o seguinte: “*Se anulando no relacionamento né? Se aniquilando.*” Neste ponto, Cinderella concorda e complementa dizendo: “*Sendo dependente daquele amor pelo outro.*” Esta foi seguida por Ana Terra que declarou o seguinte: “*E não se conhecendo né? Você não se conhece, não tem aquele amor por você mesmo, assim, então, me parece que fica, tá, fácil você transportar isso, é, é, parece uma carga ter de responsabilizar você passa pra outra pessoa, ‘olha eu, eu estou deixando, te deixando por amor a você e tal’, não, na verdade ... não é? Não sei.*”

Essa movimentação no jogo da leitura realizada por Elizabeth Bennet, Cinderella e Ana Terra tem correlação com os componentes da Biblioterapia, a primeira em um momento de introspecção. Elizabeth Bennet se identificou com narrador, em relação a se priorizar na relação amorosa. O contrário disso seria a anulação ou aniquilação pessoal. A segunda, é Cinderella que encontrou no narrador a possibilidade de as pessoas introjetarem em si algumas características mencionadas no texto para agirem com respeito aos próprios desejos e com a forma como anseiam viver a vida. Para Ana Terra, o componente biblioterapêutico que se destaca em sua fala é o da projeção, de acordo com sua fala fica explícito que quando a pessoa não se conhece o suficiente para saber quais atitudes pessoais violam os seus direitos, o amor-próprio se fragiliza e pode se tornar tóxico, pois essa pessoa tende a culpar o outro por suas frustrações.

Com respeito à dimensão do prazer estético estudada por Jauss (2002b), as afirmativas das três participantes estão correlacionadas com a *aesthesis*, pois, nesse caso, elas manifestaram os sentimentos relacionados a trechos da obra com a sinalização de identificação ou projeção.

Outra dimensão que está presente aqui é a *katharsis*, as emoções foram mexidas e as participantes gostaram da percepção de que se a relação não está bem, o ideal é sair dela e, com tempo, deixar acontecer a possibilidade de outro amor chegar. Com Ana Terra há um refutar de atitudes negativas e tóxicas na relação humana, características da dimensão *katharsis*.

O efeito estético é manifestado de modo diferente na recepção da obra por parte do Saci Pererê, em sua declaração: “*Eu gosto de cantar uma música que diz assim: ‘eu me amo, eu me adoro e não consigo viver sem mim’.* Acho que é bem por aí, né. Como é que tu vais amar outra pessoa se não gosta de ti e aí começa a questão de viver a relação”. De acordo com a explanação de Iser (2002), quando comenta sobre as autoridades da interpretação, no jogo acontece uma nova jogada, inesperada, isso ocorre com a interação de Saci Pererê com o texto literário, ele cria uma instabilidade no texto, ou seja, o que estava estável no jogo até agora, que é a reflexão sobre ser desgastante a pessoa se anular por causa das vontades de outra pessoa ou amar excessivamente outra pessoa e fazer todas as vontades dela, mesmo com mandos e desmandos. Agora passa para a instabilidade com a música apresentada por Saci Pererê, pois ele é o responsável por declarar que é preciso se amar e gostar de estar consigo em momentos de solidão.

Observei neste momento, que a música cantada provocou um burburinho entre os participantes. Havia os que cantaram junto, os que comentaram conhecer, os que falaram ser música do grupo musical “Ultraje a rigor”. O efeito estético da letra da música para essa situação a qual discutiam demonstrou o que acontece quando o texto é narrado e afeta os participantes com nostalgia e alegria.

Sobre a música, Saci Pererê complementou ao proferir o seguinte: “*Mas é verdade né? Não é egoísmo. É que nem manual de avião, quando cai a máscara, primeiro bota em ti, depois botar no outro. Eu deveria dizer assim: ‘não eu vou ajudar os outros.’*” Sobre isso, Elizabeth Bennet enunciou: “*Eu gostei da analogia.*” A esse respeito, Iser (2002) informou que na dupla operação de imaginar e interpretar, o leitor ou ouvinte, aquele que recebe a obra interpreta o texto e imagina as possíveis complementações das lacunas existentes no texto.

O diálogo seguiu e Ana Terra argumentou: “*Aí a gente cai nas falsetas né? De... de achar que tá amando, quando na verdade tá se destruindo.*” O efeito estético aqui está na recepção do texto e o temor de a pessoa amar mais do que a si mesmo e considerar isso o normal, o adequado, o verdadeiro amor. Como bem explicitou Iser (2002), a cada leitor deste texto, uma nova interpretação e imaginação para preencher os espaços vazios existentes nele.

Em observação realizada por Saci Pererê se levantou a questão do que pode acontecer quando uma pessoa se dedica excessivamente ou completamente para a outra em uma relação

amorosa, que no nosso caso, é o amor. Saci Pererê proferiu: “*E aí vem a cobrança né? Porque quando tu começa a se dedicar a outro, tu vai cobrar ‘olha o tempo que me dediquei a ti’ e aí pronto.*” (Grifo do Saci Pererê). Essa “cobrança” é desagradável para a parte que recebeu a dedicação, pois quando se faz algo em prol do bem-estar do outro, mesmo que sejam em atos de realizações de tarefas, ou que envolvam finanças, entre outras, essa ação deveria ser incondicional. Mas no caso do trecho de Saci Pererê o que se observa é exatamente essa problemática, da pessoa se dedicar e cobrar por alguma frustração de não retorno ou qualquer outra. Sobre esse assunto, o da oferta de benefícios, Ana Terra complementou: “*Olha o que eu fiz! E a pessoa diz ‘Fez porque quis’.*” (Ana Terra, 2022, grifo da participante).

Quando uma pessoa é cobrada por outra com relação ao retorno daquilo que se faz e que deveria ser por amor, por admiração, por carinho, por paixão, ou qualquer sentimento de gratidão, essa exigência se torna corrosiva, vai destruindo a relação a dois. No jogo de interpretação e imaginação sugerido por Iser (2002), o Saci Pererê imaginou uma possível situação de diálogo entre as partes envolvidas e falou: “*Quer ganhar uma medalha né? Ganhar uma medalha.*” O resultado dessa declaração pode ser encarado como deboche e piorar a discussão do casal. Sobre isso, Iser (2013) considerou a existência de uma classificação de tipos de jogo que o leitor ou ouvinte pode fazer, um deles e que se encaixa perfeitamente nesse diálogo dos participantes da Vivência em Biblioterapia é o *agon*, no qual está presente a agonia, o sofrimento, a disputa, responsável também por tomadas de decisão. Quando o Saci Pererê comentou sobre a pessoa que se dedica a outra “querer uma medalha”, essa fala é uma figura de ironia presente no *agon* em sua forma de interpretação. Nessa mensagem a ironia é perceptível de forma imediata e o jogador joga com este significado no jogo da interpretação e imaginação.

Na reflexão sobre o que acontece no jogo deste texto, Cinderella trouxe outra problemática para o diálogo, esta ocorre do não embate com o cobrador dos atos realizados para agradar a pessoa amada e agora está cobrando por ter feito tais ações. Nas palavras de Cinderella: “*Ou então, pior ainda, não chega nem nessa fase aí, fica lá aceitando tudo, até... relações abusivas, espancamentos, pra não perder e ... aí destrói mesmo, fisicamente mesmo né?*” Um ato de imaginar as muitas formas possíveis do que se poderia fazer nessa situação e que está presente no mundo real, como bem explanou Iser (2013). Cinderella imaginou a possibilidade de a pessoa que está sendo cobrada não revidar e acabar aceitando maus tratos e aos poucos prejudicar saúde física e mental.

Como movimento do jogo para refutar essa ideia de ficar na submissão, o Saci Pererê jogou com a seguinte afirmativa: “*Ter um pouco de amor-próprio como diz a crônica.*” Quando

o diálogo entre o casal ocorre de modo sadio e respeitoso é possível tentar mudanças em ambos. Mas o respeito ao próximo e a si mesmo é fundamental nesse contexto até aqui apresentado pelo autor da crônica e pela recepção dos participantes da Vivência de Biblioterapia.

Elizabeth Bennet abre novamente a relação dos interagentes e propõe uma mudança no jogo, retornando à reflexão sobre este assunto, vejamos: “*Mas, também não é ... viver só pra ti e não pensar no outro, porque se tu estás numa relação onde precisa de um equilíbrio né?*”. Aqui verificamos o equilíbrio entre as partes para que haja amor e respeito, uma alternativa para que não ocorra a autodestruição, uma busca pela vivência a dois em prol do amor que respeita. Um dedicando atenção ao outro, colocando um ao outro como prioridade. Assim, eu sou a tua prioridade e você é minha prioridade e juntos vamos buscando o equilíbrio por meio da conversa. Elizabeth Bennet, sugeriu que não se pode viver em uma relação amorosa só para receber os benefícios e agrados, mas também, corresponder ao outro com a atenção devida. Todavia, ela nos reporta o seguinte: “*E achar o equilíbrio que é difícil!*” Ela percebe que apesar de entender que um pode se dedicar ao outro e por meio da conversa chegar a um equilíbrio que seja bom para ambas as partes, essa ação é difícil de ser realizada no dia a dia a dois. A participante Hermione Granger só exclamou: “*Convivência!*” O tom de sua exclamação está na observação de ser difícil o ato de conviver em sociedade e no coletivo, até mesmo a dois.

Na observação do grupo, registrei que a dinâmica estava perdendo força e decidi entrar com uma pergunta disparadora, esta que seria a responsável por fazer a movimentação necessária no jogo do texto para que a conversa tivesse um novo fôlego e circulasse entre os participantes. Nesse sentido, Formiga, Inácio e Barbosa (2015) argumentam sobre a possibilidade de os leitores ou ouvintes explorarem outras dimensões do texto literário, pois o texto incute o seu valor estético e para tal é preciso que outros insiram no diálogo as suas subjetividades e das leituras plurais para a fruição.

Partindo dessa premissa, de observar e perceber se o texto poderia provocar outros efeitos nos participantes, eu optei por retomar o diálogo sobre a crônica lida e puxei a deixa dos próprios participantes ao comentarem que o amor pode ser transformado em outra coisa, como sendo algo tóxico e doentio. Nesse sentido, eu fiz a seguinte pergunta ao grupo: “*Então o amor acaba?*”

Do questionamento, Saci Pererê respondeu: “*Acho que ele se transforma ou transfere.*” Na tentativa de interagir com os vazios do texto, ele participou com essa reflexão de o amor não terminar e sim se transformar ou transferir, um movimento nessa peça do jogo que demonstra um traço da dimensão *poiésis* do prazer estético do texto, quando Saci Pererê atribuiu seus sentidos à obra e se tornou cocriador dela, gerou o efeito poiético na obra (JAUSS, 2002b).

Dessa manifestação dos sentidos com relação à crônica e, mais especificamente, com a pergunta de ter ou não o amor um fim é que encontramos em Jauss (2002b) a afirmativa de que pelos sentimentos do Saci Pererê foi possível perceber a dimensão *aesthesis* do prazer estético, uma vez que a identificação por projeção levou o leitor a inserir no personagem características observadas em outras pessoas que vivenciaram a mesma situação na vida real, gerando nesse ato um efeito estético. Desse refutar está o efeito catártico da obra sobre o leitor (JAUSS, 2002b).

Para Ana Terra a percepção é a mesma do Saci Pererê, pois ela declarou assim: *“Eu acho que ele se transforma. Porque assim, se você pensar que o amor acaba, então, terminou um relacionamento acabou, você não vai amar mais, amor acabou, mas eu acho que talvez ele se transforma talvez, fica mais perto do que aconteça de fato.”*

Nessa forma de se pronunciar de Ana Terra decorreu nova movimentação nas peças do jogo da leitura, todavia o movimento foi curto, mas carregada de um pouco da bagagem de leitura e vivência desta participante. Está presente em sua afirmativa, a sua sensação afetiva diante da pergunta do mediador. Voltando-nos para Jauss (2002b) e as dimensões do prazer estético, o efeito poiético está na atribuição de sentidos dela. Ana Terra se tornou coprodutora de um novo texto a partir do original. Sua fala apresenta o efeito estético quando da manifestação dos sentimentos em torno da transformação do amor para a defesa que amor não acaba. O efeito catártico se revela no efeito produzido sob a alegação de que o amor tem fim. Ana Terra refuta esse enredo e segue adiante com a defesa do amor.

A visão de Cinderella sobre o assunto, levou-a ao argumento de que *“Também pode se pensar se era realmente amor, podia ser só física, atração física.”* Segundo Jauss (2002b), a interação do leitor ou ouvinte no jogo da leitura é a responsável por construir os significados e por abrir a obra para a recepção por outros participantes de Vivências em Biblioterapia diversas e, mesmo assim, o texto não se esgotar em possibilidades de interpretação e de manifestações dos sentidos e sentimentos humanos.

Nas três dimensões do prazer estético explanada por Jauss (2002b), o efeito poiético na argumentação de Cinderella está na cocriação ao inferir ao texto que o amor não existia entre o casal, existia entre eles uma atração física e por isso acabou. Este foi o sentido apregoado por Cinderella. O efeito estético está na manifestação do sentimento dessa participante e dela não se identificar com a pergunta, pois ela entristece ao possibilitar o fim de um amor. Cinderella acredita que o amor nem existiu, por isso não poderia acabar, o que poderia ter acontecido foi a relação de atração física entre os amantes. Aí sim, Cinderella considera haver um fim neste tipo de amor, baseado em interesse físico e corpóreo. Na percepção do efeito catártico a

representação mais adequada é o da refutação, do não aceite do fim do amor e sim do fim da atração física.

Que tipo de mudança pode ter ocorrido no leitor que joga com o texto? Houve uma alteração de expectativa do início ao terminar o texto? O leitor pode passar por um processo de deslocamento do pensamento estável para o instável ao questionar. Disso decorre a ressonância ou reverberação do texto no leitor, o que demonstra o processo inacabado da leitura. Nesse jogo nós experienciamos e jogamos com palavras, linguagem, imagens e isso nada mais é do que um processo ou ato: o da leitura. Lembramos que a literatura é uma arte performativa, dessa feita, ela se constitui pelo leitor, ele é quem garante a atualização na obra literária (JAUSS, 2002b).

Percebi que para este encontro e este dia o texto não faria mais efeito nos participantes, pois eles não expandiram a conversa. Este é um sinal para o mediador de que é hora de encerrar o encontro.

5.3 VIVÊNCIA DE BIBLIOTERAPIA: FALANDO DE ÓDIO

Com a finalidade de cumprir os objetivos específicos de alíneas “b” e “c” é que apresentamos nesta subseção os dados com a intenção de descrever o processo do desenvolvimento da prática da Vivência de Biblioterapia e de como o Efeito Estético pode ser percebido nas manifestações dos interagentes durante a experiência vivencial.

Momentos antes de o encontro acontecer, eu encaminhei via Grupo do WhatsApp algumas diretrizes para os participantes seguirem antes de iniciarmos. Pedi a todos que avisassem aos demais de casa que eles estariam em uma Vivência de Biblioterapia on-line, que pudessem ir ao banheiro antes da Vivência. Avisei para ter uma garrafa de água ou outra bebida não alcoólica por perto. De igual modo solicitei para desligarem os celulares e demais janelas do navegador da Internet. Quando entramos ao vivo e nos conectamos, iniciamos o encontro com o convite para todos se sentarem confortáveis e exercitar a respiração junto comigo e para estarem de corpo e alma presentes e participativos.

Depois de realizado o exercício de relaxamento, eu li a definição do emocionário constando a definição de ódio. Vejamos a seguir o que descrevem Pereira e Valcárcel (2018, p. 12) sobre o ódio.

ÓDIO

O ódio é uma grande antipatia, um sentimento de aversão por algo ou alguém. Como consequência, ficamos desejando que alguma coisa de ruim aconteça com o objeto de nosso ódio. **Quanto tempo dura o ódio?** Às vezes dura muito. Outras, só um

pouquinho. Você pode sentir um ódio momentâneo por uma pessoa, mas isso não significa que tenha deixado de amá-la. Quando o ódio motiva nossas ações, nos entregamos à **raiva**.

A leitura desse texto é uma forma de dirigir o rumo da conversa dentro da temática ódio. Nesse cenário de convite à atenção e utilização do tempo para focarmos nos textos e o que sentíamos durante a leitura é que iniciamos a Biblioterapia com a poesia de Carlos Miguel Torres, como veremos na próxima subseção.

5.3.1 O efeito estético manifestado pela poesia de ódio

Como mediador decidi fazer a leitura do primeiro texto, que era a poesia do livro “Canção dos tristes amantes”, do autor Carlos Miguel Torres. O intento é de ser o primeiro a movimentar o jogo, trazendo o texto e iniciando com uma pergunta disparadora. A escolha da poesia em questão se deu por encontrar nela o ódio em sua forma máxima e o momento da transformação do ódio em outra coisa, que no caso é a ira. No texto poético de Torres (2004, p. 17–19):

IRA DA MAIORIA

Saudade de um tempo que só
existe dentro do coração
ou no templo da escuridão
às vezes martela a consciência
e deixa rastro de solidão.

Vivo vivendo o amanhã
pensando que é a solução
da angústia de não ter a manha
de conhecer as belezas do amanhã.

Vivo acreditando nas palavras escritas
nas estradas da vida
sem ter a certeza de quem as lavrou
e muito menos se realmente fazem
parte de alguma escritura.

Suspiro... Emoção... Solidão...
paixão perdida na traição
palavras em vão
mundo que se vão
seres perdidos mundão
afora
e cegos à procura de satisfação.

Amor que vem... amor que vai
se esvaindo nas correntes do vento
se perdendo na leveza da imaginação.

Que adianta chorar... lamentar...
 morrer... se ontem ainda sorria
 acreditando no renascer de uma
 nova aurora e hoje...
 só aumenta a cada dia
 a certeza da chegada da infeliz outrora.

Mundo grande para uns
 mundo pequeno para outros
 alegria em demasia para uma
 minoria
 em detrimento de uma grande maioria.

Assim é a vida de uma maioria
 destemida
 assim é o som de uma viola
 que vem de longe
 tentando acalmar a ira
 de uma população sem
 calma.

Passos aqui... passos lá...
 passos acolá
 cada um procurando o seu
 passo para formar um grande
 compasso
 sem medo do descompasso.

Como será bom o dia em que a ira
 se transforme em alegria
 onde o coração possa bater com galhardia
 sem receio da pancadaria
 da covardia.

Para um caminhante que tem
 na alma o semblante de um
 amor deslumbrante
 o que resta ainda é
 continuar desenhando
 mundos que acalente
 as almas perdidas e deselegantes.

Como visto em Iser (2013), o termo de tipo de jogo *alea* é permeado pela imprevisibilidade que frustra a expectativa do leitor diante do que julga ser conhecido ou convencionalizado em sociedade.

Nesse caso, o percebido é a falha na perspectiva de um texto com conteúdo do qual o ódio está explícito aos leitores ou ouvintes e dele se parte para a discussão.

Com o uso desta poesia, o ocorrido se relaciona com a afirmativa de Iser (2013) ao citar que as convenções vão ser reinstaladas dentro do próprio jogo do texto. Assim, o que era estável passa para a instabilidade e o jogo se movimenta.

Percebamos que o foco na discussão sobre o ódio maximizado e já se transformando em outra emoção, que é a ira, é o que se espera ou prevê, pois é algo que acontece em muitos textos. Mas, Iser (2013) informou-nos que com o jogo *alea* essa expectativa do leitor é frustrada e a instabilidade se apresenta.

Dessa ruptura, aconteceu no encontro sobre o ódio o mesmo que no encontro anterior, sobre o amor. Os interagentes iniciaram as falas mais focados no que entenderam ou no significado contido no texto do que comentando sobre o sentimento de ódio e como ele poderia ser vislumbrado na poesia. Apesar de o ódio já ter se transmutado, ele estava ali em sua potência máximo, na explosão da ira.

O texto de Torres (2004) é carregado de saudade e nostalgia, com toques de obscuridade e solidão, narra o sofrimento de viver só o futuro e no futuro e o medo de não ter o amanhã para existir. Encontramos na poesia o sentimento de depressão nas palavras do narrador. Nelas encontramos dúvidas, lamento, o não pertencimento quanto ao convívio social, além da tristeza diante da liquidez moderna da sociedade que não se prende e se desprende com facilidade e migrar sem responsabilidade afetiva ou emocional com os outros. Outro sentimento presente é o da falta de esperança e como saída desta situação, o autor sugere que em uma solução seria nos agarrarmos no amor.

Do convite ao diálogo, esse foi aceito primeiro por Elizabeth Bennet, ela falou: *“Eu e a minha visão positiva gostei da parte que a ira pode se transformar em alegria”*. Como visto, esta participante expressa o efeito estético que surgiu nela durante a leitura do texto, da possibilidade de uma transformação da emoção para algo melhor. Decorreu aqui, a descrição de catarse e identificação de Elizabeth Bennet quando a leitura passou por este trecho de Torres (2004, p. 19, grifo nosso), bem no início da 10ª estrofe:

Como será bom o dia em que **a ira**
se transforme em alegria

Ao ser afetada pelo efeito estético do trecho acima, Elizabeth Bennet criou regras para o jogo. Em Iser (2013), o que ela fez é descrito como desempenho que modifica o trajeto do jogo, pois o seu movimento na jogada foi de olhar para o sentimento negativo e perceber que ele tem potencial para ser tornar positivo.

Na continuidade da conversa, Graciliano Ramos comentou: *“O ódio eu não consigo ver, a depressão”*. Em um movimento de jogada do jogo que é disruptivo, este interagente notou a melancolia e falta de esperança nas palavras do poeta. Dessa feita, é que se manifesta o efeito catártico em Graciliano Ramos, e Jauss (2002b) embasa teoricamente esse aspecto ao explicar

que os jogadores agem com movimentos imprevisíveis nas próprias definições do jogo e o instabiliza. Nesse caso, a falha na expectativa estava em olhar para o texto e perceber a depressão. Essa ruptura com o conhecido e esperado ocorreu pela catarse e projeção. Quando Graciliano Ramos diz ver na narrativa poética a depressão, ele projetou o que conhecia em seu mundo pré-dado e o lançou na história do poema.

Após a fala de Graciliano Ramos foi a vez da Cinderella, que mencionou: *“A ira de outros, de uma maioria, mas assim de quem tá falando, do narrador, do poeta eu senti mais isso, uma tristeza, uma depressão”*. Da alegação da Cinderella visualizar a depressão, como fez Graciliano Ramos, o efeito estético foi novamente **agon**, causou agonia nos participantes pelas palavras de desânimo, tristeza e sentimento de falta de expectativa na vida. Citando Jauss (2002b) e um dos três estados do prazer estético, em Cinderella ocorreu a coprodução de uma obra que agora receberam as atribuições de sentidos dela, gerando o efeito poiético.

Ainda nas palavras iniciais, Ana Terra representou em sua fala o efeito da obra da seguinte forma: *“Eu acho que a ... o retrato ... parece ... eu não sei de quando foi escrito, mas parece bem atual, assim, da nossa atualidade, né, da ... do que a gente vê, assim de ... ãn ... de uma desilusão com o ódio em geral assim né, um ódio hoje absorve assim, um exemplo que eu acho que todo mundo viu foi o doutor ... sem entrar em juízo de valor, foi o doutor Dráuzio Varela... na matéria que ele fez sobre os trans e tal, e claro que o crime da pessoa que ele abraçou ali foi seríssimo, enfim, ãn, mas um ódio, né, eu senti assim, um ódio das pessoas, por uma minoria, né que são essas pessoas, que são minoria ainda, invisíveis que a gente não quer ver, que a sociedade não quer ver que elas existem, mas elas existem, e que... uma sede assim, de tipo, medieval sabe, as pessoas querendo ... vai pra forca, vai ... sabe, e ... e ... e isso aí eu acho que é uma coisa que toma hoje, que a gente tá meio tomado disso, assim, ou você tem que amar ou você tem que odiar, né ... você parece que é obrigado a se posicionar e eu acho que ele traz um pouco assim, né, com a tristeza dele, lamentando ... lamentando que as coisas estejam assim, é ... mas que as coisas estão né e a gente ... pra mim é ... eu achei bem atual a fala dele”*.

O estado de prazer estético ocorrido nessa argumentação de Ana Terra é o poiético, que demonstra a atribuição de sentidos. Segundo Jauss (2002b), o que foi incorporado à narrativa original pela participante da ação cultural no desenvolvimento do texto da poesia é estado de *poiésis*.

Ana Terra manifesta sua indignação diante da ira da população brasileira ao recriminar a atitude do médico Dráuzio Varela de terminar a reportagem abraçando uma presidiária transexual. A respeito disso, Jauss (2002b) observou que ao manifestar o efeito produzido no

leitor ou ouvinte por algum modo de expressão do que ele sente prevalece a catarse quando da exposição de motivos pela qual gostou ou desgostou do texto. Ana Terra afirmou ter percebido no texto o ódio na representação de um lamento que corrói.

Iser (1996a) considera que o efeito sentido pelo leitor em sua leitura dependerá da sua participação durante o ato propriamente dita. Nesse contexto, percebemos na fala da Cinderella o efeito do prazer estético da *aisthesis*, que está na “percepção reconhecedora e do reconhecimento perceptivo” capaz de contribuir para a formulação de um “significado básico” do conhecimento prévio da Cinderella com relação às experiências por ela vividas e da sua percepção atenta e sensível com o mundo e o que nele está inserido (JAUSS, 2002b, p. 99).

Cinderella mencionou que “*A gente fala que hoje, que tá com ódio, mas o ódio coletivo é de sempre né, todas ... se for ver, todas as era, são raras as épocas, ... é que hoje a gente fica sabendo no celular da gente né, mas antes queimavam bruxas né, quem não era da mesma religião, as guerras entre países aí e tudo, porque não era a mesma religião, é conquistas né, de um país pelo outro*”.

A 8ª estrofe da poesia de Torres (2004, p. 19, grifo nosso) é base para a declaração da Cinderella. O texto diz o seguinte:

Assim é a vida de uma maioria
destemida
assim é o som de uma viola
que vem de longe
tentando **acalmar a ira**
de uma população sem
calmaria.

Cinderella alerta-nos sobre a violência coletiva ser algo histórico e por ira e ideologias a humanidade cometeu diversas atrocidades. A diferença entre as eras é que a informação antes era disseminada de forma lenta, na antiguidade. Hoje a notícia é compartilhada com velocidade maior em nossos aparelhos de celular. Outro alerta dessa participante está na intolerância religiosa e nos atos brutais ainda existentes por diferenças de credo entre os seres humanos. A fala de Cinderella foi arrematada pelo Saci Pererê que disse: “*As guerras religiosas não acabaram ainda, o ódio ainda fomenta. Interessante também é distinguir o que que é ... uma hora é raiva, uma hora é ódio, uma hora é ira e o que é cada um desses né? Cada um é uma coisa? Ou cada um é consequência do outro?*”

Saci Pererê reforçou que por ideologia religiosa acabamos entrando em guerras para defendermos nossa prática dentro das instituições de fé e crença. Todavia, percebemos que este participante é adepto das rupturas, pois ele fez novamente uma jogada que movimentou o jogo

para outra direção. Ele faz questionamentos para pensarmos a diferença entre raiva, ódio e ira. Sobre esse aspecto, Jauss (2002b, p. 102) mencionou que “[...] o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra [...]”. Assim, o que Saci Pererê fez foi um movimento no jogo e realizou essa proeza do rompimento de fluxo de ideias que estavam sendo compartilhadas. Constatamos que na recepção da obra ele desdobrou as possibilidades nela apresentadas e aumentou os significados possíveis para aquela informação literária.

Na explanação de Ana Terra verificamos o prazer estético quando ela declara: “Um tem que existir pra existir o outro”. Ela interpretou o texto de modo a multiplicar o significado sugerido pelo Saci Pererê, dando a entender que para a ira existir, ela está subordinada ao ódio e à raiva. Temos aqui, o sentido do prazer estético da *aisthesis*, que contribui para ultrapassar o horizonte de origem do texto, da poesia.

Em contribuição com o questionamento levantado pelo Saci Pererê, a resposta de Elizabeth Bennet foi essa: “*É que ódio é uma palavra tão forte, a raiva é uma palavra mais leve. Ah! Eu tô com raiva de tal pessoa, agora o ódio parece que é uma coisa tão ... Tem um versículo que fala: irai-vos, mas não pequeis. Você pode sentir a raiva, que ela é uma emoção, que vai aparecer em algum momento, mas que ... o que tu vai fazer com ela? Tu vai bater em alguém, tu vai machucar?*”

Elizabeth Bennet disserta sobre a diferença entre raiva e ódio e compara a intensidade intrínsecas nessas emoções. Ela ainda traz um pouco de sua bagagem cultural e cita um versículo da Bíblia. Para Iser (1996a), o que Elizabeth Bennet fez foi ativar a sua imaginação e demonstrou a diversidade referencial por meio da sua perspectiva de representação do que compreende sobre o assunto. Isso quando da manifestação de sua bagagem religiosa, a participante atingiu esse sentido em seu quadro de referências.

Sobre o ódio, Ana Terra considerou assim: “*Ter controle, sinta, mas controle!*” Informação acerca dessa emoção que pode ser sentida, mas é importante ativar o bom senso para ter controle. Do contrário, o caos se estabelece. Essa ideia de Ana Terra foi seguida pelo Saci Pererê, ele falou: “*Claro que, a dualidade, que vai sentir tão intenso amor, tu vai ter que ter um momento de ódio, assim como tu vai sentir o café doce, vai ter que ter o amargo ou o salgado, tem que saber... é o yin yang, pra ter um vai ter que ter o outro, vai ter que ter a experiência, é o equilíbrio, então eu acho que o amor e ódio, luz e trevas, como diria lá ... vai ter que tá ali juntas, vai ter que dosar isso. Ah! Porque todo amor do mundo ... cara se tiver todo amor sou uma pessoa muito tola. Porque vai ter que ter a raiva! Senão como é que eu vou saber que é todo amor do mundo? Eu vou ter que saber o momento da raiva ou do ódio. Pra*

ter uma coisa, vai ter que ter a outra”.

Para o Saci Pererê as ambivalências, as dualidades que conhecemos estão presentes em vários aspectos da vida humana e reforça a informação da necessidade de se ter equilíbrio, sendo um lado equilibrando o outro.

Mas, qual a importância da raiva? Ela pode ser benéfica de alguma forma? Elizabeth Bennet exemplificou dizendo: *“Todas as emoções são necessárias, a raiva, por exemplo, em uma situação de injustiça, você pode sentir a raiva daquilo! Então, ela é necessária, assim como todas as outras emoções”*. É importante reconhecermos as emoções e com elas podemos compreender quando e como devemos deixar com que ela tome conta de nosso corpo. Como no caso explicitado por Elizabeth Bennet, deixar a raiva falar por meio de nosso corpo é fundamental para que possamos agir em prol de alguém em situação de injustiça.

O diálogo continuou com a menção de Saci Pererê acerca novamente da dualidade, segundo ele: *“Tem que saber explorar o potencial de cada uma e acho que é isso que a gente tem que trabalhar, é em que momento pesar cada emoção dessa então, nem se dá o amor de mais, nem se dá o ódio de mais, temperar né?”*. Como encontrado nos estudos de Iser (1996a) o leitor ou ouvinte se colocou nos vazios do texto e inseriu neles suas subjetividades, jogou com movimentos que conduziram os outros participantes para diálogos e a obra continuou aberta a novos olhares e novas perspectivas sobre o tema.

O efeito estético da recepção dessa poesia neste ponto da conversa se destacou na fala de Cinderella: *“Ter consciência do que a gente tá sentindo, se tá sentindo ódio, ter consciência que tá sentindo pra conseguir ... assim, suspender uma ação intempestiva”*. Nas afirmações de Caldin (2010), o que foi sentido por Cinderella é explicado pelo componente biblioterapêutico da catarse, pois a interagente da Vivência de Biblioterapia percebeu que é preciso se conhecer e conhecer o que se sente para, na identificação de qual emoção está ativada, tomar uma decisão. Neste ato de introspecção, Cinderella reconheceu as experiências vividas pelas personagens como possíveis de verossimilhança com a relação social humana.

Como no caso do poema, os leitores ou ouvintes podem se identificar com parte da história e se considerarem relevantes as características das personagens, eles têm como introjetar neles atitudes contidas no texto. Analisando a fala de Cinderella, reconhecer a raiva e as consequências resultantes dela é condição para se evitar problemas e situações embaraçosas, perigosas e desagradáveis. A identificação é passível de introjeção ou projeção, neste caso ao ser introjetado nos leitores ou ouvintes, o conhecimento de uma emoção é caracterização de um dos componentes biblioterapêuticos mencionados por Caldin (2010) em sua obra *“Biblioterapia: um cuidado com o Ser”*.

Em vias de fechamento do diálogo em torno da poesia, Saci Pererê observou que a conversa do grupo se voltou para o equilíbrio que todos nós deveríamos ter, tanto nas ações quanto no temperamento humano. Em análise à fala de Cinderella, ele sinalizou assim: *“Volta-se àquela situação de que ... como eu sei o limite de cada um eu vou ter que ter o respeito”*. Diante dessa afirmativa, encerramos a análise dos dados coletados com base na poesia de Torres (2004) com o pronunciamento de Ana Terra: *“Não tá difícil falar de ódio, porque é uma coisa que paira no ar. Tem que cuidar pra não ficar despejando ódio no outro por qualquer coisa.”*

Ana Terra constatou que o período da participação nas Vivências em Biblioterapia eram o pós-Covid-19 e os ânimos continuavam exaltados, pessoas discutiam dominadas pelo ódio, pela raiva e pela ira. Ela nos alerta para o cuidado com o outro, em não deixarmos nos afetar pela “ira da maioria” e descontar nossas frustrações e explosões em qualquer pessoa que estão próximas de nós.

Finalizamos esta subseção e este encontro de Vivência de Biblioterapia com o tema ódio com uma reflexão. O ódio pode se camuflar em outras roupagens, como a raiva e a ira. No entanto, podemos contribuir para que ele possa se transformar em alegria, com apoio e ajuda à pessoa afetada pelo ódio em uma tentativa de melhorar seu humor. Essa emoção nos faz carregar sentimentos negativos que têm o potencial para nos adoecer, caso não a controlemos e a deixamos agir com frequência em nossos corpos. Que possamos ser mais tolerantes com outras religiões que não a nossa, com outras orientações sexuais que não igual a nossa, com outras etnias, com outras colorações de pele, com o Ser humano, este tão falho Ser que está ao nosso redor e com ele habitamos neste mundo.

Em vias de fechamento do diálogo em torno da poesia, Saci Pererê observou que a conversa do grupo se voltou para o equilíbrio que todos nós deveríamos ter, tanto nas ações quanto no temperamento humano. Em análise à fala de Cinderella, ele sinalizou assim: *“Volta-se àquela situação de que ... como eu sei o limite de cada um eu vou ter que ter o respeito”*. Diante dessa afirmativa, encerramos a análise dos dados coletados com base na poesia de Torres (2004) com o pronunciamento de Ana Terra: *“Não tá difícil falar de ódio, porque é uma coisa que paira no ar. Tem que cuidar pra não ficar despejando ódio no outro por qualquer coisa.”*

Ana Terra constatou que o período da participação nas Vivências em Biblioterapia era pós-Covid-19 e os ânimos continuavam exaltados, pessoas discutiam dominadas pelo ódio, pela raiva e pela ira. Ela nos alerta para o cuidado com o outro, em não deixarmos nos afetar pela “ira da maioria” e descontar nossas frustrações e explosões em qualquer pessoa que está próxima de nós.

5.3.2 O efeito estético manifestado pela crônica de ódio

Para dar continuidade à Vivência de Biblioterapia com o tema ódio, o segundo texto que eu li foi a crônica “O direito de não amar”, do livro “A disciplina do amor”, da autora Lygia Fagundes Telles. A leitura do texto ocorreu na sequência do encerramento do diálogo em torno da poesia que versava sobre ódio. A seguir, apresento o conteúdo da narrativa de Telles (2010, p. 154-155).

O DIREITO DE NÃO AMAR

Se o homem destrói (sic) aquilo que mais ama, como afirmava Oscar Wilde, a vontade de destruição se aguça demais quando aquilo está amando um outro. O egoísmo, o traço mais poderoso de qualquer sexo, transborda então intenso, borbulhante como água em pia entupida, artérias e canos congestionados na explosão aguda: “Nem comigo nem com ninguém!”. Desse raciocínio para o tiro, veneno ou faca, vai um fio. A segunda porta foi a que escolheu aquele meu colega de Academia quando descobriu que a pior das vinganças é não matar mas deixar o objeto amado viver, viver à vontade, “Pois que ela viva!”, decidiu ele na sua fúria vingativa. Amou-a perdidamente. Acho que nunca vi ninguém amar tanto assim, talvez com a mesma intensidade com que ela amava o primo, disse isso mesmo numa hora de impaciência. Estou apaixonada por outro, que ter a bondade de desaparecer da minha frente? Mas o meu colega (vinte anos?) acreditava na luta e como ele lutou, meu Deus, como ele lutou! Tentou conquistá-la com presentes, era rico. Depois, com intermináveis poemas de amor, era poeta. Na fase final, no auge da cólera – era violento – começou com as ameaças. Ela guardou os presentes, rasgou os poemas, fez a queixa a um tio que era delegado da seção de homicídios e foi cair nos braços do primo sem o recurso das rimas e dos diamantes mas que conseguia fazê-la palpitar mais branca e perfumada do que a açucena-do-campo. Meu colega dava murros nas paredes, nos móveis. Puxava os cabelos, “Ela não tem o direito de me fazer isso!”. Com a débil voz da razão, tentei dizer-lhe que tinha esse direito de amar ou não amar, vê se entende essas coisas tão simples! Mas ele era só ilogicidade e desordem: “Vou lá, dou-lhe um tiro no peito e me mato em seguida!”, jurou. Mas a tantos repetiu esse juramento que fiquei mais tranquila com a esperança de que a energia canalizada para o ato acabaria se exaurindo nas palavras. O que aconteceu. Uma noite ele me procurou todo penteado, todo contido, com um sorrisinho no canto da boca, sorriso meio sinistro, mas lúcido: “Achei uma solução melhor”, foi logo dizendo. “Vou ficar quieto, que se case com esse tipo, ótimo que se case depressa porque é nesse casamento que está minha vingança. No casamento e no tempo. Se nenhum casamento dá certo, por que o deles vai dar? Vai ser infeliz à beça! Pobre, com um filho debiloide, já andei investigando tudo, ele tem retardados na família, ih! O quanto ela vai se arrepender, por que não me casei com outro? Vai ficar gorda, tem propensão para engordar e eu estarei jovem e lépido porque sou esportista e rico, vou me conservar mas ela, velha, obesa, ô delícia!” Há ainda uma terceira porta, saída de emergência para os desiludidos do amor: não, nada de matar o objeto da paixão ou esperar com o pensamento negro de ódio que ela vire uma megera jogando moscas na sopa do marido hemiplégico, mas apenas renunciar. Simplesmente renunciar com o coração limpo de mágoa ou rancor, tão limpo que em meio do maior abandono (difícil, hein?) ainda tenha forças para se voltar na direção da amada como um girassol na despedida do crepúsculo. E desejar que ao menos ela seja feliz.

Lygia Fagundes Telles aborda o amor em desequilíbrio também, igual ao poema do início deste encontro. Se o homem destrói o que mais ama por egoísmo. Desse pensamento

mesquinho de não permitir que a outra pessoa se desligue quando já não existe mais o amor é que surge a violência e a morte daquela pessoa que não quer mais ficar na relação. Geralmente é a mulher o alvo das atrocidades masculinas. O desejo de vingança sobrepuja o antigo amor e deseja o mal daquela pessoa que se foi, rompeu, terminou a relação.

Ao terminar a leitura e passar a palavra para os interagentes da ação mediadora, as primeiras palavras vieram do Saci Pererê, que, surpreso, mencionou ter sua atenção presa no trecho “*o ódio é negro*”, que ele identificou como um termo polêmico e pejorativo. Em Telles (2010, p. 155, grifo nosso) está o excerto citado pelo Saci Pererê e diz assim: “[...] nada de matar o objeto da paixão ou esperar com o pensamento **negro de ódio** que ela vire uma megera [...]. Ele disse que esse trecho chamou a sua atenção.

Como pesquisador e observador da prática de Biblioterapia, considero que o espanto do Saci Pererê diante de uma frase como essa se deu em decorrência dela poder ser vista como uma expressão racista. Na frase está “[...] esperar com o **pensamento negro de ódio** [...], o que nos leva a refletir sobre dois aspectos: a) pensamento negro; b) negro de ódio. Essas duas possibilidades de análise provoca o efeito catártico da surpresa, do espanto, do estranhamento, entre outras possibilidades.

Se estivéssemos estudando nesta tese a Teoria da Estética da Recepção poderíamos focar na discussão se a obra, o texto, a frase, o trecho seriam bem recebidos pelos leitores atualmente. A conversa estaria no contexto histórico e social de uma época, a da escrita e se este conteúdo passaria pelo crivo do que é hoje discutido nas perspectivas étnico-raciais. Como mencionado anteriormente, e segundo Caldin (2010), o efeito estético foi o catártico, que liberou um sentimento no Saci Pererê que foi o espanto ou o susto de ter no texto tal expressão.

No passe da vez no jogo do texto do Saci Pererê para Cinderella, esta participante falou: “*Ele desejou: É, tem mesmo que se casar porque ela vai ficar gorda ... porque ele iria querer casar com ela ... casando com outro ia dar tudo ruim, se fosse com ele ia ser bom, não ia se separar, ela não ia ficar gorda*”. A esse respeito, Jauss (2002) mencionou que tem relação com o tipo de jogo igual ao *agon*, da agonia e sofrimento, quando diante de uma disputa é preciso tomar uma decisão. Essa declaração da Cinderella está permeada pelo que Jauss (2002b) denominou de estado de *katharsis* do prazer estético na recepção da obra literária, pelo efeito estético da catarse, este é responsável por liberar no corpo humano a possibilidade do riso diante dos absurdos.

Sobre a atitude da personagem do marido que em uma atitude egoísta e de ódio não aceita o fim de seu relacionamento. Como forma de se vingar da pessoa amada, decide ficar por perto para ver o casamento indo ladeira abaixo, até chegar ao fim. Disso, Elisabeth Bennet

comentou: “*Pra tu ver como é o amor e ódio, ele ama tanto que **não quer casar***” (grifo nosso). O marido não queria mais ficar com a mulher, desistiu de lutar pelo amor que sentia por ela. Para ele, tudo que poderia ter feito por amor foi concretizado, agora que ela está o deixando, o ódio encarnou o ex-marido de tal forma que ele desejou ficar por perto na esperança de ver o novo casal passando por todos os tipos de problemas e angústias juntos, ele queria ver até onde esse amor aguentaria.

Conforme o texto de Telles (2010) se desenrola, a impressão que dá aos leitores ou ouvintes vai ao encontro do que apreendeu Graciliano Ramos: “*Eu achei que ia acabar no feminicídio, virou uma vingança machista.*” Essa visão do participante da vivência tem semelhança com o tipo de jogo do texto literário chamado de *alea*, em que neste tipo surge a imprevisibilidade que frustra as expectativas do leitor na sua convenção (JAUSS, 2002b). Assim, podemos declarar que para o Graciliano Ramos já estava estabelecido que esse amor doentio se transformaria em uma tragédia como o feminicídio, tendo em vista que muitos casos de rompimento de relações amorosas em que uma das partes está em desequilíbrio mental caminham para este fim.

Na crônica o ex-marido até mencionou a possibilidade de que se ela o deixasse, o melhor seria a opção: “Nem comigo nem com ninguém! Desse raciocínio para o tiro, veneno ou faca, vai um fio” (TELES, 2010, p. 154). Nesse trecho evidenciamos a ideia do ato de violência com a mulher. Todavia, ele pensou que ver a mulher em uma situação ruim ao longo da vida de casada seria a melhor opção de vingança contra ela.

Sobre isso, Cinderella comenta o que sentiu ao receber a obra e o efeito nela causado: “*É, porque ele deseja as coisas pra ela, ainda assim, é ela, a culpa é dela, né, em todos os momentos ele não diz que o cara vai ficar gordo, que o ... que ele não vai, que não ... é dela assim, da condição de ... de mulher mesmo, né, de rebaixar mesmo a mulher, eu senti assim, porque ele podia ... porque se ele gostava tanto dela ... e aí entra mesmo o amor e o ódio, a linha tênue, na verdade, racionalmente pensando, talvez o ódio dele deveria ser dirigido ao noivo, não a ela ... só ... ah! Não sei. Mas eu achei bem sexista, abordou bastante a violência doméstica, a violência contra o feminino.*” Trata-se de um efeito catártico, conforme explicitou Jauss (2002b), o leitor pode manifestar o espanto e a indignação em seu estado de prazer estético. Foi o que aconteceu com Cinderella ao manifestar que o ex-marido não agiu contra o seu algoz, aquele que retira a ex-esposa de dentro da relação e os faz separar. Para ela, a atitude masculina é sexista, pois o ex-marido direcionou todo seu ódio para a mulher.

Por outro lado, o efeito estético promoveu outro estado de prazer em Cinderella. Estamos falando da *aesthesis*, quando da manifestação dos sentimentos irônicos e a comicidade

encontrada nas falas da personagem do ex-marido. O abandonado descreve para os leitores o que ele espera que venha acontecer com aquela que o deixou por outro amor. Mas, o efeito estético do estado de prazer *katharsis* também é percebido quanto à forma de manifestar o espanto com relação à criatividade das maneiras possíveis de deleite do ex-marido ao imaginar o que poderia acontecer à ex-esposa. Ele se contentou com a possibilidade de sua intencionalidade se tornar real. Nos ditos da Cinderella encontramos alguns exemplos e sua reação de graça e riso diante das paranoias do homem, vejamos: *“Eu já não vi desse jeito, eu acho que ali, se fosse uma mulher gostando do cara, seria o mesmo, o problema pra mim, assim como eu vi né, o problema pra mim era descrever a mente de quem foi rejeitado, sabe, então ele tava lá mirabolando coisas, eu ... até dava pra pensar por esse lado do feminicídio e tudo, era raiva, não foi gostar de mim, aí tinha que odiar ela e não o outro, foi ela que rejeitou. Então, isso pra mim, a minha leitura, eu achei muito interessante, criativo e até meio humorístico, eu levei pra esse lado das coisas que ele inventou e que o filho ali também, ele queria que ela sofresse, então, o que faria uma mãe sofrer, ter um filho com uma doença, uma coisa sabe, não vi com um olhar de preconceito, vi de saber que uma mãe sofreria por ter um filho doente. Era a vingança dele, tudo de mal que ele podia imaginar.”*

Fechando esta subseção, observaremos o que foi compartilhado por Graciliano Ramos: *“Isso aí na relação entre homem e mulher, com raras exceções, qualquer separação, há um ódio total, é difícil, casos raros do casal separado ter convivências depois, socialmente, então isso é um fato, que as pessoas, aquela raiva separou por qualquer motivo, há aquele ódio mortal um do outro, vai ser eterno”*.

Como os demais participantes, Graciliano Ramos sentiu o efeito estético ao receber o texto de modo a pensar na trajetória humana e verificar nela a existência de violência e o surgimento do ódio no fim das relações amorosas. Fica a pergunta: o amor virou ódio?

5.4 VIVÊNCIA DE BIBLIOTERAPIA: FALANDO DE GRATIDÃO

Para iniciar o último encontro das Vivências em Biblioterapia elegemos a temática da gratidão com o intuito de cumprir os objetivos específicos de alíneas “b” e “d”. Nesta subseção trataremos resultados das análises dos dados coletados, buscando descrever o processo do desenvolvimento da prática da Vivência de Biblioterapia. De igual modo, observamos as falas dos participantes desta ação de mediação da leitura literária para registrar como o Efeito Estético pode ser percebido nas manifestações dos interagentes durante o momento vivido na experiência biblioterapêutica.

Todos os participantes receberam as instruções dos cuidados a serem tomados durante o tempo que passariam no último encontro via WhatsApp e se prepararam para interagir com o grupo e o texto.

De início eu li o conceito de gratidão que está no emocionário, dicionário de emoções utilizados em todos os encontros. A partir dele teríamos nosso fio condutor e seria como entenderíamos o sentido desta palavra.

GRATIDÃO

A gratidão é a alma da palavra ‘agradecer’. Ela se multiplica quando você é capaz de ver os presentes que o dia a dia oferece: o sorriso de um amigo, uma canção bonita, uma comida gostosa... A gratidão nos ensina a aproveitar melhor a vida. É a porta de entrada para a felicidade. (PEREIRA; VALCÁRCEL, 2018, p. 90, grifo dos autores).

Chegou a hora de agradecer e levarmos a vida com leveza. Eu chamei os interagentes para fazermos uma rodada de gratidão. Cada um de nós deveríamos dizer por que é grato a algo ou alguém. Como *start* da ação, eu comecei a rodada.

EVANDRO: “Eu sou grato por todos vocês estarem aqui participando desse momento.”

CINDERELLA: “Ai eu agradeço o meu projeto do primeiro plantio sem fronteiras das árvores arteiras, são treze árvores até agora plantadas, tô feliz da vida!”

GRACILIANO RAMOS: “Tenho que ser clichê né, a gratidão é que ... eu tenho uma gratidão enorme pela iniciativa, em 2017, que a minha filha me inscreveu naquele curso lá da oficina literária ... pra mim é uma gratidão imensa que eu tenho a minha filha, por ela ter me inscrito lá.”

SACI PERERÊ: “Eu vou ser um pouco mais elemental e eu vou agradecer pelo ar que respiramos. [risos]”

HERMIONE GRANGER: “Eu agradeço pela saúde.”

ELIZABETH BENNET: “Eu agradeço por morar perto do mar, faz uma diferença nos meus dias!”

ANA TERRA: “Não vale repetir né, [risos] fica difícil mas eu... eu agradeço por ter um trabalho hoje, eu agradeço muito pelo meu trabalho hoje, que é o meu sustento assim né, a gente vive num lugar, a gente precisando de emprego assim, pra sua subsistência, então eu agradeço, já que não pode repetir né, porque tudo isso que vocês falaram eu também agradeço, mas ao meu trabalho agradeço muito por ter um.”

As observações que fiz em meu diário não conseguem expressar mais do que as próprias palavras dos participantes. Percebamos na fala deles o que expressam, com os acréscimos a partir dos apontamentos que fiz.

Cinderella, como sempre, estava animada e falava com entusiasmo sobre suas experiências, o que trazia alegria ao grupo. Com leveza, cuidado no falar, ciente de sua participação social no mundo, Cinderella é uma pessoa que planta árvores pensando no futuro do planeta.

Graciliano Ramos estava emocionado e feliz por ter conhecido a Oficina Literária Boca de Leão quando a sua filha fez a inscrição para que ele pudesse participar. Ele é um pouco tímido e de poucas falas, percebemos nele o pronunciamento de algo útil e responsivo à demanda de informações do grupo.

Saci Pererê é um ser muito sucinto, direto, com palavras retas, ele agradeceu pelo ar que respira e soltou um riso de contentamento. Este participante vive em meio à natureza e gosta de observar e valorizar cada elemento existente nela.

Hermione foi sintética e agradeceu por ter saúde, afinal passávamos por uma pandemia. É poeta e tem muita alegria no olhar, seu sorriso demonstra sua felicidade.

Elizabeth Bennet mora em um bairro com a beleza exuberante do mar à sua frente e isso a alegra diariamente. Notamos que o sorriso ficou mais largo e os olhos arregalaram, como quem fala não só com a boca, mas com o corpo inteiro. Entendemos muito bem o recado que ela passou, fomos afetados por ele.

Ana Terra agradeceu por estar empregada, pois durante o período de pandemia e pós-pandemia tivemos muitos desempregados como resultado desta situação global de necessidade de reclusão e poucos contatos físicos. Nela há sorrisos quando fala e agradece e apreensão quando pensa nos outros.

A partir desse momento, em que todos estavam aquecidos com a prática da gratidão, dos motores aquecidos, então, em seguida, eu li a poesia do AkaPoeta, codinome pelo qual ele é conhecido nas mídias sociais.

5.4.1 O efeito estético manifestado pela poesia de gratidão

Fiz a leitura da poesia de AkaPoeta (nome mais conhecido do público leitor), cujo nome é João Doerdelin. O texto está no livro dos ressignificados. Doerdelein (2017, p. 93) escreveu:

gratidão (s.f.)

é o que sinto quando perco meu ônibus e recebo uma carona de última hora. é um agradecimento sincero. é o sentimento que nos torna menos egoístas. é o que sinto quando estou doente sem poder sair de casa e minha melhor amiga muda todos os seus planos e vem assistir Netflix comigo. é o que aquele seu amigo artista sente quando você vai ao show dele (por menor que seja).
é uma flor roxa.

De imediato eu abri o espaço para a fala de corpos irrequietos. Eu os convidei assim: *“Vamos falar sobre os sentimentos despertados por esse poema?”*

Pedido atendido de pronto por Graciliano Ramos, nele o efeito estético se manifestou desta forma: *“A gratidão é um propulsor de sentimentos ... é um sentimento quando a gente ... a gente tem a sensibilidade de entender que tem que ser grato àquela pessoa, nem todo mundo consegue ser ... entender a palavra ... a questão da gratidão, não exerce a gratidão, que sempre vai entender que aquilo foi um favor, que a pessoa ... que é realmente obrigação da pessoa ter feito aquilo, então quando a gente tem ... eu entendo que é um propulsor, quando a gente tem a sensibilidade de entender o que aquela pessoa fez com a gente ... e a gente retorna àquilo como uma ... um sentimento de reconhecimento por aquilo que a pessoa fez, aquilo também vai preencher aquela ... a certeza que está a pessoa mais assim, eu não fiz nada que vão! Eu entendo dessa questão da gratidão assim”*.

A gratidão chegou até Graciliano Ramos e o afetou como um propulsor de sentimentos. Em seu entendimento é preciso ter sensibilidade para reconhecer o que é um ato do qual merece agradecimento. Para Merleau-Ponty (2002, p. 86) a percepção de como compreendemos uma frase se dá em virtude de existir em nós “[...] o sistema de ressonadores que lhe convém [...]”. De pronto, observamos que no íntimo de Graciliano Ramos está a gratidão engendrada por sensibilidade para agradecer e reconhecer o que o Outro fez por ele. Jauss (2002b, p. 86) disse ser essa atitude do reconhecimento perceptivo, segundo o qual “[...] o espectador pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa [...]”. Graciliano Ramos teve ativado em seu corpo o prazer estético da catarse e se identificou com a poesia, principalmente quando ela trata do ato de se doar para ajudar outra pessoa que precisa da gente naquele momento.

Nas palavras do Saci Pererê: *“Então é ... gratidão. É ... acho que ela vai além da ... da empatia humana né, além dessa ... porque ali eu agradeço o ar. Ah! Ele não tá preocupado se eu responder pra ele, se eu vou agradecer a ele, ele tá ali a gente agradece, então acho que*

essa questão também do ... do tu ser grato independente de se manifestar a alguém ou alguma coisa ... né, essa, essa ... esse acontecimento, eu acho que o ser grato é a ti mesmo né, então tu tá recebendo alguma né, no caso ali ... no caso a poesia é o revés né, tudo que deu errado é revertido nos acontecimentos que envolvem ali e que dá certo, vamos dizer assim, porque ficou doente, mas deu certo da amiga ir lá e ... então ele é grato por isso né, ou de ele perder um ônibus e pegar uma carona, as coisas deram errado ... a reversão né, do sentimento negativo, dessa coisa ... então é grato até por isso, por reverter a situação né, eu acho que ... aquela questão de que não esperar o ... né, o ... tu ser grato a partir de ti né, eu acho que é importante”.

O Saci Pererê recebeu a obra poética e surgiu em sua fala a questão de ser agradecer sem obrigação ou como troca social. Ele tenta nos explicar que podemos ser gratos por tudo, principalmente por aquilo que você se proporciona. Em sua visão, quando se é grato pelos reveses da vida é possível reverter o sentimento negativo diante dos problemas. Ele defende que devemos ser gratos independentemente de o outro aceitar ou não nossa gratidão, ou de sermos ou não reconhecidos. Simplesmente devemos ser gratos a nós mesmos pelo que fizemos a nós.

De certa forma, o Saci Pererê se identificou com as situações sociais existentes na poesia e introjetou em si as características das formas de resolução dos problemas que iam surgindo à medida que o poema era lido. A forma de tomada de decisão diante das adversidades é a expressão de sua gratidão a ti mesmo por ter conseguido sair daquela circunstância. Identificação e introjeção são componentes biblioterapêuticos citados por Caldin (2010).

A catarse se manifestou no corpo de Hermione Granger e um pensamento específico veio à sua mente, este representou a experiência de vida pela qual essa participante viveu. Catarse é a liberação dos sentimentos e das emoções (CALDIN, 2010). Em análise ao trecho de sua explanação é possível verificar outro componente biblioterapêutico, a identificação e o seu desdobramento na projeção. Sobre isso, Caldin (2010) afirmou que esta é a responsável por ativar o que há dentro de nós e conseguirmos transpor para a experiência estética das personagens, o que vivenciamos e comparamos com o que se passa na história é um exemplo de projeção.

Hermione Granger manifestou-se assim, diante do efeito estético da palavra recepcionada por ela: *“É exatamente isso, quando a pessoa pensa que alguma coisa deu errado e vai pensar naquilo como uma coisa ruim que aconteceu, daqui a pouco talvez aconteça alguma coisa boa e ele ver que foi melhor do que o anterior. Isso aí, é uma coisa que aconteceu comigo, sabe. Interessante, foi assim, a minha filha estudava no Colégio de Aplicação da UFSC e todo dia eu levava ela de manhã pra pegar o ônibus é ... no ponto de ônibus, eu levava todos*

os dias de manhã e chegou um dia, não sei, porque todo dia que eu botava o relógio pra despertar e levava ela. Chegou um dia, ela o relógio não despertou, eu não sei porque o relógio ... quando eu acordei assim, báh o relógio não despertou, vamos lá, ela se arrumou e tal ... aí ela não pegou aquele ônibus, pegou o ônibus seguinte, ia chegar atrasada no colégio ... e daí o que aconteceu, aquele ônibus que ela iria pegar, ele deu um acidente ali na Costeira do Pirajubaé¹⁹, aí deu um acidente com aquele ônibus e o lugar onde ela costumava sentar é a pessoa que foi mais atingida, que tava sentada ali, uma criança, não sei quem ... ela seria a mais atingida, mas assim, não houve aciden ... não foi uma coisa muito grave, mas a pessoa que tava sentada no lugar onde ela sentaria, no lugar que ela costumava sentar, porque ela pegava bem no ponto final, é ... foi a pessoa assim que ficou mais ferida. Então e quando eu pensei, conhecido poema, quando eu pensei que a coisa tinha dado errado. Poxa vida, minha filha vai chegar atrasada no colégio! Por que que o relógio não despertou? E daí ... não, foi uma coisa assim, que daí fui grata por ela não ter pegado aquele ônibus, alguma coisa colaborou para que ela não pegasse aquele ônibus. Então, é isso que eu tô vendo nesse poema, quando a pessoa pensa que uma coisa deu errado ... alguma coisa colaborou para quem fosse melhor do que aquilo ou pra evitar algum mal, como aconteceu né comigo”.

Hermione Granger vivenciou outra vez este episódio em sua mente ao perceber na poesia algo que era verossimilhante com a história da filha. Esse rememorar é uma ação catártica acontecendo no corpo físico desta participante.

Do compartilhamento do que sentiu Cinderella ao ouvir a poesia, temos a seguinte fala: “Pois é, eu tava vendo ali, com a minha ... com os meus negócios quânticos, eu tava vendo a gente nas leituras aí, o que tem feito é agradece né, porque é um sinal de abundância, porque a gente agradece o que tem, né ... então, se a gente não agradece, é sinal de que a gente acha que não tem, tá em falta, a escassez. Então isso é uma atração quântica né, agradecer a tudo, porque a gente tá reconhecendo que tem ... então né, para mim, isso aí tão bonito e engloba essa questão do texto, porque, por exemplo, ele perdeu o ônibus, isso é escassez. Mas, ali, como foi dito também, ele [personagem do texto] teve um dia que pegou uma carona né, teve toda uma ... uma questão ali de abundância, uma carona, uma pessoa pra bater papo, a Hermione Granger que falou ali, a pessoa que teve abundância de saúde né, que perdeu o ônibus lá, e teve abundância de saúde, que não sofreu acidente, então assim, se a gente conseguir agradecer né, a ... a tudo, é um sinal que a gente lá dentro acha que tem abundância né, e ... e ... e começa a atrair cada vez mais abundância. Eu acho lindo, isso! [risos] E combinou com

¹⁹ Bairro de Florianópolis, Santa Catarina, que fica na parte sul da Ilha.

o poema, porque em forma poética tá falando sobre essa questão quântica né, digamos”.

A contribuição da Cinderella para com o partilhar de suas sensações, suas percepções e seus sentimentos diante do texto, está contida nos três estados do prazer estético estudado por Jauss (2002b). O primeiro estado é o *poiésis*, pois nossa interagente se colocou como coprodutora da história contada e acrescentou nela o seu conhecimento de física quântica. Ao explicar sobre abundância e escassez ou falta, Cinderella nos demonstrou que a gratidão está presente em nossas vidas em momentos de abundância, seja quando fomos poupados de passar por um acidente no trânsito, seja por ter companhia para passar as horas durante o restabelecimento da saúde. Para essa participante, quando estamos em falta ou escassez não conseguimos ser gratos. Aqui surgiu nas palavras de Cinderella o efeito poiético.

Do estado do prazer estético denominado *aesthesis* e como foi descrito por Jauss (2002b) reverberou na Cinderella durante a manifestação dos seus sentimentos em relação à obra, que era de reconhecimento dos ensinamentos da física quântica. A participante da Biblioterapia viu expostos no poema como forma de exemplificação de como é possível identificar as situações de escassez sendo supridas e resolvidas pela abundância. Isso trouxe para Cinderella um contentamento característico do efeito estético.

Como já dito em outro momento, o estado do prazer estético da *katharsis* é a forma de manifestar os efeitos que o texto pode produzir no leitor, conforme Jauss (2002b). Cinderella demonstrou entusiasmo ao expor ali essa identificação na poesia com o que ela já estudou em física quântica, isso desencadeou em seu corpo o efeito catártico.

Na continuação da prática de socialização das experiências de como sentimos a obra durante a leitura, Elizabeth Bennet falou: *“Eu fiquei pensando, a gratidão, geralmente, vem de alguma coisa de felicidade, você agradece porque você ganhou alguma coisa, porque alguém já te atendeu [em] alguma coisa, mesmo que seja assim, é eu comprei, tipo eu não ganhei, mas você agradece a pessoa que atendeu, que você tem condições de levar pra casa. Como a Cinderella falou, é de abundância, mas é alguma coisa que te traz felicidade, por isso você tá agradecendo, principalmente no caso do cara que ganhou a carona, esse sim, tem que agradecer mesmo, [risos] e ... são várias coisas assim, que eu acho que sempre quando você pensa assim: Ai como eu sou grato por isso ou aquilo! É porque alguma coisa que traz felicidade”.*

Mais introspectiva, Elizabeth Bennet expressou a sua gratidão pelas oportunidades de ser feliz ao receber qualquer tipo de benefício de alguém ou da própria vida (ou seja, ser grato a si próprio), seja na forma de presentes dados por outra pessoa, favores recebidos, atendimento de um serviço, uma ajuda, seja na forma física que temos e poder fazer e realizar ações que um

corpo doente não teria condições de fazer. Para ela, podemos ser gratos, também, por nossas condições financeiras ao termos atendido qualquer tipo de necessidades, das básicas às supérfluas. Em Caldin (2010) encontramos essa representação nos componentes biblioterapêuticos da identificação e sua ramificação para a introjeção, a qual eu insiro em minhas características de personalidade, as atitudes vistas como ideais nos seres humanos vivendo no coletivo, um deles é a felicidade e a gratidão. Pessoas felizes contribuem para a saúde social do todo. Além da identificação, Elizabeth Bennet estava reflexiva, pensativa, se voltou para uma conversa que se passou na consciência, ela estava introspectiva. Segundo Caldin (2010) este é um dos componentes da Biblioterapia, a introspecção.

Quase no fechamento da conversa em torno do poema sobre a gratidão de Doerdelein (2017) temos na fala de Ana Terra a manifestação do efeito estético exemplificada na sensação que a poesia promoveu no corpo físico desta participante. Nela foi ativada a memória e a lembrança de experiências de vida em que somos gratos a algo ou alguém e isso causa uma sensação de leveza e gera algo bom dentro de nós. Outra característica que contribui para aqueles que agradecem continuamente é a possibilidade de ver o lado bom das coisas, do tipo, se algo deu errado para você, veja o que aconteceu contigo de bom, na sequência, e foi muito melhor. Todavia, a consciência da Ana Terra alerta para o fato de algumas coisas ocorrer e nos impedir de sentirmos gratidão. Mas, temos a escolha, se vamos trilhar pelo caminho da reclamação ou pelas estradas da resolução dos problemas.

A menção de Ana Terra foi dessa forma: *“Das formas né, de gratidão, ser grato por algo né, ou grato a alguém por alguma coisa, e isso sempre parte da ... do entender que você merece assim né, naquela linha que Cinderella falou assim, a gente merece ... aquilo que tá acontecendo né, por exemplo, ele perdeu o ônibus né, o exemplo do poema, ele perdeu o ônibus mas ele conseguiu uma carona nova em merecimento, porque a carona foi tão mais legal que o ônibus né, e parte do princípio de ver o lado bom das coisas, eu acho que quanto mais a gente vê o lado bom das coisas, agora eu engatei no fio da meada que eu queria, quanto mais a gente vê o lado bom das coisas, eu acho mais grato você se torna, porque ... tudo tem os dois lados né, você pode optar assim, na minha, pelo menos eu entendo assim, você sempre vai ter os dois caminhos, de ver o que tá ruim né, ainda mais hoje no ... da forma como a gente tá vivendo hoje, quanta coisa ruim acontecendo, pra você ver o lado ruim das coisas, meu Deus é muito fácil! Então, eu acho que isso impede um pouco esse sentimento de gratidão sabe, então no momento que você ... não! existe nos dois lados e eu voltar pra ver o lado bom, e ele também vai existir tanto quanto o lado ruim, eu acho que ele requer um pouco mais de busca, mas ele também vai existir. Ai você consegue ser grato, ser grato por aquilo ali né, pelo lado bom das*

coisas assim, poder enxergar isso, e aí a abundância ali que a Cinderella falou assim, bem interessante, faz muito sentido”.

Merleau-Ponty (2011, p. 3) citou que “Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido [...]” e desta afirmativa é que percebemos como as narrativas dos participantes das Vivências em Biblioterapia reafirmam o que esse filósofo francês declarou. Da experiência vivida por cada um dos seis interagentes é que se constituiu o corpus documental para análise, tratamento e resultados desta tese.

5.4.2 O efeito estético manifestado pela crônica de gratidão

Prosseguindo com o cumprimento dos objetivos específicos de alíneas “b” e “d” desta tese, descreveremos a seguir como o efeito estético pode ser percebido na prática da Biblioterapia.

Antes de iniciar a leitura da crônica, eu solicitei que todos escutassem o texto e direcionassem a percepção de cada um para o que se passa na cabeça deles e o que sentiram nos vários aspectos da obra e trazer à memória experiências de vida que pudessem correlacionar com a ficção.

Da explanação de como iria ser desenvolvida a prática da Biblioterapia para a crônica “Treinando o olhar para ver o milagre das coisas” que está no livro “Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver”, do autor Daniel Munduruku.

TREINANDO O OLHAR PARA VER O MILAGRE DAS COISAS

Não é novidade que há muitos mistérios espalhados pelo mundo. Há coisas que não conseguimos compreender usando apenas os recursos da razão. Diante do mistério, acabamos por alimentar a ideia de que estamos à mercê do Universo. Algumas vezes, acreditamos, de fato, que há uma força atuando para nos trazer dúvidas a respeito de nossas certezas. Também não é incomum fechar os olhos para o que não entendemos. Acusamos nossa razão de pregar peças ou simplesmente abrimos mão da possibilidade de o milagre acontecer em nossas vidas.

Quando criança, meu olhar foi treinado para ver os milagres das pequenas coisas. Claro que não se falava de milagres, mas de beleza, de harmonia, de perfeição. Depois, descobri que isso recebia o nome de milagre, palavra que transforma o feio em belo, o negativo em positivo, afetando nossa alma. O milagre muda nosso humor.

Durante minha infância, vivida em outras paragens, a contemplação das coisas da terra não era um milagre, mas uma necessidade. Tudo deveria fazer parte do processo de formação do homem que me tornaria. O homem adulto que morava na criança tinha de olhar tudo como um sistema vivo, que se integra e interage por meio dos sentidos. Nada deveria despercebido do olhar atento do sobrevivente da floresta. Cada pegada era um sinal. Cada som emitido em longínquas distâncias, cada sopro do vento, cada poio de coruja, cada ronronar que parecesse aproximação de perigo... nada podia ser ignorado, nada podia ser considerado com indiferença. O adulto que acompanhava a criança tinha de ir ensinando como observar, como se precaver, como enfrentar cada um dos sons, que era captado pelo ouvido humano, cada cheiro, cada

sensação, cada imagem.

A educação dos sentidos era, portanto, a mola propulsora para nossa sobrevivência física. Ao mesmo tempo, ela nos oferecia um olhar sobre os sentidos da existência. Estar atento ao que acontecia na floresta era uma etapa necessária para aperfeiçoar o outro olhar que educaria o espírito: aquele que vê os mistérios por trás dos sentidos. Somente quando o corpo estava preparado para captar os sentidos do ser é que alguém podia se considerar adulto, adentrar na vida social da comunidade e aproveitá-la de maneira plena.

Hoje, vivendo em lugares diferentes, ainda me pego observando as pequenas coisas do meu cotidiano. Ainda passa despercebido pelo astuto olhar do caçador de outrora, desde o nascer do sol ao crepúsculo. Sempre me mantenho atento para não perder algum milagre que faça valer meu dia e, quase sempre, o encontro. Quase sempre o percebo. O milagre é o que dá sentido à vida da gente, e ele acontece de muitas maneiras. Eu me defino como um caçador de milagres. Tente ser um também. Certamente vai conseguir, e verá que a vida pode ser uma linda experiência. No começo, é preciso um pouco de esforço para treinar o olhar; depois, você verá os milagres acontecendo o tempo todo ao seu redor.

Como reconhecer um milagre? Quando o vir, você o reconhecerá (MUNDURUKU, 2019, p. 48-50).

Daniel Munduruku nos leva a uma reflexão sobre os mistérios que estão espalhados pelo mundo, não temos condições de compreender todos. Mas, uma coisa devemos prestar atenção, na possibilidade de ver o milagre acontecer em nossas vidas. Para tanto, é preciso se preparar e perceber nas pequenas coisas o possível milagre. Lembramo-nos de Antoine de Saint-Exupéry e sua obra emblemática de “O Pequeno Príncipe”; nela o menino descobre o segredo da vida ao conversar com a raposa na seguinte conversa: “Adeus — disse a raposa. — Eis meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 84).

Precisamos desacelerar o ritmo de nossas vidas e contemplar o que antes era despercebido e agora é visível aos olhos atentos, sem ignorar nada, aprendemos e ensinamos como observar e se precaver. Na educação dos nossos sentidos desvendamos os mistérios que estão por trás dos sentidos.

Munduruku (2019, p. 50) comentou que se pega observando as pequenas coisas que estão no seu dia a dia e nos faz uma pergunta: “Como reconhecer um milagre? Quando o vir, você o reconhecerá?”

Como mediador da conversa, eu deixei o momento aberto para quem desejasse compartilhar que se colocassem à disposição e dividissem as experiências de treinar o olhar em caça de pequenos milagres que a vida nos dá.

Ao passo que Hermione Granger narrou dessa forma: *“Interessante que eu tava ... eu ouvi o que o Graciliano Ramos postou lá no grupo do Drummond, né? Por que ler Drummond? E daí eu ... o cara lá que fala, ele é um professor no ... todo assim, conceituadíssimo e ele estava falando assim, que existem é três formas: olhar, ver e reparar. Que muitas vezes tu olha e não*

vê, às vezes, tu olha uma coisa, tá ali no teu nariz, tu não consegue enxergar aquilo ali, e tá olhando, mas não viu, porque ele não reparou. Então, ele diz assim, que reparar é a dimensão mais profunda da visão, reparar, e é exatamente o que ele tá falando aí né, o Daniel Munduruku, reparar nos pequenos milagres, nos detalhes, nas coisas todas, que não é só aquilo ali que a gente vê, tem algo mais por trás daquilo ali, então é ... por exemplo, eu já li a profecia celestina e ele [livro] fala da ... quando a gente treina a visão e pode ver a ... digamos o ... a energia de uma árvore, tu olha uma árvore, ela tem uma energia, se tu conseguir ver a energia da árvore, vai saber o que que está além da, da, do simples olhar. Então reparar. Não é todo mundo que consegue ver né, teria que ter um treinamento. E eu já fiz esse treinamento ... eu faço, às vezes, o treinamento para ver a aura das pessoas. Então tem que ter todo um ... digamos, um local apropriado, uma luminosidade apropriada, se a gente focar a vista, olhar, ver ... o máximo que eu consegui ver foi uma luminosidade, uma luz em torno da pessoa. E, mas é, mas é muito interessante isso daí, eu sempre penso nessas coisas de, de ... de reparar ... reparar em todas as coisas, nos animais, na natureza, nas pessoas, nas árvores, eu moro aqui no Ribeirão da Ilha, um sítio aqui onde eu moro, de vez em quando eu me embrenho ali pelos matos e eu começo a olhar as árvores e ... e eu presto muita atenção também, como ele diz, todos os sentidos tem que tá aguçados pra perceber ... então é, o som dos pássaros ... noutra dia eu tava ... eu tava andando, de repente eu escutei um toc, toc, toc, toc, eu digo é um pica-pau. Procurei, procurei, procurei, daqui a pouco lá tava ele, um pica-pau de topete amarelo, bicando lá o flamboyant. Percebo o som de tucanos que chegam aqui pra comer amora, tem as amoreiras ali, eles vêm comer. Os bem-te-vis gritando, sabe ... as aracuãs, as saracuras, são todos os pássaros que vêm aqui nos visitar, então eu fico atenta a tudo isso, gosto muito disso, quando tu botasse lá no nosso grupo [de WhatsApp] que gosta de contemplar a natureza, eu gosto de contemplar a natureza também, e como ... também, o outro professor lá falando [sobre o curso de Drummond], ele também falou isso, contemplar é, além da palavra tempo, é estar num tempo pra observar aquilo que a natureza oferece, pra gente ir além da visão, então é isso, meus sentimentos, de contemplar realmente, eu gosto de contemplar a natureza, igualzinho você gosta”. Hermione Granger recebeu o texto e foi afetada pelo efeito estético e os estados do prazer que identificamos durante sua explanação foi o da catarse, que segundo Caldin (2010) e Jauss (2002b) configura-se como a liberação das emoções e da contemplação; da identificação, quando da percepção no texto de Daniel Munduruku que ela, Hermione Granger também tem a prática da contemplação das pequenas coisas; o efeito estético surge em vários pontos de sua fala, como o exemplo do partilhar a experiência vivida em uma palestra sobre o como nós olhamos para as coisas e o tempo dedicado a essa prática. Ela ainda partilhou

a leitura de um livro e a vivência de praticar os ensinamentos do livro. Hermione encerra com a narração de um momento de contemplação de pássaros no seu quintal.

Na socialização de Ana Terra surgiram os mesmos efeitos sentidos por Hermione Granger, pois ambas comentaram que é preciso “treinar o olhar” e das percepções de uma visualização apurada e minuciosa seria possível mexer com os sentimentos de quem observa determinado objeto com qualidade de tempo na apreciação estética dele. Ana Terra e Hermione Granger revelaram uma paixão, um gosto em comum, o de prestar atenção nos pássaros e contemplá-los em sua beleza. É preciso perceber as coisas e dedicar um tempo considerável no seu olhar para elas.

Apresentando as palavras de Ana Terra, o conteúdo é o seguinte: *“Essa questão de treinar o olhar é muito interessante né, o que ele fala ali, o mexer com os sentimentos, é ... nesse treino do olhar né, de mexer com seus sentimentos e na medida que tu olha e tu percebe as coisas, é muito interessante assim. A minha experiência pessoal foi ter mudado de cidade né, onde o meu olhar era treinado somente nas minhas férias, por exemplo, porque o resto do ano eu trabalhava, eu ia do trabalho para minha casa né, saía claro, tinha evidente, vida social tudo, mas ter vindo trabalhar aqui e morar aqui perto do mar, como a Elizabeth Bennet falou, eu sou muito grata assim, e acho que a partir daí eu comecei a treinar o olhar pra ver as coisas, porque na minha casa também tem muitos pássaros, ai, hoje eu sou louca por eles assim, quando eu vi o pica-pau, nunca tinha visto, eu só tinha visto no desenho animado e até o meu marido que me disse o nome dele né, João Velho, nome desse ... desse pica-pau, depois meu marido conta ali como é que é ... [risos] ... e ele vem sempre e eu fico procurando ele, se ele não está aqui na minha árvore, onde ele tá então. Isso aí é uma coisa que estar num lugar também propício a isso né, nos ... nos ... nos instiga um pouco mais, hoje eu consigo voltar na minha cidade e, também, ver a beleza dela, mas a partir de uma experiência que eu tive fora dela né, hoje eu volto a Porto Alegre, assim, eu adoro e eu sempre gostei de Porto Alegre, e gosto muito de lá sim, ãn, tenho muita gratidão pelo ... pelo tempo que eu passei lá, da minha vida, que foi o que me proporcionou está aqui, inclusive. Então, a minha experiência pessoal que eu posso ... que eu posso dar ... trazer pro grupo seria esse olhar assim, ãn ... sair dali, para conseguir enxergar aquilo ali, sabe. Eu não sei se estou conseguindo me fazer entender assim, tive que sair de lá, pra hoje, quando eu volto pra lá, assim, eu consigo perceber e ver as coisas que eu não via antes assim, eu acho que bem ... bem isso daí, é um treinamento de olhar mesmo, e aí eu sou grata por isso, de conseguir e mais uma das coisas bonitas que Floripa me deu, [risos]. Então a minha experiência com esse com esse texto assim, no trazer esse treinamento de olhar foi essa”*. Ana Terra ficou nostálgica ao lembrar de sua cidade natal, Porto

Alegre, no Rio Grande do Sul. Ela lembrou um episódio de sua infância, em que a família visitava Florianópolis (SC) para as férias. Nesse período, eles aproveitavam o período do qual não estavam trabalhando e viajavam. Mas, foi somente quando passou a morar em “Floripa” que ela desacelerou e começou a prestar atenção na natureza, nos pássaros. Essa nostalgia é a liberação de uma emoção, ocorreu nesta participante a catarse O efeito estético a fez relembrar episódios de sua vida ainda na sua cidade de origem. Jauss (2002b) aborda o estado do prazer estético da *aesthesis* exatamente com essa característica, da manifestação dos sentidos em relação ao texto, que neste caso foi o de Daniel Munduruku e esse chamado para desacelerarmos e prestarmos atenção nas pequenas coisas. Em seguida foi a vez de Elizabeth Bennet nos contar como a crônica a afetou e descobriremos o efeito estético decorrente dessa recepção do texto. Ela disse: *“Quando fala ali de pequenos milagres, é ... eu gosto muito agora de olhar o por do sol. O por do sol aqui no Ribeirão [da Ilha] é maravilhoso. Até três anos atrás eu trabalhava no Ministério Público e eu tinha que ficar dentro de uma sala fechada, sem janela, onde eu não sabia se estava chovendo, se tinha sol, se já tava escuro. Então, eu nunca podia ver o por do sol. Então, agora, isso pra mim é motivo de gratidão muito grande. Quando eu posso, corro lá fora e fico olhando o pôr do sol, vivo batendo fotos. Mas o que o texto despertou mais em mim, foi bem no começo, quando ele falou dos pequenos milagres, eu vou dizer que eu já vivi dois grandes milagres da minha vida. Meus dois irmãos sofreram acidentes bem graves, um quando tinha nove anos e o outro quando tinha quinze anos e eu era a irmã mais velha, tava junto nessa hora e os dois quase ... um quase morreu, mas ele ficou com ... só cicatrizes, perdeu um dedo, foi mais ... foi trágico, mas sobreviveu e o outro quase ficou tetraplégico e o médico falou que por milagre ele não ficou, que tudo que aconteceu para ele ter ficado. Então, eu tenho motivo de gratidão muito grande na minha família que são meus dois irmãos estarem bem hoje em dia. Inclusive o que quase por tetraplégico, fez várias cirurgias no pescoço, tal ... fraturado, cheio das placas, ele hoje trabalha com jardinagem, que é superpesado, mas tá super bem. Então, são os pequenos grandes milagres da minha vida”*.

Elizabeth Bennet nos apresentou dois momentos de catarse, sendo o primeiro aquele que se manifesta na felicidade de sair do emprego que a impedia de ver o que acontecia do lado de fora das paredes do prédio, principalmente o pôr do sol. Ao sair desse local de trabalho ela passou a trabalhar em casa e como mora na praia tem condições de parar o que faz e apreciar o espetáculo do pôr do sol sempre que quiser ou desejar.

O segundo momento, é quando do acidente envolvendo os dois irmãos em situação de perigo de vida, eles saírem dessa situação com vida. Elizabeth Bennet disse que essa lembrança foi ativada pelo título da crônica, **“Treinando o olhar para ver o milagre das coisas”**. Para

ela, o milagre ocorreu quando os dois irmãos saíram do acidente com vida. No entanto, ao pensarmos no tipo de jogo que nos apresentou Elizabeth Bennet, em seu relato, está correlacionado com a ideia de Jauss (2002b) de ser o tipo **agon**, pois ela passou muito tempo de agonia em um espaço fechado que a impossibilitava de admirar a natureza.

Na tipologia de jogo **agon**, a agonia ou o sofrimento vivido por alguém leva essa pessoa a uma tomada de decisão. Assim, na nova narrativa criada por Elizabeth Bennet acerca do envolvimento do treino do olhar para poder ver os milagres que as coisas podem nos proporcionar, a expurgação foi dupla, de sair do claustro e passar a ver a natureza diariamente, e a notícia de que os irmãos ficariam vivos após o resgate do acidente. Nesse exemplo o efeito é estético e catártico.

A próxima participação no ato de dividir o que aconteceu no corpo e na mente por causa da recepção da crônica foi Cinderella; essa foi sua partilha: *“Com relação assim, a esse texto e tudo, a minha ... o que me ocorreu né, foi uma conversa com a minha mãe e sobre a vida ... [risos] e ... conversando lá a gente ... levantou muitas teorias, a gente tomava o chimarrão junto e ficava batendo papo, e aí, numa daquelas ... eu né, fiquei pensando assim, que a gente tá vivo por sorte né, por acaso, por sorte, né, porque a gente vive a cada segundo escapando de possibilidades de morte. Isso daí, ali, batendo papo, teorizando e coisa. Mas depois, eu fiquei sempre com aquela ... com aquele raciocínio na cabeça e comecei assim, a andar pelos lugares e perceber as ocasiões que podiam ocorrer morte. E agora, aconteceu uma dessas situações assim, que eu podia ter ficado até cega né, alguma coisa assim, porque eu fui na área de serviço aqui, que tinha um armário assim, aéreo e eu fui pegar um ... uma bandeja que tinha lá dentro, abri a porta e era bandeja de plástico que tava dentro de um saquinho, aí fiquei ali, abria o saquinho, pegando e tal, e o armário ... era uma área de serviço assim, eu tava ali esmagada porque atrás de mim tinha um armário, o tanque, só tinha o armário aéreo ali, só tinha um espaço pequeno pra eu ficar né, aí o armário aéreo veio assim, pra cima de mim ... e eu fiquei vendo aquela coisa assim vindo [risos] e aí, ao invés dele vir pra cima de mim, me ... assim, ... ele caiu reto. Tinha o bujão do gás e tinha uma escadinha, daí ele caiu em cima daquilo, senão ele ia cair em cima dos meus pés e esmagar tudo e era vidro que tinha lá dentro. Então, caiu aqueles vidros, eu perdi tudo né, era vidro, vidro, vidro. Gente! Eu arranhei uma coisinha de nada aqui... ficou um pouquinho de sangue, mas nada assim, e, assim na mão uma coisinha assim, e foi uma ... destruiu com tudo sabe, e aí quando eu vi aquilo, eu fiquei ... eu nem berrei, eu fiquei assim ... e fiquei paralisada, aí quando, pra sair dali. Gente! Só tinha espaço pra eu sair, não tinha mais espaço pra nada! Então, além de ser um milagre, daí, reforçou meu negócio, eu disse assim ... aquilo ali, iam cair os copos, tudo em cima de mim,*

era pra retalhar o rosto, furar olho, era pra ser uma tragédia assim, total sabe. Então, e eu fiquei pensando assim: Meu Deus! A gente escapa a cada minuto, sei lá, pra não exagerar, a cada segundo né, a gente ... e a gente tá vivo né. Então, na realidade quando o Evandro começou ali, disse que ia falar o clichê né, era pra agradecer, eu achei que era pra agradecer por estar vivo, porque [risos] ... também tem o [não deu de entender] guru, não sei se vocês conhecem. Assim, é um guru aí, indiano né, que andou rolando um vídeo dele. Ele dizia assim: Agora é oito e trinta e oito e eu tô vivo, [risos] obrigado! Então, é mais ou menos nessa, nisso aí que eu tenho pra compartilhar Evandro! Nesse texto né, que a gente podia morrer a cada ... pode né, morrer a cada minuto, a gente tá sempre escapando da possibilidade de morte ou então, sempre recebendo uma possibilidade de continuar vivo né, ainda não sei. Eu tenho que elaborar melhor esta minha teoria, depois eu conto pra vocês. [risos]”

Cinderella ficou introspectiva e ao socializar e o efeito catártico do texto surgiu em suas palavras de modo a relembrar sua mãe e as conversas que tinham, sendo uma delas sobre a vida e a morte. Neste momento, da fala da Cinderella, lembramos do que explicou Merleau-Ponty (2002, p. 24) sobre a o que compartilhamos:

Uma língua é para nós esse aparelho fabuloso que permite exprimir um número indefinido de pensamentos ou de coisas com um número finito de signos, **escolhidos de maneira a compor exatamente tudo o que se pode querer dizer de novo e comunicar-lhe a evidência das primeiras designações de coisas.** (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 24, grifo nosso).

O filósofo francês foi evocado em virtude desse excerto representar parte da forma como este pesquisador, que vos apresenta os dados da tese, procurou compreender a resposta de Cinderella e buscar nela o significado e a ligação com a temática da crônica. Isso porque com olhos ou ouvidos desatentos, não perceberíamos a conexão entre sua fala e a crônica.

Vejamos o seguinte, nós somos corpos falantes, já dizia Merleau-Ponty (2002) e pela língua representamos nossos pensamentos ou coisas. Contudo, Cinderella fez uma escolha de conteúdo da memória incitada pela catarse para comunicar o que ela gostaria de dizer e compartilhar ao grupo. É a partir dessa seleção que percebemos na narrativa desta participante, que na conversa com a sua mãe e a elocubração em torno da vida e da morte, ela constatou que “[...] a gente tá vivo por sorte né, por acaso, por sorte, né, porque a gente vive a cada segundo escapando de possibilidades de morte” (CINDERELLA). Em seguida, ela nos apresentou um episódio que viveu e representou um risco à sua vida, como forma da representação desta fala destacada por mim.

Cinderella narrou com detalhes e performance corporal o que aconteceu com ela em sua residência. Ora ela falava sério e exclamava o risco que correu, ora ela ria da situação que se meteu. Fomos envolvidos por sua história e aos poucos entendemos o seu medo em experienciar tudo aquilo. Foi somente ao ler e reler a transcrição de sua explanação sobre o ocorrido que percebemos o que antes era invisível a olhos desatentos e a essência do que ela narrava se tornou visível. Para Cinderella, o fato de conseguir sair ilesa daquela situação foi a forma de nos conectar com o texto de Daniel Munduruku. O milagre das pequenas coisas estava no final da história, ela não se machucou ou perdeu a vida e ainda foi liberta de ter cortes pelo corpo, a ela restaram arranhões. Ela reforçou seu pensamento: “*Meu Deus! A gente escapa a cada minuto, sei lá, pra não exagerar, a cada segundo né, a gente ... e a gente tá vivo né*”.

Concluimos que Cinderella realizou uma performance no jogo do texto, como disse Iser (1996a, 1996b) de modo a invocarmos o filósofo francês Merleau-Ponty para fechar a análise da participação desta interagente da Vivência de Biblioterapia:

Mas, essa é exatamente a virtude da linguagem: é ela que nos lança ao que ela significa; ela se dissimula a nossos olhos por sua operação mesma; **seu triunfo é apagar-se e dar-nos acesso, para além das palavras, ao próprio pensamento do autor**, de tal modo que retrospectivamente acreditamos ter conversado com ele sem termos dito palavra alguma, de espírito a espírito (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 32, grifo do nosso).

Cinderella foi além das palavras e acessou o conteúdo de Daniel Munduruku por outros meios de comunicação. Para Jauss (2002b), ela realizou um movimento no jogo que nos fez pensar muito em como dar o próximo passo na jogada. Houve aqui a marcada presença do estado do prazer estético *poiésis*, quando da sua coautoria com Munduruku na construção da obra e atribuiu sentidos novos ao texto, gerando o efeito poiético.

A nova jogada se fez e Cinderella passou a fala para Graciliano Ramos, que mencionou o como foi afetado pela crônica de modo muito semelhante à participante anterior. O detalhe a ser observado estava no ato realizado pela menina dentro do carro e o quanto aquela atitude transformou uma atitude interiorizada por Graciliano Ramos em seu modo de vida. Ele nos relatou o seguinte: “***Esse texto aí me lembrou um fato que aconteceu comigo, foi nos anos 80, não vou dizer exatamente o período, mas eu morei muitos anos em Curitiba, e eu em um sábado lá, eu fui num mercado, num supermercado lá em Curitiba e era aqueles dias atípicos de Curitiba, tava muito sol e era um calor. Quando eu tava saindo do mercado, devido ao calor, comprei um picolé e feliz da vida cheguei no estacionamento do carro, com aquele picolé, guardei a ... as compras e tal, sentei no carro, eu chupei o picolé, abri a janela, joguei o palito***”

*e o papel no chão fora do carro e ao mesmo tempo eu olho pra frente do carro, tinha um Corcel II cinza, as memórias, assim, que eu lembro disso, e **uma menina sentada no carro, como se tivesse olhando pra trás quando o pai tá dirigindo, a menina fez assim pra mim [com gesto de reprovação, a menina balançou a cabeça de um lado para o outro²⁰], a menina deveria ter uns cinco anos, eu imediatamente desci do carro, peguei aquele papel, envergonhado, o palito, coloquei no banco do passageiro e nunca mais joguei o papel no chão, mesmo se eu tivesse é ... em qualquer lugar, em casa, em qualquer lugar, tinha uma cultura que a gente naquele anos ainda, a gente não se importava muito com essa parte [de preservação do meio ambiente], e aquilo mudou a minha vida. Eu já me via, me perguntan ... um toque, quando tô passeando em alguma rua e alguém joga um papel no chão, eu me abaixo e junto. **Aquilo acabou ficando comigo** assim, às vezes eu penso assim: aquela menina hoje é uma adulta! Uma senhora já, deve ter filhos. E, como todo mundo deve ter as suas crises né? Deve se perguntar assim: o que que eu fiz nessa vida? Não fiz nada que serve pra ninguém, ninguém me entende. E, ela não sabe que ela transformou a vida de ... a minha! Por que ela não sabe que a minha vida foi transformada, porque eu não joga mais lixo [no chão], mas é um fato, é uma coisa que me transformou, que esse texto leva a gente, pra gente tá atento aos mínimos detalhes, né? E, eu sou eternamente grato por essa menina, não sei o nome. Algumas vezes eu penso assim: pô, será que alguma visão que eu tinha visto? Claro que o tempo vai transformando a gente, mas eu tinha ter ... eu sou grato pra ela, e a gente tem sempre assim, eu sou grato por aquela pessoa e eu digo, e eu vou ser eternamente grato por essa pessoa e ela nunca vai saber que eu sou eternamente grato por ela. **É uma história meio fictícia, mas foi real, isso aconteceu comigo e me transformou**” (grifo nosso).***

Na narrativa de Graciliano Ramos é possível perceber o efeito poiético (*aesthesis*) do estado do prazer estético, uma vez que ao receber do autor a história, ele tinha a vez do movimento do jogo, diante disso o que ele faz para jogar é nos contar um episódio por ele vivido. Este participante adicionou à história original de Munduruku com o que ocorreu com ele em Curitiba. Sobre o modo como Graciliano Ramos recebeu o passe do jogo e jogou, pode ser respaldado em Iser (1996b, p. 11) quando o referido autor disse que “[...] é preciso descrever o processo de leitura como interação dinâmica entre texto e leitor.” Nessa experiência estética realizou nesse participante a catarse. Para Jauss (2002b, p. 86), quando o leitor ou ouvinte pode “[...] ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre

²⁰ Informação registrada no diário de campo do autor desta tese.

curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*)”, esse sujeito estaria jogando o jogo do texto literário.

Foi aí que Graciliano Ramos entregou-nos um fato que aconteceu com ele, aquele em que compra um picolé e, sentado no carro, chupou o picolé, abriu a janela e jogou o palito e o papel no chão, pelo lado de fora do carro. Da recriminação da criança que olhava para ele no carro da frente ao seu, há o processo de identificação de Graciliano Ramos com a reprimenda da menina, a ação da pequena o fez perceber que ele estava fazendo errado e não sendo exemplo de como se deve agir. Dessa forma, ele muda seu jeito de agir e leva para a vida a nova prática adotada naquele dia, ele se sente aliviado por ter recolhido o lixo do chão e obteve a sensação de prazer em seu corpo. Como se participasse de um processo de cura, surgindo nesta passagem o efeito catártico da narração deste participante e ele jogou o jogo do texto literário, como descrito por Jauss (2002b). Graciliano Ramos declarou que *“É uma história meio fictícia, mas foi real, isso aconteceu comigo e me transformou”*. Esta foi a observação de um pequeno gesto, uma pequena coisa que fez o milagre na vida dele.

Graciliano passa a vez do jogo para o Saci Pererê, este demonstra o prazer estético da percepção reconhecedora diante do prazer que se imita (*mimesis*) da crônica, como na estética de Aristóteles (2011). Aqui a experiência a ser apresentada tem apelo à percepção sensível deste participante diante do objeto da natureza, observação que provém da crônica de Daniel Munduruku. Vejamos o que nos falou o Saci Pererê: *“Então, coisas extraordinárias, em todo momento, em todo lugar, né? É só a gente tá bem ... bem atento para ver e isso acontece o tempo todo [...] eu tinha que tá atento a ... ao ... ao desabrochar de uma borboleta do casulo, ou uma coisa tão mínima, nossa, uma coisa tão tansa, como a gente diz, né? Tão simples e, no entanto, uma extraordinária beleza, o cantar, o bater das asas dos pássaros ou ... o desabrochar de uma flor. Nossa, quem já viu ... o Evandro gosta muito de rosa, eu vi uma rosa desabrochar desde o botão e abrir todo aquele ... aquelas saias gigantes que ela forma. Se tu parar pra pensar, assim, é ... parar pra reparar né, aquilo que os olhos vê, para pra ver a mente, ... talvez pensar que no final do mês vai receber ou se tem um trabalho ou que tem outras coisas pra ver. Nesses momentos mínimos que a natureza nos proporciona ... milagre da vida, né, ou da morte, afinal, é ... pra morrer basta tá vivo [risos], né? Então, mas é ... uma coisa que acontece o tempo todo, não ... né? Mas é ... eu acho que o texto é bem isso ... tu tá ligado com o mundo, a natureza, realmente preocupado com o que vai impactar, né aquele papelzinho, aquele palitinho de picolé que foi jogado pode estancar algum esgoto e alagar uma rua, uma calçada, é claro que não nessa proporção, mas ... então, assim, eu acho que o ... o milagre que*

tá aí, é um milagre desperto pro mundo, pra natureza, como aí, o nosso Munduruku aí falou, é... é tá, realmente, esperto, é tá ligado, vamos dizer assim, né? [risos]”.

Jauss (2002b, p. 102) afirmou que “[...] a conduta de prazer estético, que é ao mesmo tempo liberação *de* e liberação *para* [...]”, neste caso, se realizou na “[...] consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa quanto da interna (*aisthesis*);” O Saci Pererê, em observação da natureza e das pequenas coisas que acontecem, renova sua percepção delas quando faz um movimento de observar e prestar atenção no que acontece. Essa identificação da prática contemplativa deste participante com o texto de Daniel Munduruku teve o efeito estético revelado em sua fala e experiência de observação, principalmente do desabrochar da rosa.

Como encerramento das Vivências em Biblioterapia e da coleta de dados para esta tese, eu falei: *“Então vou fazer o seguinte, eu vou dar a palavra para vocês falarem sobre o que vocês sentiram e o que vocês foram despertando nas Vivências de Biblioterapia. Na sequência, vocês podem se despedir com uma palavra de gratidão”.* Assim, fechamos o ciclo, pois iniciamos os encontros com uma rodada de gratidão e terminamos com esta mesma prática que é estética e catártica. Do convite passamos para as falas finais dos participantes, as quais irei apresentar todas de uma vez, vamos lá?

GRACILIANO RAMOS

“E esse é um exemplo que eu tô levando desse grupo aqui, que a gente tem uns exemplos, bons exemplos adquiridos, a gente ... eu já tô com uma idade ... já tô a nove anos aposentado ... tive a oportunidade de ter participado desse grupo aqui, junto com vocês, Biblioterapia, em alguns momentos, os assuntos levantados, como uma boa terapia foram pesados, foi difícil da gente conseguir se expressar e até depois de escrever em algum texto ... que alguns assuntos mexeram com a gente, outros foram mais fáceis, isso é normal em qualquer terapia, assuntos que a gente tá ... que são todos esses que a gente passou por aqui, importante mesmo. Então, eu sou ... é ... eternamente grato por ter participado desse grupo. Espero ter a oportunidade de um dia a gente voltar a se encontrar, nesse mesmo tipo assim, eu senti que o legal mesmo foi ter ... ter aprendido, E, idealmente, ele é um legado de um aprendizado com você, obrigado!”

SACI PERERÊ

“Então ... e essa questão de gratidão ... eu agradeço a ... a ter participado ... a ter entrado uma vez num ... num determinado recinto, da biblioteca pública que eu nunca imaginei que existia e participar de um ... de uma mediação de literatura e poder me expressar e, não só falando,

*mas também escrevendo e a possibilidade de escrever e acreditar nessa ... então, eu acho isso, que a Biblioterapia, ela trouxe essa, essa, vamos dizer essa abertura, né? Essa oportunidade de ... de se acreditar, né? De, de, de poder, de se despertar, né, vamos dizer assim, e isso eu sou grato. Eu sou grato, também, aos momentos em que ... **mesmo trabalhando em uma sala fechada**, também trabalhando em sua sala fechada, é, é, **um arquivo**. Tem papel prum lado, papel pro outro e um arquivo deslizante e todo mundo ia lá brincar na rodinha do arquivo deslizante. **Mas é uma sala fechada e foram momentos de criação, de escrever, de olhar pra uma parede, de uma parede branca ou cinza e ali era uma folha de caderno e eu podia escrever. Então eu sou grato por esses momentos de ... que a ... meu, né, era só meu, eu e quatro paredes, e um monte de papel, e poder escrever.** Então, eu sou grato assim, isso já lembra aquele texto do cara que perde o ônibus, mas aproveita a carona né, ou ... então, aproveitar esses momentos, também ... na CGU, hoje eu tô no décimo andar, eu tenho a ... a ponte de frente pra mim, a minha janela. Então, eu trabalho de frente pra ponte. Então, eu ... até aí eu já ... já houve uma coisa boa, né? Mas, sejamos gratos, sejamos gratos àquilo que a gente não percebe. Eu acho que é o mais importante”.*

CINDERELLA

*“Então ... pra agradecer a Biblioterapia, eu agradeço muito né, também, **fazer parte desse grupo e ainda mais nessa época aí, de pandemia, que a gente passou né?** Foram momentos que ... que ... a gente já vinha, eu, pelo menos, já vinha pensando em ... em várias a ... sensações, emoções ... resistência, né? Ainda mais com essas meditações. Então, fazer essa Biblioterapia e **ter acesso a poemas que eu dificilmente escolheria pra ler, né Evandro?** Tem uns ali que eu não, sabia nem de autor, nem nada. Então, tive acesso. Também fazer leituras de textos infantis muito interessantes, outros textos adultos mais pesados ... é, foi muito ... pra mim foi muito bom, porque eu fiquei realmente pensando, né? **Após a nossa ... o encontro aqui, eu sempre fico assim, pensando nos textos, e ... e pra mim, assim, eu gostei muito, muito mesmo disso, porque eu ... eu já costumo também ler muito, é porque eu tive os problemas de depressão, então eu já costumo ler livros ... voltados né, não só autoajuda, mas também. Mas, livros de ciência, né? Sobre questões variadas, assim, ligadas a isso. Então, o livro em si já, sempre foi meu companheiro pra ... me erguer né? E ... e aí, essa ... veio essa Biblioterapia, com ... organizada né? E ... tipo assim, iluminou os caminhos de usar a leitura pra me auxiliar ainda mais. Então, eu sou muito agradecida mesmo e ouvir as opiniões de cada um de vocês é um privilégio, porque você tem umas visões que ... né? ... assim, é ... nossa pra mim foi muito bom! Porque, assim, eu tinha as minhas visões, aí que maravilha! Ui! E aí eu via cada um***

... Nossa! Eu não pensei! É maravilhoso, não tem preço né? [...] Meu Deus! Então, gratidão a vocês todos! E ... e ... é pra mim sorte, pra falar, assim, do Evandro, mas, pra mim, uma coisa que eu ... eu ... me faz muito bem é saber Evandro, de que ... é que eu, assim, tô participando dessa tua tese de doutorado, para mim, isso faz, também, pensar assim, que eu tô, de alguma forma, dando retorno. Porque eu, também, estudei em universidade federal, na graduação e no mestrado, é ... dá um retorno sabe, também contribuir com a pesquisa da universidade, pra mim, também é uma coisa que eu agradeço! Poder fazer”.

HERMIONE GRANGER

*“Eu. Esses textos. Todos esses textos que foram lidos na Biblioterapia também foram coisas que me acrescentaram muito e como a Cinderella disse ... é, depois que passa eu fico refletindo sobre aquilo, a gente fica meditando, refletindo é ... tendo ideias, é ouvindo exatamente como todo ... o sentimento de cada um em relação àqueles textos, são os textos tão, assim, tocantes, de várias formas, que eu lembro aqueles sentimentos, é ... nós temos dentro de nós todos os sentimentos, todos. Em algum momento por alguma circunstância aquele sentimento pode aflorar. E, é aí que a gente tem que saber lidar com aqueles sentimentos. Que bom conhecer assim, foi muito bom conhecer todos vocês ou os que eu já conhecia e aqueles que eu vim a conhecer, né? E, nesse momento, participar dessa, dessa tua tese de doutorado, assim, com esse tema da Biblioterapia foi muito, muito bom mesmo, eu sou bem grata. É uma oportunidade assim de ... de **expressar o meu sentimento, todo o meu pensamento em relação ao que é lido** do emocionário e isso aí é muito gratificante, muito gostoso e **eu sou bem grata, bem grata mesmo, por ter sido escolhida, né, e esse tema é muito gostoso. Muito grata a todos vocês”.***

ELIZABETH BENNET

*“Sobre a Biblioterapia, gente! Nesse momento que tem se discutido sobre a importância do livro, sobre a tributação ou não dos livros como importante a Biblioterapia. Por haver relevância que tem os livros porque quantas vezes a gente lê um livro e não tem com quem discutir, ou até discutiu os livros, mas não discute os sentimentos que os livros provocam e não traz experiência de vida para discutir, né? Só traz só o livro em si. Então, muito legal e eu fico muito agradecida Evandro, por ter me convidado para esse grupo tão seletivo. Não é apenas seis pessoas, é um privilégio, uma honra estar aqui, eu te agradeço muito e **acho que todo mundo deveria participar de uma Biblioterapia** para talvez até ver os livros com outros. Acho que isso até abre a cabeça de muita gente que não tem ainda o gosto pela leitura”.*

ANA TERRA

*“Eu fiquei fascinada nesse, nesses encontros com essa literatura infantil então, assim, eu já vou, eu já vou partir pros agradecimento daqui, né? Por que isso, pra mim foi incrível, aquele, aquela história do ... do urso do morango maduro, do uso esfomeado, gente eu, eu, eu falei aquilo pra não sei quantas pessoas, tá? **Eu, eu queria que todo mundo lesse aquilo ali, porque pra mim foi fantástico, né?** Trazer aquilo pra nossa atualidade, então, assim, como o livro te leva para outras dimensões e como a importância disso, né? A minha gratidão imensa assim, em tá participando desse grupo e que essa pesquisa sirva assim. Meu Deus! Pra atingir o maior número de pessoas possíveis que ... toda vez que eu vinha pra cá, terça-feira eu pensava nisso, sabe? **Que grata que eu sou por tá participando disso!** Então eu vou dar essa gratidão e vou ser completamente aberta a tudo o que a Biblioterapia e esses encontros aí, né? A gente tá sendo parte de uma pesquisa, pode oferecer, então ... então ... mais do que o movimento de estar aqui, de todas essas gratidões aí, que a gente especificou, de **morar perto do mar, de pessoas e eu sou grata hoje por tá participando desse grupo.** Imensamente, pelo que a Biblioterapia me trouxe, é ... a leitura dirigida é fenomenal. Eu não, eu, eu acho isso é incrível, isso de você dirigir, principalmente, pelos livros infantis assim, eu fiquei impressionada, sabe? Como me dirigiram muito e como ... como vieram coisas de mim assim, que ... sério gente, nesses encontros vocês são os meus amigos, sabe? É com vocês que eu me encontro, porque a gente não se encontra quando eu estou aqui em home office, eu trabalhava numa equipe, agora tô trabalhando em casa, que é maravilhoso, meu jardim tá lindo, tô podendo contemplar mais essas coisas, inclusive mais de trabalhar ... mas, essas vivências, pra mim, foi sem explicação, eu espero que tudo que ela tenha me trazido, ela traga de volta pra todos, pro resultado da tua pesquisa, que atinja muita gente, que poderia virar, né? Mais uma ... um tratamento alternativo aí, tem tantos agora, com o SUS, né? Até mudar aí, vier alguém aí que acaba com tudo de vez, né? Por que a Biblioterapia não, né? Não deixa de ser como aceitar uma terapia, como aceitam outras, eu acho incrível isso. Então, gratidão a todos vocês, a tudo que vocês falaram. Ah! Evandro! [som de beijo] não vou repetir o que é o óbvio e eu espero que a gente se encontre, com certeza, de novo e muitas vezes, que a gente possa se encontrar na rua e se abraçar. Muito obrigado gente, um beijo imenso”.*

Terminada a rodada de agradecimentos finais, faço análise de alguns pontos em que foi possível perceber o efeito estético nas falas dos participantes. Dessa feita, quando os integrantes do grupo das Vivências em Biblioterapia agradecem a oportunidade de participar dos encontros e daquele grupo seletivo para fins de coleta de dados para uma tese, encontramos nessa gratidão

o efeito estético da catarse, que libera as emoções. Principalmente quando eles mencionam os efeitos oriundos dos textos literários e o quanto alguns foram fáceis de discutir, como alguns textos foram mais bem recebidos que outros, em que o componente biblioterapêutico que representa essa sensação é a catarse, segundo Caldin (2010). Da possibilidade de os interagentes conseguirem participar com os diálogos e, assim se expressarem, configura outro momento catártico descrito no conteúdo de transcrição das falas deles. Alguns perceberam que mesmo em situações de estar em um trabalho com difícil apreciação da natureza, este fato oportunizou a escrita criativa durante os momentos ociosos neste local. O efeito estético se manifesta na possibilidade de ter acesso aos poemas selecionados e que, para alguns, não seriam lidos por motivos diversos. Da introspecção, outro componente da Biblioterapia, de acordo com Caldin (2010), a afirmação foi de ao encerrar os encontros, eles ficarem pensando nos textos, refletindo, meditando, tendo ideias, lembrando dos sentimentos que surgiam a cada texto.

O efeito estético foi percebido em outros momentos, tais como, do agradecimento pela oportunidade de ouvir as opiniões de cada um dos participantes, conhecer as visões deles sobre o texto. Outros efeitos catárticos foram explicitados com expressões como: “[...] *ai que maravilha! Ui!*” ou “*Nossa!*” ou ainda “*É maravilhoso, não tem preço né? [...] Meu Deus! Então, gratidão a vocês todos!*” Ou quando se identifica que é preciso mais práticas de Biblioterapia para que outras pessoas conheçam os seus benefícios. Uma última observação é a contemplação da natureza, sendo citada como um dos benefícios que a Biblioterapia movimentou nas vidas dos participantes.

Diante de tão vasta descrição, encerramos esta seção, que analisa e descreve os dados de como o efeito estético ocorre nas Vivências em Biblioterapia da Oficina Literária Boca de Leão, conforme os objetivos específicos desta tese com alíneas “b” e “d”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nós propusemos para a composição desta pesquisa de cunho qualitativo e de abordagem fenomenológica foi a investigação centrada no objetivo geral de descrever a ocorrência do efeito estético das Vivências em Biblioterapia nas atividades permanentes da Oficina Literária Boca de Leão desenvolvidas na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Biblioterapia, palavra que levanta curiosidade sobre como funciona e o que ela tem de especial. Quando o texto selecionado para a vivência tem metáfora e um tema voltado para os dilemas cotidianos das pessoas, ele culmina em resultados imprevisíveis e enriquecedores.

Para a prática do desenvolvimento de Vivências em Biblioterapia de encontros únicos para o diálogo sobre o texto, a pessoa que irá aplicar o método biblioterapêutico precisa ter vasto repertório de leitura em poesias, crônicas e contos.

O que esperamos dos participantes dos encontros? Que fossem pessoas dispostas a ler ou ouvir as histórias, mas que estivessem prontas a dialogar sobre os sentimentos e as sensações que passaram pela consciência e pelo corpo.

A coleta de dados para alcançar o objetivo específico da alínea “a”, que consistia na identificação do perfil leitor dos participantes das Vivências em Biblioterapia foi realizada por meio do envio de questionário de caracterização para eles, conforme APÊNDICES “A” e “B”.

Como característica desse grupo foi possível registrar alguns pontos, como a maioria ser do gênero feminino, com quatro participantes, o que representa 60% do todo. Quanto ao masculino registrou-se dois interagentes, representando 40% do total.

Todos os que experienciaram as Vivências em Biblioterapia eram moradores de Florianópolis (SC), com distinção acerca do estado civil deles, em que três pessoas eram casadas, um vivia em união estável e uma pessoa se declarou solteira.

Um aspecto importante na caracterização dos participantes é no tocante à formação educacional deles, destacamos com ensino médio dois interagentes, com graduação quatro deles. Dos que têm o ensino superior dois realizaram pós-graduação, um (1) em nível de especialização e um (1) em nível de mestrado. O interessante foi notar que são justamente esses dois últimos que mais leem livros ao ano, com o registro de 48 obras no total. Percebe-se que a maioria gosta de ler romance romântico.

Observamos, ainda, que a maioria do sexo feminino se destacava por serem leitoras mais vorazes do que os masculinos desse coletivo. A soma dos livros lidos ao ano pelo grupo é de 117 obras, sendo que as mulheres leem 114, enquanto os homens três itens anuais.

Calculando a média aritmética de livros lidos, contando com a participação de todos na leitura, mesmo que com um (1) livro lido no período, a somatória seria de 19,5 obras anuais.

Percebemos um coletivo heterogêneo em muitos aspectos, e seus gostos pela leitura eram diversos. A única semelhança encontrada foi a da preferência por romances românticos, que de quatro mulheres, três citaram este tipo de literatura como de seus desejos por ler em horas de lazer.

Um aspecto que permaneceu latente durante a análise dos dados e reverbera até este momento é a presença feminina leitora e com educação continuada no grupo. Outro aspecto relevante foi o registro de três livros lidos ao ano pelo coletivo masculino, enquanto no grupo feminino o menor número foi de seis livros.

Esses dados sobre o perfil dos leitores participantes das Vivências em Biblioterapia nos fazem pensar em uma pesquisa com dez participantes e com as seguintes características: nível superior e sem pós-graduação; estudantes de instituições públicas; cinco do sexo masculino; cinco do sexo feminino; aplicação de questionário, em que uma das perguntas deveria ser sobre a quantidade de livros lidos ao ano. O questionamento que fizemos é: Como seria este resultado?

O objetivo específico de alínea “b” consistia no ato de descrever os relatos da observação das Vivências em Biblioterapia. Como cumprimento dessa atividade foi exaustivamente narrado como os encontros aconteceram e o que foi trabalhado em cada encontro. Mas, ao analisar os dados, precisamos inserir sobre eles o que era representativo da alínea “c”, transcrever o efeito estético da recepção dos textos literários usados nas Vivências em Biblioterapia.

Os três encontros foram produtivos e trabalhosos, muitos dados foram registrados. Contudo, observamos aqui a importância de o grupo ser formado por pessoas que se conheciam há um mês pelo menos, afinal eram alunos da Oficina Literária Boca de Leão, que praticavam a Escrita Criativa e socializavam suas produções textuais. Assim, quando chegaram para as vivências, eles já estavam mais confortáveis para participar do jogo da leitura com suas falas e com o diálogo ao longo de cada reunião.

Como o objetivo geral desta tese era descrever a ocorrência do efeito estético em Vivências em Biblioterapia nas atividades permanentes da Oficina Literária Boca de Leão desenvolvidas na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, e toda a seção 4 do presente estudo pode comprovar, nós obtivemos êxito nesta tarefa.

No encontro sobre a temática do amor, o efeito estético foi percebido já no início, quando uma das participantes expressou: *Ai que lindo!* Com entusiasmo e alegria. Essa foi a

forma como ela recebeu a obra literária por meio de seus ouvidos e sentiu em seu corpo, que alegre verbalizou e com exclamação. Como diz Merleau-Ponty (2011, p. 2) “É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais [...]”. Não foi preciso ou necessária ou cobrada uma explicação, apenas ficamos observando a experiência vivida e sentida e a descrevemos.

Outras ocorrências de efeito estético surgem na Vivência de Biblioterapia quando os participantes se encantam ao conhecer um texto novo ou a escrita de autor ainda desconhecido por eles. É a performance do encantamento diante de algumas narrativas que o corpo falante expressa.

O efeito estético é notado na proposta de troca de perspectiva de Saci Pererê para se amar primeiro, para depois amar o outro. A discussão ficou em torno do amor e a sua duração ao longo do tempo, com a possibilidade de se transformar em outra coisa.

É salutar dizer que o efeito estético é permeado pelos componentes da Biblioterapia (catarse, identificação, introjeção, projeção, introspecção e humor). Nos resultados da pesquisa a catarse decorrida com a alegria causada nos leitores ouvintes, havia a provocação de risos e seus humores eram mexidos, tanto positivamente quanto negativamente, por cada um dos textos abordados nos temas escolhidos para o dia.

Deixamos uma reflexão do grupo para vocês leitores: possessão não é amor, amor que por ciúmes mata em nome do amor, não é amor, é outra coisa. Todos os dias é preciso estar atento a esses desequilíbrios nos humores pessoais e de outrem. Se for necessário, busque ajuda profissional para o restabelecimento do equilíbrio. Nos resta ter amor-próprio e ver o que é melhor para nossa saúde física e mental. Diante dessa reflexão ficamos com a pergunta e jogamos para vocês leitores: O amor pode virar ódio?

Houve o momento da aparição do componente de Biblioterapia identificação quando os interagentes perceberam que no texto estavam ideias próximas ou iguais as deles ou, ainda, experiências vivenciadas por eles que são semelhantes ao que estava sendo narrado.

Como reflexão ficou a importância do amor-próprio para que não aconteça o erro de alguém viver se anulando para evidenciar a vida do outro, em doação desmedida, com dependência emocional e até financeira de outra pessoa. Independentemente da situação que se vive é possível transformá-la e viver de outra forma, com equilíbrio e bem-estar na vida.

Salientamos que pelo componente da Biblioterapia da introspecção é possível perceber que só o amor não basta, é preciso que haja respeito de ambos os lados na relação, do contrário o sentimento pode se transformar em outra coisa. Quando uma pessoa mata outra e se justifica com o argumento de que foi por amor, para não perder esse amor, isso não é representação de

amor e sim de falta dele, é destruição, dor, violência e crime.

Caros leitores, uma outra pergunta: O amor acaba ou se transforma?

O efeito estético da recepção da obra literária pode surgir de modos diferenciados: para uns as palavras podem ser vistas como agressão ou violência, para outros pode ser que mesmo contendo essas características, mas dependendo como o caso é apresentado a cena será mais de comicidade e graça, como no caso da crônica de Lygia Fagundes Telles com o marido abandonado que pensou em realizar ações de atrocidades contra a ex-esposa, mas decidiu por ficar por perto e desejou todo tipo de mal para ela, ficando na esperança que suas intenções se tornassem realidade.

A estética da recepção da obra literária nos demonstra como um texto pode ser escrito e recebido pelo público em determinada época e não ser aceito na contemporaneidade. Em Lygia Fagundes Telles há uma expressão que gerou discussão no grupo e identificada como pejorativa e racista, como discutida amplamente da subseção 4.3.2.

Emoções não trabalhadas com psicólogos podem afetar a vida das pessoas e levá-las a transtornos mentais, tais como a depressão. Além disso, o ódio pode corroer pessoas e gerar atrocidades, guerras e intolerâncias. É preciso cuidar com este sentimento para saber como controlá-lo e buscar equilíbrio.

Lembramos que todos os sentimentos são necessários, a raiva é um deles, mas é preciso impor limites e respeitar o outro, ainda mais nesse mundo pós-pandemia de Covid-19. Por esse caminho refletimos e perguntamos aos leitores: Qual o benefício da raiva?

Com vias de um encerramento deste texto, não do assunto, falemos um pouco sobre a gratidão. Ela é um propulsor de sentimentos e deles estão as formas como o efeito estético é recepcionado pelas pessoas. Focamo-nos no que foi investigado e observamos que diariamente podemos encontrar vários pequenos milagres no dia a dia e não notamos, alguns como forma de reprimenda. Sim! Reprimenda, lembremos a experiência de Graciliano Ramos que aprendeu com uma criança o que é certo e errado nas regras da vida em sociedade.

O efeito estético pode ser catártico e ser notado quando da socialização de um momento de contemplação ou da experiência de escapar com vida de um acidente de trânsito, ambas situações comentadas por participantes desta tese.

Na Biblioterapia é possível ocorrer a identificação quando no texto uma personagem contempla a natureza, vocês leitores reconhecerão essas características em suas vidas. Os que esqueceram dessa prática poderão ser convidados a fazê-la.

Os participantes verbalizaram que são gratos por participarem das Vivências em Biblioterapia, pois nela puderam reconhecer o valor do serviço realizado pelo outro que conosco

habita esse mundo, isso é uma forma de cuidado para o conforto e bem-estar de todos. A gratidão exercitada sem esperarmos que aconteça algo em troca primeiro, ou ganharmos algum benefício. Sermos gratos simplesmente porque este sentimento faz parte do nosso ser, da nossa essência. Quando somos gratos nas pequenas coisas que nos acontecem, estamos a um passo de reconhecer quais são os pequenos milagres da vida.

Este estudo sobre Biblioterapia alcançou êxito em sua execução em busca de respostas para a pergunta de pesquisa e para os seus objetivos. Encerramos esta conversa por ora, mas reforçamos que o assunto não se esgotou, como também, não tínhamos este objetivo, até porque concordamos com Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss ao dizerem que a obra literária está aberta a novas leituras e novos olhares, conforme está narrado por Iser (2013), de que a leitura envolve as relações do corpo, assim o leitor que se envolve com a leitura e vários textos, segue na construção de um significado que é móvel, transitório e aberto. Nunca está fechado.

De igual modo, esta tese é uma obra aberta e os significados aqui apresentados poderão ser outros, quando você leitor fizer o próximo lance da jogada do jogo da leitura. Vamos jogar?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução de Alfredo Bosi. **Tradução de novos textos**: Ivone Castilho Benedetti. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 308–308.

ALBAGLI, Sarita (org.) Fronteiras da Ciência da Informação. Brasília, DF: IBICT, 2013. Disponível em: [Fronteiras da Ciência da Informação.pdf \(ibict.br\)](#). Acesso: 20 jun. 2023.

ALCOTT, Louisa May. **The best of Louisa May Alcott**. In: BOOSS, Claire (ed.). Illustrated by Frank T. Merrill, Reginald B. Birch, Addie Ledyard, and others. New York: Avenel Books, 1982.

ALMEIDA, Edson Marques; GOMES, Mícarla do Nascimento; SILVA, Diego Maradona Souza da; SILVA, Mona Lisa. **Biblioterapia**: o bibliotecário como agente integrador e socializador da informação. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO – EREBD N/NE: Informação e Sociedade: a importância da Biblioteconomia no processo de preservação da memória documental, 15., 15–21 jan. 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/98799>. Acesso em: 15 out. 2021.

ALMEIDA, Waldinéia Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Bibliotecários mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (SC)**, v. 17, n. 2, p. 472–490, jul./dez., 2012. Disponível: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/812>. Acesso: 20 jun. 2023.

ALVARADO-AGUDELO, Ana-Catalina. **Leer juntos**: larecepción del libro-álbum colombiano. 2016. 172 f. Tese (Doctorat en Litterature) – Faculte des artes et des sciences, Université de Montréal, Canada, 2016. Disponível em: <https://papyrus.bib.umontreal.ca/xmlui/handle/1866/16104>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ALVES, Marília Amaral Mendes. Biblioterapia: uma experiência inovadora no curso de Biblioteconomia da UNIRIO. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp. CBBDD 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1021>. Acesso em: 15 out. 2021.

ANDRADE, Lucas Veras de; MELO, Ana Caroline Viana de. Um diálogo entre a vida real e a literatura infantojuvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 162 – 173, jan./jun. 2017.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

AZEVEDO, Fernando Fraga; OLIVEIRA, Karla Haydê. Práticas e discursos acadêmicos sobre biblioterapia desenvolvidas em Portugal. **Álabe: Revista de la Red de Universidades Lectoras**, n. 14, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistaalabe.com/index/alabe/article/view/320>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BAHIANA, Neiva Dulce Suzart Alves. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.

7, n. 1, p. 65-79, jul./dez. 2009. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1975>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BALBINOTTI, Stheve. Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/32891>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: rua de mão única. 5. ed. 3. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENTES PINTO, Virgínia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31–43, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115712>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ELLIOTT, Ariluci Goes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Biblioterapia com crianças com câncer. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 198–210, set./dez. 2012. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10992>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BERTRAND, Anne-Marie. **Les bibliothèques**. 3. ed. Paris: La Découverte, 2007. (Collection Repères).

BESSA, Bráulio. Amor às diferenças. *In*: BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. p. 70–71.

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). **Biblioteca pública**: princípios e diretrizes. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: FBN, 2010. 173 p. (Documentos técnicos; n. 6).

BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA. **Histórico**. Disponível em: <http://www.cultura.sc.gov.br/espacos/biblioteca/a-biblioteca> Acesso: 6 ago. 2019.

BONNET, Pierre-André. **La bibliothérapie em médecine générale**. 2009. 103 p. Thèse (free.fr) - Université de la Méditerranée, Faculte de Médecine de Marseille, Le jeudi 22 octobre 2009. Disponível em: <http://af.bibliothérapie.free.fr/These.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BORTOLIN, Sueli. A leitura e o prazer de estar na biblioteca escolar. *In*: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 64–72. (Coleção Palavra-Chave, v. 17).

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da literatura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/J55rDNhXbVJrPHctGWf4kpP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação oral da informação: a visibilidade dos mediadores da ciência da informação. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 33–58.

BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. Ensino da literatura infantojuvenil na graduação e pós-graduação em Ciência da Informação. **REBECIN**, v. 2, n. 2, p. 124–137, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.abecin.org.br/revista/index.php/rebecin/article/view/38>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Sandra da. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 52–74, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/79782>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social e em Ciência da Informação. *In*: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. p. 17–38. (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

BRASIL. **Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998**. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9674.htm Acesso: 31 jul. 2019.

BREWSTER, Liz. Medicina para a alma: Biblioterapia. **Aplis**, v. 21, n. 3, set. 2008.

BREWSTER, Liz; SEN, Barbara; COX, Andrew. Legitimising bibliotherapy: evidence-based discourses in healthcare. **Journal of Documentation**, v. 68, n. 2, p. 185–205, 2012. Acesso em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220411211209186/full/html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRONTË, Anne. **Agnes Grey**. São Paulo: Martin Claret, 2015. 288 p.

BRONTË, Charlotte; BRONTË, Emily; BRONTË, Anne. **The collected novels of the Brontë sisters**. London: Wordsworth, 2008. 1488 p. (Wordsworth Library Collection).

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Tradução de Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. (Clássicos Zahar).

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351–360, June 1991.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 7, n. 1, 2002. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/372/446>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis (SC), n. 18, 2º sem. 2004. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/09/pdf_30a04265fc_0011798.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, ISSN 1518-2924, Florianópolis (SC), n. 12, p. 32–44, 2001. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/07/pdf_8190236306_0011510.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura segundo Wolfgang Iser. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 5, out. 2012. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/101754>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria merleau-pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 23–40, jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/04/pdf_04b83278f4_0015603.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para a classe matutina de aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8–9, p. 10–17, 2003–2004. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/401>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para crianças internadas no hospital universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, ISSN 1518-2924, Florianópolis (SC), n. 14, p. 38–54, 2002. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/49524>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto das ideias. 2010. 199 p.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC) (SC), 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CALIXTO, Anny Carolyn Leite; BELMINO, Marcus César de Borba. Biblioterapia: uma ferramenta para atuação do psicólogo hospitalar no atendimento à criança hospitalizada. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 19-33, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARVALHO, Maria da Conceição. Biblioteca Pública e Educação: apontamentos sobre o papel da leitura hoje. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 19, número especial,

p.186-194, out./dez. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198908>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16514>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência, afinal?** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993. 225 p.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia: ensino médio**: volume único. São Paulo: Ática, 2012.

CIOLKOWSKI, Laura. Introduction. *In*: BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Estados Unidos: Sterling Publishing, 2012. 454 p. (Signature Editions).

COLLECÇÕES DE LEIS DA ASSEMBLEA LEGISLATIVA DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA. **Lei de 8 de junho de 1854**, n. 575.

CORRÊA, Elisa C. D. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 19, n. 41, p. 23-40, set./dez., 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2014v19n41p23/28292>. Acesso: 20 jun. 2023.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2019. 189 p.

COSTA LIMA (1969). **Por que literatura?** Petrópolis (RJ): Vozes, 1969.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**: história e grandes temas. 16. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2006.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2014. 341 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Monica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev Esc Enferm USP**, v. 45, n. 5, p. 1260-6, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/CRjvBKKvRRGL7vGsZLQ8bQj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DEBERTI MARTINS, Cristina. Los libros muerden! Biblioterapia em el portal amarillo. **Informatio**, v. 18, n. 1, p. 21–30, 2013. Disponível em: <https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/article/view/134>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DEBERTI MARTINS, Cristina. Una Biblioterapia posible, o Juana, la del billete de mil. **Información, cultura y sociedad**, n. 20, p. 83–90, 2009.

DICKENS, Charles. **David Copperfield**. Adaptação de Oswaldo Waddington Júnior. Ilustrações de Lila Figueiredo. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Clássicos da literatura juvenil; 8). 239 p.

DICKENS, Charles. **Great expectations**. Introduction by David Trotter. Edited and Notes by Charlotte Mitchel. [S. l.]: Penguin Classics, 2008. 514 p. (Penguin Classics).

DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Adaptação de Myriam Campello. Ilustrações de Susanne Boyko. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Clássicos da literatura juvenil; 48). 221 p.

DUARTE, Evandro Jair. **A dimensão estética da competência em informação dos bibliotecários da Biblioteca Pública de Santa Catarina**. 2015. 284 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis (SC) (SC), 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169471/339056.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DUARTE, Evandro Jair. Vivência de Biblioterapia no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI/UFSC): relato de experiência. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/22225>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DUARTE, Evandro Jair; VIANNA, William Barbosa; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e Teoria do Efeito Estético: diálogos interdisciplinares. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 15–43, 2018. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/41365>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23–35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xDBTqDKvmcsvMnmwLWprjmG/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ENNIS, Laura; AALIA, Alisa Howlett. University library introduces bibliotherapy for student wellbeing. Reach out. **Incite**, p. 27, jul./aug. 2018. Disponível em: <https://napier-repository.worktribe.com/output/1256987/university-library-introduces-bibliotherapy-for-student-wellbeing>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FELIPE, André Anderson Cavalcante; GOMES, Jesiel Ferreira. Parceria entre Ciência da Informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 147-163, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/22447>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira da. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**,

Florianópolis (SC), v. 19, n. 1, p. 6-12, jan./jun., 2014. Disponível em: https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/841/pdf_82. Acesso em: 20 jun. 2023.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira; AZEVEDO, Fernando. Biblioterapia: relato de uma experiência no lar de idosos em Braga – Portugal. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis (SC), v. 21, n. 2, p. 381–389, abr./ jul. 2016. Disponível em: https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1166/pdf_1. Acesso em: 20 jun. 2023.

FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo; BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Literatura, escola e formação literária: entre práticas e descaminhos. **Revista Principia: divulgação científica e tecnológica do IFPB**. n. 28, Edição Especial, dez., 2015. Disponível em: <https://doaj.org/article/e7795576b296418d91928c23a957baf3>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6–19, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/442/253>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Notícias. **FCC é parceira em oficina literária na Biblioteca Pública de Santa Catarina**. 5 de dezembro de 2017a. Disponível em: <http://www.biblioteca.sc.gov.br/index.php?mod=pagina&id=13565&grupo=300>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Notícias. **Biblioteca Pública lança e-book 15 bocas de leão**. 24 de outubro de 2017b. Disponível em: <https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1424-noticias-biblioteca-publica-de-sc/20720-20720-biblioteca-publica-lanca-e-book-15-bocas-de-leao>. Acesso em: 21 jun. 2023.

GADELHA, Jessica da Silva; TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. Tanus. Biblioterapia: análise dos artigos indexados na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 1, p. 159–176, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29937/1/Biblioterapia.2019.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; FERREIRA, Fernanda Bernardo. Interfaces entre a Biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2 n. 3, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/110190>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GOMES, Luciano Ferreira; BORTOLIN, Sueli. Biblioteca escolar e a mediação da leitura. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 2, p. 157-170, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/11962>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GONZÁLEZ, de Gómez M. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, 2001. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433/243>. Acesso: 20 jun. 2023.

GRASSELLI, Leticia Aurora de Almeida; GERLIN, Meri Nadia Marques. Aproximações entre a Biblioterapia e o Teatro Clown: uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário no ambiente hospitalar. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/11287/8793>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: comunicação e mediação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 36, p. 231–253, jan./abr., 2013. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/39453>. Acesso em: 20 jun. 2023.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 177 p.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996a. 191 p. (v.1; Coleção Teoria).

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1996b. 198 p. (v.2; Coleção Teoria).

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. *In*: JAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução [de] Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105–116.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

JACOB, Matheus. Ame ao próximo, sem destruir a ti mesmo. *In*: JACOB, Matheus. **Homem que sente**. São Paulo: Buzz, 2016. p. 21–21

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. *In*: JAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a. p. 67–83.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. *In*: JAUSS, Hans Robert *et al.* **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b. p. 86–103.

JERÔNIMO, Viviane; ROSSETO, Adriana Pereira; SILVA, Paulo Roberto Freitas da; GONÇALVES, Eliete; TREIN, Juliane. Biblioterapia na melhor idade. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (SC), v. 17, n. 2, p. 460-471, jul./dez., 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/87228>. Acesso em: 20 jun. 2023.

JONES, Jami L. A closer look at Bibliotherapy. **YALS**: Young Adult Library Services, fall, 2006.

JORNAL O ESTADO. **Primeiro Centenário da Biblioteca Pública do Estado**. Ano XLI, n. 12.076, 9 jan. 1955.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. *In*: POKLADEK, Danuta Dawidowicz (org.) **A fenomenologia do cuidar**: práticas dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004. 296 p. p. 31–51.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 161 p.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. 167 p. (Teoria Literária I).

KOONTZ, Christie; GUBBIN, Barbara (org.). FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. **Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2012.

LABBÉ, Javiera Ignacia Michea. **Biblioterapia**: los cuentos como una herramienta utilizada en las intervenciones clínicas reparatorias de niños y niñas que han sido víctimas de agresiones sexuales. 2015. 118 p. Universidad de Chile, Facultad de Ciencias Sociales, Escuela de Pregrado, Departamento de Psicología, Santiago de Chile, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/142024/TESIS%20EMPASTE.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. Tradução de Jorge do Prado. São Paulo: FEBAB, 2016. 172 p.

LE COADIC, Ives-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124 p.

LEFORT, Claude. Prefácio. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 7–17.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, v. 11, n. 3, p. 53-65, 2017. ISSN 1981-1640. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6846>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LIMA, Daiana de; CALDIN, Clarice Fortkamp. Aplicação da Biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis (SC), v. 18, n.1, p. 599-622, jan./jun., 2013. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/872/0>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11 n.3, p. 398-415, set./dez. 2006.

MACHADO, Alzemi. Biblioteca Pública de Santa Catarina: breve relato sobre a sua história.

In: MACHADO, Alzemi; MARCELINO, Roseléia. **Catálogo de jornais catarinenses 1931–2013**. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis (SC) (SC): FCC, 2014.

MACHADO, César do Canto. **Biblioteca Pública de Santa Catarina: 153 anos de história**. Florianópolis (SC): Insular, 2007.

MARTINS, Ana Amélia Lage. Mediação e bibliotecas públicas: uma perspectiva dialética. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número, p.164-185, out./dez. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/198907>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MARTINS, Elizandra. O espaço de mediação de leitura na biblioteca escolar. *In*: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 55–64 (Coleção Palavra-Chave, v. 17).

MARTINS, Elizandra; BORTOLIN, Sueli. O bibliotecário escolar “afinando” o foco na leitura. *In*: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 33–41. (Coleção Palavra-Chave, v. 17).

MATTHEWS, Eric. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 205 p. (Série Compreender).

MCLAINÉ, Susan. What is Bibliotherapy? **Incite**, v. 36, n. 3, mar. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/79641440/Reading_for_wellbeing_What_is_bibliotherapy. Acesso em: 20 jun. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac &Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do pensamento moderno).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Merleau-Ponty na Sorbonne**: resumo de cursos. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 1998. Chapter 1 What is qualitative research. p. 3-25.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 108 p. (Coleção Temas Sociais).

MONTENEGRO, Oswaldo. **Metade**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/oswaldomontenegro/72954/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MOSTAFA, Solange Puntel; CRUZ, Denise Viuniski da Nova; BENEVENUTTO, Felipe Etelvino. Fenomenologia *versus* filosofia da diferença: a Biblioterapia em questão. **DataGramZero**, v. 14, n. 6, dez. 2013. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/7772>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org.). **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília, DF: Thesaurus, 2007. 192 p. (Série Ciência da Informação e da Comunicação).

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas do; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento. A Biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun., 2007.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Blogspot. **Nascimento da Oficina Literária Boca de Leão**. Segunda-feira, 13 de agosto de 2012. Disponível em: <http://oficialiterariabocadeleao.blogspot.com/2012/08/foto-peca-figurativa-e-literaria.html> Acesso em: 22 maio 2019.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **Encontro 1: abertura**. 29 de março de 2016. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com/2016/03/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **Divulgação1-2017: abertura de inscrição**. 20 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com/2017/01/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **Divulgação [1]: abertura de inscrição OLBL: vagas limitadas**. 2 de março de 2018. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **Cronograma de atividades: segundo semestre: 2019**. 2 de abril de 2019. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com/2019/04/02/oficina-de-escrita-criativa-previsao/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **Atividades do segundo semestre de 2019. 2 de abril de 2019**. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com/2019/04/02/oficina-de-escrita-criativa-previsao/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **2020: Oficina Literária Boca de Leão**. 18 de março de 2020. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com/2020/03/18/2020-oficina-literaria-boca-de-leao/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO. Wordpress. **Oficina Literária Boca de Leão (OLBL)**. 7 de junho de 2021. Disponível em: <https://oficialiterariabocadeleao.wordpress.com/2021/06/07/oficina-literaria-boca-de-leao-olbl/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. ver. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 232 p.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 341 p.

PEREIRA, Cristina Núñez; VALCÁRCEL, Rafael R. Amor. *In*: PEREIRA, Cristina Núñez; VALCÁRCEL, Rafael R. **Emocionário**: diga o que você sente. Tradução de Rafaella Lemos. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. p. 10–11.

PEREIRA, Cristina Núñez; VALCÁRCEL, Rafael R. Ódio. *In*: PEREIRA, Cristina Núñez; VALCÁRCEL, Rafael R. **Emocionário**: diga o que você sente. Tradução de Rafaella Lemos. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. p. 12–13.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 1996. 105 p.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013. 167 p.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**: seguido do depoimento de Céleste Albert a Sonia Nolasco-Ferreira. Tradução de Julia da Rosa Simões. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. 96 p. (Coleção 96 páginas; Coleção L&PM Pocket, v. 1228)

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/73237>. Acesso em: 20 jun. 2023.

REIS, Meire Barra Rosa; BORTOLIN, Sueli. Ambiência para narrativas orais. *In*: BARBALHO, Célia Regina Simonetti *et al.* (org.). **Espaços e ambientes para leitura e informação**. Londrina: ABECIN, 2012.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. DataGramZero: **Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45097>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Maria Raquel. Aplicação da Biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (SC)**, v. 12, n. 12, p. 322-340, jul./dez., 2007. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/505/650>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis (SC) (SC): Habitus, 2006. 95 p.

SEITZ, Eva. A biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina – HU/UFSC. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 145–169, jun. 2008.

SIDOU, J. M. Othon. (org.). **Dicionário jurídico**: Academia Brasileira de Letras Jurídicas. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1310>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, Aparecida de Almeida da. As livrarias como espaço de mediação da leitura. **Biblos**, Rio Grande, v. 23, n. 2, p. 117–125, 2009.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. *In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (org.). Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. 118 p. p. 11–19. (Coleção Palavra-Chave, v. 17)

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009. 376 p.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2012. 247 p.

SOUSA, Carla. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (SC)**, v. 23, n. 3, p. 362-371, ago./nov., 2018. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1510/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUSA, Carla. Entrevista. Clarice Fortkamp Caldin fala da sua dedicação à Biblioterapia e da importância do tema para a Biblioteconomia. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (SC)**, v. 23, n. 2, p. 347-353, abr./jul., 2018. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1502/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e hermenêutica: revisitando Gadamer e Ouaknin. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.23, n.2, p.186-200, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/fqML3cyybYxMS3cNJrjPnqS/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: o quiasma entre as ciências. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 22, n. 3, p. 484-501, set./out. 2017a. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/25790>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Conto de fadas também é coisa de gente grande: aplicabilidade terapêutica de histórias infantis para adultos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis (SC)**, v. 22, n. 3, p. 548-563, ago./nov., 2017b. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1403/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SRIDHAR, Dheepa. **Effects of Bibliotherapy on text comprehension, Reading attitude, and self-concept in third and fourth grade students with attention difficulties**. 2000. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Faculty of Graduate School of the University of Texas at Austin, The University of Texas at Austin, 2000.

SUAIDEN, Emir-José. La biblioteca pública y las competencias del siglo XXI. **El profesional de la información**, 2018, septiembre-octubre, v. 27, n. 5. eISSN: 1699-2407. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/download/epi.2018.sep.17/40861/208378> Acesso em: 20 jun. 2023.

TARGINO, Maria das Graças; TORRES, Názia Holanda; ALVES, Cláudio Augusto. Informação e cidadania: relação construída via biblioterapia no âmbito da biblioteca pública. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 33-40, dez. 2012.

TAYLOR, Steven J.; BOGDAN, Robert; DEVAULT, Marjorie L. **Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource**. 4. Ed. Hoboken, New Jersey: Wiley, 2016. 401 p.

TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TORRES, Carlos Miguel. Ira da maioria. *In*: TORRES, Carlos Miguel. **Canção dos tristes amantes**. Florianópolis (SC) (SC): Insular, 2004. p. 17–19.

TOWNSEND, Karen S. Moore. **Bibliotherapy: an examination of school counselors' attitudes and use**. 2009. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Department of Educational Studies, in Psychology, Research Methodology, and Counseling in the Graduate School of The University of Alabama TUSCALOOSA, ALABAMA, 2009. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2023. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/a8bac685071cbde1cb3305855d637fab/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750>. Acesso em: 20 jun. 2023.

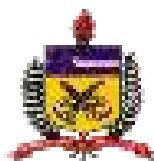
TUKHARELI, Natália. Bibliotherapy-based Wellness Programa for Healthcare Providers: using books and Reading to create a healthy workplace. **JCHLA/JABSC**, v. 38, p. 44–50, 2017.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizados pelo profissional. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 29, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4585> Acesso em: 20 jun. 2023.

YUNES, Eliana. Leitura como experiência. *In*: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003a. p. 7–15.

YUNES, Eliana. Leitura, experiência e cidadania. *In*: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (org.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003b. p. 41–56.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis (SC) (SC)

Telefone: (048) 3721-8516

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, **Evandro Jair Duarte**, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), do Centro de Ciências da Educação (CED), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) convido a vossa senhoria a participar da pesquisa intitulada “**EFEITO ESTÉTICO NA BIBLIOTERAPIA: VIVÊNCIAS NA OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO**”, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Marli Dias de Souza Pinto. Informamos que a vossa participação consistirá em 10 encontros virtuais pelo Google Meet para que ouçam a leitura de textos literários como poesias, contos, crônicas ou ensaios sobre as seguintes emoções: amor, ódio, raiva, alívio, felicidade, compaixão, medo, aceitação, inveja e gratidão. Após a leitura dos textos vocês terão o diálogo aberto sobre os temas propostos e preencherão formulários com perguntas a serem respondidas sobre as temáticas de cada encontro. Os registros das Vivências em Biblioterapia permitirão as análises sobre como foi a experiência para cada um de vocês a cada encontro. O **objetivo geral** desta pesquisa é descrever a ocorrência do efeito estético da recepção de textos literários em Vivências em Biblioterapia nas atividades permanentes da Oficina Literária Boca de Leão da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Como **objetivos específicos** as propostas são: Identificar o perfil leitor dos participantes das vivências em biblioterapia; Descrever os relatos de observação das vivências em biblioterapia; Interpretar o conteúdo dos registros dos participantes das vivências em biblioterapia; Transcrever o efeito estético da recepção dos textos literários usados nas vivências em biblioterapia. Os **possíveis riscos** decorrentes da pesquisa são mínimos e são eles: catarse por meio de recordação, podendo levar a algum desconforto emocional como tristeza, aborrecimento, irritação, entre outros. Todavia, os **possíveis benefícios** são inúmeros e com efeitos catárticos que podem levar os participantes ao riso, ao alívio das tensões emocionais diárias, à facilidade com a socialização de ideias, ao estímulo da criatividade, à diminuição da timidez, a experimentar sentimentos e emoções, ao auxílio de como lidar com sentimentos diversos, a conhecer melhor a si mesmos, a terem contato com a possibilidade se de humanizarem mais, entre outros benefícios. Sobre a **garantia de sigilo das informações** do participante da pesquisa, os cuidados que os pesquisadores terão para cuidar com o sigilo quanto a identidade dos participantes consistirá em nomear cada um deles com o nome de personagens da literatura de textos literários que serão escolhidos por vocês no momento de preenchimento dos formulários de identificação. Desta forma, seus nomes verídicos serão preservados. Você poderá **desistir de participar da**

pesquisa a qualquer momento de sua coleta de dados sem qualquer prejuízo. De igual modo, poderá não preencher aos formulários enviado após cada Vivência em Biblioterapia e você terá o direito de ficar sem fazer comentários orais durante os encontros. Sua participação poderá e deverá ser livre e somente quando considerar que deseja falar ou escrever algo durante o processo. Por meio deste convite comunicamos que sua participação será de modo voluntário e sem o pagamento de qualquer espécie de pecúnia. Você não terá gastos com deslocamento ou locomoção, aquisição de textos literários ou qualquer outro tipo de material para participar das Vivências. Todos os encontros serão virtuais e poderão acontecer em qualquer lugar que você esteja nos dias e horários previamente agendados para os encontros. Informo que o endereço residencial de Evandro Jair Duarte é à Rua Cristóvão Nunes Pires, nº 180, apto 1008, centro, Florianópolis (SC), Santa Catarina, CEP: 88010-120, caso haja necessidade de me localizar fisicamente, o seu e-mail é dujaev@gmail.com e o contato via celular pode ser feito no número (48) 999228676. **O endereço físico do CEPESH-UFSC** (item IV.5.d da res. 466/12 e art. 17 inc. IX da res. 510/16): Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis (SC) (SC), CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br, sendo o CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa tem aporte na Resolução 510/16 (para as pesquisas em ciências humanas e sociais). Desta maneira, os pesquisadores se comprometem com o cumprimento dessa resolução. Os dados coletados serão utilizados no texto da tese e em possíveis publicações científicas. Assumimos toda a responsabilidade de não publicar dados que comprometam o sigilo da participação dos sujeitos integrantes como os nomes e outras informações pessoais. Contamos com a sua autorização. Diante do exposto, colocamo-nos à sua disposição para responder a qualquer dúvida ou questionamento. Asseguramos, desde já, que as informações que me forem confiadas terão sigilo e sua identidade será preservada. O conteúdo dos registros será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os participantes das Vivências em Biblioterapia.

Pesquisador: Evandro Jair Duarte

Eu, _____,
 RG no. _____, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa **EFEITO ESTÉTICO NA BIBLIOTERAPIA: VIVÊNCIAS NA OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO** e concordo que o conteúdo dos registros da vivência em Biblioterapia seja utilizado na realização deste estudo.

Data: ___/___/____

Nome Completo / Assinatura

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DE PARTICIPANTE**A – IDENTIFICAÇÃO GERAL**

Nome Completo:

Data de nascimento:

Gênero: () Masculino () Feminino () Outro

Estado Civil: _____

Naturalidade:

Endereço completo (Rua, número, apto, bairro, CEP, ...):

WhatsApp:

Seu melhor e-mail:

B – ESCOLARIDADE

() Possuo o Ensino fundamental

() Possuo o Ensino médio

() Possuo Graduação

Curso: _____

Instituição de realização do Curso, Estado e Ano de Conclusão:

() Possuo Especialização

Curso: _____

Instituição de realização do Curso, Estado e Ano de Conclusão: _____

() Possuo Mestrado

Curso: _____

Instituição de realização do Curso, Estado e Ano de Conclusão: _____

() Possuo Doutorado

Curso: _____

Instituição de realização do Curso, Estado e Ano de Conclusão:

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO LEITOR

1. Você se considera um leitor?
2. Qual lugar é o seu favorito para realizar a leitura de um livro?
3. Qual é o tipo de literatura que mais lhe agrada?
4. Qual é a sua lembrança mais remota de primeira leitura em livro impresso?
5. Qual é o seu autor favorito?
6. Qual é a sua autora favorita?
7. Qual é o seu livro favorito?
8. Qual é o gênero literário que mais lhe agrada?
9. Qual é o livro da sua cabeceira?
10. Qual é a história lida por você que mais o marcou?
11. O que você acha que é Biblioterapia? Por gentileza, vá fundo na reflexão e na resposta.
12. O que você espera da Biblioterapia? Por gentileza, vá fundo na reflexão e na resposta.
13. Por favor! Indique um livro!
14. Por favor! Indique um autor!
15. Por favor! Indique uma autora!
16. Por favor! Indique um gênero literário!

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA**

4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
Campus Universitário - Trindade - 88040-970 Florianópolis, SC
Telefone: (048) 3721-8516

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, **Evandro Jair Duarte**, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), do Centro de Ciências da Educação (CED), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) convido a vossa senhoria a participar da pesquisa intitulada **"EFEITO ESTÉTICO NA BIBLIOTERAPIA: VIVÊNCIAS NA OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO"**, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Marli Dias de Souza Pinto. Informamos que a vossa participação consistirá em 10 encontros virtuais pelo Google Meet para que ouçam a leitura de textos literários como poesias, contos, crônicas ou ensaios sobre as seguintes emoções: amor, ódio, raiva, alívio, felicidade, compaixão, medo, aceleração, inveja e gratidão. Após a leitura dos textos vocês terão o diálogo aberto sobre os temas propostos e preencherão formulários com perguntas a serem respondidas sobre as temáticas de cada encontro. Os registros das vivências de Biblioterapia permitirão as análises sobre como foi a experiência para cada um de vocês a cada encontro. O **objetivo geral** desta pesquisa é descrever a ocorrência do efeito estético da recepção de textos literários em Vivências de Biblioterapia nas atividades permanentes da Oficina Literária Boca de Leão da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Como **objetivos específicos** as propostas são: Identificar o perfil leitor dos participantes das vivências em biblioterapia; Descrever os relatos de observação das vivências em biblioterapia; Interpretar o conteúdo dos registros dos participantes das vivências em biblioterapia; Transcrever o efeito estético da recepção dos textos literários usados nas vivências em biblioterapia. Os **possíveis riscos** decorrentes da pesquisa são mínimos e são eles: catarse por meio de recordação, podendo levar a algum desconforto emocional como tristeza, aborrecimento, irritação, entre outros. Todavia, os **possíveis benefícios** são inúmeros e com efeitos catárticos que podem levar os participantes ao riso, ao alívio das tensões emocionais diárias, à facilidade com a socialização de ideias, ao estímulo da criatividade, à diminuição da timidez, à experimentar sentimentos e emoções, ao auxílio de como lidar com sentimentos diversos, à conhecer melhor a si mesmos, à terem contato com a possibilidade se de humanizarem mais, entre outros benefícios. Sobre a **garantia de sigilo das informações** do participante da pesquisa, os cuidados que os pesquisadores terão para cuidar com o sigilo quanto a identidade dos participantes consistirá em nomear cada um deles com o nome de personagens da literatura de textos literários que

serão escolhidos por vocês no momento de preenchimento dos formulários de identificação. Desta forma, seus nomes verídicos serão preservados. Você poderá **desistir de participar da pesquisa** a qualquer momento de sua coleta de dados sem qualquer prejuízo. De igual modo, poderá não preencher aos formulários enviado após cada Vivência em Biblioterapia e você terá o direito de ficar sem fazer comentários orais durante os encontros. Sua participação poderá e deverá ser livre e somente quando considerar que deseja falar ou escrever algo durante o processo. Por meio deste convite comunicamos que sua participação será de modo voluntário e sem o pagamento de qualquer espécie de pecúnia. Você não terá gastos com deslocamento ou locomoção, aquisição de textos literários ou qualquer outro tipo de material para participar das Vivências. Todos os encontros serão virtuais e poderão acontecer em qualquer lugar que você esteja nos dias e horários previamente agendados para os encontros. Informo que o endereço residencial de Evandro Jair Duarte é à Rua Cristóvão Nunes Pires, nº 180, apto 1008, centro, Florianópolis, Santa Catarina, CEP: 88010-120, caso haja necessidade de me localizar fisicamente, o seu e-mail é dujaev@gmail.com e o contato via celular pode ser feito no número (48) 999228676. **O endereço físico do CEPESH-UFSC** (item IV.5.d da res. 466/12 e art. 17 inc. IX da res. 510/16): Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep_propesq@contato.ufsc.br, sendo o CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa tem aporte na Resolução 510/16 (para as pesquisas em ciências humanas e sociais). Desta maneira, os pesquisadores se comprometem com o cumprimento dessa resolução. Os dados coletados serão utilizados no texto da tese e em possíveis publicações científicas. Assumimos toda a responsabilidade de não publicar dados que comprometam o sigilo da participação dos sujeitos integrantes como os nomes e outras informações pessoais. Contamos com a sua autorização. Diante do exposto, colocamo-nos à sua disposição para responder a qualquer dúvida ou questionamento. Asseguramos, desde já, que as informações que me forem confiadas terão sigilo e sua identidade será preservada. O conteúdo dos registros será estudado em conjunto com o conteúdo de todas as informações fornecidas por todos os participantes das Vivências em Biblioterapia.

Evandro Jair Duarte

Pesquisador:
Evandro Jair Duarte

Eu, Cleonisse Inês Schmitt

RG no. 3.380.428, fui esclarecido(a) sobre a pesquisa **EFEITO ESTÉTICO NA BIBLIOTERAPIA: VIVÊNCIAS NA OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO** e concordo que o conteúdo dos registros da vivência em Biblioterapia seja utilizado na realização deste estudo.

Data: 01/08/2020.

Cleonisse Inês Schmitt - Cleonisse Inês Schmitt
Nome Completo / Assinatura

APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA (BPSC)


DECLARAÇÃO

Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC)

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da Instituição Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC), tomei conhecimento do projeto de pesquisa: EFEITO ESTÉTICO NA BIBLIOTERAPIA: VIVÊNCIAS NA OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO, sob responsabilidade de **Marli Dias de Souza Pinto**, Dra. e cumprirei os termos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, 01/08/2020

ASSINATURA: _____



NOME : Cleonisse Inês Schmitt – CRB 14-733

CARGO: Administradora da Biblioteca Pública de Santa Catarina – BPSC

CARIMBO DO/A RESPONSÁVEL

Cleonisse Inês Schmitt
Matrícula 0700136-3-01
Administradora da Biblioteca
Pública de Santa Catarina
Biblioteca CRB: 14/733

APÊNDICE F – RESULTADO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EFEITO ESTÉTICO NA BIBLIOTERAPIA: VIVÊNCIAS NA OFICINA LITERÁRIA BOCA DE LEÃO

Pesquisador: MARLI DIAS DE SOUZA PINTO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 46186921.5.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.001.452

Apresentação do Projeto:

Projeto de tese de doutorado de Evandro Jair Duarte, orientado pela Profa. Dra. Marli Marli Dias de Souza Pinto, no PPG em Ciencia da Informacao/UFSC.

Conforme descrito no resumo da proposta, na Plataforma Brasil, "esta proposta de tese e uma pesquisa qualitativa e de cunho fenomenologico, com características de pesquisa bibliografica, documental, descritiva, exploratoria e estudo de caso. O local de aplicacao da investigacao sera a Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina, juntamente com os participantes inscritos na Oficina Literaria Boca de Leao em 16 encontros para Vivencias de Biblioterapia. Nestas oportunidades os viventes da experiencia farao registros em cadernos, alem de o pesquisador gravar as vivencias e utilizar-se da observacao participante e do uso de questionarios para a coleta de dados. Foi escolhida a Analise de Conteudo de Bardin para a categorizacao e posterior analise e interpretacao dos dados. Este projeto de tese ainda conta com a descricao fenomenologica como recurso para registro e coleta de dados. Como resultados esperados intentamos conseguir, descrever a ocorrencia do efeito estetico da recepcao de obras literarias em Vivencias de Biblioterapia realizadas na Oficina Literaria Boca de Leao da Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina objetivo geral desta tese."

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 5.001.452

Os participantes serão pessoas do sexo feminino e masculino na faixa etária de 21 a 59 anos, que responderão um questionário (APENDICE C). Os participantes leitores e praticantes da leitura e capazes de se comunicarem em língua portuguesa. Os procedimentos metodológicos envolvem observação participante e diário de campo, preenchimento de formulários com o objetivo de coletar dados, por meio da escrita dos participantes, das vivências para representar as impressões, os sentidos e os sentimentos despertados durante e após a leitura de textos, e análise da transcrição dos diálogos que seguem a leitura dos textos literários.

Objetivo da Pesquisa:

Já avaliados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já avaliados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tese de doutoramento

Pesquisa qualitativa

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos obrigatórios foram anexados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram resolvidas adequadamente. Não há impedimentos para a realização da pesquisa.

Lembramos que a presente aprovação refere-se apenas aos aspectos éticos do projeto. Qualquer alteração nos documentos aprovados deve ser encaminhada para avaliação do CEP/SH. Informamos que, obrigatoriamente, a versão do TCLE a ser utilizada deverá corresponder na íntegra à versão vigente aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1718399.pdf	03/09/2021 13:49:56		Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
 UF: SC Município: FLORIANÓPOLIS
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.001.452.

Outros	SETEMBRO_CARTA_AO_COMITE_DE ETICA DA UFSC assinado.pdf	03/09/2021 13:48:47	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	BPSC_TCLE_.pdf	03/09/2021 13:47:23	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	BPSC_Declaracao_BPSC_BIBLIOTERA PIA.pdf	03/09/2021 13:46:34	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
Outros	CARTA_AO_COMITE_DE_ETICA_Evan dro Duarte assinado.pdf	29/07/2021 13:20:37	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_assinada.pdf	29/07/2021 13:19:36	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
Outros	carta_resposta_CEP_Marli_Dias_de_So uza_Pinto_Pesquisadora_assinado.pdf	23/06/2021 21:51:16	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	2021_TESE_COMITE_DE_ETICA.docx	19/04/2021 16:50:30	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2021_TCLE_Evandro.pdf	18/03/2021 13:30:35	MARLI DIAS DE SOUZA PINTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 27 de Setembro de 2021

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br